

70

anos

UERJ

1 9 5 0 | 2 0 2 0





UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor

Ruy Garcia Marques

Vice-reitora

Maria Georgina Muniz Washington



EDITORA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Conselho Editorial

Glaucio José Marafon (presidente)

Henriqueta do Coutto Prado Valladares

Hilda Maria Montes Ribeiro de Souza

Italo Moriconi Junior

José Ricardo Ferreira Cunha

Lucia Maria Bastos Pereira das Neves

Luciano Rodrigues Ornelas de Lima

Maria Cristina Cardoso Ribas

Tania Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira

Aníbal Francisco Alves Bragança (UFF)

Katia Regina Cervantes Dias (UFRJ)

70

anos

UERJ

1 9 5 0 | 2 0 2 0

Luís Reznik

Carlos Eduardo Pinto de Pinto

Camila Borges da Silva

Marcia de Almeida Gonçalves

Rui Aniceto Nascimento Fernandes

Auxiliares de pesquisa

Bárbara Oasky Garofalo

Eduarda Luz Marçal

Jaqueline Rodrigues de Oliveira

Jamille Santos Lopes Araújo

Natália Silva Elias

Pedro Vítor Rebelo



Rio de Janeiro
2019

Copyright © 2019, EdUERJ.

Todos os direitos desta edição reservados à Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, ou de parte do mesmo, em quaisquer meios, sem autorização expressa da editora.



EdUERJ

Editora da UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Rua São Francisco Xavier, 524 – Maracanã

CEP 20550-013 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel./Fax.: 55 (21) 2334-0720 / 2334-0721

www.eduerj.uerj.br

eduerj@uerj.br

Editor Executivo

Glaucio Marafon

Coordenadora Administrativa

Elisete Cantuária

Coordenadora Editorial

Silvia Nóbrega de Almeida

Assistente Editorial

Thiago Braz

Coordenador de Produção

Mauro Siqueira

Supervisor de Revisão

Elmar Aquino

Revisão

Elmar Aquino

Érika Neuschwang

João Martorelli

Capa, Projeto e Diagramação

Thiago Netto

Créditos das imagens: Comuns UERJ: 1,5,6,8,116, 248; Acervo EdUERJ: 18, 19, 117, 221; Glauco Bressan: 175; MID/ UERJ: 220; José Alexandre: 249.

A615 70 anos UERJ: 1950-2019 / Luís Reznik ... [et al.].– Rio de Janeiro: EdUERJ, 2019.
268 p. ; 21 x 29,7 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7511-524-4

1. História - UERJ. 2. Memória. I. Reznik, Luís. II. Pinto, Carlos Eduardo Pinto de. III. Silva, Camila Borges da. IV. Gonçalves, Marcia de Almeida. V. Fernandes, Rui Aniceto Nascimento. VI. Título.

CDU 378.4(815.3)(091)

Catálogo na fonte: Bibliotecária Bruna Heller (CRB10/2348)

Impresso no Brasil.

Setembro - Novembro de 2019.





Sumário



9	Apresentações
19	Capítulo 1 Uma História da UERJ
61	Capítulo 2 Institutos, Faculdades e Unidades da UERJ
117	Capítulo 3 UERJ: produção de conhecimento a serviço da comunidade
175	Capítulo 4 A UERJ e a cidade
221	Capítulo 5 Memória dos movimentos associativos
249	Capítulo 6: A UERJ: da consolidação como universidade de excelência, rumo às perspectivas futuras
263	Referências
269	Agradecimentos



Apresentações

Os autores

Luís Reznik
Carlos Eduardo Pinto de Pinto
Camila Borges da Silva
Marcia de Almeida Gonçalves
Rui Aniceto Nascimento Fernandes

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro completa 70 anos. Se fosse uma pessoa, essa longevidade já lhe possibilitaria muitas histórias para lembrar e para contar. Na qualidade de instituição de ensino superior, constituiu-se como espaço público onde as histórias de milhares de pessoas vieram também a ocorrer. Vidas múltiplas em contato ao longo dos processos formativos, investigativos e profissionais diferenciados que transcorreram, e transcorrem, nos espaços universitários. Nestes 70 anos, a diversidade se fez presente na UERJ, estampada nos rostos de estudantes, professores(as), pesquisadores(as), servidores(as), prestadores(as) de serviços.

O livro UERJ 70 Anos objetiva lembrar e contar algumas dessas muitas histórias que fizeram e fazem da UERJ uma universidade pública e gratuita, reconhecida pela excelência da pesquisa, do ensino e da extensão, fruto do trabalho árduo e dedicado de todas e todos, cujas vidas, de alguma forma, vieram a ser entrelaçadas nesta instituição. Ao lembrar e contar algumas dessas histórias, este li-



vro objetiva também iniciar as comemorações dos 70 anos, buscando assim apresentar, para os que aqui já estão e para os que virão, a universidade na sua singular complexidade.

Essa complexidade e sua correlata diversidade apresentam-se organizadas em seis capítulos. Como um mosaico, cada uma das partes integra o todo e, frisemos, almeja causar no leitor a impressão de que as histórias da UERJ extrapolam esse conjunto, indicando que outros poderiam se derivar dessa configuração. E, assim, sinalizar a vitalidade desta senhora de 70 anos, e destacar as muitas possibilidades de narrar e sistematizar o que até hoje a institui.

Consta do capítulo 1 uma síntese dos percursos institucionais transcorridos entre a criação da UDF em 1950 e o momento atual. No capítulo 2, reúnem-se as caracterizações de todos os institutos, faculdades e unidades hospitalares que compõem a universidade. No capítulo 3, foram agrupados alguns dos inúmeros projetos que demonstram os impactos e contribuições da UERJ para as comunidades nas quais suas unidades estão localizadas. Sob o recorte temático da “Universidade e as cidades”, no capítulo 4, abordam-se as histórias da construção dos diferentes campi e os impactos sociais e políticos nos seus territórios. No capítulo 5, foram valorizadas algumas das

muitas conquistas e realizações das associações estudantil, docente e de servidores(as). No capítulo 6, na forma de conclusão propositiva, o texto do Professor Carlos Frederico Duarte da Rocha realiza balanço e sinaliza apostas para os anos vindouros da UERJ.

Há pouco, mais precisamente entre 2015 e 2017, a Uerj sofreu uma de suas maiores crises. O enfrentamento da crise, sob o lema “A Uerj resiste”, constituiu uma bandeira, entre lutas, convicções e perseveranças. De alguma forma, aprendemos com a gravidade dos problemas então vivenciados. Cabe não esquecer de mencioná-los e de incluí-los como momento no qual, em função de sua diversidade e de sua história pretérita, a Uerj seguiu em frente. Sem perder de vista, como canta o poeta, que “ao se pensar o futuro, não se esquece o passado”, e acrescentemos, à luz dos desafios e dilemas do presente.

A iniciativa para este projeto partiu de nosso reitor Ruy Garcia Marques, que muito nos honrou com o convite e pela confiança depositada. A elaboração de publicação dessa natureza só pôde ocorrer em função dos que dela participaram diretamente e de outros e outras que muito colaboraram para esta empreitada. Registre-se fortemente o agradecimento fraterno por toda colaboração e apoio!

Ruy Garcia Marques

Reitor da UERJ - Gestão 2016/2019

Na iminência de completar 70 anos de vida, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro integra o conjunto de instituições públicas de ensino superior do país, destacando-se dentre as mais reconhecidas, em função da excelência, no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão. Distribuídos nos campi e unidades externas, situados nos municípios do Rio de Janeiro, Angra dos Reis, Duque de Caxias, Nova Friburgo, Resende, São Gonçalo, Petrópolis e Teresópolis, atuam cerca de 2.700 docentes e 5.800 técnico-administrativos, com um número de estudantes em torno de 42 mil, distribuídos entre ensino básico (Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP-UERJ), graduação e pós-graduação.

Os números expressam a grandeza adquirida pela UERJ, fazendo jus ao que o conceito de universidade significa, de acordo com o Dicionário Houaiss (2001, p. 2807): “instituição de ensino e pesquisa constituída por um conjunto de faculdades e escolas destinadas a promover a formação profissional e científica de pessoal de nível superior, e a realizar pesquisa teórica e prática nas principais áreas do saber humanístico, tecnológico e artístico e a divulgação de seus resultados à comunidade científica mais ampla”.



A UERJ, de fato, tornou-se uma grande e prestigiada universidade. Exemplifica o conceito e, cumpre destacar, o singulariza, nos aspectos em que o ensino, a pesquisa e a extensão impactam e impactaram as sociedades fluminense e brasileira, de forma mais diretamente sentida e mensurada no que veio a ser sistematizado nesta publicação comemorativa de seus 70 anos.

Em praticamente todos os ranqueamentos de instituições de ensino superior, vimo-nos posicionando entre as 10 melhores do País e entre as 25 melhores da América Latina. No ranking denominado Best Global Universities, em 2016, estávamos posicionados como a 5.^a universidade brasileira e a 11.^a da América Latina; somos a 4.^a universidade brasileira na internacionalização de nossas atividades e a 8.^a na inserção de nossos graduados no mercado de trabalho.

Muitas personalidades que ocupam ou ocuparam cargos de grande destaque, em muitos segmentos, nos cenários nacional e internacional, passaram por nossa instituição, como comprovação de sua indiscutível qualidade.

Nenhuma instituição se faz e se consolida, no entanto, sem o trabalho de pessoas em cada um dos espaços e das atividades conformadoras de suas ações e serviços institucionais. A UERJ, em especial, não foge à regra e, hoje, no limiar de seus 70 anos de vida, essa premissa possui valor inestimável. Nos corredores, salas de aula, laboratórios, secretarias e demais locais administrativos, de campi e unidades externas, nas unidades de saúde – Hospital Pedro Ernesto e Policlínica Piquet Carneiro –, há vidas que se cruzaram e que se cruzam, nas muitas relações interpessoais, profissionais e afetivas, envolvendo estudantes, professores, pesquisadores e técnico-administrativos.

Ao ter estado presente, ao longo de seu percurso institucional, na vida de tantas pessoas, a

UERJ tornou-se referência para os muitos que ingressaram como estudantes, retornando como servidores docentes e técnico-administrativos, e não são poucos os casos que ilustram esse entrelaçamento entre as biografias de cada um e a história da nossa universidade. De toda forma, a UERJ instituiu-se como universidade pública, gratuita e de excelência, pioneira em muitas políticas afirmativas, como a do oferecimento de cursos noturnos e da reserva de vagas (cotas), graças às contribuições e à dedicação singular e específica daqueles que nela atuaram e atuam.

Em 1950, a UERJ foi formada pela união de quatro faculdades, sob a designação de Universidade do Distrito Federal – a Faculdade de Ciências Econômicas, a Faculdade de Direito, a Faculdade de Ciências Médicas e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, derivada da Faculdade de Filosofia do Instituto La-Fayette. Daí até o momento atual, foram muitas as mudanças, corporificadas na expansão do número de estudantes e de seus servidores docentes e técnico-administrativos, mas também decorrentes da qualificação crescente do ensino disponibilizado, desde o básico, passando pelo oferecimento de um número elevado de cursos de graduação, em praticamente todas as áreas do conhecimento, até a pós-graduação *stricto sensu* e *lato sensu*.

Devo toda a minha formação profissional à UERJ e sou muito grato a isso! Para mim, é uma grande honra ser o atual reitor de uma das mais importantes universidades públicas do país. Aqui entrei, em 1973, aos dezoito anos de idade recém-completados, para o curso de Medicina, na Faculdade de Ciências Médicas (FCM). Após graduado, minha especialização em Cirurgia Geral se deu no nosso Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), onde cursei três anos de residência médica. Após a residência, continuei no HUPE, como voluntário, até que fui efetivado como médico do Serviço de Cirurgia Geral.

Nessa época, ainda não dispúnhamos de muitos programas de pós-graduação, especialmente na minha área de atuação, e, em 1989, tive que sair para cursar o mestrado em Cirurgia Gastroenterológica na Universidade Federal Fluminense. Em 1994, participei de concurso para Professor Assistente, sendo contratado em 1995. Criamos o Laboratório de Cirurgia Experimental (LCE), sob a minha coordenação. Mais uma vez, precisei sair para cursar o doutorado em Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental, concluído em 2001, dessa vez na Universidade Federal de Minas Gerais. Em 2003, na FCM, criamos a disciplina Técnica Operatória e Cirurgia Experimental, que, desde o início, tive a honra de coordenar.

*Devo toda a minha
formação profissional à
UERJ e sou muito
grato a isso!*

A criação do LCE e da disciplina favoreceram, sobremaneira, a criação do Programa de Pós-graduação em Fisiopatologia e Ciências Cirúrgicas (PG-Fisiocirurgia), do Departamento de Cirurgia Geral da FCM, em parceria com docentes do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes – IBRAG, em 2006. E foi por volta desse período, segunda metade da década de 1990 e início da década de 2000, que a UERJ passou a experimentar um grande crescimento de sua pós-graduação stricto sensu, em todas as áreas. Hoje, são 67 programas de pós-graduação (20

no Centro Biomédico – CBI; 19 no Centro de Educação e Humanidades – CEH; 17 no Centro de Tecnologia e Ciências – CTC; e 11 no Centro de Ciências Sociais – CCS) e mais de 500 laboratórios de pesquisa em funcionamento.

E não crescemos somente na quantidade. Agora, em 2019, após a última avaliação quadrienal dos cursos de pós-graduação pela CAPES (2017) e a criação de cursos novos, a UERJ passou a contar com oito programas de excelência (conceitos 6 e 7); dezoito programas com conceito 5; 26 programas com conceito 4; treze programas com conceito 3; e dois programas A (aprovados no último APCN – Aplicativo para Avaliação de Propostas de Cursos Novos, junto à CAPES). Destaca-se também o aumento do número de redes nacionais de pós-graduação em que a UERJ participa, sendo a maioria para o oferecimento de mestrados profissionais.

A UERJ possui história. Narrá-la e compreendê-la é trabalhar com a memória e, assim, conectar passado e presente, na expectativa de, à luz das experiências vividas e acumuladas, mirar futuros possíveis. Nosso tempo presente indica também o lastro de muitas superações, a última delas vivenciada em 2016 e 2017. Nesse período, uma das crises mais agudas na existência da universidade ameaçou o trabalho realizado por décadas, no sentido de estruturar e garantir a qualidade e a gratuidade de serviços públicos prestados, visando ao ensino, à pesquisa e à extensão.

Contudo, a UERJ resistiu e se fortaleceu!

A UERJ resiste e se fortalece!

Comemorar nossos 70 anos é acreditar todos os dias, a cada dia, no vigor da UERJ.

VIVA UERJ!!! UERJ VIVA!!!

Ricardo Lodi Ribeiro

Reitor eleito da UERJ - período 2020-2023

Que venham os próximos 70 anos!

No ano de 2020, comemoraremos os 70 anos de fundação de Universidade do Distrito Federal, cujo nome foi alterado para Universidade do Estado da Guanabara com a transferência da capital para Brasília, e, depois, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com a fusão, em 1975.

No primeiro período de sua existência, que vai de 1950 até o final os anos de 1980, a UERJ se constituiu como um projeto de universidade urbana e popular e se notabilizou por ser a primeira a adotar o ensino superior noturno, permitindo que o trabalhador pudesse cursar a universidade.

Marcante também nesse período foi a transferência das várias faculdades e institutos que compunham a universidade para o Campus Maracanã, onde até hoje está localizada a sede, o que não impediu posterior implementação de um projeto bem-sucedido de interiorização por vários municípios do Estado.

Hoje estamos presentes em São Gonçalo, Resende, Nova Friburgo, Duque de Caxias, Petrópolis, Teresópolis e Angra dos Reis (Ilha Grande), além da nossa marcante presença em outros bairros da cidade, como Vila Isabel, São



Francisco Xavier, São Cristóvão, Rio Comprido, Lapa e Botafogo.

Com a redemocratização do país, a UERJ passou a eleger diretamente seus próprios dirigentes, vitória conquistada pela comunidade acadêmica na Constituição Estadual de 1989. De acordo com esse novo panorama democrático, a universidade pôde estabelecer os seus próprios projetos. E assim planejou o seu crescimento visando a ser uma instituição que, além do ensino de graduação, se orientou para a criação da pós-graduação e para o incentivo à pesquisa de ponta. Em 25 anos, esse projeto foi exitoso, transformando uma universidade que praticamente só contava com cursos de graduação marcados pela excelência acadêmica em uma universidade de pesquisa. Nesse período, fundamos e multiplicamos nossos cursos de pós-graduação, elevamos a avaliação desses cursos, assim como criamos nossos laboratórios de pesquisa, equipando-os sem esquecermos de valorizar nossos pesquisadores com o Prociência e depois com a dedicação exclusiva. E o resultado chegou. Conseguimos ser a principal universidade brasileira no fator de impacto da pesquisa científica.

Nesse mesmo período, com a implementação do sistema de reserva de vagas, efetivamos o maior projeto de inclusão social do Estado do Rio de Janeiro, fazendo com que o filho do trabalhador também pudesse ingressar na universidade. É verdade que as cotas não surgiram de um projeto criado na UERJ, mas, antes, foram fruto da luta do movimento negro consagrada legislativamente. Porém, também é verdade que a UERJ abraçou o projeto como nenhuma outra universidade do Brasil o fez, tornando-se referência no tema para todas as demais coirmãs. Ainda temos muito a caminhar nesse processo de inclusão, notadamente no que se refere à permanência estudantil, mas são inegáveis

os avanços já conquistados.

Com toda essa trajetória, a UERJ se destaca como a mais popular das universidades brasileiras, seja pelo seu caráter urbano e sua localização na zona norte da cidade, seja pelo seu pioneirismo no ensino noturno e no sistema de cotas. Somos hoje uma universidade referenciada socialmente e, ao mesmo tempo, uma das maiores e melhores do país.

Com a crise financeira do Estado do Rio de Janeiro, de 2016-2017, a UERJ sofreu bastante com a descontinuidade do financiamento estatal. Mas, a despeito de todas as dificuldades, se manteve unida e superou todos os obstáculos. No âmbito das lutas pela sua resistência, conquistou os duodécimos orçamentários, que permitirão que novos capítulos sejam escritos em sua gloriosa história na busca diuturna da autonomia universitária, outrora prevista apenas nos textos constitucionais.

Se, em sua primeira fase de existência, de 1950 a 1990, nos notabilizamos pelo desenvolvimento do ensino, com a consolidação de excelentes cursos de graduação, e, no período de 1990 até os dias atuais, nos destacamos por criar um extraordinário modelo de pesquisa que virou referência nacional, temos agora novos desafios pela frente. Sem abrirmos mão de continuar avançando no ensino e na pesquisa, vamos aprofundar a nossa vocação extensionista, que hoje já se revela em mais de 900 projetos, para dar a melhor resposta a outro projeto que, assim como as cotas, também veio de fora. Mas, uma vez mais, saberemos desenvolvê-lo como ninguém: a curricularização da extensão, com a inclusão dessas atividades na matriz dos cursos de graduação.

Sendo as atividades de ensino, pesquisa e extensão indissociáveis, como estabelece a Constituição, vamos aproveitar essa oportunidade legislativa e aproximar a nossa relação com a sociedade

brasileira e mostrar que a UERJ não é um problema, mas solução para os desafios do desenvolvimento econômico, social, cultural, científico e tecnológico do nosso estado e do nosso país.

Hoje somos milhares de professores, estudantes e técnicos de concepções políticas, orientações sexuais e religiões diferentes, mas que guardam em comum a defesa do nosso projeto de universidade popular, que se mantenha e se desenvolva como instituição pública, gratuita, referenciada socialmente, laica e de excelência. Sabemos que a partir daí temos ideias diversas, já que somos diferentes e temos pensamentos plurais sobre uma série de aspectos, em especial sobre a forma pela qual a universidade se relaciona com a sociedade. Assim, buscamos, democraticamente, consensos pontuais para enfrentar nossos desafios internos e externos, sem o velho “nós contra eles”, mas estabelecendo espaços de diálogo franco, maduro e sincero entre

os vários matizes dessa pluralidade e diversidade que é a nossa UERJ.

Tudo é possível se conseguirmos resgatar essa chama que está no emblema da instituição – e no coração de cada um de nós –, e que correu o risco de ser apagada na crise de 2016-2017, mas não cessou e, pelo contrário, nos manteve unidos nas maiores dificuldades. Agora, é fundamental injetar em cada estudante e cada servidor, docente ou técnico-administrativo, o combustível para o crescimento dessa chama. Precisamos sonhar, planejar ousar e executar, a fim de que o nosso futuro seja construído, a partir de agora, por nós mesmos! Afinal, “sonho que se sonha junto é realidade”.

Vamos juntos começar a construir os próximos 70 anos de história!

Rio de Janeiro, 15 de novembro de 2019.



70
anos
UERJ
1950 | 2020

CAPÍTULO 1

1

Capítulo 1

Uma História da UERJ

Criação e consolidação institucional

A UERJ foi criada com o nome de Universidade do Distrito Federal (UDF), em 4 de dezembro de 1950. Desde a publicação do Estatuto da Universidade Brasileira, em 1931, várias universidades haviam sido criadas no Brasil, entre elas, a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade do Brasil (atual UFRJ), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Todas elas agregavam

faculdades de campos de conhecimento diversos, pelo menos três entre quatro grandes áreas – a “Medicina”, a “Engenharia”, o “Direito” e a “Filosofia, Ciências e Letras” –, daí derivando a ideia de “universidade”.

A UDF não foi diferente. Ela foi criada a partir da incorporação de faculdades particulares, todas elas situadas na cidade do Rio de Janeiro, à época capital do Brasil. O país havia vivenciado, nas duas décadas anteriores, a expansão da produção industrial, adensamento populacional em algumas capitais e demanda por novos serviços urbanos e profissionais especializados. No mesmo movimento,



Faculdade de Ciências Econômicas, na rua Uruguiana, Centro do Rio, dc. 1960, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.

desde 1930, houve um salto significativo nas matrículas escolares no ensino médio, catapultando os filhos da classe média egressos desse nível de ensino para patamares superiores. A cidade do Rio de Janeiro chegava a dois milhões de habitantes em 1950, tal qual a de São Paulo, as duas maiores do país. O número de universidades, no Brasil, cresceu de cinco, em 1945, a 37, em 1964.

Conforme a Lei n.º 547, de 1950, compunham a UDF quatro faculdades. A mais antiga era a Faculdade de Ciências Econômicas, fundada em 1930, a primeira escola de Economia do país. Funcionava na Rua Uruguaiana, n.º 114, no centro da cidade. A

Faculdade de Direito havia sido fundada em 1935 e, à época da incorporação, estava no “Casarão do Catete” (Rua do Catete, n.º 243). A Faculdade de Ciências Médicas (FCM) foi criada em 1937 e funcionava em São Cristóvão. A sua congregação ficou dividida em relação à incorporação, que acabou por se efetivar em 1951. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da UDF é derivada da Faculdade de Filosofia do Instituto Lafayette, criado em 1939, localizado na rua Haddock Lobo, na Tijuca. Era destinada basicamente à formação de professores primários e secundários.



Prédio da Faculdade de Direito, conhecido como “o casarão do Catete”, [s/autor, s/data].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Edifício do Instituto Lafayette, na Tijuca, [s/autor, s/data].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Edifício Pedro Ernesto, sede da Faculdade de Ciências Médicas, na rua Fonseca Teles, em São Cristóvão, [s/autor, s/data].

Fonte: MID/Rede Sirius.

O desafio inicial foi tornar a UDF uma universidade de fato, isso é, constituir-se como um conjunto integrado, com um projeto, normas e procedimentos comuns a todas as suas unidades. Durante quase toda a primeira década, as quatro unidades iniciais permaneceram com autonomia financeira, pedagógico-acadêmica e patrimonial. Os salários dos professores, as mensalidades dos alunos e as seleções para ingresso permaneceram diferenciadas. E mesmo o patrimônio de cada faculdade demorou para ser incorporado juridicamente à nova Universidade. O regime de aulas também era diferenciado. À exceção da FCM, os outros institutos tinham cursos noturnos.

A organização da UDF, ou seja, o funcionamento conjunto das quatro faculdades, começou a ser discutido em 1951, por meio de uma comissão em que fazia parte um professor de cada Faculdade: Lourenço Filho (Filosofia), Ary Franco (Direito), Álvaro Cumplido de Sant'anna (Medicina) e Cândido de Almeida Marques (Economia).

De fato, a UDF foi instalada em fevereiro de 1952, em solenidade no Palácio Guanabara, sede da prefeitura do Distrito Federal. O prefeito João Carlos Vital nomeou e deu posse ao primeiro reitor Rolando Monteiro, professor da Faculdade de Ciências Médicas. Foi na FCM que funcionou a sede da reitoria por toda a década.

Alguns meses depois, o mesmo prefeito enviou à Câmara de Vereadores projeto de lei sobre a organização da Universidade. Pelo projeto, a escolha do seguinte reitor deveria ser realizada por meio de lista tríplex escolhida pelo Conselho Universitário para chancela do prefeito. O reitor deveria ser professor catedrático e ter sido diretor de uma das Unidades. Os recursos financeiros seriam provenientes de várias fontes, cobrança de mensalidades e verbas do orçamento municipal. Estas últimas poderiam servir para atenuar o valor das

mensalidades ("redução dos encargos financeiros dos alunos"), para custeio e para provisionamento com fins de construção de uma sede para a reitoria (*Correio da Manhã*, 7 de agosto de 1952, p. 5).

O projeto levou um ano para se transformar em lei. Nesse processo, os estudantes tiveram papel ativo. Por razões óbvias, a questão das mensalidades era um elemento de tensão. Em 1953, alunos da Faculdade de Ciências Médicas e, posteriormente, os das outras três faculdades, pressionaram o legislativo para aumentar a subvenção à universidade e sendo as verbas destinadas a rebaixar as mensalidades e, no limite, conceder gratuidade. O estopim da greve fora os atos da reitoria que, mediante menor subvenção municipal, retirou subsídios das mensalidades e ainda impediu alunos inadimplentes realizar provas. Os estudantes da UDF receberam apoio da União Nacional de Estudantes (UNE), da União Metropolitana de Estudantes (UME) e de DCEs de outras universidades. A Câmara apoiou os estudantes, ao mesmo tempo em que aprovou o projeto do prefeito. O fim da greve ocorre com o afastamento do reitor Rolando Monteiro (*Correio da Manhã*, 26 de setembro de 1953, p. 8).

Alguns anos mais tarde, em 1956, os estudantes novamente entraram em greve. Alunos da FCM paralisaram as aulas em apoio aos professores que tinham salários atrasados em 1954 e 1955. Já os estudantes da Faculdade de Direito pararam, junto com estudantes de outras escolas, em protesto contra o aumento das passagens de bondes. Bondes foram incendiados e o trânsito em frente à Faculdade interrompido. Ao anoitecer, ocorreu invasão policial na Faculdade, com enfrentamento entre estudantes e polícia. O reitor e o diretor da faculdade tentaram impedir, sem sucesso.

Em 1956, havia cerca de 4.000 alunos na UDF, três quartos dos quais na Faculdade de Direito e nos vários cursos da Faculdade de Filosofia, Ciên-



Matéria do Jornal Correio da Manhã, 26 set. 1953.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

cias e Letras. Nesse momento, esta última faculdade oferecia Cursos de Filosofia, Matemática, Química, História Natural, Ciências Sociais, Geografia, História, Letras (Clássicas, Neolatinas e Anglo-Germânicas), Pedagogia e Didática. A Faculdade de Ciências Médicas comportava cerca de 650 alunos, e a de Economia, 270.

Há notícias na imprensa do Rio de Janeiro sobre inúmeras palestras proferidas sobre variados assuntos de professores renomados da UDF. Muitos deles lecionavam também em outras faculda-

des e colégios. Cabe sublinhar um evento notório: o professor de Física da FFCL/Universidade do Distrito Federal, Eugenio Trombini Pellerano, recebeu a patente do primeiro motor a jato brasileiro. Pellerano também trabalhava com César Lattes na preparação de um cronômetro cósmico (*Correio da Manhã*, 5 de junho de 1955, p. 7).

A gratuidade do ensino só se efetivou em 1958, com a Lei n.º 909. A UDF passou a ser nomeada Universidade do Rio de Janeiro (URJ), com dotação orçamentária não inferior a 0,5% da receita ordiná-

CORREIO DA MANHÃ, Dom

AVIAÇÃO

CONCEDIDA PATENTE AO PRIMEIRO MOTOR A JATO BRASILEIRO DE AUTORIA DO PROF. EUGENIO TROMBINI PELLERANO

O Departamento Nacional da Propriedade Industrial acaba de conceder a patente de invenção do primeiro motor a jato brasileiro. O autor é o professor Eugênio Trombini Pellerano e o motor, do tipo "turbo-



O prof. Eugênio Trombini Pellerano

trator", com compressor centrífugo e destinado, principalmente, à propulsão de aeronaves.

Geralmente, nos jatos que utilizam hélices, (turbo-hélice), a turbina funciona a alta velocidade — de 15 a 20 mil rotações por minuto. Acontece que a velocidade-limite de hélice é de 3 mil rotações. Acima disso, perde ela a eficiência. Os aviões são equipados, então, com enorme e complicada caixa de engrenagem empregada na redução da velocidade da turbina

para as hélices. Uma das vantagens do motor do professor Pellerano consiste em que ele dispensa tal caixa. A redução se opera por meio de um sistema independente da turbina. Outra vantagem é a de que, com a propulsão das hélices dada por tal sistema, o piloto, ante a necessidade de uma arremetida de motor — criada, por exemplo, por uma falha de pouso — obtém potência instantaneamente.

O motor ainda não está concluído. Até agora, com dificuldade, em virtude da falta de recursos, seu autor conseguiu fundir — parte na Escola Técnica Nacional, parte no Arsenal de Guerra — oitenta por cento das peças. Faltam os outros vinte por cento e mais a montagem do mecanismo. Quando pronto, o motor servirá para estudos de alunos de cursos técnicos e para novas experiências que permitam a redução de seu peso e sua colocação em ponto de ensaio de voo. O professor Pellerano, agora que dispõe da patente, examina a conveniência de consultar o Conselho de Segurança Nacional sobre a possibilidade de passar tal patente ao governo brasileiro.

O professor Eugênio Trombini Pellerano dirige o curso técnico de construção aeronáutica da Escola Técnica Nacional e ensina Física na Faculdade de Filosofia da Universidade do Distrito Federal. Já obteve patente de invenção para vários outros aparelhos, inclusive o urofone, destinado a uso em creches e hospitais e pelo qual recebeu do governo, em 1948, um prêmio de 20 mil cruzeiros. Últimamente, vinha trabalhando, sob a orientação do professor Cesar Lattes, no preparo de um cronômetro cósmico — aparelho contador de cantelhas, para pesquisa de raios cósmicos — a ser utilizado no laboratório que o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas mantém no monte Chapaltaya, na Bolívia.

Matéria do Jornal Correio da Manhã, 5 jun. 1955.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

ria da Prefeitura, arrecadada no período anterior. A nova legislação ainda facultou aos professores catedráticos e assistentes da URJ a inscrição no regime de aposentadoria dos funcionários municipais (Montepio dos Empregados Municipais). No ano seguinte, a Lei n.º 930 reforçou a centralização e unificação da universidade. A dotação orçamentária deveria ser controlada pela reitoria, que redistribuía a verba às unidades, que já não tinham receitas próprias, pois o ensino passou a ser gratuito, e todo o patrimônio passou paulatinamente a ser transferido para a Universidade.

Novas unidades foram criadas ou incorporadas à Universidade. Em 1957, é criado o Ginásio de Apli-

cação, vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A nova unidade vem atender à legislação nacional sobre formação de professores. Seu primeiro diretor foi o professor Fernando Rodrigues da Silveira que, tempos depois, vai dar o nome ao Colégio de Aplicação da UERJ.

Em 1959, foram integradas a Faculdade de Serviço Social da Prefeitura do DF e o Instituto Municipal de Nutrição, doravante unidades da Universidade do Rio de Janeiro. Coube a este último cuidar da elaboração do cardápio da merenda escolar da rede pública da cidade.

A capital do país se transferiu para Brasília, sendo inaugurada em abril de 1960. O Rio deixou

de ser o Distrito Federal e passou a ser, caso singular na estrutura federativa do país, a cidade-estado, doravante Estado da Guanabara. A Constituição estadual, promulgada em março de 1961, renomeou a URJ, que passou a se chamar Universidade do Estado da Guanabara (UEG). Foi a primeira universidade brasileira a se organizar sob o regime jurídico de “Fundação”. De forma a exercer a autonomia didática, administrativa, disciplinar e, sobretudo, financeira, a Constituição destinou à UEG uma subvenção não inferior a 2,5% da arrecadação tributária do Estado.

Em 1961, foi incorporada à UEG a antiga Escola de Enfermeiras da Secretaria Geral de Saúde, doravante denominada Escola de Enfermagem Raquel Haddock Lobo. A escola atuava em instituições de saúde da rede pública e havia sido pioneira, na década de 1950, em oferecer cursos de pós-graduação para a formação de docentes.

Ainda em 1961, foi criada a Faculdade de Engenharia, uma proposta acalentada na década anterior, pelo Conselho Universitário da UDF. Com a nova dotação orçamentária e o apoio explícito do governador Carlos Lacerda, oferecendo os recursos do Banco do Estado da Guanabara, o reitor Haroldo Lisboa se empenhou na fundação dessa nova unidade.

O governador também se empenhou, ainda no mesmo ano, para a aprovação de Lei estadual que incorporava o Hospital de Clínicas à Universidade, a partir de então passando a se nomear Hospital de Clínicas Pedro Ernesto. Já em 1962, o Hospital passou a funcionar como unidade escola da Faculdade de Ciências Médicas, uma antiga aspiração de professores e estudantes que já haviam demandado essa cessão à prefeitura do DF, ao menos desde 1958. A FCM instituiu um Conselho de Administração do hospital, em caráter provisório, formado pelos professores Manuel Maia, Luís Feijó, Mariano de

Andrade, Jayme Landman e Américo Piquet Carneiro. A FCM, a sede e as aulas das cadeiras básicas, ainda permaneceu, por pouco tempo, em São Cristóvão, vindo a se mudar para Vila Isabel.

A reitoria, que, desde o início, funcionava no prédio da Faculdade de Ciências Médicas, passou a ter, em 1963, um prédio próprio da UEG, em Laranjeiras, adquirido no ano anterior. O reitor Haroldo Lisboa da Cunha permaneceu no cargo durante quase uma década, de 1960 a 1967.

A UEG chegou a meados da década de 1960 estruturada e consolidada, com novas unidades e centralizada sob o comando da reitoria. Esta passa a nomear os diretores das unidades, a partir de lista triplíce da Congregação; além das competências de nomear professores catedráticos, exercer o controle de carga horária dos funcionários, e fiscalizar os gastos das unidades. A UEG estava estruturada administrativamente; não podia mais ser considerada um agregado de faculdades isoladas. O desafio agora era a constituição de um campus unificado.

1.2 A Universidade em expansão

O processo de construção de novo campus para a UEG, entre o final da década de 1960 e meados da década seguinte, ocorreu em paralelo a mudanças que afetaram as universidades brasileiras existentes à época. O golpe militar ocorrido em 1964 alterou os rumos de debates acerca das reformas consideradas então intrínsecas para o desenvolvimento nacional. Nesse cenário, a reforma universitária particularmente interessa, pois afetou a estruturação acadêmica e administrativa da UEG.

A década de 1960 foi momento de significativa efervescência política e social na qual se inseriram debates e projetos sobre a educação. Em 1961, a criação da Universidade de Brasília e a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases representaram marcos

institucionais que afetaram os questionamentos e propostas acerca da urgência de pensar o ensino superior em bases adequadas às demandas pelo desenvolvimento econômico e social brasileiro. Destaca-se a atuação da UNE, por meio da realização de seminários nacionais sobre a reforma universitária, entre 1961 e 1963. Apesar de críticas do movimento estudantil, entre 1965 e 1967, os acordos MEC-USAID (United States Agency for International Development) acabaram por pautar relatório final que se constituiu em subsídio fundamental para o Grupo de Trabalho da Reforma Universitária, organizado em julho de 1968.

Segundo Helena Bomeny, em artigo sobre os 25 anos da Reforma Universitária, o Relatório do Grupo de Trabalho tornou-se um dos documentos mais importantes para a promoção da reforma. O grupo de trabalho foi composto por Tarso Dutra, João Paulo dos Reis Veloso, Valnir Chagas, Newton L. Buarque Sucupira, Fernando R. do Val, João Lyra Filho, reitor da UEG entre 1967 e 1972, Antônio Moreira Couceiro, Roque S. Maciel de Barros, Pe. Fernando B. de Ávila e Leon Peres.

A presença de representação estudantil nesse grupo ao fim não foi autorizada. O grupo teve cerca de 30 dias para apresentar suas considerações e encaminhá-las em diálogo com concepção de reforma alinhada aos princípios da “eficiência, modernização, flexibilidade administrativa e formação de recursos humanos de alto nível para o desenvolvimento do País”. O grupo, contudo, pontuou também em seu relatório final a “conciliação difícil, mas necessária, entre o ensino de massa de objetivos práticos e imediatos, e a missão permanente da Universidade, a de constituir-se o centro criador de Ciência e a expressão mais alta da cultura de um povo”.

A reforma universitária, uma vez aprovada na forma da Lei 5540/68, implementou as seguintes

principais mudanças: i) o desaparecimento das cátedras ou cadeiras como unidades básicas do ensino e da pesquisa, substituídas pelos departamentos, que aglutinariam os docentes pertencentes às disciplinas afins; ii) a integração das várias áreas que desenvolviam ensino e pesquisa comum; iii) a criação dos, assim chamados, cursos básicos (primeiro ciclo) e profissionais (segundo ciclo); iv) o estabelecimento das matrículas por disciplina, em substituição às tradicionais matrículas por série; e v) a extinção das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras (Bomeny, 1994).

Na UEG, a reforma universitária, uma vez aplicada, ocasionou um conjunto de mudanças e adequações. Segundo Deise Mancebo, em seu livro referencial *Da gênese aos compromissos* (Mancebo, 1996), meses antes da aprovação da reforma universitária, em julho de 1968, foi lançado o Plano Integrado de Desenvolvimento (PID) da UEG, o qual explicitava concepção de universidade de viés tecnicista, voltada para o atendimento do desenvolvimento econômico e social do país, priorizando o atendimento ao mercado de trabalho. Aspectos de natureza mais técnica do PID de 1968 vieram a ser abandonados com a reforma universitária; no entanto, seus princípios norteadores foram mantidos, em consonância com as diretrizes emanadas do governo federal à época.

Cabe destacar a criação e a consolidação da organização dos Centros Setoriais. Previstos no Estatuto da Universidade do Estado da Guanabara, de 9 de dezembro de 1969, vieram a ser instituídos a partir de Resolução n.º 382, de fevereiro de 1971, que promulgou o Regimento Geral da UEG. As faculdades e institutos então existentes vieram a ser agrupados nos quatro centros: o Centro de Ciências Sociais (CCS), o Centro de Tecnologia e Ciências (CTC), o Centro de Educação e Humanidades (CEH) e o Centro Biomédico (CBI).

É opinião predominante entre os pesquisadores que analisaram a reforma universitária de 1968, que seu principal impacto foi a extinção das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, centros aglutinadores de cursos superiores diversos, muitos deles direcionados para a formação de professores e profissionais da educação. Essa extinção atendia a alguns objetivos atrelados à perspectiva de modernizar as universidades. Além da desmobilização política, em tempos de intensa repressão ao movimento estudantil, aos movimentos sindicais, e às organizações de esquerda, somaram-se as premissas de fortalecer a especialização técnico científica, por meio, por exemplo, de maiores investimentos em carreiras, como a Química e Física, para o atendimento do mercado de trabalho de setores industriais.

No caso da UEG, a extinção da Faculdade de Filosofia originou o Instituto de Ciências Humanas, o Instituto de Biologia, o Instituto de Física, o Instituto de Geociências, o Instituto de Letras – em 1971, Instituto de Filosofia e Letras –, o Instituto de Matemática e Estatística, o Instituto de Química, o Instituto de Psicologia e Comunicação Social e a Faculdade de Filosofia e Educação – em 1971, Faculdade de Educação, pois a Filosofia foi integrada ao Instituto de Letras. Nas décadas seguintes, os cursos oferecidos por essas respectivas unidades vieram a sofrer alterações, originando novos institutos e faculdades, além da criação de novos cursos, como pode ser verificado no capítulo 2 desta publicação.

Outra mudança importante, como consta do Estatuto da Universidade do Estado da Guanabara, de 9 de dezembro de 1969 e da Resolução n.º 382, de fevereiro de 1971 – Regimento Geral da UEG –, foi a extinção das cátedras, com o estabelecimento de progressões para docentes por meio das categorias titular, adjunto e assistente; além da especificação mais detalhada das com-

petências dos departamentos, na composição de Faculdades e Institutos.

Houve também, na UEG, a criação do Centro de Produção do Estado da Guanabara (CEPUEG, atual CEPUERJ) em 1971, destinado a atender demandas do mercado de trabalho por meio da prestação de serviços voltados para o desenvolvimento científico, tecnológico, cultural e empresarial, por meio de projetos envolvendo professores e estudantes.

Em paralelo a essas mudanças advindas dos desdobramentos da reforma universitária de 1968, ocorreram ações destinadas à construção de novo campus para a UEG. Demanda, como já mencionado, que emergiu no momento em que a instituição passou a receber maiores dotações orçamentárias, com a criação do Estado da Guanabara, em especial durante o governo de Carlos Lacerda. O novo *campus* materializava em concreto a expansão, a centralização burocrático-administrativa e a modernização como preceitos para caracterizar a universidade.

Entre a cessão do terreno e a inauguração do Pavilhão João Lyra Filho do *Campus* Universitário Francisco Negrão de Lima decorreu uma década, e sucederam-se as administrações dos reitores Haroldo Lisboa da Cunha (1960-67), João Lyra Filho (1967-1972) e Oscar Accioly Tenório (1972-1976). A inauguração, em março de 1976, foi realizada pelo Reitor Caio Tácito (1976-1980). Nesse momento, a UEG já havia passado a ser denominada UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro –, a partir de 11 de abril de 1975, por meio do Decreto Lei n.º 67, em função da fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro, ocorrida em março de 1975.

O terreno onde se encontrava a Favela do Esqueleto, pela localização estratégica entre as Zonas Norte e Sul da cidade e pela proximidade com outras unidades da universidade situadas nos bairros de Vila Isabel e São Cristóvão, foi o espaço destinado

à construção do *campus*. A remoção da favela gerou polêmicas estampadas nos principais jornais da época. Como comentado no capítulo 4 desta publicação, o processo de retirar a favela e erguer o *campus* universitário foi longo e controverso, im-

estudentil e um restaurante universitário. As obras se iniciaram em novembro de 1969, sob a responsabilidade da Construtora Norbert Odebrecht S.A.

O novo *campus*, uma vez inaugurado, e gradativamente ocupado pelos institutos, faculdades,



Favela do Esqueleto, 1964.

Fonte: MID/Rede Sirius. Foto: Marco Antônio Belandi.

pactando diretamente a vida dos que habitavam aquelas áreas da cidade.

Segundo Deise Mancebo (1996), para coordenar as obras foi criada a Superintendência de Obras Universitárias (SOU). Em 1968, a firma Luiz Paulo Conde e Flávio Marinho Rego Arquitetos Associados Ltda. firmou contrato para elaborar o projeto do *campus*, prevendo a construção de prédio de 12 andares (o futuro Pavilhão João Lyra Filho, inaugurado em 1976), um pavilhão de quatro andares (o Haroldo Lisboa da Cunha, inaugurado em 1970), e cinco outras construções: a capela ecumênica, a concha acústica, um auditório central, um centro

departamentos, unidades administrativas diversas, possibilitou dar forma à perspectiva de monumentalizar a expansão da universidade, em consonância com a modernização que a acompanhava, sendo capitalizada pelos dirigentes institucionais e pelas autoridades governamentais do estado do Rio de Janeiro, figurando em matérias jornalísticas e nos pronunciamentos oficiais.

Combinava, assim, de certa forma, com os ideais de desenvolvimento e prosperidade presentes nas propagandas do governo federal, em particular as derivadas da ostentação do “Milagre Econômico”, além de práticas diversas de controle



O professor Wilson Choeri, Sub-Reitor de Planejamento e Coordenação Executiva, mostra a visitantes uma fotografia-mural da Favela do Esqueleto, 1975, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



O reitor Haroldo Lisboa da Cunha e o professor João Lyra Filho observam o terreno destinado à construção do Campus Maracanã, 1967, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Dois homens trabalhando na sondagem do terreno do teatro. Ao fundo o Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha e, ao lado direito dos trabalhadores, uma faixa da Odebrecht, empresa que fez parte da construção da UERJ, 19 jan. 1972, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Os engenheiros João Affonso Saint-Martin, presidente da Companhia Estadual de Limpeza Urbana (CELURB) e Gilberto de Oliveira Carneiro Lins, da Superintendência de Obras Universitárias (SOU), entre outros, trocam impressões sobre as obras do Campus Maracanã, 1974, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Vista da região do Campus Maracanã durante as obras. Da esquerda para a direita: parte da Capela do Divino Espírito Santo; a Elevatória Sampaio Correa; o Pavilhão Reitor Haroldo Lisboa da Cunha (concluído); o Pavilhão João Lyra Filho, parcialmente erguido. Ao fundo, a via férrea e o Morro da Mangueira, dc. 1970, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.

e repressão do movimento estudantil, no contexto dos anos mais duros da ditadura militar.

Nessa conjuntura, importante mencionar a criação do programa de Estudos dos Problemas Brasileiros, em 1973. Em 1975, foi implantada a coordenação de tal programa, sendo coordenador o General João Bina Machado, o qual desempenhava as mesmas funções na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, como comentado por Deise Mancebo (1996).

Destaca-se, em especial, o Projeto Rondon, gestado entre 1966 e 1968, com o apoio e participação direta do Professor Wilson Choeri, sob a defesa da integração da universidade à sociedade brasileira, em especial em regiões distantes dos centros urbanos e industriais. Em 1967, estudantes da UEG e o próprio Professor Wilson Choeri estiveram em Rondônia, alavancando o projeto associado ao lema “Integrar para não entregar”.

Em 1969, começou a ser implementado o *Campus Avançado* de Parintins, no Amazonas. Em 1975, foi instituída por lei federal a Fundação Projeto Ron-

don, extinta em 1989. Para a UEG/UERJ, o Projeto Rondon foi uma das principais atividades de natureza extensionista levada a cabo pelos dirigentes universitários na década de 1970. O envolvimento direto do Centro de Desporto da Universidade no Projeto Rondon contribuiu diretamente para a criação do curso superior de Educação Física e do Instituto de Educação Física e Desportos da Universidade da Guanabara em 1974.

No âmbito das ações extensionistas, iniciaram-se, em 1979, as atividades do Escritório Modelo de Advocacia da UERJ, destinado ao estágio de estudantes de Direito do 7º período, em atendimento à população em geral. O primeiro jornal da universidade surgiu em 1977 – *Jornal da UERJ* –, sob iniciativa do então diretor do Departamento Cultural Odylo Costa Filho.

Entre novos cursos, registra-se, em 1975, a incorporação do curso de Nutrição (desvinculado do Instituto de Nutrição Annes Dias), sob a responsabilidade da Faculdade de Enfermagem; e, em 1976, a criação do curso de Oceanografia, vinculado ao Instituto de Geociências.



Atividade no Campus Avançado de Parintins, 1974, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Alunos da UEG participam da colônia de férias do Instituto de Educação Física e Desportos, vinculada ao Projeto Rondon, no Campus Avançado de Parintins, 1975, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.

No que se refere à pesquisa, importante assinalar as ações pioneiras de criação dos primeiros cursos de pós-graduação em nível de mestrado: Clínica Médica – Cardiologia, Nefrologia e Endocrinologia –, em 1972; Medicina Social, em 1974; Biologia, em 1975; Letras, em 1978; e Educação, em 1979.

No decorrer da década de 1980, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro expandiu-se e consolidou-se numa conjuntura política diferente da década anterior, particularmente em função dos processos de abertura política e democratização deflagrados a partir dos anos 1978 e 1979. Tais mudanças afetaram diretamente os movimentos estudantis e associacionistas, como é comentado no capítulo 5 dessa publicação. Em especial, os cursos de graduação cresceram e se estruturaram, havendo a gradual ampliação do ingresso de estudantes em outros turnos, para além do noturno.

A expansão esteve também associada à incorporação e à criação de unidades externas, configuradoras de dois novos campi. Em 1987, houve a incorporação definitiva da Faculdade de Formação

de Professores (FFP), situada no município de São Gonçalo. Com a incorporação, como comentado nos capítulos 2 e 4 desta publicação, estruturaram-se as licenciaturas plenas em Biologia, Matemática, História, Geografia e Letras.

Em 1988, houve a criação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), situada no município de Duque de Caxias, concedendo, assim, maior autonomia para o curso de Pedagogia, desde 1982, sob a jurisdição da Faculdade de Educação da UERJ, assim como a criação de novos cursos, conforme mencionado nos capítulos 2 e 4 desta publicação.

Houve também mudanças relativas às gestões e funcionamentos de cursos já existentes, como, por exemplo, no caso do curso de Nutrição, o qual passou a integrar Instituto de Nutrição, criado em 1984. Em 1983, foi criado o curso de Comunicação Social, desmembrado do Instituto de Psicologia e Comunicação Social, originando a Faculdade de Comunicação Social, implementada em 1986. Importante mencionar a criação do curso de mestrado

do em Odontologia, em 1982, e a consolidação dos cursos de mestrado criados na década de 1970, com destaque para a Medicina Social, a Biologia e a Educação.

A cada vez maior inserção social da UERJ manifestou-se de diversas formas. Destaque deve ser concedido à criação da Sub-Reitoria para Assuntos Comunitários (SR3, hoje Sub-Reitoria de Extensão e Cultura), em 1981-82, sendo a primeira Sub-Reitora a Professora Cylene Castelães Gallart, da Faculda-

de de Educação. A SR3 centralizou a partir de então um conjunto de iniciativas destinadas a promover a formação e a preservação da memória cultural da UERJ, bem como também eventos culturais e esportivos para a comunidade externa.

Instituiu-se, cada vez mais, a abertura da UERJ para atividades variadas e homenagens a personalidades que consolidaram sua inserção e reconhecimento como espaço público.



Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, recebeu uma placa com inscrição comemorativa de sua passagem pela UERJ. Também na foto, os professores Charley Fayal de Lyra e Ivo Barbieri, reitor e vice-reitor, e Darcy Ribeiro, vice-governador do Estado do Rio de Janeiro..

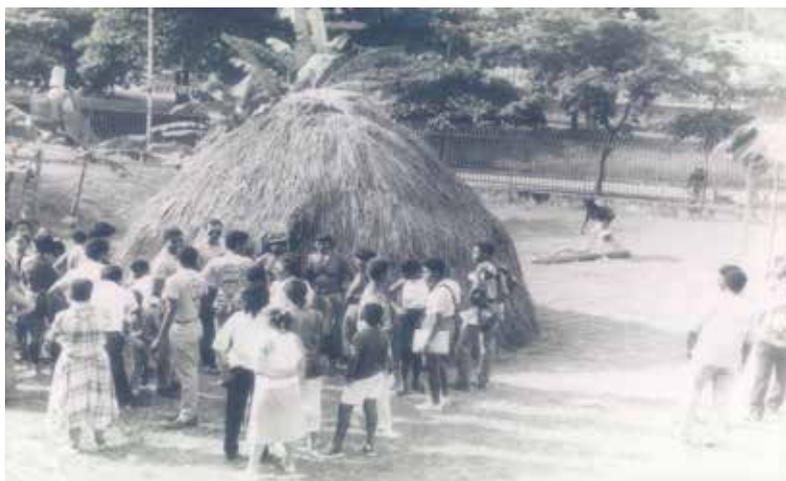
Fonte: MID/Rede Sirius. Foto: João Vitalino. 1985.

Na década de 1980, a reitoria da UERJ foi exercida por: Professor Ney Cidade Palmeiro (1980-81); Professor João Salim Miguel (1981-1984); Professor Charley Fayal de Lima (1984-1988) e pelo Professor Ivo Barbieri (1988-1992). O Professor Ivo Barbieri foi o primeiro a ser eleito pelo voto direto da comunidade universitária, na sinalização da expectativa da cada vez maior democratização, em sintonia com as mudanças que afetavam o país na época.



O chanceler alemão Willy Brandt, recebe flores de alunos do Colégio de Aplicação, 1984.

Fonte: MID/Rede Sirius. Foto: João Vitalino.



Oca construída no Campus Universitário Francisco Negrão de Lima, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, durante as atividades do III Encontro Internacional de Artes Negras – Kizomba, entre 10 e 20 de Nov./1988.

Fonte: MID/Rede Sirius. Foto: João Vitalino.

1.3 - Democratização e compromisso com o ensino, a pesquisa e a extensão: dos anos 90 aos dias atuais

O Brasil saía de 21 anos de ditadura militar. Uma das primeiras medidas foi a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte para discutir um novo pacto político e social que trouxesse para o âmbito legal as demandas expressas no processo de redemocratização desde finais dos anos 1970. Logo após a promulgação da Constituição de 1988 – a “Constituição Cidadã” –, os estados da federação se engajaram para discutir legislação específica. A Constituição estadual do Rio de Janeiro, de 1989, incorporou as demandas por autonomia e maior participação e garantiu, entre outras medidas, que a escolha de reitores das universidades públicas seria efetivada por eleições diretas e secretas, com a participação da comunidade universitária, de acordo com os seus estatutos. E, assim, alterava uma prática que havia se iniciado no momento da criação da UDF e da nomeação do primeiro reitor: o governo, primeiro municipal, depois estadual, nomeava o reitor a partir de uma lista tríplice elaborada pelo Conselho Universitário (ou Conselhos Superiores da Universidade).

Entretanto, anos antes, a comunidade uerjiana, na esteira das lutas pela redemocratização, e animada com a eleição de Leonel Brizola, em 1982, e pela promulgação de uma Lei estadual, organizou-se para escolher a lista tríplice com base em eleições diretas, cada eleitor (docentes, discentes e técnicos administrativos) votando em três candi-

datos. As eleições ocorreram em outubro, em clima tenso, pois o Supremo Tribunal Federal concedeu medida cautelar contra as eleições um dia antes da data marcada para sua realização. Dias depois declarou a inconstitucionalidade da lei estadual. Ainda assim, as entidades representativas (DCE, ASDUERJ e ASUERJ) resolveram bancar a “consulta”, em que foi escolhido o professor Hésio Cordeiro. Nos Conselhos, formou-se uma lista tríplice com os seguintes professores, em ordem de votação: Roberto Alcântara, Hésio Cordeiro e Charley Fayal. O governador optou pelo terceiro colocado na lista, gerando insatisfação na comunidade acadêmica. Ao fim, firmou-se um acordo para que o vice-reitor fosse Ivo Barbieri, que estava vinculado à Hésio Cordeiro.

Diferentemente do que ocorreu em 1983, o Conselho Universitário aprovou uma Resolução, em 1987, para a realização de consulta à comunidade uerjiana antes da votação da lista tríplice. As eleições foram realizadas em outubro, e a lista formada pelos três primeiros colocados: Ivo Barbieri, Wilson Choeri e José Bruno. O governador Moreira Franco nomeou o professor Ivo Barbieri que tinha como vice o professor João Regazzi Gerk.

Legalmente, as primeiras eleições diretas para reitor ocorreram em 1991, com a vitória da chapa Hésio Cordeiro e José Alexandre Assed. As eleições contaram com a participação paritária das três categorias da comunidade universitária e eleições em dois turnos. Desde então, as regras pouco se alteraram.

As eleições ocorreram em outubro, em clima tenso

As eleições foram a ponta do *iceberg* do processo de democratização e transformação da universidade. A tarefa das novas direções, muitas delas antigas lideranças do movimento dos docentes, foi organizar e aprofundar os compromissos da UERJ em relação aos três pilares da Instituição: ensino, pesquisa e extensão.

Uma das ações mais eficazes e duradouras que a Universidade assumiu para se conectar com a sociedade e apresentar os resultados de sua produção intelectual foi a criação da **UERJ sem Muros**. Sua primeira edição ocorreu em **1990**, sob a iniciativa da SR3, à época Sub-Reitoria de Assuntos Comunitários. Na ocasião, foram apresentadas 250 atividades, em dois dias. Em uma via de mão

coordenados pelas sub-reitorias de pesquisa e de ensino de graduação. Se, em 1992, havia 214 bolsas de Estágio Interno Complementar (SR1), 268 de Extensão (SR3) e 111 de Iniciação Científica (SR2) (DATAUERJ, 1992), em 2014, eram, respectivamente, 579, 443 e 720, além de 190 bolsas de Iniciação à Docência. A UERJ sem Muros não pode mais ser realizada em dois dias, mas dura uma semana inteira. Os projetos de pesquisa, ensino e extensão são apresentados em vários *campi*. Além de mais de dois mil pôsteres, há vários eventos para a sociedade como “Espaço Ciência”, Feira de Prestação de Serviços”, “Conhecendo a UERJ”, voltados para o público interno e externo à Universidade, como estudantes do ensino médio (UERJ sem Muros, 2019).



UERJ sem muros. s/autor. s/data

Fonte: MID/Rede Sirius

dupla, mobilizou-se toda a comunidade universitária para apresentar para a sociedade o conhecimento produzido intramuros. Desde então, a *UERJ sem Muros* tornou-se um evento anual, que consta do calendário acadêmico da Universidade. Ao longo dos anos, incorporou as atividades e projetos

Do ponto de vista da organização do trabalho docente e da valorização das ações nas três direções do ensino, da pesquisa e da extensão, ganhou relevo a organização da Comissão Permanente de Carga Horária de Avaliação Docente (**COPAD**), em **1991**. A bem da verdade, a primeira ação importan-

te no sentido da incorporação da avaliação proativa como subsídio ao processo de dimensionamento do quadro docente da Universidade se deu em 1988, no início do mandato de Ivo Barbieri na reitoria, quando duas intervenções na política de gestão foram importantes na deflagração do processo: criação do saldo único de vagas e carga horária docente, que transferiu para a Universidade a apropriação do recurso humano disponível, permitindo o remanejamento interno de vagas não preenchidas; instalação da Comissão Permanente de Carga Horária Docente (CPCHD), posteriormente transformada em COPAD, como instância deliberativa cuja atribuição era coordenar o plano de carga

Em 1993, foi criado a UnATI, Universidade Aberta da Terceira Idade

horária docente na Universidade. A COPAD, desde então, tem como principal atribuição a concepção e manutenção do sistema de acompanhamento e avaliação da atividade do corpo docente, a partir do qual se processa o redimensionamento contínuo do quadro docente nesta universidade. É da sua competência, deliberar quanto à alocação dos recursos humanos docentes nos diversos segmentos organizacionais, de forma a atender ao desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão, que constituem as atividades-fim da Universidade.

Em 1992, a UERJ implantou o **PIBIC**. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica foi implantado pelo Conselho Nacional de Desenvolvi-

mento Científico e Tecnológico (CNPq), em 1988, visando estimular a participação de alunos de graduação nas atividades de pesquisa, contribuindo para sua formação acadêmica e profissional. Além da verdade, a UERJ concedeu, ainda em 1991, 76 bolsas para pesquisa com recursos próprios do Centro de Produção (CEPUERJ). No ano seguinte, o CNPq concedeu uma cota de 20 bolsas para estudantes da UERJ, e a universidade complementou com mais 91, totalizando 111. Desde então, aumentou, em muito, tanto a cota do CNPq, como da UERJ. No ano 2000, o CNPq concedeu 100 bolsas, e a universidade, 400. Hoje em dia, sob a gestão da Sub-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (SR-2), a UERJ tem três (3) Programas Institucionais de Bolsas voltados a alunos da graduação: o PIBIC, o PIBIC nas Ações Afirmativas (PIBIC-Af) e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI). Além desses, a Universidade conta com um programa voltado aos alunos dos Ensinos Básico e Médio, o PIBIC Junior (IC Jr). Da parte da Universidade, são concedidas 400 bolsas para PIBIC e 20 para IC Jr. Da parte do CNPq, são, respectivamente, 320 e 33, além de 8 bolsas para PIBIC-Af e 31 para PIBITI.

Em 1993, foi criada a **UnATI**, Universidade Aberta da Terceira Idade, com um programa voltada à população com idade superior aos 60 anos, refletindo a tendência irreversível do crescimento quantitativo e proporcional, da população idosa. Primeira iniciativa do gênero no Rio de Janeiro, a UNATI foi um desdobramento do núcleo de atenção ao idoso do Hospital Pedro Ernesto (HUPE), criado em 1990 pelo professor Américo Piquet Carneiro, da FCM. Os objetivos da UnATI eram atendimento médico, assistência jurídica e pesquisa sobre aspectos do envelhecimento úteis na capacitação de recursos humanos. Desde então, ofereceu centenas de oficinas e cursos com temas diversos, desde sexualidade à dança de salão, estimulando a reflexão, a

aprendizagem e a convivência entre a população da terceira idade, que comparece massivamente aos corredores da UERJ. Na UnATI, foi criada uma linha de pesquisa, ancorada no Centro de Referência e Documentação Sobre o Envelhecimento, cujo objetivo era (e é) suprir as necessidades da investigação e disseminação de trabalhos nas áreas da gerontogeriatría, oferecendo a pesquisadores, pós-graduandos e demais estudiosos, produtos e

universitárias, ao longo das sucessivas direções de Lúcia Bastos, Ítalo Moriconi e Gláucio Marafon. Atualmente, publica livros impressos e ebooks, além de ser responsável pelo Portal de Publicações Eletrônicas da universidade, criado em 2008. Mais recentemente, ingressou no Scielo Livros, plataforma que tem em seus objetivos dar mais visibilidade, acesso e indexação aos livros acadêmicos.

Importante incentivo às atividades de pesquisa



UERJ sem muros. [s/autor. s/data]

Fonte: MID/Rede Sirius

serviços que auxiliem no aprimoramento do conhecimento e na realização de projetos de pesquisa.

Implantada em **1994**, a editora da UERJ (**EdUERJ**) era uma ideia antiga. Na década de 1970, foi criado um Núcleo Editorial, por iniciativa do então diretor do Departamento Cultural, Odylo Costa Filho, mas não prosperou. A proposta foi retomada quase duas décadas depois. O primeiro conselho editorial foi formado por Ênio Silveira, Silviano Santiago, Mário Pontes e pelos representantes dos Centros Setoriais, Gerd Bornheim, Reinaldo Guimarães e Marcos Pontes, presidido pelo editor Ivo Barbieri. A editora se consolidou no campo das editoras

e à fixação do professor-pesquisador na Universidade foi a criação do Programa de Incentivo à Produção Científica, Artística e Técnica (**Prociência**), em **1995**. Diferentemente das universidades federais, a UERJ não tinha um regime de trabalho em Dedicção Exclusiva. Após intenso debate, decidiu-se instituir um modelo diferenciado, em que os professores se submetem a um processo seletivo e recebem uma bolsa de produtividade, renovável, mediante nova seleção, a cada três anos. Na seleção, avalia-se o conjunto da produção intelectual do docente, incluindo as publicações, atividades de orientação, capacidade de captação de recursos,

ações extensionistas e de gestão acadêmica, entre outras. Foram duas seleções a cada três anos. A bolsa inicialmente representava 70% do vencimento base do cargo ocupado pelo docente. A partir de 2013, devido à alta demanda qualificada, e com o intuito de ampliar o número de bolsas, passou a se conceder um valor fixo mensal de quatro mil reais para cada bolsista. A primeira seleção, em 1996, concedeu 94 bolsas, e, no ano seguinte, mais 102, totalizando 196 pesquisadores procientistas. Aos poucos, o número foi aumentando para 300, em 2000; 362, em 2006; 411, em 2011; chegando a 488 atualmente. Essa ampliação também é expressão do aumento substantivo de docentes na Universidade – de 1970, em 1996 (DataUerj 1996), para 2840, em 2017 (DataUerj 2018) –; mas, mais significativo, da maior qualificação dos mesmos – o número de doutores que era de 22%, em 1996, passa a cerca de 80%, em 2017.

Durante os anos 1990, novas unidades externas são criadas. Em **1992**, foi assinado convênio com a Prefeitura de **Resende** para criação de um Campus, que se tornou a primeira universidade pública da cidade. A Uerj ofereceu o curso de engenharia de produção e qualidade, instalando aí a Faculdade de Tecnologia. Em **1993**, foi a vez de **Nova Friburgo**. O Instituto Politécnico do Rio de Janeiro, criado por lei estadual, em 1990, e vinculado à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia, foi incorporado à UERJ. Em **1995**, foi inaugurado um novo campus regional, na vila de Dois Rios, **Ilha Grande**, abrindo o Centro de Estudos Ambientais

e Desenvolvimento Sustentado (**CEADS**). Três anos antes, a UERJ já tinha adquirido a cessão do antigo Completo Penitenciário Cândido Mendes. A partir de então, a área passou a ser espaço para projetos das mais diferentes áreas da Universidade, como Oceanografia, Geografia, Biologia, História, Direito, Enfermagem, Geologia, Arqueologia, Meio Ambiente, entre tantos outros aportes que recebeu. Várias outras iniciativas foram desenvolvidas nesses 24 anos, entre elas, o EcoMuseu, conforme pode ser lido no capítulo 4.

No campus do Maracanã, várias iniciativas significativas estavam sendo realizadas. Em **1993**, foi criado um curso para formar e reciclar profissionais como policiais civis e militares, bombeiros, agentes penitenciários e da Defesa Civil, oferecendo conhecimento específico de suas áreas, mas também aulas de sociologia, história, psicologia e outras disciplinas. O curso foi feito pelo Centro Unificado de Ensino e Pesquisa da UERJ, que surgiu de um convênio da vice-governadoria do Estado e da Reitoria

da UERJ. O curso não tinha intenção de substituir a Academia de Polícia Civil, mas servir como forma de complementação a formação desses profissionais.

Em **1994**, a antiga Comissão de

Vestibular se transforma em Departamento de Seleção Acadêmica (**DSEA**), em resposta aos desafios em que a Universidade se colocaria para o ingresso de estudantes de graduação. No mesmo ano, sob a coordenação da professora Elizabeth Murad, formulou-se uma nova proposta para a seleção, vigente até os dias atuais. O concurso vestibular passou a se realizar em três momentos diferentes: dois

*Durante os anos 1990,
novas unidades externas
são criadas*

exames de qualificação e um exame discursivo. Os exames de qualificação funcionam como orientação de estudo para os candidatos e demais alunos do ensino médio. Nessa fase, não se escolhe o curso nem se opta pelo sistema de cotas. Se não acertar mais de 40% das questões em pelo menos um exame, o candidato não se qualifica para prestar o exame discursivo. Acima dessa porcentagem de acertos, ele recebe conceitos de A a D, que lhe permitem levar pontos de bonificação para o exame

as bancas de todas as disciplinas elaboram questões sobre um texto comum, em geral de autoria de um cientista ou de um divulgador da ciência; e o Vestibular da UERJ também passa a indicar uma lista de livros de literatura, utilizados nas provas de Linguagem, no exame de qualificação, e nas provas de Redação e de Língua Portuguesa e Literaturas, no exame discursivo. Em complemento, há um Ciclo de Palestras sobre os livros de literatura indicados para o exame.



Cotistas da UERJ participam da Oficina de Português Instrumental no Campus da FFP, São Gonçalo, em 2014.

Fonte: Acervo CAIAC. Foto: Mária de Fátima Matos.

discursivo. Ao se inscrever no exame discursivo, o candidato escolhe a carreira e o curso que deseja. Na inscrição, ele também pode optar pelo sistema de cotas. A partir de 2017, duas inovações foram introduzidas: os exames de qualificação passam a contar com uma fase inicial interdisciplinar, na qual

Responsável pela renovação da abordagem ao usuário de drogas na década de 1980, o **NEPAD**, Núcleo de Pesquisa e Atenção ao Uso de Drogas, que havia sido criado em 1985, passou a mobilizar práticas psicodinâmicas no lugar da abstenção. Em **1995**, foi credenciado pelo Ministério da Saúde como Centro de Referência Nacional para preven-



Recepção aos cotistas, 2011. [s/autoria].

Fonte: Acervo CAIAC..

ção do abuso de drogas, doenças transmissíveis e Aids. Em 1999, foi reconhecido pela Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD) como o Centro de Referência no campo das Toxicomanias.

Em 1997, é inaugurado o **Teatro Odylo Costa Filho**, considerado o maior na Zona Norte e o terceiro do Rio em número de poltronas. As obras do teatro foram retomadas em 1993, quando houve



Projeto Brahma na UERJ. Apresentação de Léo Gandelman na Concha Acústica, 1996. [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sius.



Casuarina no Teatrão. [s/autor. s/data].

Fonte: MID/Rede Sirius.

um convênio entre a Secretaria estadual de Cultura, a Uerj e o Ministério da Cultura.

Instituída em **1998**, a **Rede Sirius de bibliotecas** da UERJ tem sua origem ligada à da própria Universidade. Sua história tem início na década de 1950, com a fundação das bibliotecas isoladas.

Em 1961, é criada a Biblioteca Central e, nos dois anos seguintes, são inauguradas, respectivamente, as Bibliotecas de Engenharia e de Direito. Em 1989, é criado o Sistema de Bibliotecas, que integrou as bibliotecas das várias Unidades da Universidade. A Rede Sirius, além do importante papel integrador,



Homenagem a Lia de Itamaracá, a rainha da Ciranda e do Maracatu, em julho de 1999. A iniciativa partiu da disciplina “Educação Física, Folclore e Cultura Popular”, sob a coordenação da professora Maria José Alves de Oliveira. Autor da foto: Roberto Cuíca

Fonte: MID/Rede Sirius.

potencializado pelas inovações tecnológicas, criou também um centro de memória e arquivo, o MID – Núcleo de Memória, Informação e Documentação.

Também durante esse período, a partir dos anos 1990, a **Pós-Graduação** tomou maiores proporções na UERJ. Em 1990, foi criado o primeiro Curso de Doutorado, em Saúde Coletiva, vinculado ao Instituto de Medicina Social. Novos doutorados foram criados, a seguir, na mesma década: Letras/ILE (1993), Biociências/IBRAG (1994), Modelagem Computacional/IPRJ (1995), Direito/DIR (1996), Filosofia/IFCH (1998), Ciências Sociais/IFCH (1999) e Odontologia/ODO (1999). Nesse período, também foram criados 14 cursos de mestrado – Direito/DIR,

*A partir dos anos 1990,
a Pós-Graduação tomou
maiores proporções
na UERJ*

Psicologia Social/PSI, Filosofia/IFCH, Biologia Humana e Experimental/IBRAG, Ciências Sociais/IFCH, Microbiologia/FCM, Análise de Bacias e Faixas Móveis/FGEL, História/IFCH, Modelagem Computacional/IPRJ, Física/FIS, Fisiopatologia Clínica e Experimental/FCM, Enfermagem/ENF, Psicanálise/PSI, Serviço Social/FSS. A universidade, que, na década de 1980, não chegou a ter dez cursos de Pós-Graduação *stricto sensu*, em 2000 tinha três dezenas de cursos. Nos vinte anos seguintes, vai crescer exponencialmente, acompanhando a qualificação do professorado. São mais de dois mil docentes doutores, em 2019, que são responsáveis por 111 cursos de mestrado e doutorado, acadêmicos e profissionais.

A imprensa esteve atenta, acompanhando as ações da Universidade, seja na criação de novos cursos, nas novas instalações, em processos eleitorais, nas greves e reivindicações corporativas, entre outros, expressando o impacto social das ações na Universidade. Para se verificar uma diminuta dimensão dessa reverberação, podemos citar somente as ações extensionistas noticiadas pelo jornal *O Globo*, em 1990. A UERJ esteve presente em projetos, como o da limpeza da praia de Copacabana, onde professores, técnicos e estagiários da universidade, junto à Comlurb e à Feema, ajudaram na troca de areia encardida da praia (*O Globo*, 1990 – nº 406, pp. 4-5). Seguindo na questão do meio ambiente, a universidade também dirigiu um projeto que criou a “Câmara Técnica do Meio Ambiente” (*O Globo*, 1990 – nº 406, pp. 4-5), buscando solucionar questões ecológicas no Rio, assim como também esteve presente no processo que buscou evitar a ocorrência das enchentes nos bairros do entorno da Uerj-Maracanã (*O Globo*, 1990 – nº 420, p. 20). No que tange aos projetos relacionados à área saúde, foi destaque o Departamento de Biofísica do Instituto de Biologia da UERJ, que desenvolveu um projeto que buscou descobrir substâncias presentes do cotidiano que podem conter substâncias cancerígenas, e, a partir dessa pesquisa, foi criado o Programa Integrado de Mutagênese (PIMUT) (*O Globo*, 1990 – nº 408, p. 20). Já a Faculdade de Odontologia ofertou, pela segunda vez, o curso para Capacitação Profissional de Atendimento Odontológico a Pacientes Especiais, buscando um melhor atendimento odontológico a esses pacientes (*O Globo*, 1990 – nº 414, pp. 11). A Faculdade de Odontologia também lançou o “Projeto Antares”, que buscou melhorar o atendimento odontológico e atender mais pessoas por meio de aplicação de técnicas mais simplificadas e com utilização de equipamentos de baixos custos (*O Globo*, 1990 – nº 422, pp. 19). O Serviço de Psicologia

Aplicada (SPA), do Instituto de Psicologia da UERJ, prestou serviços à comunidade, com atendimento nas áreas de orientação profissional, psicopedagogia, atendimento comunitário, psicologia do trabalho e psicoterapia para criança, adolescentes e adultos (*O Globo*, 1990 – nº 417, p. 42). A Unidade Clínica de Adolescentes (UCA), do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), desenvolveu projeto em que buscava atender crianças e adolescentes de 12 a 21 anos em três diferentes níveis, na própria comunidade, nos ambulatórios e na enfermaria. O projeto buscou dar uma atenção melhor às comunidades localizadas na Tijuca e adjacências, entorno da Uerj-Maracanã e do HUPE (*O Globo*, 1990 – nº 429, p. 10). A Faculdade de Formação de Professores (FFP) agitou São Gonçalo em 1990, com o projeto “Cultura e arte”, pensado pelo Centro Acadêmico. A Faculdade promoveu debates, palestras, vídeos e apresentações de escolas de samba nas dependências da instituição (*O Globo*, 1990 – nº 412, p. 28).

Durante a década, a Universidade concedeu vários títulos de *Doutor Honoris Causa*. Em 1990, como parte das comemorações dos 40 anos, o título foi entregue ao presidente de Portugal, Mario Soares. Doutor Honoris Causa é o título mais importante concedido pela Universidade e deve ser aprovado em sessão do Conselho Universitário. Pode ser atribuído à personalidade eminente, nacional ou estrangeira, que tenha se destacado singularmente por sua contribuição à cultura, à educação ou à Humanidade. Entre outras personalidades que foram agraciadas, desde 1988, estão Nise da Silveira, Augusto Rodrigues, Roberto Burle Marx, José Leite Lopes, Jacob Pallis Junior, Antônio Carlos Jobim, Nelson Mandela, Eugenio Raul Zafaroni, Abdias do Nascimento, Marieiro Bartelo Santos, Emília Ferreiro, Paschoal Lemme, Eugenio Coseriu, Federico Mayir Zaragoza, Aluísio Pimenta, Pietro Perlingiero, Milton Santos, Alberto Amaral, Renato Ricci, Elie Wiesel, Raquel de Queiroz, Gui Bonsiepe, Ariano Suassuna, Pablo Casanova, Aziz Nacib Ab’Saber, Claus Roxin, Luiz Inácio Lula da Silva e Silvano Peloso.



Entrega do título de Doutor Honoris Causa a Nise da Silveira, em 1988. Também na foto estão, da esquerda para a direita, os professores: Haroldo Lisboa da Cunha; João Ragazzi Gerk, vice-reitor; Ivo Barbieri, reitor; e a professora Dirce Côrtes Riedel.

Fonte: Acervo COMUNS. Foto: João Vitalino.



Impedido de comparecer à UERJ para receber o Título Doutor Honoris Causa, o líder sul-africano Nelson Mandela foi representado na cerimônia de entrega pelo estudante Saki Nacosoma. O Reitor Ivo Barbieri foi encontrar-se com Nelson Mandela no Hotel Copacabana Palace, levando o Livro de Tombo de Ocorrências Históricas da UERJ, para que o homenageado pudesse assiná-lo. 1 ago. 1991 [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.

A UERJ iniciou o século XXI, afirmando o seu pioneirismo nacional na introdução de reserva de vagas. Em 2000, a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) aprovou a Lei nº 3.524/2000, que introduziu modificações nos critérios de acesso às universidades estaduais fluminenses e reservou 50% das vagas para estudantes egressos de escolas públicas. Em 2001, a Alerj aprovou a Lei nº 3.708/2001, que destinava 40% de vagas para candidatos autodeclarados negros e pardos. A nova legislação mobilizou intensamente a sociedade em geral, assim como a comunidade uerjiana. Vários debates foram realizados no *campus*, que reverberavam um debate público na imprensa. As cotas, de cunho social e racial, foram implantadas imediatamente. Os inúmeros estudos realiza-

dos, nessas quase duas décadas, demonstram o sucesso da medida, tanto pelos excelentes resultados acadêmicos dos estudantes cotistas, como pela pluralização e diversificação dos ingressantes nos vários cursos, estimulando um melhor ambiente universitário. Um aspecto levantado, a partir da legislação, referiu-se à necessidade de uma política de permanência para que esses estudantes conseguissem se manter na universidade. Na ocasião, foi colocado como uma das formas necessárias para garantir essa permanência projetos de reforço em português, matemática e informática e a possibilidade de dar um auxílio alimentação e transporte. Com a ampliação do sistema de reserva de vagas pela Lei 5.346/2008, os estudantes passaram a ter direitos, tais como Bolsa Permanência durante todo

o curso universitário, aquisição de material didático e Passe Livre Universitário para estudantes no município do Rio de Janeiro. Além desses direitos, o Programa de Iniciação Acadêmica – PROINICIAR consolidou-se com a oferta de atividades de apoio e complementação acadêmica, através do PROINICIAR Pedagógico, que contribuem para o desenvolvimento profissional e pessoal do estudante, além de auxiliar na integração e na qualificação acadêmicas dos estudantes. Atualmente, a legislação está balizada pela Lei nº 8.121, de 27 de setembro de 2018, que prorroga a reserva, por mais 10 anos, para as universidades públicas estaduais, com a inclusão de quilombolas e estabelece os percentuais em 20% das vagas reservadas a negros, indígenas e alunos oriundos de comunidades quilombolas, 20% das vagas reservadas a alunos oriundos de ensino médio da rede pública, seja municipal, estadual ou federal e 5% das vagas reservadas a estudantes com deficiência, e filhos de policiais civis e militares, bombeiros militares e inspetores de segurança e administração penitenciária, mortos ou incapacitados em razão de serviço. Fica também mantido o regime de autodeclaração nas inscrições e matrículas para exames vestibulares e de admissão para estudantes negros e indígenas.

Estruturada no seu campus central – Maracanã – e em alguns campi externos, a UERJ mantém a perspectiva de aprofundar o processo de interiorização e expansão em direção às várias regiões do estado do Rio de Janeiro. Nesse sentido, como parte de seu compromisso de capilarização e interiorização do Ensino Superior, especialmente no que concerne a formação de educadores, a UERJ participou da concepção, elaboração, implementação e desenvolvimento de três cursos de licenciatura a distância, em modo semipresencial. Esta ação se desenvolveu pela participação da UERJ no Consórcio do Centro de Educação Superior do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ/Fundação CECIERJ) e no

Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). O CEDERJ foi criado em 1999/2000 e dele fazem parte outras cinco universidades públicas do estado do Rio - UFF, UFRJ, UFRRJ, UniRio e Uenf – e o CEFET/RJ. O Brasil ainda não tinha uma grande tradição nessa modalidade de Educação. Poucas instituições a ofereciam e o consórcio Cederj foi um dos pioneiros. A UAB foi criada em 2005 pelo governo federal, com o objetivo de ampliar a oferta de cursos de nível superior pelas universidades públicas brasileiras. A UERJ ingressou no sistema em 2003, com o oferecimento do curso de Licenciatura em Pedagogia. A seguir, Licenciatura em Ciências Biológicas, em 2006, e Licenciatura em Geografia, em 2013. Hoje em dia, tais cursos estão espalhados em 19 polos pelo estado do Rio.

A UERJ iniciou o século XXI, afirmando o seu pioneirismo nacional na introdução da reserva de vagas.

Nessa mesma direção, a Universidade criou cursos em Teresópolis e Petrópolis. Em **2008**, a UERJ estabeleceu um convênio com a Prefeitura de **Teresópolis** para a criação do curso de Turismo, vinculado ao Instituto de Geografia (IGEOP). A prefeitura, reconhecendo a vocação serrana para o turismo, cedeu espaço para a sua instalação. As atividades iniciaram-se em 2009, com o curso de graduação em turismo acrescido, posteriormente,

de uma pós-graduação lato sensu em Desenvolvimento Territorial. Em **2013**, a UERJ subiu a serra outra vez, na perspectiva de comprar a Casa do Barão do Rio Branco, em **Petrópolis**, com o intuito de transformá-la na Faculdade de Arquitetura. O Curso de Arquitetura e Urbanismo iniciou-se em 2016, na serra, e é vinculado à Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI).

A Universidade acompanhou de perto os debates, propostas e ações no sentido de repensar a formação de professores e integrou os programas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Governo Federal, para essa área. Nesse contexto, foi elaborado o projeto Saber Escolar e Formação Docente na Educação Básica, que buscou desenvolver ações direcionadas para a formação inicial e continuada de professores, por meio do diálogo e da integração entre a universidade e escolas públicas da educação bási-

ca de municípios do Rio de Janeiro. O projeto, ainda vigente, integra o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da **CAPES**, tendo sido iniciado no ano de **2011**. Objetiva promover atividades envolvendo coordenadores, supervisores e alunos bolsistas, direcionadas tanto para a vivência quanto para a problematização, e cuidadosa intervenção, na cultura e no saber escolar, de modo a complementar a formação de licenciandos de diversas áreas do conhecimento nas bases do diálogo e da troca entre professores e estudantes da Educação Básica e a universidade. Começou com 13 subprojetos e ampliou, em 2014, para 23 subprojetos, recebendo 409 bolsas concedidas pela CAPES.

Após vários anos de reivindicações e pedidos dos alunos, em setembro de 2009 o projeto de um “bandejão” finalmente começava a sair do papel. Após dois anos de obras, em **2011** a UERJ passou a ter um **Restaurante Universitário**.



Bandejão, circa 2019, s/autor.

Fonte: MID/Rede Sirius.

Certamente, também ocorreram problemas. Em **2007**, a UERJ sofreu com um **incêndio** que atingiu sete pavimentos de um dos dois prédios da UERJ-Maracanã. Parte da documentação acadêmica e administrativa se perdeu. O incêndio não só afetou a comunidade da UERJ, mas a população, visto que o Centro de Operações do Proderj funcionava no local e foi destruído pelas chamas, impossibilitando o acesso ao banco de dados do estado. Serviços importantes como o Cadastro Estadual de Veículos Roubados e Furtados, a Dívida Ativa e até o Renavam ficaram fora do ar.

Em inúmeras ocasiões, os movimentos sociais internos expressaram suas insatisfações quanto às condições de trabalho. O ano de 2006 foi um desses em que alunos, servidores e professores realizaram greve por reajuste salarial, após cinco anos sem aumento, recursos para obras nos prédios da universidade, mais bolsa de estudos para alunos e a criação do restaurante universitário (*O Globo*, 2006 – n° 26.539, p. 14). Lutavam, também, contra o corte de 25% no orçamento da universidade, que deixou a UERJ em uma situação de vulnerabilidade financeira, com dívidas com a Light,

por exemplo, falta de insumos básicos para os trabalhos universitários e questões graves na manutenção do espaço físico da universidade (*O Globo*, 2006 – n° 26.546, p. 26). Os servidores do HUPE aderiram à greve, fazendo com que o hospital enfrentasse falta de medicamento e alimento (*O Globo*, 2006 – n° 26.574, p. 25). Como consequência dessa situação, houve a suspensão temporária do vestibular de 2007. O contexto da crise da UERJ afetou não só a comunidade acadêmica, mas também o comércio do entorno do campus Maracanã, que sofreu com a perda de clientes. A greve durou três meses e foi encerrada após a aprovação de um plano de cargos e salários.

Os professores voltaram a paralisar, em 2012. Entre as reivindicações, estavam reajuste imediato de 22%, criação de um plano de recomposição dos salários e a implementação do regime de dedicação exclusiva. A greve durou mais de três meses e só foi encerrada quando da apresentação do Projeto de Lei 1.728/2012, que tinha como objetivo estruturar o regime de dedicação exclusiva.



Transmissão do cargo de reitor entre Ricardo Veralves de Castro (2012-2015) e Ruy Garcia Marques (2016-2019) no Palácio Guanabara. 12/01/2016.

Fonte: Acervo da Reitoria. Fotógrafo: Raul Moreira.



Sessão do Conselho Universitário (CONSUN). 15/01/2016.

Fonte: Acervo da Reitoria. Fotografia: Nádia Maria Mathias de Andrade.



Reunião do Fórum de Diretores da UERJ. 20/03/2016.

Fonte: Acervo da Reitoria. Fotografia: Nádia Maria Mathias de Andrade.



Audiência na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ) sobre o orçamento da UERJ.

27/09/2017.

Fonte: Acervo da Reitoria. Fotógrafa: Nádia Maria Mathias de Andrade.

De 2015 a 2017, a UERJ enfrentou uma das piores crises de sua história. Com a crise fiscal do estado, a Universidade teve dificuldade para pagamentos de serviços de manutenção, boa parte dos quais de responsabilidade de empresas terceirizadas. Essa situação afetou não apenas os serviços básicos interno, mas também as possibilidades de atendimento à comunidade. Por exemplo, a Faculdade de Odontologia interrompeu os serviços das sete Clínicas Odontológicas de Ensino (COE) (2015), e o Hospital Universitário Pedro Ernesto teve que dar alta para pacientes internados que não corriam risco de vida (2016). A ausência de limpeza e manutenção parou os serviços em várias unidades da UERJ. Em consequência, estudantes ocuparam a universidade, no final de 2015, impedindo a retomada das aulas. Reivindicavam o pagamento das bolsas permanências, monitoria, iniciação científica e iniciação à docência, já que os alunos não recebiam desde outubro, e também a regularização dos repasses

às empresas terceirizadas e o pagamento aos seus funcionários. Em 2016, professores decidiram entrar em greve, pela regularização dos salários, pagamento das bolsas, reajuste salarial e destinação de 6% do orçamento estadual para as universidades. O ano de 2017 se iniciou com o não pagamento de salários e com o calendário acadêmico paralisado, sem data para retornar às aulas, além do possível fechamento do bandeirão e o não pagamento de bolsas. Outro desdobramento ocorrido pelo descaso do governo, com a constante prorrogação do calendário acadêmico, foram os inúmeros pedidos de transferências de aluno e a queda nas inscrições para o vestibular.

A forte crise pela qual a UERJ passou foi prejudicial para toda a comunidade acadêmica, afetando também diversos trabalhadores, mas a mobilização dos alunos, professores e funcionários, aliada a uma forte solidariedade da comunidade acadêmica brasileira e da sociedade, foi muito importante no processo de resistência.



Coletiva de Imprensa com o reitor Ruy Garcia Marques, 10 abr. 2017.

Fonte: Acervo da Reitoria. Foto: Nádia Maria Mathias de Andrade.



Ato de solidariedade da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES) à UERJ, 21 fev. 2017.

Fonte: Acervo da Reitoria. Foto: Nádia Maria Mathias de Andrade.



Reunião da Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais na UERJ, 2017.

Fonte: Acervo da Reitoria. Foto: Nádia Maria Mathias de Andrade.



Audiência Pública da Comissão de Educação da ALERJ na UERJ, 13 abr. 2016.

Fonte: Acervo da Reitoria. Foto: Nádia Maria Mathias de Andrade.

O ano de 2018 começou com uma boa expectativa, pela aprovação, na Assembleia Legislativa do estado do Rio de Janeiro, da emenda que daria autonomia financeira à UERJ e a outras universidades estaduais, pela ALERJ. A PEC 47/2017 garantiu o repasse mensal das verbas para as universidades estaduais na forma de duodécimo. Essa era uma antiga reivindicação da comunidade universitária, pela perspectiva de gerir com autonomia as verbas destinadas à Universidade.

A par disso, os salários foram regularizados da mesma forma que o pagamento dos serviços de manutenção. Um importante ajuste foi realizado no calendário dos estudantes de graduação, possibilitando o ingresso imediato de novos alunos, no primeiro semestre de 2018. A procura pelos cursos de graduação, que sofreu nos anos anteriores, voltou aos patamares anteriores à crise.



Acordo de Cooperação Internacional com a Universidade de Pequim, 27 maio 2018.

Fonte: Acervo da Reitoria. Foto: Nádia Maria Mathias de Andrade.



Recepção aos alunos estrangeiros pela Diretoria de Cooperação Internacional, 26 mar. 2019.

Fonte: Acervo da Reitoria. Foto: Nádia Maria Mathias de Andrade.



Evento após a assinatura do Termo de Compromisso entre a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) e a UERJ para a participação da Universidade na Cátedra Sérgio Vieira de Mello.

Fonte: Acervo da Reitoria. Foto: Nádia Maria Mathias de Andrade.

O enfrentamento da crise, sob o lema “A Uerj resiste”, constituiu uma bandeira, entre lutas, convicções e perseveranças. Uma mirada de longo prazo permite apreender uma Universidade pujante, que

se tornou referência nos campos do ensino, da pesquisa e da extensão. A Universidade segue o seu curso, renovada e revigorada, na perspectiva dos novos desafios a enfrentar.



Em 2017, em resposta a uma grave crise política e financeira, a hashtag “uerjresiste” se popularizou, tornando-se um lema da universidade. Aqui, ela aparece em uma projeção, associada ao nome de Marielle Franco, vereadora assassinada em 2018 por defender os Direitos Humanos. No mesmo ano, a Concha Acústica foi rebatizada, em sua homenagem [s/autoria].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Evento após a assinatura do Termo de Compromisso entre a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) e a UERJ para a participação da Universidade na Cátedra Sérgio Vieira de Mello.

Fonte: Acervo da Reitoria. Foto: Nádía Maria Mathias de Andrade.



Entrega da Medalha José Bonifácio aos ex-reitores da UERJ. Da esquerda para a direita: Ivo Barbieri (ex-reitor 1988-1991), Mário Sérgio Alves Carneiro (Diretor Centro Biomédico), Nilcéa Freire (ex-reitora 2000-2003), Lincoln Tavares da Silva (Diretor do Centro de Educação e Humanidades), Domenico Mandarino (Diretor do Centro de Ciências Sociais), Luís Antônio Campinho Pereira da Mota (Diretor do Centro de Tecnologia e Ciências), Ruy Garcia Marques (reitor 2016-2019), Nival Nunes de Almeida (ex-reitor 2004-2007), Maria Georgina Muniz Washington (vice-reitora 2016-2019), Egberto Gaspar de Moura (sub-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa), Tânia Maria de Castro Carvalho Netto (sub-reitora de Graduação), Antônio Celso Pereira (ex-reitor 1996-1999), Elaine Ferreira Torres (sub-reitora de Extensão e Cultura).

Fonte: Acervo da Reitoria. Foto: Nádya Maria Mathias de Andrade.



Lançamento oficial da Agenda 2030 na UERJ. 2019.

Fonte: Acervo da Reitoria. Foto: Nádia Maria Mathias de Andrade.

70
anos
UERJ
1950 | 2020

CAPÍTULO 2

2

Capítulo 2

Institutos, Faculdades e Unidades da UERJ

Os institutos, faculdades e unidades que integram a UERJ estão agrupados em quatro centros setoriais, os quais agregam áreas de conhecimento afins. Fruto das mudanças ocasionadas pela reforma universitária promovida pelo governo federal em 1968, foram previstos no Estatuto da Universidade do Estado da Guanabara, de 9 de dezembro de 1969, e instituídos pela Resolução n.º 382, de fevereiro de 1971, que promulgou o Regimento Geral da UEG. As faculdades e institutos então existentes vieram a ser agrupados nos quatro centros: o Centro de Ciências Sociais (CCS), o Centro de Tecnologia e Ciências (CTC),

o Centro de Educação e Humanidades (CEH) e o Centro Biomédico (CBI).

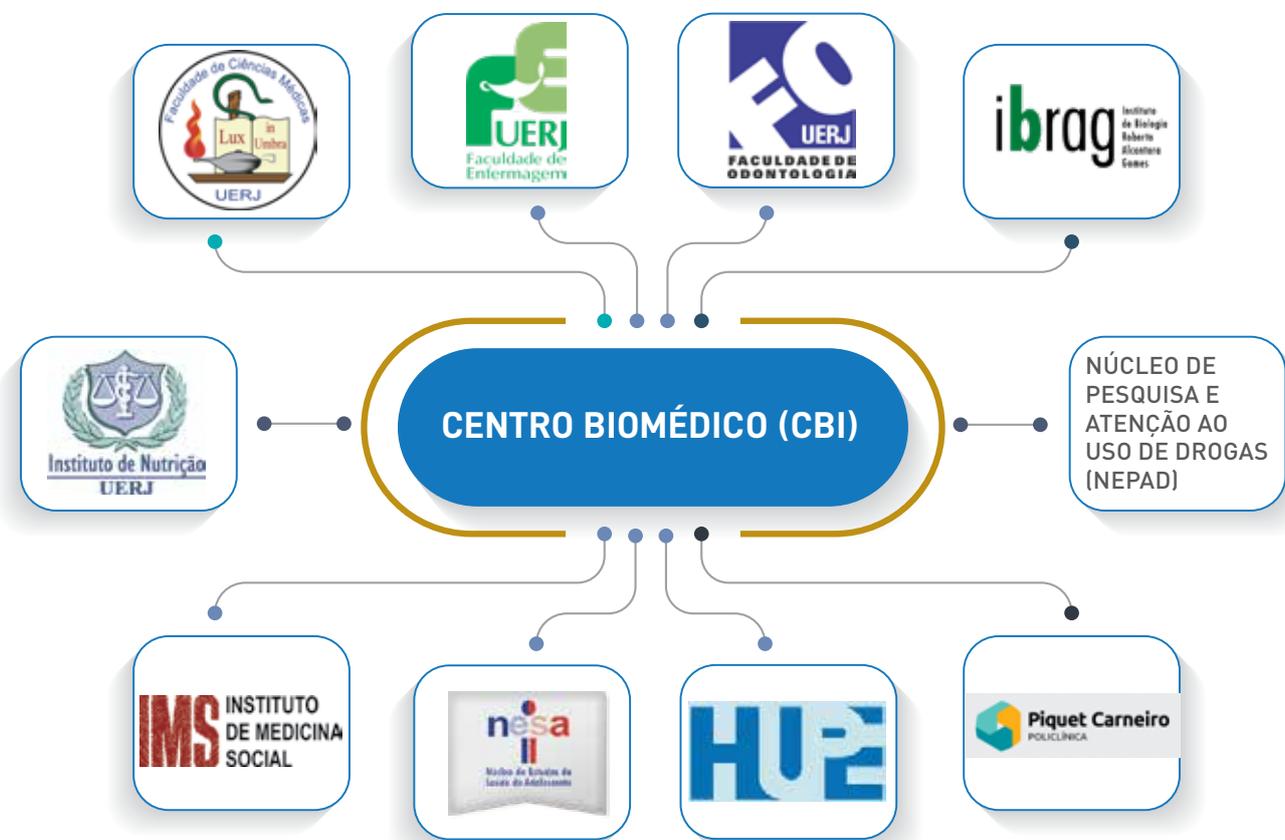
Neste capítulo, são apresentadas a composição atual dos quatro centros por meio da caracterização sucinta de cada uma de suas faculdades, institutos e unidades hospitalares. Indica-se breve histórico de cada unidade e as principais ações efetivadas no âmbito do ensino da graduação, da pós-graduação e dos projetos de pesquisa e de natureza extensionista. Espera-se, assim, situar a diversidade e relevância de cada um dos espaços que, em conjunto, viabilizam e dimensionam a relevância dos serviços públicos que a UERJ agrega e oferece para as comunidades.



11.º andar. Sede do Instituto de Letras, Kleber Pereira de Souza, 2019.

Foto: Acervo ILE/UERJ.

CENTRO BIOMÉDICO (CBI)



Faculdade de Ciências Médicas

Fundada em 1936, a Faculdade de Ciências Médicas atraiu um número crescente de alunos ao longo da década de 1940, o que levou à construção de um edifício-sede em São Cristóvão, que, em 1950, foi incorporado à Universidade do Distrito Federal – posteriormente, Universidade do Estado da Guanabara (UEG), atual UERJ. Em 1962, por meio da influência de Piquet Carneiro, então Diretor da FCM, o Hospital Pedro Ernesto, em Vila Isabel, foi incorporado como Hospital de Clínicas da UEG. A participação política dos alunos, intensa neste momento, levou à transferência da sede da faculdade para perto do hospital. Ainda nos anos 1960, Piquet Carneiro passou a advogar pela integração docente assistencial e o atendimento humanizado, uma das práticas defendidas pela FCM até hoje. Nos anos 1980, o Internato Rural no norte fluminense (posteriormente, em Resende) articulou a FCM ao INAMPS, descentralizando a gestão e gerando serviços e recursos nos municípios, experiência que inspiraria a constituição do Sistema Único de Saúde (SUS).



Inauguração do Laboratório de Multimídia para aulas de anatomia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), Rio de Janeiro, 18 nov. 1998. Foto:

Antônio Batalha.

Fonte: MID/Rede Sirius.

Este histórico de inovações e liderança acompanha a FCM desde então. Em sintonia com movimentos da UERJ como um todo, desenvolveu cursos de pós-graduação que atraem um número crescente de profissionais. A estreita parceria com o HUPE também pode ser considerada como um diferencial na formação médica. A FCM segue sintonizada com as inovações no ramo da educação médica na contemporaneidade.



Internato rural na cidade de Itacoara, R., 1991, [s/autor]. Fonte: MID/Rede Sirius.

Fonte: MID/Rede Sirius.



Coletiva do III Congresso Brasileiro de Prevenção do Câncer no mezanino da estação de metrô Carioca. Foto: Márcia Soares. 18 de agosto de 1998.

Fonte: Acervo CBI.



Recepção aos calouros da Faculdade de Ciências Médicas, dc. 2010, [s/autor].

Fonte: Acervo FCM.

Faculdade de Odontologia

Em 1963, representantes de associações de classe e professores de odontologia – entre eles, Orlando Chevitarese, Mario Franco Barrozo e Wladimir de Souza Pereira – uniram esforços para a criação de uma Faculdade de Odontologia na Universidade do Estado da Guanabara (UEG, atual UERJ). Após tramitação na Assembleia Legislativa da Guanabara, foi autorizada a criação da faculdade. Com a anuência do Conselho Universitário, em 1968 ocorreu sua instalação, alocada no Centro Médico, sendo que seus primeiros professores vinham da Faculdade de Medicina e do Instituto de Biologia. Em 1969, alguns laboratórios foram provisoriamente instalados em um pavilhão no Boulevard 28 de Setembro, enquanto terminavam as obras do edifício que ainda hoje abriga a faculdade, no mesmo logradouro. Em 1971, o recém-concluído edifício foi nomeado em homenagem ao professor Paulo de Carvalho, primeiro diretor da Faculdade, iniciando-se ali as atividades práticas, com ajuda dos alunos concluintes da primeira turma. Em 1988, foi inaugurado o Pavilhão Mario Franco Barroso, no mesmo endereço do Pavilhão Paulo de Carvalho, com a instalação do Projeto Antares, voltado à prevenção e tratamento de doenças bucais. Em 2011, o pavilhão

foi reformado, oferecendo mais espaço para setores administrativos, além de um auditório e salas de aula. Desde sua criação, a faculdade abriu seus laboratórios e centros de tratamento à população e criou condições para a inserção de alunos e professores em unidades comunitárias ou pertencentes à rede pública hospitalar, possibilitando a união entre atividades de pesquisa ligadas ao programa de pós-graduação lato e stricto sensu à vocação extensionista do curso.



Em 1975, alunos do Ginásio Estadual Paulo de Brito visitam a Faculdade de Odontologia, presenciando um tratamento endodôntico, realizado sob orientação do Professor Antônio Rothier [s/ autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Inauguração do Laboratório de Apoio e Pesquisa Odontológica em 29 abr. 1985 [s/ autor]

Fonte: MID/Rede Sirius.



Laboratório de Odontologia [s/ autor]

Fonte: MID/Rede Sirius.



Laboratório de Odontologia [s/ autor]

Fonte: MID/Rede Sirius.

Instituto de Medicina Social

O Instituto de Medicina Social da UERJ foi criado no fim dos anos 1960 por um grupo de professores da Faculdade de Ciências Médicas que percebeu a necessidade de aprofundar e sistematizar reflexões sobre a área de Saúde, em diálogo com questões sociais. Em 1974, foi criado o programa de pós-graduação, com o título de Medicina Social, sendo renomeado para Saúde Coletiva em 1987. O doutorado em Saúde Coletiva iniciou-se em 1991. Desde a década de 1970, vários cursos de especia-

lização já foram ministrados nas áreas de Administração Hospitalar, Medicina do Trabalho, Ensino e Saúde, Gênero e Sexualidade e Gestão em Saúde. A grande diversidade temática das pesquisas desenvolvidas no IMS valoriza o caráter interdisciplinar na abordagem de problemas contemporâneos na perspectiva da interdisciplinaridade. Assim são tratadas as questões relacionadas a direitos reprodutivos, determinantes sociais e ambientais da saúde e da doença, violências e seus efeitos, doenças emergentes e negligenciadas, envelhecimento, medicalização, reforma psiquiátrica, saúde global, impacto social e subjetivo de novos diagnósticos e tecnologias de saúde, integralidade nos cuidados, avaliação do complexo médico-industrial, modelagens complexas para compreensão de processos saúde-doença, uso de grandes bancos de dados em saúde, entre outros.



Instituto de Medicina Social inaugura Pós-Graduação. Presentes à mesa, o reitor Oscar Tenório, discursando, o professor Wilson Choeri e o professor José Manuel Pereira, entre outros, 5 jun. 1974, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Prêmio Carlos Gentile de Mello. José Noronha entrega prêmio a Hésio Cordeiro, 1997, [s/autor].

Fonte: Acervo IMS.



Professora Jane Sayd é homenageada no Seminário Estratégico do IMS, 2019, [s/autor].

Fonte: Acervo IMS.

Hospital Universitário Pedro Ernesto

O Hospital Central de Vila Isabel, parte do complexo hospitalar do Distrito Federal concebido pelo prefeito Pedro Ernesto (1931-1936), só ficaria pronto em 1950, alguns anos após a gestão de seu idealizador, sendo renomeado em sua homenagem. Em 1962, tornou-se Hospital de Clínicas da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara (UEG), atual UERJ. Até 1975, privilegiava o ensino e a pesquisa, com estudo de raridades clínicas, tornando-se, a partir de então, um hospital de atendimento geral, adequando-se às necessidades

da população. No mesmo ano, foi inaugurada a Enfermaria de Adolescentes Prof. Aloysio Amâncio, primeira do gênero no Brasil a oferecer atendimento especializado ao adolescente, tornando-se referência. O investimento em ensino e pesquisa contribuiu para a melhoria da assistência, permitindo ao Hospital realizar, entre outras atividades, transplante de rins e coração. Nos anos 1980, criou a primeira Clínica de Dor do Rio de Janeiro, desenvolvendo e aplicando técnicas de combate a dores crônicas. Também foi concebida a Clínica de Hipertensão do Laboratório de Fisiopatologia Clínica e Experimental, para atender a hipertensos, obesos, diabéticos e dislipidêmicos. Em 1998, tornou-se o primeiro hospital geral e universitário do Estado a obter o título de “Hospital Amigo da Criança”, conferido pela UNICEF e pela OMS pelo incentivo ao aleitamento materno. Em junho de 2006, foi criado o Núcleo Perinatal, hoje referência em gravidez de alto risco no estado do Rio de Janeiro. Atualmente, o Hospital segue se atualizando por meio dos projetos desenvolvidos por seus profissionais.



Atendimento clínico geral oferecido à comunidade no HUPE, [s/autor, s/data].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Centro de Tratamento Intensivo de Cardiologia do HUPE, 1994, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



O HUPE recebe o título de Hospital Amigo da Criança, selo internacional de qualidade instituído pela Organização Mundial da Saúde (OMS), 21 jul. 1999. A partir da esquerda: o diretor do HUPE, Doutor Francisco Barbosa Neto (segurando a placa), o reitor Antonio Celso Alves Pereira, a vice-reitora Nilcéa Freire e a vice-governadora do Estado do Rio de Janeiro, Benedita da Silva. Foto: Antônio Batalha.

Fonte: MID/Rede Sirius.

Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA)

O Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA) é responsável pela atenção integral à saúde de adolescentes entre 12 e 20 anos. Iniciado em 1974, com a criação da antiga Unidade Clínica dos Adolescentes (UCA) pela Faculdade de Ciências Médicas, estava voltado apenas aos pacientes internados no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE). Contudo, o projeto cresceu a ponto de alcançar a posição de Núcleo a partir de 1995. O NESA atua a partir de três níveis de atenção: primário, voltado à prevenção de doenças nas populações mais vulneráveis, promovendo o protagonismo de adolescentes e jovens nas questões de saúde de suas comunidades; secundário, cujo objetivo é o diagnóstico, tratamento e reabilitação dos principais problemas de saúde dos adolescentes; terciário, desenvolvido pela Enfermaria Professor Aloysio Amâncio da Silva, direcionado à internação hospitalar de adolescentes com quadros clínicos e cirúrgicos que necessitem investigação diagnóstica e tratamento com recursos tecnológicos mais complexos. Destacam-se, entre seus ambulatórios, o ELOSS – Espaço Livre de Orientação em Sexualidade e Saúde e o PROSS – Programa de Orientação em Sexualidade, Prevenção de DST e Distribuição de Preservativos. Possui também um programa de incentivo à leitura, em conjunto com o Instituto de Letras da UERJ, e oferece suporte multidisciplinar às famílias dos pacientes internados. Além de sua vocação claramente extensionista, o NESA funciona como campo de estágio e prática para alunos de graduação e pós-Graduação.



Programa de Assistência e Prevenção à Gravidez na Adolescência, dc. 1990, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Serviço odontológico oferecido pelo NESAs, 1999.

Foto: Antônio Batalha.

Fonte: MID/Rede Sirius.



Serviço de oftalmologia oferecido pelo NESAs, 1999. Foto: Antônio Batalha.

Fonte: MID/Rede Sirius.

Faculdade de Enfermagem

A origem da Faculdade de Enfermagem da UERJ remonta à criação da Escola de Enfermeiras da Prefeitura do Distrito Federal, em 16 de fevereiro de 1944. Após quatro anos, iniciaram-se suas atividades, com a alteração do nome para Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, tendo como idealizadora Zaíra Cintra Vidal. A escola teve uma sede no bairro do Caju entre 1944 a 1952, mudando-se neste ano para o Rio Comprido, onde permaneceu até 1971. Nesse meio tempo, seria incorporada pela Universidade do Estado da Guanabara, após quatro tentativas por parte de suas diretoras, sendo a última conquistada por Nalva Pereira Caldas, em 1961, e efetivada em 1963. De acordo com as normas da universidade, a faculdade precisaria ser dirigida por um professor catedrático médico. A professora Nalva Caldas teve papel central no movimento em prol da ocupação da direção por professoras enfermeiras, o que veio acontecer em 1971, sendo indicada para o cargo Nilza de Medeiros. Neste ano, foi ocupado o edifício do Boulevard 28 de Setembro, que ainda hoje abriga as Faculdades de Enfermagem e Odontologia. Na década de 1980, instituiu-se o Programa de Residência em enfermagem do HUPE; em 1998, foi criado o Centro de Memória Nalva Pereira Caldas; em 1999, implantou-se o curso de mestrado acadêmico e, em 2010, o de doutorado. Na atualidade, a FEN foi pioneira na abertura da Clínica de Enfermagem em Estomatologia na Policlínica Piquet Carneiro, referência de ensino nesta área. A vocação extensionista colocou a faculdade em posição de distinção no âmbito da Universidade. Destaca-se ainda a atuação dos professores na manutenção e criação das entidades de classe, como o Conselho de Enfermagem.



Fotomontagem com as três sedes da Faculdade de Enfermagem, incluindo a atual, à direita, [s/autor, s/data].

Fonte: Centro de Memória Nalva Pereira Caldas.



Fotografia das estudantes durante aula prática no Laboratório de Enfermagem, [s/autor, s/data].

Fonte: Centro de Memória Nalva Pereira Caldas.



Enfermeiras formadas pela Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, 1951, [s/autor].

Fonte: Centro de Memória Nalva Pereira Caldas.



Fotografia da segunda sede, Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, [s/autor, s/data].

Fonte: MID/Rede Sirius.

Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes

O Instituto de Biologia da UERJ foi criado por meio da Resolução 427 do Conselho Universitário, em sessão de 12 de dezembro de 1968, e teve sua origem no desmembramento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que abrigava o Departamento de História Natural. O curso de História Natural congregava as cátedras da chamada Área Biológica, como Biologia Geral, Botânica e Zoologia. Em 20 de dezembro de 1976, o Curso de Ciências Biológicas, que pertencia à Faculdade de Ciências Médicas, foi transferido para o Instituto de Biologia, com a unificação das áreas Biológica, do antigo Curso de História Natural, e Biomédica, da Faculdade de Ciências Médicas. A primeira direção foi composta pelo Prof. Roberto Alcântara Gomes, como Diretor, e pelo Prof. Mauro Velho de Castro Faria, como Vice-diretor, na estrutura que integrou as áreas biológica e biomédica. O novo Instituto de Biologia foi resultado de um projeto visionário do Prof. Roberto que, 20 anos mais tarde, em 1996, teve seu nome incluído na denominação da Unida-

de. Ele também criou o I Curso de Especialização em Biociências Nucleares, em 1975, embrião do Curso de Pós-Graduação em Biologia com área de concentração em Biociências Nucleares, o primeiro da UERJ a ser credenciado como curso de excelência pela CAPES. Atualmente, o IBRAG possui sete Programas de Pós-graduação stricto sensu com Mestrado Acadêmico ou Profissional e Doutorado, além de um Curso de Especialização em Ensino de Ciências. O instituto está dividido em 13 departamentos, com mais de 70 laboratórios distribuídos nos prédios do Campus Maracanã e do Campus Biomédico I, respectivamente no Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha e no Pavilhão Américo Piquet Carneiro, além do HUPE. Em 2018, a Unidade comemorou os 50 anos de sua criação¹.



Laboratório de Anatomia Humana, 1974. Foto: Carlos Alberto Mandarim de Lacerda, na época monitor da disciplina e, hoje, Professor Titular do Departamento de Anatomia.

Fonte: IBRAG.



Prof. Rubens da Silva Santos – DBAV. Linha de pesquisa com fósseis e estudos ictiológicos, [s/autor, s/data].]

Fonte: IBRAG.



Biologia Marinha – Laboratório de Genética Marinha (LGMAR). Foto: Gisele Lobo Hajdu, [s/data].]

Fonte: Acervo IBRAG.

Instituto de Nutrição

O Instituto de Nutrição da UERJ tem suas origens no Instituto de Nutrição Annes Dias, órgão criado em 1956, subordinado à Secretaria Geral de Educação e Cultura, cuja atribuição à época era coordenar tecnicamente o Programa de Alimentação Escolar. Em 1975, ano em que a Universidade do Estado da Guanabara (UEG) se converteu em Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ),

1

<http://www.ibrag.uerj.br/index.php/eventos/387-50-anos-de-criacao-do-instituto-de-biologia.html>

o curso de graduação do INAD passou a compor o Departamento de Nutrição da Faculdade de Enfermagem da UERJ, desenvolvendo atividades práticas no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE). Em 1984, foi criado o Instituto de Nutrição da UERJ, com autonomia acadêmica, didático-científica e administrativa e, em 1986, passou a ocupar parte do 12º andar no Pavilhão João Lyra Filho, no campus Maracanã. Atualmente, esse Instituto integra o Centro Biomédico e é formado pelos Departamentos de Nutrição Básica e Experimental (DNBE), de Nutrição Aplicada (DNA) e de Nutrição Social (DNS). Desde 2008, coordena também o Departamento de Alimentação e Nutrição da Policlínica Piquet Carneiro. A graduação em Nutrição oferece oportunidades de realização de estágios e Internatos em quatro áreas de conhecimento: Nutrição Clínica, Alimentação Coletiva, Ciência dos Alimentos e Saúde Coletiva. O Instituto oferece cursos de pós-graduação lato sensu, tais como Especialização e Residência em Nutrição Clínica, que acontece no HUPE. Em 2008, foi o iniciado o Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Alimentação, Nutrição e Saúde com mestrado e doutorado. O Instituto de Nutrição também possui núcleos de estudos com o objetivo de integrar atividades de ensino, pesquisa e extensão em diferentes áreas de conhecimento.



Laboratório Interdisciplinar de Avaliação Nutricional, [s/autor].

Fonte: Acervo Instituto de Nutrição.



Laboratório de Tecnologia de Alimentos, 1999, [s/autor].

Fonte: Acervo Instituto de Nutrição.



Laboratório de Técnica Dietética, 1990, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Feira Agroecológica da UERJ, 2016, [s/autor].

Fonte: Acervo Instituto de Nutrição.

Policlínica Piquet Carneiro

A Policlínica Piquet Carneiro tem sua trajetória iniciada em 1967, quando foi inaugurado o Posto de Assistência Médica São Francisco Xavier, vinculado ao Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Em 1995, numa parceria entre o Ministério da Saúde e a UERJ, o ambulatório – considerado, naquele momento, o maior da América Latina – foi convertido em um laboratório de desenvolvimento, formulação e avaliação de modelos para fortalecer o Sistema Único de Saúde (SUS). O objetivo era favorecer a desospitalização, fortalecendo práticas preventivas e resolutivas. Ao ser incorporado à UERJ, o posto foi renomeado em homenagem ao médico e professor Américo Piquet Carneiro, criador e fundador do Centro Biomédico e da Universidade Aberta da Terceira Idade (UNATI) da UERJ.



Serviço de Odontopediatria na Policlínica Piquet Carneiro, dc. 2010, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.

Núcleo de Pesquisa e Atenção ao Uso de Drogas (NEPAD)

Em 1985, foi criado o Centro de Prevenção ao Uso Indevido de Drogas – Centro Rio de Janeiro (CRJ), a partir da demanda do Conselho Estadual de Entorpecentes (CONEN-RJ). No ano seguinte, o Centro seria renomeado, assumindo a denominação atual, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso das Drogas (NEPAD). Responsável pela renovação da abordagem ao usuário de drogas na década de 1980, o NEPAD passou a mobilizar práticas psicodinâmicas no lugar da abstenção. Em 1995, foi credenciado pelo Ministério da Saúde como Centro de Referência Nacional para prevenção do abuso de drogas, doenças transmissíveis e Aids. Em 1999, foi reconhecido pela Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD) como o Centro de Referência no campo das Toxicomanias. Em 2019, o NEPAD está expandindo seu âmbito de atuação, passando a oferecer tratamento para o tabagismo. Localizado no edifício Pedro Ernesto, em São Cristóvão, dispõe de consultórios para atendimento psicoterápico gratuito e sigiloso aos usuários de drogas, além de promover atividades como oficinas de música, cine-debates e grupos de reflexão.



O teatro na campanha de combate às drogas, dc. 1990. Foto: Adriana Pereira.

Fonte: MID/Rede Sirius.

CENTRO DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS (CTC)



Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI)

A Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) foi criada em dezembro de 1962, tendo sido a primeira da América Latina a ter um curso completo de desenho industrial. As instalações da escola, no Centro do Rio de Janeiro, foram inauguradas pelo governador Carlos Lacerda e as aulas tiveram início no segundo semestre de 1963. Inicialmente, a Escola era uma instituição isolada, vinculada à Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Guanabara, tendo sido incorporada à UEG (depois UERJ) na década de 1970.

Em meados de 1950, pensou-se em formar uma Escola Técnica de Criação, o que inspirou a ideia de estabelecer um curso superior de Design. A Escola Técnica deveria funcionar no chamado Bloco Escola do Museu de Arte Moderna do Rio (MAM). O currículo original foi baseado naquele da Escola Superior da Configuração de Ulm, na Alemanha, pois os primeiros professores da ESDI formaram-se parcial ou integralmente naquela instituição. A Escola Técnica do MAM não foi levada adiante, de modo que a ESDI foi criada já no local onde hoje se encontra. Apesar disso, a relação com o MAM permaneceu, visto que dois dos primeiros diretores da ESDI, o arquiteto Maurício Roberto e a engenheira Carmen Portinho, também foram diretores do MAM. O MAM abrigou ainda o Instituto de Desenho Industrial (IDI), que era composto, basicamente, por professores e alunos da ESDI. Foi o instituto que realizou no museu as Bienais Internacionais de Desenho Industrial, de 1968 a 1974, com a participação muito expressiva da ESDI.

Para além das atividades da graduação, em 2005, a ESDI estabeleceu o mestrado e, em 2012, o doutorado. Em 2016, foi a vez da instalação em Petrópolis do curso de Arquitetura e Urbanismo.

O currículo do curso de Desenho Industrial foi reformulado em 2017, ampliando seus eixos de formação para além dos tradicionais Projeto de Produto e Programação Visual e incluindo o eixo de Design de Serviços e Design de Interação.

A ESDI conta com uma Incubadora de Empresas, alguns laboratórios de pesquisa, como o Laboratório de Biomimética e o Laboratório de Prototipagem, e oficinas, como a Oficina Gráfica e a Oficina de Materiais. Há também salas informatizadas, como a sala Revolutti e o LabINFO.



Governador Carlos Lacerda inaugura ESDI, [s/ autor, s/data].

Fonte: Acervo da ESDI.



Prédio da ESDI no início de seu funcionamento, [s/ autor, s/ data].

Fonte: Acervo da ESDI.

Faculdade de Engenharia (FEN)

A Faculdade de Engenharia (FEN) foi criada em 4 de abril de 1961, por meio de resolução produzida pelo Conselho Universitário e assinada pelo então Reitor Haroldo Lisboa da Cunha, tendo sido uma das primeiras Unidades Acadêmicas da UEG. Inicialmente, a Faculdade de Engenharia estava totalmente instalada na Rua Fonseca Teles, 121, em São Cristóvão, abrangendo os cursos de Engenharia Civil, Mecânica e Elétrica, tendo depois

sido transferida para o campus Maracanã. Atualmente a FEN está instalada no quinto andar do Pavilhão Reitor João Lyra Filho, ocupando todo o andar e ainda uma parte do quarto andar, além de continuar a usar instalações da Rua Fonseca Teles, oferecendo cursos de graduação em seis grandes áreas: Ambiental, Cartografia, Civil, Elétrica, Mecânica e Produção. As áreas Civil e Elétrica possuem ramificações, chamadas de ênfases. Assim, na área Civil, há as seguintes ênfases: Construção Civil, Estruturas e Fundações, Sanitária, Transportes.

Já na área Elétrica, há Eletricidade Industrial, Sistemas de Potência, Sistemas e Computação, Sistemas Eletrônicos, Telecomunicações. Para a realização desses cursos, a FEN conta com diversos laboratórios, desde laboratórios computacionais para simulação até laboratórios de grande porte para que se possa realizar ensaios em geral.

A FEN ainda conta com uma Incubadora de empresas, a Phoenix, sediada em São Cristóvão, uma Empresa Júnior, a HIDROS, em atividade há mais de 20 anos, e diversas outras equipes de alunos envolvidas em atividades. O Ramo Estudantil do IEEE participa de diversas competições nas áreas de Robótica e em Maratonas de Programação.

Em termos de pós-graduação, a FEN tem cursos de mestrado e doutorado acadêmicos em Engenharia Civil e em Engenharia Mecânica, Mestrado profissional e Doutorado Acadêmico, na área Ambiental, e Mestrado em Eletrônica, além de diversos outros cursos de especialização nas áreas de Mecânica, Produção e Meio Ambiente. Em termos de Meio Ambiente, há o CESA – Curso de Especialização em Engenharia Sanitária e Ambiental, o mais antigo do país, datado de 1973, considerado um dos mais conceituados do cenário nacional.



Nomes dos formandos da primeira turma de Engenharia exibidos no corredor da faculdade, 2019.

Foto: Jorge Duarte Pires Valerio.

Fonte: Acervo Pessoal do Fotógrafo.

Faculdade de Geologia (FGEL)

O curso de graduação em Geologia foi criado no ano de 1976 e iniciou suas atividades acadêmicas em 1977, tendo sido plenamente reconhecido pelo Ministério de Educação e Cultura em 1983. O curso foi incorporado ao Departamento de Geologia e Geofísica pertencente ao Instituto de Geociências, onde permaneceu até 1995, quando então foi criada a Faculdade de Geologia (FGEL). A FGEL é constituída de quatro departamentos: Geologia Regional e Geotectônica; Estratigrafia e Paleontologia; Mineralogia e Petrologia Ígnea; e Geologia Aplicada. Em 1992, teve início o curso de especialização em Análise de Bacias e, em 1995, foi criado o Programa de Pós-Graduação em Análises de Bacias e Faixas Móveis, com a implantação dos cursos de mestrado e doutorado, respectivamente, em 1996 e 2001. Com a reformulação aprovada em 2018, passou-se a chamar Programa de Pós-Graduação em Geociências. A FGEL possui vários laboratórios de ensino e pesquisa, com um amplo acervo de equipamentos e tecnologias, realizando análises, preparações e estudos, que dão suporte às pesquisas científicas, atividades da graduação, pós-graduação e de extensão, além das parcerias corporativas.



Alunos em trabalho de campo em Búzios, 2016.
Foto: Luiz Guilherme Eirado.

Fonte: Acervo Pessoal do Fotógrafo.



Alunos do curso de Geologia e de Arqueologia no Museu de História Natural de Taubaté, 2018. Foto: Hermínio Ismael de Araújo Júnior.

Fonte: Acervo Pessoal do Fotógrafo.



Turma em trabalho de campo, 2014. Foto: Luiz Guilherme Eirado.

Fonte: Acervo Pessoal do Fotógrafo.



Turma de Geologia de 1988. Foto: Ivan Dias.

Fonte: Acervo Pessoal do Fotógrafo.

A missão do curso de Geologia é desenvolver excelência nas atividades de ensino, pesquisa e extensão nas diferentes áreas de ação da geologia, geofísica e geociências, com objetivo de aprofundar o conhecimento sobre a terra e formar geólogos com um compromisso ético com a sociedade e o ambiente natural.

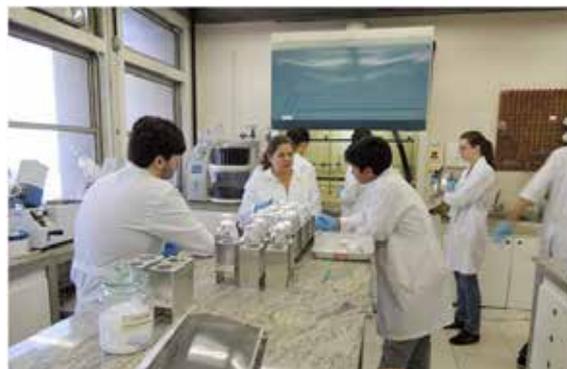
Faculdade de Oceanografia (FAOC)

A Faculdade de Oceanografia (FAOC) passou a funcionar em 1977, ano em que recebeu seus primeiros alunos. Inicialmente, a FAOC foi criada como um departamento, mas, no ano de 2007, constituiu-se enquanto unidade acadêmica. O curso de Oceanografia é interdisciplinar, pois sua base é formada pela relação com diferentes áreas como Física, Química, Geologia, Biologia, entre outras. De forma geral, é uma ciência que se divide em quatro áreas: Oceanografia Biológica, Oceanografia Física e Meteorologia, Oceanografia Geológica e Oceanografia Química. Atualmente, a FAOC, além do curso referente à graduação, possui o programa de pós-graduação nos níveis de mestrado e doutorado, ambos aprovados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), nos anos de 2007 e 2014, respectivamente. O referido programa contempla duas linhas de pesquisa: Processos Oceanográficos na Interface Continente-Oceano e Dinâmica, Ciclicidade e Modelagem de Processos Marinhos. A Faculdade de Oceanografia da UERJ foi uma das primeiras a ser instituídas no país. A missão da FAOC é a formação de oceanógrafos e a produção de conhecimento técnico científico que atenda à sociedade em informação tecnológica e cultural referente às pesquisas marinhas.



Laboratório do curso de Oceanografia, [s/autor, s/data].

Fonte: Acervo da Faculdade de Oceanografia.



Laboratório do curso de Oceanografia, [s/autor, s/data].

Fonte: Acervo da Faculdade de Oceanografia.



Comemoração 40 anos do curso de Oceanografia. Capela Ecumênica da UERJ, 27 out. 2017. Foto: Nádia Maria Mathias de Andrade.

Fonte: Acervo Reitoria.

Faculdade de Tecnologia

A Faculdade de Tecnologia está localizada no sul do estado do Rio de Janeiro, em Resende, e foi instalada em seu campus original em 1993. Instituída desde o princípio como uma das unidades acadêmicas da UERJ e derivada da experiência do Internato Rural, a FAT correspondeu diretamente, por meio da oferta de cursos e capacitação de profissionais, a necessidade industrial existente na região Sul Fluminense e no país como um todo. Os cursos oferecidos foram escolhidos em diálogo com as comunidades locais, associações comerciais, de indústria e com a prefeitura. No ano 2000, a UERJ recebeu por parte da empresa Kodak do Brasil a doação de uma área maior para construção de um novo campus da FAT, no interior do Polo Industrial de Resende. Dessa forma, a Faculdade de Tecnologia passou a funcionar nessa nova localização a partir de 2007. A unidade é dotada de laboratórios distintos que correspondem às demandas dos cursos oferecidos, Engenharia de Produção, Engenharia Mecânica e Engenharia Química e composta pelos departamentos de Engenharia de Produção

(DENP), de Mecânica e Energia (DME), de Matemática, Física e Computação (DMFC) e de Química e Ambiental (DEQA). A Faculdade de Tecnologia também possui um programa de pós-graduação lato sensu destinado às especializações em Engenharia de Produção com Ênfase em Gestão Industrial, Engenharia da Qualidade, Logística e Gerenciamento da Cadeia de Suprimentos e Gestão de Projetos da Engenharia de Produção.

Instituto de Física Armando Dias Tavares (IFADT)

O curso de Física foi instalado em 1951 na então recém-inaugurada Universidade do Distrito Federal, embora sua regulamentação inicial tenha se dado por decreto presidencial em dezembro de 1944, quando ainda pertencia ao antigo Instituto La-Fayette. O curso havia sido incorporado à UDF nos quadros da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e, apenas com a extinção dessa, é que o Instituto de Física foi criado tendo sido regularizado por legislação própria da UERJ em 1980.



Campus da Faculdade de Tecnologia, em Resende, [s/autor, s/data].

Fonte: MID/Rede Sirius.

Sua primeira reformulação se deu em 1991 com o objetivo de fazer o ensino e a pesquisa caminharem lado a lado e de modernizar o currículo. Outras reformas ocorreram em 2001 e 2004, de modo a atender a Lei de Diretrizes e Base da Educação de 1996, em 2006, para se inserir no Programa de Formação de Professores para a Educação Básica da UERJ, em 2011. Em 1997 e 2005, respectivamente, foram criados os cursos de mestrado e doutorado em Física. Atualmente, o Instituto se divide nos Departamentos de Física Teórica (DFT), Física Aplicada e Termodinâmica (DFAT), Eletrônica Quântica (DEQ) e Física Nuclear e Altas Energias (DFNAE).



Laboratório de Eletricidade, [s/autor, s/data].

Fonte: Acervo do Instituto de Física (IFADT).

O Instituto de Física busca formar um profissional com forte embasamento teórico, ético, justo e com visão humana e social, apto a construir novos conhecimentos, enfrentando desafios e adaptando-se em outras áreas de sua formação (multi ou interdisciplinar), sendo capaz de dominar novas tecnologias de informação e comunicação, tanto para seu desenvolvimento pessoal quanto profissional. Nessa trajetória de mais de 60 anos, o Instituto de Física não só ampliou sua atuação inicial de formador de professores do Ensino Médio como também consolidou a pesquisa, oferecendo duas modalidades – Bacharelado e Licenciatura.



Laboratório de Eletricidade, [s/autor, s/data].

Fonte: Acervo do Instituto de Física (IFADT).

Instituto de Geografia (IGEOP)

O reconhecimento oficial da graduação em Geografia ocorreu no ano de 1944, ainda sob a administração do Instituto La-Fayette, cuja Faculdade de Filosofia abrangia o curso na área de Ciências. Após a incorporação da Faculdade à UDF, a atual UERJ, o curso passou a compor a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que, ao ser extinta, deu origem a novos institutos, entre os quais o Instituto de Geociências, ao qual passou a pertencer o recém-criado Departamento de Geografia. Até 1955, os cursos de Geografia e História eram ligados, de modo que, a partir da separação de ambos, o currículo do curso de Geografia passou progressivamente a se afastar da História e das Ciências Sociais e a se voltar para áreas como a Geologia e a Oceanografia. O IGEOP é constituído atualmente pelos departamentos de Geografia Física, Geografia Humana e Turismo, com cursos de graduação, e pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO-UERJ) que oferece cursos de mestrado e doutorado, com conceito 5 pela avaliação da CAPES. Criado em 2002, o PPGEO está estruturado a partir de duas linhas de pesquisa: Globalização, políticas públicas e reestruturação territorial e Cultura e natureza, constituídas a partir de vários grupos

de pesquisa. Os resultados de suas atividades têm intensificado o processo de internacionalização do instituto demonstrado pelos acordos de cooperação e relações de trabalho e pesquisa com várias instituições, como: Universidade de Roma Tor Vergata (Itália), Universidade de Coimbra e Universidade de Lisboa (Portugal), Universidade de Valência e Universidade de Barcelona (Espanha), Universidade de Leipzig (Alemanha), com a Costa Rica (Universidade Nacional da Costa Rica), Universidade Nacional de Mar Del Plata (Argentina), Royal Holloway University of London e da University of Nottingham (Inglaterra), e com o governo Angola.

Instituto de Matemática e Estatística (IME)

O Instituto de Matemática e Estatística (IME) tem sua origem na Faculdade de Filosofia do Instituto La-Fayette, assim como outras inúmeras unidades da UERJ. Até 1966, ano em que o IME foi oficialmente instituído, este passou por muitas mudanças. Em 1950, desligou-se da sua respectiva entidade fundadora e foi incorporado à UDF. O IME já havia iniciado suas atividades em 1968, no prédio da Faculdade de Engenharia da Rua Fonseca Teles, mas em 1970 foi transferido novamente, e passou a funcionar no Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha, tendo sido, por fim, integrado ao recém-construído Pavilhão João Lyra Filho. Atualmente, o Instituto oferece Licenciatura e Bacharelado em Matemática, Bacharelado em Ciência da Computação, em Estatística e em Ciências Atuariais. Para isso, o IME se divide em seis Departamentos: de Análise Matemática, de Estruturas Matemáticas, de Geometria e Representação Gráfica, de Informática e Ciências da Computação, de Estatística e de Matemática Aplicada. O Instituto possui ainda um Programa de Pós-Graduação em Ciências Computacionais, com

níveis de mestrado e doutorado, uma Especialização em Aprendizagem em Matemática e um MBA em Tecnologia da Informação, Gestão de Negócios e Projetos.



Laboratório de Avaliação, Tecnologia Social e Inovação do Instituto de Matemática e Estatística (IME), [s/autoria, s/data].

Fonte: Acervo do Instituto de Matemática e Estatística (IME).



Laboratório de Estudos em Gestão da Inovação do Instituto de Matemática e Estatística (IME), [s/autor, s/data].

Fonte: Acervo do Instituto de Matemática e Estatística (IME).

Instituto Politécnico (IPRJ)

Criado em 1990, o Instituto Politécnico do Rio de Janeiro, localizado em Nova Friburgo, funcionava como um órgão da Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro. Três anos depois, foi oficialmente integrado à UERJ, tendo passado, em 1997, a ser um campus regional. O Instituto é formado por três departamentos, instituídos em 2002: Modelagem Computacional (DMC), Engenharia Mecânica e Energia (DEMEC) e Materiais (DEMAT). O IPRJ oferece dois cursos de graduação na área de Engenharia: Mecânica, iniciado em 1999, e de Computação, iniciado em 2008. O ano de 2002 marca a fundação da Empresa

Junior – Serra Jr. Engenharia –, cujos projetos estabelecem uma relação entre a comunidade acadêmica e a comunidade externa. O Instituto oferece também os cursos de mestrado e doutorado acadêmicos em Modelagem Computacional, iniciados em 1995 e 2002, respectivamente, sendo o primeiro do país na área, e o curso de mestrado acadêmico em Ciência e Tecnologia de Materiais, recomendado pela CAPES em 2006. A modelagem computacional é uma área do conhecimento que trata da aplicação de modelos matemáticos e soluções numéricas à análise, compreensão e estudo da fenomenologia de problemas complexos em áreas tão abrangentes quanto as Engenharias,



Prédio antigo do Instituto Politécnico, [s/autor, s/data].

Fonte: Acervo do Instituto Politécnico (IPRJ).



Prédio atual do Instituto Politécnico, [s/autor, s/data].

Acervo do Instituto Politécnico (IPRJ).



Ecoponto no Instituto Politécnico, [s/autor, s/data].

Acervo do Instituto Politécnico (IPRJ).

Ciências Exatas, Ciências Biológicas e Ciências Humanas. O Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia de Materiais (PPG-CTM) tem como objetivo a formação de recursos humanos que permita viabilizar a modernização e a sustentabilidade, a longo prazo, dos setores metal-mecânico e têxtil-confecções, e também do setor cimenteiro da região centro-norte fluminense, com a inserção da pesquisa científica e tecnológica na região, voltada às suas necessidades.

Instituto de Química (IQ)

O ano de 1971 marcou o início das atividades do Instituto de Química (IQ), no Pavilhão Reitor Haroldo Lisboa da Cunha, após a criação do Instituto, em 1969. Com origem no antigo Instituto La-Fayette, desde a fundação da UDF até o final da década de 1960, o curso era parte da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e tinha suas atividades desenvolvidas em prédio na Rua do Bispo desde 1957. Em 1971, o curso de Química oferecia Bacharelado e Licenciatura em Química e Química Industrial e, em 1972, em Engenharia

Química. Mais tarde, o curso de Química Industrial foi extinto.

O IQ oferece atualmente os cursos de Licenciatura em Química e Engenharia Química, possuindo os seguintes Departamentos: Química Geral e Inorgânica, Química Orgânica, Química Analítica, Físico-Química, Tecnologia dos Processos Bioquímicos, Processos Químicos e Operações e Projetos Industriais. O programa de pós-graduação divide-se em duas modalidades: *stricto sensu* – mestrado e doutorado, nas áreas de Engenharia Química e Química, além de doutorado em Meio Ambiente, e *lato sensu* – especializações referentes a polímeros e Química Ambiental. O Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química iniciou suas atividades em agosto de 2004, e o Programa de Pós-Graduação em Química teve a formação de sua primeira turma no mesmo ano. Um dos objetivos do Instituto é formar profissionais capacitados para atuar nas áreas de ensino, de pesquisa e industrial, por meio dos cursos oferecidos de graduação e pós-graduação.

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (CCS)



Faculdade de Direito (DIR)

A Faculdade de Direito do Rio de Janeiro foi criada no ano de 1935. Foi uma das instituições fundadoras da UDF, passando a se chamar Faculdade de Direito da Universidade do Distrito Federal. Em sintonia com as mudanças pelas quais a UDF passou – 1958 (Universidade do Rio de Janeiro), 1961 (Universidade do Estado da Guanabara) e 1975 (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) –, neste último ano, foi designada como Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (DIR).

Inicialmente instalada nas dependências da Associação Cristã dos Moços (Rua Araújo Porto Alegre, 26, Esplanada do Castelo), ocupou sede própria em 1943, quando foi transferida para o Casarão do Catete (Rua do Catete, 243), de onde saiu em 1976, localizando-se no 7º andar do Pavilhão João Lyra Filho, Campus Universitário Francisco Negrão de Lima, no bairro do Maracanã.

O curso de graduação em Direito é um dos mais bem avaliados pelo MEC, sendo referência de formação no Rio de Janeiro e no Brasil. O Programa de Pós-Graduação em Direito (PPGD-UERJ) foi criado em 1991 e hoje conta com cursos de mestrado e doutorado, organizados em dez linhas de pesquisa separadas em duas áreas de concentração – Pensamento Jurídico e Relações Sociais e Cidadania, Estado e Globalização.

Na DIR, são também oferecidos Cursos de Extensão e Especialização por meio do Centro de Estudos e Pesquisas no Ensino do Direito (CEPED), criado em 1966. Na área de pesquisa e extensão destaca-se, atualmente, a publicação de nove revistas acadêmicas, a atuação de vários grupos e núcleos de pesquisa e o funcionamento do Escritório Modelo, criado em 1978, que, além de ser oficina de prática jurídica, presta assistência advocatícia à comunidade externa. Por ocasião da comemoração dos oitenta anos de existência da Faculdade de Direito, em 2015, foi instituído projeto direcionado para preservação e publicização da memória institucional.



Casarão do Catete – Antiga sede da Faculdade de Direito da Universidade do Estado da Guanabara (UEG), à Rua do Catete, 243, década de 1970, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Reunião de Criação da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro - 1935 [s/ autor]

Fonte: Acervo Projeto Direito UERJ 80.



Biblioteca Roberto Lyra no Catete anos 60 - Biblioteca Roberto Lyra, da Faculdade de Direito da Universidade do Estado da Guanabara (UEG), à Rua do Catete, 243, década de 1960, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



**Seminário 30 anos de Constituição e a Crise do Estado Social 2018, no Salão Nobre da FDIR - 2018.
Autor: Marcos Maia.**

Fonte: Acervo Comunicação Direito UERJ.

Faculdade de Administração e Finanças (FAF)

A Faculdade de Administração e Finanças da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FAF) foi criada no ano de 1965. Oferece cursos de graduação, pós-graduação e extensão com o objetivo de formar administradores(as) e contadores(as). Desde 2006, adotou-se na FAF novo projeto pedagógico que visa atender melhor às demandas do mercado, levando em consideração o diferencial necessário para o maior destaque profissional dos cursos de graduação em Administração e em Ciências Contábeis.

Além da graduação, a FAF oferece cursos de pós-graduação, em nível de mestrado, acadêmico e profissional, e MBA/Especialização, e conta com diversos projetos de extensão.

O Núcleo de Pós-Graduação da Faculdade de Administração e Finanças (NPG) começou a ser constituído na década de 1970, com a incorporação do Mestrado em Ciências Contábeis da Fundação Getúlio Vargas (FGV), expandindo-se nas décadas subsequentes, ao serem criados os MBA's e especializações em Planejamento e Finanças, Gestão Empresarial, Logística, Controladoria Societária e Pública e Inovação na Gestão Pública. O NPG oferece também variados cursos de extensão de curta e média duração com o intuito de atender a diversas demandas profissionais.

Na FAF, desenvolvem-se dez projetos de extensão, destacando-se: a Iniciativa Empresa Júnior, associação sem fins lucrativos que visa à aplicação dos conhecimentos aprendidos nos cursos de graduação da FAF por meio da prestação de consultoria ao público nas áreas de Administração e Contabilidade; e também o Laboratório de Gestão e Tecnologia Social, voltado para a transferência de tecnologia social produzida no meio acadêmi-

co, em colaboração com a Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI) da UERJ, com a Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro e com o Fórum Municipal de Economia Solidária do Rio de Janeiro.

Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

A Faculdade de Ciências Econômicas do Rio de Janeiro foi criada em outubro de 1930, sendo uma das mais tradicionais e respeitadas instituições de ensino superior do Rio de Janeiro e do país. Foi incorporada, em 1950, à Universidade do Distrito Federal, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCE) está localizada no oitavo andar do Pavilhão João Lyra Filho do Campus Francisco Negrão de Lima, no Maracanã. A primeira sede da FCE foi um sobrado na Rua Uruguaiana, 114.

O curso de graduação em Ciências Econômicas objetiva formar profissionais competentes para atuar nas esferas pública e privada. O Programa de Pós-Graduação (PPGCE) foi iniciado em 2003, com a criação do mestrado em Ciências Econômicas, direcionado para as áreas de Comércio Internacional, Políticas Públicas e Economia Agrícola. Em 2014, foi ampliado, a partir da criação do doutorado em Economia.

Atualmente, o PPGCE possui duas áreas de concentração – Economia Política e Economia Aplicada. Destaca-se, ainda, a existência de grupos e núcleos de pesquisas vinculados ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): Estudos em Equilíbrio Geral Aplicado, Finanças Quantitativas e Análise de Risco, Laboratório de Análises Regionais e Urbanas, Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Direito da Cidade, Política Agrícola e Comércio Internacional,



Formatura de alunos de graduação da Faculdade de Ciências Econômicas, 2019 [s/ autor].

Fonte: Acervo FCE.



Inauguração da placa prof. Carlos Patrício Samanez, que rebatiza a RAV da Faculdade de Ciências Econômicas, 2019.

Fonte: Acervo FCE.

Políticas Públicas e Território, Regulação e Valoração Econômica Ambiental e Sistema Financeiro, Macroeconomia Aberta e Mercosul.

Entre as ações de caráter extensionista, destaca-se a Economus Consultoria Júnior, empresa júnior de Economia, Relações Internacionais, Estatística e Ciências Atuárias da UERJ. Criada em 2001, desenvolve projetos de consultoria a baixo custo, por meio da coordenação de docentes e da participação de graduandos. Em 2016, iniciaram-se as atividades da Liga de Mercado Financeiro UERJ, associação sem fins lucrativos que tem como principal objetivo abordar a educação financeira.

Faculdade de Serviço Social (FSS)

A Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FSS) passou por diversas transformações institucionais ao longo de sua história. Criada em maio de 1944 como Escola Técnica de Assistência Social Cecy Dodsworth, tornou-se, em 1949, o Instituto de Serviço Social. O reconhecimento como unidade de ensino superior ocorreu em 1958, quando veio a ser designada como Faculdade de Serviço Social. Em 1963, foi incorporada à Universidade do Estado da Guanabara, hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A FSS, inicialmente, esteve localizada no bairro de São Cristóvão, na Rua Fonseca Telles, tendo sido transferida na década de 1970 para o Campus Francisco Negrão de Lima, no Maracanã, onde permanece até os dias de hoje, no oitavo andar do Pavilhão João Lyra Filho. A FSS oferece cursos de graduação e de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado), valorizando a

articulação entre ensino, pesquisa e extensão, com foco no diálogo com a comunidade.

O Programa de Pós-Graduação em Serviço Social foi criado em 1999 e hoje conta com programas de mestrado e doutorado que realizam pesquisas em três linhas: Trabalho, Relações Sociais e Serviço Social; Questão Social, Políticas Públicas e Serviço Social; e Identidades, Cultura, Políticas Públicas e Serviço Social. Destaca-se também a publicação da Revista Em Pauta, bem como os grupos e núcleos de pesquisa vinculados à FSS, como o Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (NEPS), o Observatório do Trabalho no Brasil, o Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisa em Serviço Social (NEEPSS) e o Programa de Educação Tutorial de Serviço Social (PET). Na FSS, há cerca de 25 anos, o Centro de Documentação e Memória (CEDOM) busca preservar a memória e as produções científicas da graduação e da pós-graduação.



Comemoração de 43 anos da Faculdade de Serviço Social, 1987. Na mesa, estão os professores Maria Esolina (uma das fundadoras do curso de Serviço Social) e o professor Wilson Macedo, que era o Diretor da FSS.

Fonte: CEDOM - Centro de Documentação e Memória da FSS.



Comemoração dos 70 anos da FSS, quando foram homenageados diretores e chefes de secretaria, 2014.

Fonte: CEDOM - Centro de Documentação e Memória da FSS.



Comemoração dos 75 anos da FSS, 2019.

Fonte: CEDOM - Centro de Documentação e Memória da FSS.

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Distrito Federal, embrião central do atual Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IFCH), foi criada em 1939 com o nome de Faculdade de Filosofia do Instituto La-Fayette, uma das quatro instituições de ensino superior que se fundiram para formar a universidade no ano de 1950. A atual denominação do IFCH/UERJ data de 30 de janeiro de 1987 quando, após muitos agrupamentos e desmembramentos, os cursos de História, Ciências Sociais e Filosofia vieram a integrar o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Atualmente, o IFCH conta com quatro cursos de graduação (Arqueologia, Filosofia, História e Relações Internacionais), três programas de pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado em Filosofia, História e Relações Internacionais), além cursos de pós-graduação lato sensu, Filosofia Moderna e Contemporânea; Relações Internacionais, História Antiga e História Medieval.

O IFCH desenvolve vários projetos de extensão, e possui diversos grupos e núcleos de pesquisa associados aos cursos de graduação – História, Arqueologia, Filosofia e Relações Internacionais – e de pós-graduação. As principais publicações do IFCH são: a Revista Ensaios Filosóficos, a Revista Maracanan, a Revista Eletrônica Intellectus e a Eks-tasis: Revista de Hemenêutica e Fenomenologia.



Congresso Internacional Centenário da República. 1989. Na mesa estão a professora Tania Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira, o cartunista Paulo Caruzo e o carnavalesco Joaozinho Trinta.

Fonte: MIDJ/Rede Sirius. Autor: João Vitalino.



Mesa de Abertura do VII Encontro Nacional de História da ANPUH. 1996. Na mesa estão as professoras Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves e Lená Medeiros de Menezes, o reitor Antônio Celso Alves Pereira e o professor Antonio Carlos Marques dos Santos.

Fonte: MID/ Rede Sirius.



Seminário Cem Anos de Canudos. 1997. Na mesa estão professores Ivo Barbieri, Cléia Schiavo Weinrauch, Maria Terezinha Nóbrega da Silva, General Dentino Morgado e professora Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros.

Fonte: MIDJ/Rede Sirius. Autor: Roberto Cuíca.

Instituto de Ciências Sociais (ICS)

O Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ICS) foi criado em 2014, sendo um dos mais recentes institutos da universidade. Originado do Departamento de Ciências Sociais, anteriormente vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, é atualmente responsável pelo curso de graduação em Ciências Sociais (Licenciatura e/ou Bacharelado), criado em 1953; pelo curso de Especialização em Sociologia Urbana, criado em 1982; e pela pós-graduação em Ciências Sociais, criada em 1994.

O Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) oferece programas de mestrado e doutorado em nove linhas de pesquisa: Arte, Imagem e Cultura; Cidade, Poder e Resistências; Cultura, Subjetividade e Emoção; Família, Gênero e Gerações; Intelectuais, Educação e Política; Religiões, Sociabilidades e Formas de Expressão Cultural; Violência,

Cidadania e Políticas Públicas; Estado, Política e Representação; e Teoria Social.

O ICS possui também vários grupos e núcleos de pesquisa, além do desenvolvimento de projetos de extensão, entre os quais: Laboratório de Pesquisa e Extensão em Ensino das Ciências Sociais na Educação Básica – LaECS; Núcleo de Estudos em Desigualdades Contemporâneas e Relações de Gênero – NUDERG; Cidadania e Imagem, Núcleo de Estudos Quantitativos – QUANTIDADOS; Site Ilha Grande Humanidades, Laboratório de Análise da Violência – LAV; Cadernos de Antropologia e Imagem; CIDADES - Núcleo de Pesquisa Urbana, Antropologia Visual: Formação de Acervo. Destaca-se também a publicação de revistas acadêmicas, nas quais se divulga a produção acadêmica de alunos e professores do instituto e da comunidade acadêmica externa, entre elas: Interseções, Intratextos e os Cadernos de Antropologia e Imagem.



Evento comemorativo da criação do Instituto de Ciências Sociais, com a presença dos professores, 2015.

Fonte: Acervo do ICS.



Evento inaugural das atividades letivas do Instituto de Ciências Sociais, 2017.

Fonte: Acervo ICS.

Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP)

O Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP) foi criado em 2010 como sucessor do antigo IUPERJ, sendo uma das mais reconhecidas instituições de pós-graduação e pesquisa em Ciência Política e Sociologia da América Latina. O primeiro curso de doutorado em Ciência Política do Brasil foi criado em fins da década de 1960 no IUPERJ. O prédio do IESP localiza-se no bairro de Botafogo, na Rua de Matriz, 82.

A pós-graduação em Ciência Política foi criada em 1969 e possui três linhas de pesquisa: Instituições e Comportamento Político; Relações Internacionais e Política Comparada; Teoria Política e Pensamento Político Brasileiro. Já a pós-graduação em

Sociologia data de 1973, contando com quatro frentes de estudos: Desigualdades, Mobilidade Social e Trabalho; Sociologia Política; Sociologia Urbana; e Teoria Social.

Além dos cursos de extensão e dos diversos grupos e núcleos de pesquisa, o Instituto de Estudos Sociais e Políticos também é o responsável pela publicação da Revista Dados. Editada desde 1966, é uma das produções mais longevas no campo das Ciências Sociais. Além disso, destacam-se, ainda, a publicação da Coleção de Livros IESP-EDUERJ e dos Cadernos de Estudos Sociais e Políticos.



IESP. Prédio da Rua da Matriz.

Fonte: Acervo do Instituto de Estudos Sociais e Políticos.



Seminário no IESP.

Fonte: Acervo IESP.

CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES (CEH)



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

A Faculdade de Comunicação Social (FCS) remonta sua origem a 1971, quando foi criado o curso de Relações Públicas, vinculado ao Instituto de Psicologia e Comunicação Social. Em 1983, foi criado o curso de Comunicação Social e também ocorreu o desmembramento do antigo Instituto, surgindo a Faculdade de Comunicação Social. Sua implementação ocorreu em 1986, mesmo ano em que se criou a habilitação em jornalismo. Seus laboratórios e grupos de pesquisa começaram a ser criados na década de 1980. Na década de 1990, foram criados dois cursos de pós-graduação lato-sensu e a revista Logos. Nas duas primeiras décadas do século XXI, foram criados os cursos de mestrado (2001) e doutorado (2012).



Recepção de ingressos em 2019.1. LCI, 2019, [s/autor].

Fonte: Acervo FCS/UERJ.

Atualmente, a FCS possui dois cursos de graduação, quatro cursos de especialização lato sensu, um mestrado e um doutorado em Comunicação Social. Atende cerca de 650 alunos oriundos da cidade do Rio de Janeiro. O curso de jornalismo é o terceiro mais procurado no vestibular da UERJ. Desenvolve projetos de pesquisa e extensão associados aos Laboratórios e Grupos de Pesquisa agregadores de professores da Faculdade.



Laboratório de Editoração Eletrônica, LED/FCS, 2019, [s/autor].

Fonte: Acervo FCS/UERJ.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A Faculdade de Educação (EDU) tem sua origem associada à então Faculdade de Filosofia do Instituto La-Fayette, criada em 1939. Naquela instituição, em 1941, foram criados os cursos de Pedagogia e de Didática. Em 1950, essa instituição privada foi incorporada à recém criada Universidade do Distrito Federal. Em 1968, a antiga faculdade de filosofia passou a ser a Faculdade de Filosofia e Educação, sendo desmembrada três anos depois, em 1971, passando a constituir a Faculdade de Educação da então Universidade do Estado da Guanabara. Ao longo do tempo, a EDU mantém um compromisso com a promoção de currículos atualizados e contextualizados, e com a reflexão e proposição de política e propostas educacionais contemporâneas, progressistas, transformadoras e democráticas.

Hoje, a EDU oferece o curso de Pedagogia nas modalidades presencial e semipresencial, por meio do consórcio CEDERJ, com polos em 13 municípios do estado do Rio de Janeiro. É responsável também pelo módulo pedagógico dos cursos de licenciatura oferecidos no campus do Maracanã e das licenciaturas a distância em XX municípios. O curso de Licenciatura em Pedagogia habilita o formado para o exercício da docência na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental para crianças, jovens e adultos; nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal; de Educação Profissional, na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos, compreendendo a participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, assim como nas instituições e nos Movimentos Sociais. Oferece ainda cursos de especialização lato sensu e o Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd).



Ateliê de História da Educação, Washington Dener, 2019.
Fonte: Acervo pessoal de Washington Dener.



Aula na sala temática do Departamento de Estudos da Infância, Washington Dener, 2019.

Fonte: Acervo pessoal de Washington Dener.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAIXADA

A Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) tem sua origem no curso de formação de professores do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira (IEGRS), sediado no município de Duque de Caxias. Em 1962, iniciaram-se as atividades do IEGRS. Em 1965, foi criado o Curso de Formação de Professores para o Ensino Normal (CFPEN). Dois anos depois, foi criada a Faculdade de Educação do IEGRS. Em 1970, o curso foi transformado em Curso de Pedagogia, destinado à formação de especialistas para as atividades de Orientação, Administração, Supervisão e Inspeção Escolar. Seus diplomas eram cancelados pela UFF. Entre 1975 e 1981, este curso desvinculou-se da UFF, passando ao cargo da Secretaria de Estado de Educação. Em 1982, o curso foi incorporado à UERJ, vinculado à Faculdade de Educação. Seis anos depois, em 1988, foi criada a Faculdade de Educação da Baixada, ainda utilizando as dependências do IEGRS. Em 1998, por meio de acordos

firmados entre o Governo do Estado do Rio de Janeiro e a Prefeitura de Duque de Caxias, a FEBF foi transferida para o CIEP-090. A partir desse estabelecimento, foi possível a ampliação do número de cursos oferecidos e o desenvolvimento de projetos referenciais para a formação de professores na Baixada Fluminense.

Atualmente, a FEBF oferece três cursos de licenciatura (Geografia, Matemática e Pedagogia), dois cursos de pós-graduação *latu sensu* e o mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas. Atende 956 de alunos especialmente da Baixada Fluminense. É uma unidade que destaca seu compromisso com a interiorização da Universidade, enfatizando o ensino público de qualidade e socialmente referenciado, centrado na escola pública e fundamentalmente na formação de professores.



Campus da FEBF, [s/ autor]
Fonte: Acervo FEBF/UERJ.



Mural lateral do Campus FEBF, Rodrigo Maisalto DABF e Lu Brasil, mar. 2019. [s/ autor]

Fonte: Acervo FEBF/UERJ.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A Faculdade de Formação de Professores (FFP) tem origem no Centro de Treinamento de Professores do Estado do Rio de Janeiro (CETRERJ), criado em 1971. Seu objetivo era atualizar e aperfeiçoar os professores da rede estadual de ensino e previa a criação de uma faculdade de formação de professores. Suas atividades foram iniciadas em setembro de 1973, com a abertura de vestibular para os cursos de licenciatura curta em Letras, Ciências e Estudos Sociais. Nessa década e nas seguintes, os cursos de licenciatura curta foram transformados em habilitações plena: curso de Letras com as habilitações Português/Literaturas e Português/Inglês (1978); curso de Ciências com as habilitações de Biologia e de

Matemática (1978); e curso de Estudos Sociais com as habilitações de História e de Geografia (1985). Após a fusão e criação do novo estado do Rio de Janeiro, a FFP foi vinculada a vários órgãos, até ser incorporada definitivamente à UERJ, em 1987. Os cursos passaram, então, por uma reforma curricular, que extinguiu as licenciaturas em Ciências e em Estudos Sociais e criou os cursos de Biologia, de Matemática, de História e de Geografia, ofertados a partir de 1991. O curso de Pedagogia foi criado em 1993, no âmbito de um convênio da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. No ano seguinte foi regulamentado com acesso universal pelo vestibular regular. A unidade foi se reformulando com a organização dos laboratórios e núcleos de pesquisa e de extensão, além da estruturação dos cursos de pós-graduação lato sensu e stricto sensu.



CETREJ, dc. 1970, [s/ autor]
Fonte: Acervo FFP/UERJ.



Campus da FFP, 2019 [s/ autor]
Fonte: Acervo FFP/UERJ.

Hoje, a FFP é a maior unidade externa da UERJ – possui seis cursos de licenciatura plena, nove de especialização, seis de mestrado e dois de doutorado. Atende cerca de 3000 alunos oriundos de municípios da região metropolitana, do interior do estado e de outras partes do país. Seu projeto político-pedagógico está alicerçado na realidade educacional, social, cultural e ambiental, em especial do leste fluminense. Integra Fóruns, Conselhos, Federação de movimentos sociais, redes escolares. Possui convênios com prefeituras, órgãos públicos e universidades nacionais e estrangeiras.



Inauguração do Bloco C, 25 fev. 2016. Foto: Nádia Maria Mathias de Andrade.

Fonte: Acervo da reitoria.

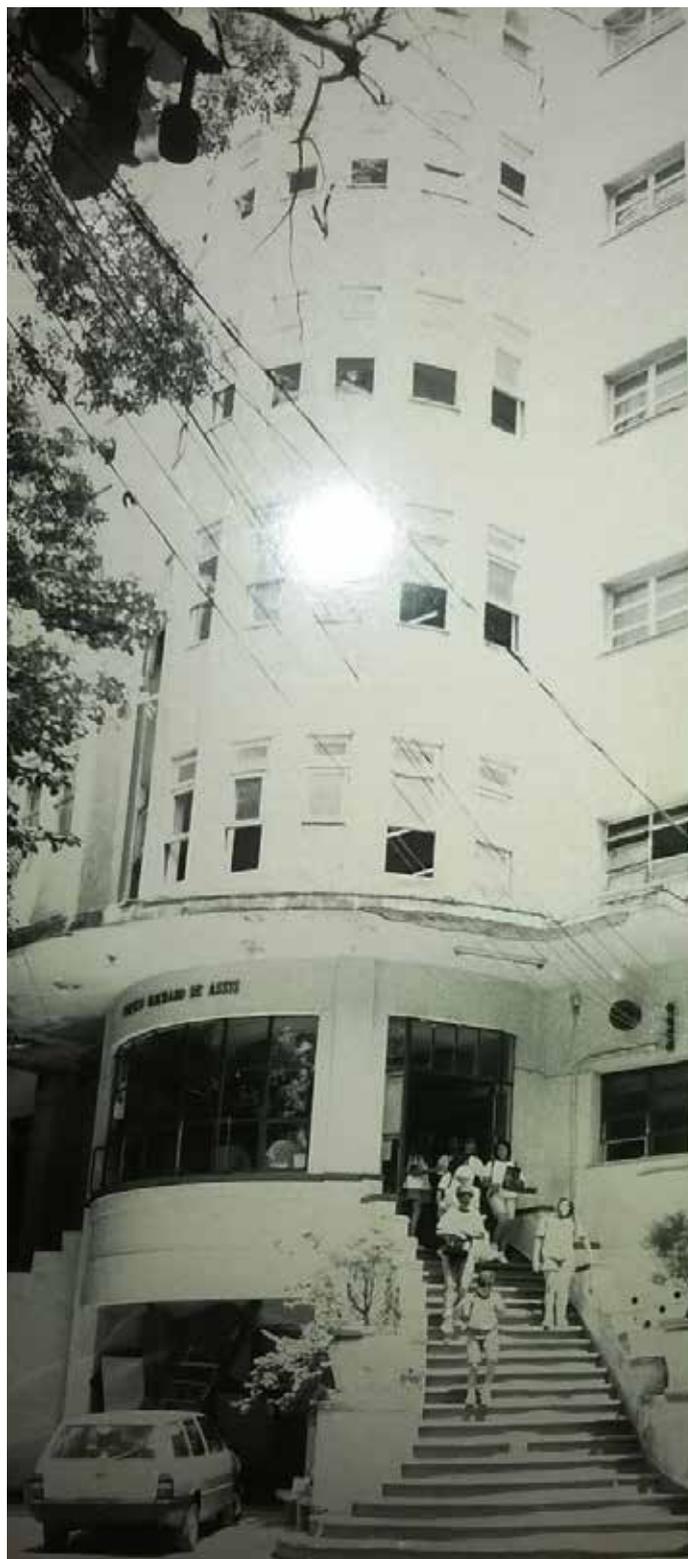


Novas instalações, bloco C, 2016. Foto: Nádia Maria Mathias de Andrade.

Fonte: Acervo da Reitoria.

INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA - CAp-UERJ

O Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-UERJ) tem origem em 1957, com a criação do Ginásio de Aplicação, vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade do Distrito Federal, estabelecido em um prédio na Tijuca. Em 1966, foi desvinculado daquela faculdade, mantendo-se como uma “unidade de experimentação e aperfeiçoamento metodológico e didático do ensino de nível médio” e “centro de treinamento dos alunos da Faculdade de Educação”. Ao ser transferido para a “colina”, no mesmo ano, nome utilizado pelos professores em referência ao Morro do Turano, a escola conseguiu maior flexibilidade de horário e autonomia, recebendo o nome de seu patrono. Em 1977, criou-se o ensino primário e, em 1986, implementou-se as classes de alfabetização (CA), passando a atuar em todo o 1º Grau. No final da década de 1990, a partir dos debates de reestruturação dos cursos de graduação da universidade, o Colégio de Aplicação propôs sua transformação em Instituto de Aplicação, conseguido em 2001 Assim, consolidou sua posição como instituição vinculada ao aprendizado da docência, na formação inicial e continuada, além da pesquisa e da extensão. Gradativamente, o Instituto de Aplicação ampliou suas frentes de atuação com a criação de projetos e ações de inclusão, que culminaram com a oferta de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e com a implantação, em 2012, da Coordenação de Ações de Inclusão e, a partir do ano de 2014, das políticas de cotas e do Programa de Pós-graduação de Ensino em Educação Básica. Além da chegada dos



Sede do CAp na “Colina”. Rua Barão de Itapagipe, 311, Rio Comprido, [s/autor, s/data]

Fonte: Acervo IAFRS/UERJ.

estudantes de pós-graduação, este ano foi emblemático, pois um grande número de novos docentes e servidores chegaram à instituição por meio de concursos públicos.

No que tange à educação básica, a instituição sempre se caracterizou pela diversidade de seu corpo discente. Essa diversidade que hoje se expressa e se amplia pelas diferenças socioeconômicas, culturais, de aprendizagem e de necessidades educa-

tivas especiais, continua a se constituir no grande desafio, seja na sensibilização e qualificação de licenciandos e de mestrandos frente à atual complexidade socioeducativa, seja na promoção de ensino e educação de qualidade a todos, como princípio de cidadania. O CAp atende 974 estudantes da educação básica, 65 estudantes de pós-graduação e, aproximadamente, 700 estudantes de graduação (por semestre).



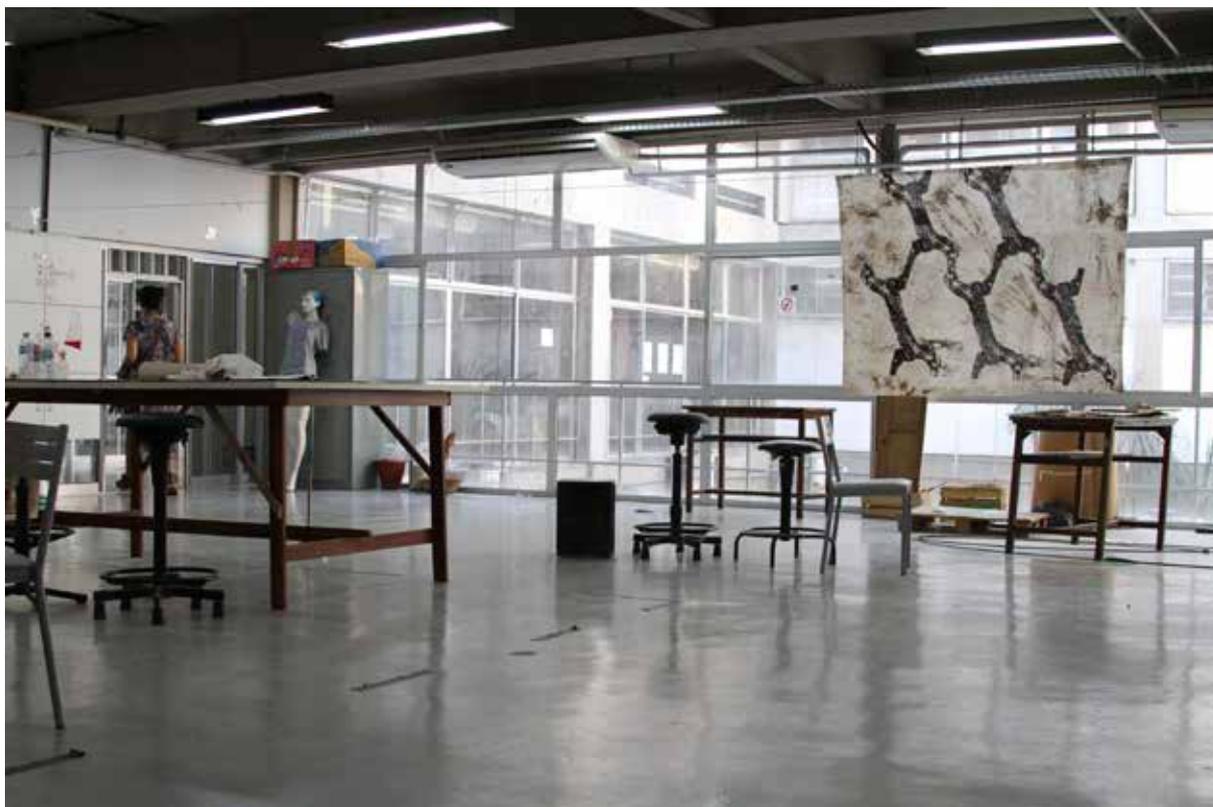
Estudantes e o Reitor Ruy Garcia Marques, no movimento Ocupa CAp, 2016, [s/autor].

Fonte: Acervo IAFRS/UERJ.

INSTITUTO DE ARTES

O Instituto de Artes tem sua origem no Instituto de Belas Artes (IBA), criado em 1957, pela Secretaria de Cultura do Estado da Guanabara. Em 1961, foi realizado o primeiro vestibular para o curso de História da Arte, tendo sua primeira turma se formado dois anos depois. Entre 1963 e 1966, o curso foi incorporado à Universidade do Estado da Guanabara, posteriormente transferido para o Parque Lage. O IBA, em 1976, passou a ser denominado Escola de Artes Visuais (EAV), priorizando o oferecimento de cursos livres. Em 1978, o curso de história da arte foi incorporado à UERJ, transformando-se em uma licenciatura em Educação Artística, com habilitação em história da arte, sob responsabilidade do Departamento de Educação Artística (DEART),

vinculado à Faculdade de Educação. Em 2002, ao mesmo tempo que se criou o Instituto de Artes, implementou-se o novo curso de Artes com licenciatura e bacharelado em História da Arte e Artes Plásticas. Atualmente, oferece dois cursos de graduação: História da Arte (bacharelado) e Artes Visuais (bacharelado e licenciatura). Em 2005, foi criado o Programa de Pós-Graduação em Artes, com a abertura do mestrado e, em seguida, o doutorado. Posteriormente, organizou-se o Programa de Pós-Graduação em História da Arte, tendo o curso de mestrado e de doutorado. O IART desenvolve, ainda, em parceria com a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, uma especialização lato sensu em Ensino da Arte e duas revistas revista Concinnitas e TECAP. Atende cerca de 500 alunos de graduação e pós-graduação.



Ateliê do Instituto de Artes, Tony Queiroga, 2019.
Fonte: Acervo IART/UERJ. Autor: Tony Queiroga.

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO

O Instituto de Educação Física e Desporto (IEFD) originou-se do Centro de Desportos, da Universidade do Estado da Guanabara, criado em 1970, para atender a exigência legal que determinava “ginástica obrigatória” para todo o ensino superior. Em 1974, foram criados os cursos de licenciatura plena em Educação Física masculina e feminina e, em 1978, cursos de Técnica Desportiva em atletismo, futebol, dança e voleibol. Na década de 1980, o IEFD propôs a reformulação do curso, projetando um perfil de profissional generalista e de convicção humanista. Tal proposta influenciou o Conselho

Federal de Educação ao estabelecer, em 1987, tais princípios para todos os cursos do país. Os cursos de Técnica Desportiva serviram de base para as especializações lato sensu, implementados a partir de 1986. Com o avanço dos estudos na área das Ciências do Desporto, o IEFD criou, em 1992, o mestrado em Ciências do Desporto, oferecido até o ano de 2003. Atualmente, o curso de graduação está pautado na formação generalista, humanista e crítica, fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética.

Hoje, o IEFD possui dois cursos de graduação, licenciatura e bacharelado em Educação Física, dois cursos de especialização lato sensu, um curso de mestrado e de doutorado, vinculados ao Progra-



Mostra de Ginástica Rítmica, dc. 1980, [s/autor].

Fonte: Acervo IEFD/UERJ.



Apresentação de Ciranda no hall do Pavilhão João Lyra Filho, dc. 2010, [s/autor].

Fonte: Acervo IEFD/UERJ.

ma de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte. Seus laboratórios, estruturados a partir da década de 1990, desenvolvem atividades de pesquisa e de extensão nas áreas de: promoção da saúde; exercícios físicos adaptados a populações em reabilitação da saúde, exercícios físicos e idosos; lazer e recreação; culturas populares e folclore; iniciação ao desporto e seleção de talentos. O IEFD atende, na graduação e pós-graduação, aproximadamente, 750 alunos oriundos de diferentes municípios do estado do Rio de Janeiro. Nos programas e projetos de extensão, são atendidas, aproximadamente, 500 pessoas.

INSTITUTO DE LETRAS

O Instituto de Letras (ILE) remonta sua origem aos cursos oferecidos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto La-Fayette, criada em

1941. Em 1950, o Instituto integrou as unidades da Universidade do Distrito Federal, que então se criava. Em 1968, a Reforma Universitária promoveu a reestruturação dos cursos e da faculdade, levando ao surgimento do Instituto Básico de Letras da Universidade do Estado da Guanabara. Durante a década de 1980, iniciou-se o movimento de implementação de cursos de pós-graduação lato sensu: Literatura Brasileira (1982), Língua Inglesa (1985), Linguística (1987), Língua Portuguesa (1987), Literatura Portuguesa (1988), Teoria da Literatura (1989), Literaturas de Língua Inglesa (1993), Língua Italiana – Tradução (1993), Língua Espanhola – Instrumental para leitura (1994), Língua Francesa – Tradução (1998) e Língua Latina (1999). Em 1987, passou a contar com a denominação atual. No ano seguinte, inaugurou-se a pós-graduação stricto sensu, com o Mestrado em Literatura Brasileira. Seguiram-se os mestrados em Língua Portuguesa (1993), Linguística (1999), Literaturas de Lín-



Painel alusivo ao cinquentenário do Instituto de Letras. Foto: Kleber Pereira de Souza, 2019.

Fonte: Acervo ILE/UERJ.

gua Inglesa (2001), Literatura Portuguesa (2003) e Literatura Comparada e Teoria da Literatura (2009). Em 1993, surgiu o doutorado em Literatura Comparada, seguido do doutorado de Língua Portuguesa (2002). Em 2015, o Programa de pós-graduação foi reformulado, passando a se estruturar por áreas e especialidades. Atualmente, contempla seis especialidades, alocadas em duas áreas de concentração: a área de Estudos da Língua, com especialidades Língua Portuguesa e Linguística; área de Estudos da Literatura, com as especialidades Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Literaturas de Língua Inglesa e Teoria da Literatura e Literatura

Comparada. O ILE, atualmente, oferece nove cursos de graduação nas modalidades de bacharelado e licenciatura, sendo sete de dupla habilitação (Português-Alemão, Português-Espanhol, Português-Francês, Português-Grego, Português-Italiano, Português-Latim e Português-Japonês) e dois de habilitação única (Português-Literaturas e Inglês-Literaturas), reunindo mais de 1700 alunos. Conta com onze cursos de especialização lato sensu, seis mestrados e seis doutorados. Somando-se os alunos da graduação, pós-graduação e de atividades de extensão, o ILE conta com mais de 3500 alunos.



11.º andar. Sede do Instituto de Letras, Kleber Pereira de Souza, 2019.

Fonte: Acervo ILE/UERJ.

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

O Instituto de Psicologia (IP) tem sua origem associada à criação do curso de Psicologia, em 1964, dois anos após a regulamentação da profissão de psicólogo. Nesse momento, vinculou-se ao Departamento de Pedagogia da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Entre 1968 e 1971, manteve-se no Instituto de Biologia, desvinculando-se com a criação do Instituto de Psicologia e Comunicação Social. Em 1969, foi criado o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), exigência do processo formativo do psicólogo e que se configura como uma clínica-escola, prestando atendimen-

to psicológico individual e em grupo. O reconhecimento de seus cursos de licenciatura, bacharelado e formação de psicólogo ocorreram em 1976. Em 1986, ocorreu o desmembramento do Instituto com a criação do Instituto de Psicologia e a Faculdade de Comunicação Social. A partir desse momento, foram criados os cursos de pós-graduação lato sensu e, nos anos 1990 e 2000, os cursos stricto sensu. Suas primeiras publicações periódicas surgem, sem regularidade, entre os anos 1980 e 2000. A partir de então, especialmente vinculadas à pós-graduação, foram criados os periódicos e Estudos e Pesquisas em Psicologia (2001) e Mnemosine (2004).



Atividades do projeto InterAção Jr, [s/autor, s/data].

Fonte: Acervo IP/UERJ.

O IP atende 859 alunos e oferece dois cursos de graduação, bacharelado e licenciatura em psicologia, três cursos de especialização lato sensu e dois cursos de mestrado e doutorado vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Psicologia Social e em Psicanálise, integrando ainda o interdisciplinar Programa de Pós-Graduação Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH). O SPA atua nas áreas de psicopedagogia, terapia familiar, orientação profissional, psicologia do esporte, psicologia organizacional, psicologia clínica e clínica de urgência etc. Suas atividades se desenvolvem junto à instituições, como o Departamento geral de Ações Socioeducativas (DEGASE), Tribunal de Justiça, Centro Integrado de Atenção a Mulher (CIAM), abrigos e escolas. O IP está comprometido com a formação profissional, ética e a responsabilidade social frente ao desenvolvimento dos conhecimentos de psicologia em âmbito nacional e internacional.

INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR DE FORMAÇÃO HUMANA COM TECNOLOGIAS

O Instituto Multidisciplinar de Formação Humana com Tecnologias (IFHT) foi criado em 2012. Seu princípio estruturante é o uso das tecnologias digitais como mediadoras dos processos de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, objetiva ser um órgão de referência em projetos, estudos e pesquisas da Formação Humana, reunindo uma equipe multidisciplinar, valorando a educação voltada para o progresso científico e tecnológico, o desenvolvimento humano contínuo, a ética e a efetividade da aprendizagem mediada por tecnologias da comunicação e informação (TIC). Está estruturado em cinco Laboratórios: Laboratório de Estudos da Aprendizagem Humana (LEAH), Laboratório da Formação Humana e Mediação Tecnológica (LFHT), Laboratórios de Mídias e Linguagens (LML), Laboratório de Políticas de Design (DPLab) e Sistema Labgis – Nú-

cleo de Geotecnologias da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LABGIS). Sedia também a Cátedra e Rede UNESCO/ONU de Economia Global e Desenvolvimento Sustentável (REGGEN). O Instituto oferece um curso de graduação em Gestão Pública, quatro especializações lato sensu em Educação Psicomotora, Dificuldades de Aprendizagem, Orientação Educacional e Gestão Ambiental Integrada; o mestrado em Gestão Pública, além de desenvolver projetos de extensão. Os cursos são oferecidos na

modalidade semipresencial e especialmente voltados para a formação humana mediada por tecnologias no estado do Rio de Janeiro.

O IFHT vem estabelecendo parcerias importantes, internas e externas à UERJ, no cenário acadêmico-científico, com órgãos federais, estaduais e com as prefeituras do nosso estado. Atualmente, conta com cerca de 1000 alunos matriculados.



Encerramento do curso de Formação de Gestores Públicos e Agentes Culturais, parceria com o Ministério da Cultura, 13 set. 2014, [s/autor].

Fonte: Acervo IFHT/UERJ.



Reunião Técnica da parceria entre o IFHT-UERJ; o LAIS-UFRN e a Universidade de Coimbra (Portugal), 15 fev. 2019. [s/autor].

Fonte: Acervo IFHT/UERJ



TENTAVEL - CEADS



70

anos

UERJ

1950 | 2020

CAPÍTULO 3

3

Capítulo 3

Produção de conhecimento a serviço da comunidade

Introdução

O presente capítulo exhibe projetos realizados na UERJ, geradores de impactos diretos na comunidade externa, seja local, regional, nacional ou mesmo internacional. Ao longo de seus 70 anos de história, a instituição contribuiu para o desenvolvimento social, cultural, político, econômico e científico de maneira inestimável. Isso se deu por meio de projetos realizados em diferentes Centros Setoriais, Unidades, Departamentos, Núcleos, Pro-

gramas e Laboratórios, e da valorização do diálogo e da colaboração com a comunidade externa, mediante a oferta de serviços e a produção de conhecimentos viabilizadores da elaboração de políticas públicas em diferentes setores. Este capítulo permite vislumbrar o enorme alcance desses projetos e a multiplicidade de áreas beneficiadas, envolvendo a saúde, a educação, a construção civil, o meio ambiente, a tecnologia, a cultura, o direito, entre outras. Destaca-se a oferta de atendimento gratuito à população e o desenvolvimento de novos conhecimentos e de práticas inovadoras que foram le-



Atividade física para terceira idade

Fonte: MID/Rede Sirius

das para fora dos muros desta universidade, beneficiando um número incalculável de pessoas.

Em virtude da enorme quantidade de projetos já realizados ou ainda em realização na universidade, seria impossível abarcar todos. Procedeu-se a uma seleção baseada no critério de elencar projetos e ações que tenham – ou tiveram – uma interface direta com demandas e questões sociais, ou que dialoguem – ou tenham dialogado – com a formulação de políticas públicas. Foi encontrado um número expressivo e significativo de projetos com este perfil; sinal, nesse aspecto, da vitalidade da UERJ. Nos limites desta publicação, indicamos apenas alguns deles.

Cabe ressaltar que, até que um conhecimento científico possa se tornar aplicável ou contribuir para práticas e decisões políticas efetivas à sociedade, é necessário que haja um acúmulo de reflexões e debates de caráter teórico e experimental. Dessa forma, embora o recorte adotado no capítulo não contemple diretamente essas pesquisas, sem elas não é possível haver qualquer tipo de inovação ou transformação nas sociedades. O entendimento gerado a partir do conhecimento de bases científicas, por meio da teoria e da experimentação, seja natural, social, histórica, artística, biológica, física, geográfica, química e em tantas outras dimensões, permite o desenvolvimento de novas percepções e, com elas, novas abordagens sobre aquilo que nos cerca e interfere diretamente em nossas ações no mundo. Nunca é demasiado repetir o quanto o conhecimento cien-

tífico, na sua pluralidade de formas e funções, e o debate intelectual a ele associado são a espinha dorsal de uma universidade, fazendo parte do cotidiano de docentes, discentes e servidores da instituição.

Atendimento jurídico à comunidade é oferecido pelo Escritório Modelo e pela Clínica dos Direitos Fundamentais da Faculdade de Direito

O Escritório Modelo da Faculdade de Direito foi criado em 1978 como um espaço de prática jurídica para alunos da graduação e, depois, da pós-graduação. O escritório realiza atendimento gratuito em diferentes áreas do Direito para aqueles que comprovam insuficiência de renda e estão impossibilitados de contratar um advogado. Já a Clínica de Direitos Fundamentais foi fundada em dezembro de 2013 com a missão de promover a defesa dos direitos fundamentais no Brasil, notadamente por meio da prestação de assessoria jurídica especializada e re-

presentação processual de entidades da sociedade civil. Desenvolve projetos cujas atividades incluem: a atuação jurídica em causas que versem sobre direitos fundamentais, por meio da propositura de ações diretas, da

atuação como *amicus curiae* e da participação em audiências públicas; a prestação de assessoria jurídica gratuita a entidades que atuam em prol da defesa de direitos fundamentais; e a organização

Pelos seus espaços, a universidade se coloca como um lugar de produção e disseminação de cultura

e realização de aulas, debates, seminários, cursos e palestras sobre temas relacionados aos direitos fundamentais.

Espaços culturais da UERJ são abertos ao público

A UERJ possui inúmeros espaços que oferecem uma programação cultural variada com shows, peças de teatro e exposições de arte. No campus Maracanã, a universidade possui dois teatros, Noel Rosa e Odylo Costa Filho, além da concha acústica, e galerias de arte, como a Cândido Portinari. A administração desses espaços e de sua programação fica a cargo do Decult (Departamento Cultural). O teatro Odylo Costa Filho, que conta com 1.108 lugares, é a terceira maior sala do Rio de Janeiro. Seu palco, onde já houve apresentações de balé, com Ana Botafogo, Áurea Hammerli e Teresa Augusta,

bem como a presença da companhia de dança de Débora Colker, só perde em tamanho para o do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Além disso, peças de grandes clássicos como Molière e Nelson Rodrigues já foram encenadas nos espaços culturais da UERJ, que contou com a presença de artistas importantes, como Marília Pera. No campo da música, houve projetos, como UERJ Clássica e Roda de Samba. Shows também foram realizados, como de Cássia Eller, de Paulinho Moska, de Elba Ramalho, do grupo Uakti, do grupo Casuarina, de Ivone Lara, entre tantos outros como, por exemplo, um tributo a Noel Rosa. Foi no palco do Teatro Odylo Costa Filho que a Orquestra Sinfônica Brasileira celebrou seus 70 anos. Além de espetáculos, atividades culturais são oferecidas como oficinas de artes plásticas e cursos de dança, de teatro e de música. Pelos seus espaços, a universidade se coloca como um lugar de produção e disseminação de cultura que não fica restrita à comunidade acadêmica interna.



A bailarina Ana Botafogo e outros bailarinos dançam no palco do Teatro Odylo Costa Filho, em 1997.

Fonte: MID/Rede Sirius. Foto: Luiz Antônio.



Orquestra Sinfônica Brasileira celebra seus 70 anos no Teatro Odylo Costa, filho, em 2013.

Fonte: MID/Rede Sirius.

Primeira Clínica da Dor do país foi criada no HUPE

A Clínica da Dor foi inaugurada no ano de 1980 para atender pacientes com dores crônicas por meio de um tratamento integrado que envolve medicação, fisioterapia, acompanhamento psicológico e acupuntura. A clínica atende pacientes com artrose, bursite, dores na coluna, entre outras.

Internato Rural levou serviços a populações do interior do estado

No ano de 1984, era criado o Internato Rural da UERJ com o objetivo de desenvolver pesquisas e auxiliar populações do interior do estado. O programa se iniciou com alunos de Medicina, Odontologia e Enfermagem que passavam períodos de três meses em cidades como Resende, Natividade, Cor-

deiro, Itaocara e São Fidélis. As atividades desenvolvidas eram: atendimento clínico-ambulatorial, prevenção e educação em saúde. Os estudantes atuavam em postos de saúde e realizavam palestras em escolas da região. Em 1988, foram realizadas 800 consultas somente na região de Resende. Em 1989, o programa foi expandido para as cidades de Santo Antônio de Pádua e Cambuci, levando estudantes dos cursos de Engenharia Ambiental e Sanitária e da Faculdade de Educação. Os estudantes de engenharia atuaram junto à prefeitura de Santo Antônio de Pádua, auxiliando na elaboração do mapa da cidade, no processo de dragagem de rios da região, na elaboração do plano diretor do município e na implantação da rede de esgotos. Já os alunos da Faculdade de Educação atuaram no município de Natividade, auxiliando no ensino supletivo, na educação de pessoas com necessidades especiais e na atualização de professores. Mais recentemente, em 2004, a Faculdade de Medicina re-



Atendimento do Internato Rural, em 1988.

Fonte: Hamilton Correa. Fonte: MID/Rede Sirius.

tomou a iniciativa do Internato Rural, dessa vez em parceria com a Secretaria de Saúde do Município de São Pedro da Aldeia. Em 2006, foi implementado também o Internato Integrado de Nutrição no Interior, no município de Mesquita. Nele os estudantes dos últimos períodos do curso de Nutrição atuavam em atendimentos ambulatoriais, domiciliares e em escolas e creches.

Pesquisadores desenvolvem técnica para medir a contaminação da água

O Instituto de Biologia da UERJ desenvolveu uma técnica simples e barata para medir a contaminação das águas. A técnica passou a ser utilizada, em 1988, pela Fundação Estadual de Engenharia do

Meio Ambiente (Feema) não apenas no Estado do Rio de Janeiro, mas também em Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina.

Em 1988, foram realizadas 800 consultas somente na região de Resende

Microrganismos importantes para a indústria foram pesquisados e cultivados por pesquisadores

No Instituto de Química, em 1988, foi desenvolvido um projeto que visava à manutenção de culturas microbianas de caráter utilitário para a indústria. Os microrganismos analisados são elementos úteis para a produção de combustível, de medicamentos, de alimentos fermentados, entre outros produtos.

Campanha de esclarecimento da população sobre a hanseníase foi realizada pela Faculdade de Comunicação

O Departamento de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação lançou, em 1988, uma campanha de esclarecimento sobre a hanseníase. A campanha se deu mediante a distribuição de folhetos e cartazes, criados pelo Departamento de Educação Artística, e a utilização do sistema de som do HUPE para se comunicar com os pacientes do hospital. Foram realizadas ainda pesquisas de opinião sobre o tema. O projeto teve como consequência a formação de um Grupo Internacional de Ação em Hanseníase (GIAH) que contou com a participação de outras entidades, como o Movimento de Reintegração do Hanseniano e o Grupo Educar para Erradicar a Hanseníase. Naquela época, o Brasil detinha um dos maiores percentuais de vítimas da doença da América Latina.

Simulador de fluxo de água auxilia mapeamento de áreas de risco em caso de chuva

Em 1988, a então coordenadora Acadêmica da Faculdade de Engenharia, Denise Gerscovich, realizou uma pesquisa para identificar as causas do deslizamento ocorrido no Corte do Cantagalo, localizado na Lagoa, após fortes chuvas. A pesquisa levou ao desenvolvimento de um software, pioneiro no Brasil, que projetava o fluxo de água em diferentes tipos de solo. As informações obtidas por meio do software podiam ser utilizadas para construir um mapa das áreas de risco do Rio de Janeiro.

Desde a década de 1980 pesquisas na Antártica são realizadas pela UERJ

Em 1989, os professores do Departamento de Geologia da UERJ, Cláudio de Morisson Valeriano e Mônica Lavalle Heilbron, participaram de estudo interinstitucional direcionado à análise de rochas metamórficas da Ilha Powell, na Antártica. Anteriormente os pesquisadores do grupo já haviam feito outras cinco viagens, uma das quais pesquisando os xistos azuis, espécie rara de rocha, na Ilha Elefante.

Em 2007, após divulgação pela ONU do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas, no qual os diagnósticos elaborados apresentavam um índice alarmante de problemas ambientais causados pela ação humana, o coordenador do Laboratório de Radioecologia e Mudanças Globais da UERJ, Heitor Evangelista da Silva, chamou atenção para a importância das regiões da Antártica e Groelândia para a compreensão das mudanças climáticas. Pesquisadores da UERJ buscaram, então, realizar análises para dar respostas às questões relativas ao aquecimento global. Em 2011, o próprio profes-

sor Heitor Evangelista da Silva coordenou o projeto focado na instalação de um módulo autônomo e autossustentável na região. O módulo tinha o objetivo de contribuir para avanços nos estudos sobre o ambiente antártico e mundial. Com isso, foi criado o Criosfera 1, um contêiner estruturado como laboratório, definitivamente instalado em 2012, que capta dados e faz medições de gases do efeito estufa. A partir dele, pesquisadores trouxeram cilindros de gelo que permitiam analisar a atmosfera em períodos passados por meio de uma câmara fria, a primeira do Brasil, pertencente ao Laboratório de Radioecologia e Mudanças Globais e instalada na UERJ.

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas da UERJ é considerado referência nacional

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas (NEPAD) já possui 33 anos de atividades voltadas para a prevenção ao uso de drogas ilícitas e é referência nacional na área. O NEPAD é responsável por um número significativo de pesquisas, publicações e estudos sobre drogas e usuários, além de realizar capacitação profissional. Oferece ainda, em seu Centro de Convivência, oficinas de arte terapia, cines debate, atendimentos psicoterápicos individuais, grupos de reflexão, acompanhamento de familiares, entre outras atividades práticas que fazem parte da proposta de reabilitação de usuários. Em 2019, o Núcleo ampliou sua área de atuação para oferecer tratamento para tabagismo.



Criosfera 1 e equipe.

Fonte: Acervo Instituto de Biologia (IBRAG).

Projeto propicia a prática de atividades físicas gratuitas para idosos

O Projeto Idosos em Movimento, criado em 1989 e desenvolvido em parceria com o Núcleo de Atenção ao Idoso, da Universidade Aberta da Terceira Idade (NAI/UnATI/UERJ), tem o propósito de oferecer atividades físicas regulares e gratuitas para idosos de modo a favorecer um envelhecimento saudável, com mais qualidade de vida e mais independência.

Planta é utilizada para analisar as condições da água

As condições da água da Bacia do Paquequer, localizada na cidade de Teresópolis, foram analisadas em projeto de 1990. Para o estudo inicial, foram utilizados dois métodos: o primeiro envolvia reagentes químicos e o segundo, uma planta aquática capaz de absorver impurezas, o aguapé. Posteriormente foram traçados meios de melhorar as condições daquele ambiente. O projeto resultou de um convênio realizado entre o Departamento de Geologia e o Instituto Nacional de Tecnologia (INT).



Aula com turma de idosos do projeto.

Fonte: Acervo do Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD).

Empresas juniores da UERJ oferecem serviços ao público externo em diversas áreas

A *Hidros Consultoria*, em atividade desde a segunda metade da década de 1990, é uma empresa júnior que conta com a participação de alunos dos cursos de Engenharia supervisionados por professores orientadores. Fornece serviços com preços abaixo do mercado para a comunidade nas áreas ambiental e sanitária, cartográfica, mecânica, civil, elétrica e de produção. Tratando-se de empresa sem fins lucrativos, os recursos arrecadados são reinvestidos na própria empresa e em projetos sociais.

A *Economus Consultoria Júnior* é a empresa júnior de Economia, Relações Internacionais, Estatística e Ciências Atuariais e atua no mercado desde 2001. Oferece consultoria a baixo custo nas áreas de Gestão e Criação de Negócios e de Comércio Exterior. Esta última abarca Planejamento de Importação e de Exportação e Análise Mercadológica.

Já a *Iniciativa Consultoria*, fundada em maio de 2002, é a empresa júnior e sem fins lucrativos da Faculdade de Administração e Finanças. Consolidou-se ao longo dos anos, objetivando tanto a complementação da formação acadêmica e profissional de gra-

duandos da FAF quanto à prestação de serviços de consultoria a projetos na área de gestão de negócios. Atende, portanto, pessoas interessadas no auxílio para instalação de novas empresas ou na melhoria daquelas já existentes. Oferece soluções de pesquisa de mercado, viabilidade financeira, plano de negócios, treinamento, reestruturação e assessoria.

A *InterAção Jr*, por sua vez, é a empresa júnior do Instituto de Psicologia, fundada em 2006, que surgiu vinculada ao projeto de extensão “Psicologia do Trabalho e Organizacional – ênfase nos processos organizacionais: orientação ao funcionamento da Empresa Junior do Instituto de Psicologia”.

A empresa júnior tem como foco discussões e análises do contexto atual das organizações diante dos novos paradigmas de gestão, relacionados à democratização das relações sociais nos sistemas-empresa. Além de ampliar o conhecimento e a prática dos alunos envolvidos nesse campo, busca oferecer consultorias a órgãos internos

da UERJ e às Incubadoras de empresas vinculadas aos diferentes institutos da universidade, além de atender empresas externas, como a Petrobrás. A *InterAção* atua também junto a programas externos, como o Programa de Atendimento a Refugiados e Solicitantes de Refúgio (PARES), em parceria com a Cáritas.

A empresa júnior tem como foco discussões e análises do contexto atual das organizações diante dos novos paradigmas de gestão

Pesquisadores produzem cartilha para a população com informações sobre comunidade que viveu entre 340 e 1650 anos atrás

Entre 1990 e 2002, foram realizadas escavações na Serra do Cabral, norte de Minas Gerais, coordenadas pelo professor Paulo Roberto Gomes Seda. A área é rica em cavernas com pinturas rupestres que ajudam a entender o passado da região anterior à chegada dos portugueses. Os grupos que ali viviam tinham práticas que foram detectadas também entre habitantes daquela localidade nos dias atuais, de modo que surgiu a ideia de produzir uma cartilha que tem o intuito de mostrar à população o conhecimento adquirido na pesquisa com pinturas e materiais encontrados na região. A cartilha, publicada em 2001 com o título “Cartilha Arqueológica da Serra do Cabral”, é feita de imagens, de forma que possa ser compreendida também por pessoas analfabetas. A inspiração foi o modelo de cartilhas dessa natureza feitas no exterior, já que este tipo de publicação era inexistente no país. A equipe utilizou diversas técnicas como storyboard, retirada do cinema, e técnicas ligadas à história em quadrinhos.

Rio de Janeiro ganhou pluviômetro construído por pesquisadores da UERJ

Em 1990, pesquisadores da Geografia desenvolveram um projeto, em convênio com a Superintendência de Rios e Lagoas (SERLA), com o objetivo de construir um pluviômetro, instrumento utilizado para medir a quantidade de chuva da região ou localidade onde é instalado. O protótipo desenvolvido era mais simples e barato do que os frequentemente utilizados.

Adolescentes recebem atendimento especializado

De caráter multidisciplinar e buscando criar um vínculo com os adolescentes, o Núcleo de Estudos e Saúde do Adolescente (NESA) desenvolve projetos acadêmicos, atendimentos ambulatoriais, hospitalares e ações preventivas voltadas para saúde e conscientização dos jovens. Além de oferecer atendimento na enfermaria do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), o Núcleo criou, em 1991, um ambulatório avançado no Morro do Pau da Bandeira, realizando ações preventivas em outras comunidades e em escolas públicas.

Biblioteca Comunitária da UERJ foi inaugurada em 1991

Em 1991, era inaugurada a biblioteca comunitária da UERJ. Aberta ao público externo, a biblioteca foi além da consulta e do empréstimo de livros, pois também é dotada de arquivos audiovisuais e desenvolve uma série de atividades, por exemplo, concursos de literatura e palestras.

Programa Brincar é Viver auxiliou no tratamento de crianças internadas

Ensino, pesquisa e assistência foram as bases do programa Brincar é Viver vinculado à Faculdade de Educação da UERJ. O projeto foi criado em 1992 a partir de trabalhos desenvolvidos pelo Núcleo de Estudo e Saúde do Adolescente (NESA). Por meio de brincadeiras envolvendo psicomotricidade, um grupo de voluntários, formado majoritariamente por graduandos de Pedagogia e Psicologia da UERJ e estudantes de outras instituições, auxiliou no tratamento e, com isso, atenuou o período de interna-



Equipe de atendimento do NESA

Fonte: MID/Rede Sirius.



Criança em tratamento por meio do projeto.

Fonte: Paulo Miranda. Fonte: UERJ em Questão, n. 72, fevereiro/março/abril 2001.

ção de pacientes. O projeto englobou pesquisas e assistência na área de Profilaxia Psicomotora.

Projeto MAQUA contribui para o conhecimento e para a preservação de mamíferos aquáticos ameaçados

O Laboratório de Mamíferos Aquáticos e Bioindicadores (MAQUA) da Faculdade de Oceanografia, criado em 1992, desenvolve pesquisa científica sobre os mamíferos marinhos, especialmente golfinhos e baleias, e promove ações para o maior conhecimento e preservação dessas espécies por parte da população. Graças ao trabalho da equipe, por exemplo, o boto-cinza passou a integrar a lista das espécies ameaçadas de extinção. O projeto mantém um site e realiza cursos sobre o assunto. Em 2013, a exposição “Rio, Mar de Golfinhos”, no

Centro Cultural Encontro das Águas, marcou os 20 anos do projeto.

Pesquisas sobre envelhecimento e atendimento de idosos são realizadas pela UnATI

A Universidade Aberta para Terceira Idade (UnATI) iniciou suas atividades em 1993 e é programa pioneiro no Estado do Rio de Janeiro realizando pesquisas sobre o envelhecimento e atividades gratuitas para a população acima de 60 anos. O objetivo do programa é contribuir para a boa saúde física e mental e bem estar social do idoso. Para isso, dialoga de maneira multidisciplinar com os órgãos e institutos da UERJ, além de parceiros externos. O conhecimento gerado na UnATI é divulgado para que se possa produzir políticas públicas que



Criança em tratamento por meio do projeto.

Fonte: Paulo Miranda. Fonte: UERJ em Questão, n. 72, fevereiro/março/abril 2001.



Prática de Tai Chi Chuan realizada pela UnATI.

Fonte: MID/Rede Sirius.

beneficiem a pessoa idosa, ao mesmo tempo que se coloca como uma divulgadora de políticas públicas já existentes e dos direitos dos idosos. Além disso, o programa desenvolve produção científica e forma profissionais voltados para as áreas de Geriatria e Gerontologia. Em seu Centro de Convivência, oferece cursos e oficinas, conferências, seminários, fóruns, workshops, palestras, encontros, grupos de estudos, rodas da saúde, aulas abertas, cine debate, café literário, exposições, comemorações, festas temáticas, entre outras atividades. No quesito assistência, a UnATI realiza – por meio de dois ambulatorios, o Núcleo de Atenção ao Idoso (NAI) e o Serviço de Cuidado Integral à Pessoa Idosa (CIPI), integrados ao HUPE e à Policlínica Piquet Carneiro – o atendimento de cerca de mil idosos anualmente. Além disso, em vista do bem estar do idoso, a UnATI possui também um Curso de Extensão de Informação e Orientação Para Acompanhan-

tes e Familiares de Idosos. Em 1999, a UnATI criou o Centro de Referência e Documentação sobre o Envelhecimento, disponibilizando um acervo com livros, artigos, teses e revistas para consulta com o objetivo de facilitar o estudo de pesquisadores do tema do envelhecimento.

CAP-UERJ realiza trabalho de formação continuada de professores(as) no interior do estado do Rio de Janeiro

O InterCAP é um projeto interdepartamental existente desde 1992 que divulga e socializa as experiências do cotidiano das salas de aula do CAP, além de dialogar com outras realidades escolares vividas em todo o estado do Rio de Janeiro, permitindo a abertura de novas reflexões e ações pedagógicas. Com isso, abrem-se novos horizontes para



Atividade do projeto InterCAp em município fluminense

Fonte: Acervo CAp-UERJ.

a dinâmica dos professores nas salas de aula. O projeto oferece minicursos de diversas disciplinas, além das interfaces com a Educação de Jovens e Adultos, Educação Ambiental e Educação Inclusiva.

Projeto orientou escolha de alimentos nutritivos para cardápios de creches

O projeto Creche: Forma de Intervenção, implementado em 1993, analisou crianças de algumas creches e constatou casos tanto de obesidade quanto de desnutrição. A partir disso, produziu um cardápio de alto valor nutricional e de baixo custo, visando ao crescimento saudável e desenvolvimento intelectual das crianças. Além disso, o projeto investiu também na educação alimentar após constatar a rejeição de alimentos saudáveis por parte de algumas crianças.

Programa lança luz sobre a questão racial no Brasil

Criado em 1993, o Programa de Estudos e Debates dos Povos Africanos e Afroamericanos (PROAFRO) constitui-se como um centro de pesquisa, documentação e atividades de extensão, sob a responsabilidade do CCS (Centro de Ciências Sociais), tendo o objetivo de desenvolver estudos e pesquisas relacionadas à História e Cultura dos povos africanos e afro-americanos. Entre as atividades de pesquisa e extensão, destaca-se o CINEAFRO, por meio do qual são promovidos debates com alunos, entidades do movimento negro, pesquisadores e público em geral sobre a questão racial no Brasil e no mundo, a partir da exibição de filmes que abordem a temática.

Professores de Araruama recebem curso de atualização

Uma parceria estabelecida, em 1993, entre a Prefeitura de Araruama e a Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo gerou frutos positivos. Por meio dela foi desenvolvido um curso voltado para a atualização dos professores da região.

Servgen identifica doenças hereditárias

O ambulatório pediátrico do HUPE abriu as portas, em 1994, para o Serviço de Genética Humana (Servgen), vinculado ao Instituto de Biologia (Ibrag). O Servgen tem o objetivo de diagnosticar doenças genéticas, como síndrome de Down, síndrome de Turner e Klinefelter, síndrome do X frágil e lábio leporino, entre outras.

Laboratório atua no auxílio a transplantes

Os laboratórios de Histocompatibilidade e Criopreservação (HLA) e de Pesquisa em Células-Tronco (LPCT) realizam diagnósticos imunogenéticos de histologia para transplantes e medicina regenerativa. O HLA foi criado em 1994, mas em 1996 recebeu o credenciamento pela Associação Brasileira de Histocompatibilidade (ABH), de modo que passou a ser responsável por exames ligados a transplantes renais realizados no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE). Os laboratórios atuam também como colaboradores no cadastramento de doadores voluntários do Registro Nacional de Doadores de Medula Óssea (REDOME). Em 2003, ampliaram suas atividades para o uso de células e tecidos preservados. Com isso, realizam exames laboratoriais na área de compatibilidade para transplante, hepatites virais e na preservação de células-tronco. Além disso, oferecem cursos de formação e aperfeiçoamento para profissionais da área.

Projeto ajudou crianças vítimas de violência doméstica

Em 1995, os profissionais do ambulatório do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) decidiram ir além do atendimento médico e da notificação às autoridades nos casos de violência contra crianças. Dessa forma, foi pensado um projeto que visava a ampliar as equipes de atendimento ambulatorial para poder fornecer um auxílio interdisciplinar com psicólogos, assistentes sociais, entre outros profissionais. O projeto foi ampliado ainda para ações preventivas desenvolvidas na puericultura e para a realização de palestras para conscientizar a população.

UERJ forma médicos e enfermeiros da família

A Faculdade de Ciências Médicas e o Instituto de Medicina Social criaram um programa de especialização em medicina da família cuja primeira turma, composta por médicos da Secretaria de Saúde de Juiz de Fora, terminou o curso de formação no ano de 1995. No final desse mesmo ano, teve início o curso de especialização de enfermeiros da família. A formação de médicos e enfermeiros da família permite dinamizar o sistema de saúde, já que eles realizam os primeiros atendimentos, deixando os casos mais graves e de internação para os hospitais. Isso é possível por meio do acompanhamento das famílias realizado por esses profissionais. O objetivo é também reduzir os altos custos de tratamentos focados na cura, e não na prevenção. O programa engloba variadas especialidades, e a estimativa inicial era que cada médico da primeira turma ficasse responsável por cerca de 850 famílias de Juiz de Fora, perfazendo uma média total de 3.000 pessoas atendidas pelo programa, em um

primeiro momento. Esse número, contudo, expandiu-se para além de Juiz de Fora com a formação de novas turmas.

Projeto formou acervo visual na área de Antropologia

Em 1995, teve início a atividade – desenvolvida no Instituto de Ciências Sociais – de constituição de um acervo de vídeos documentários de caráter etnográfico que totaliza hoje em torno de 1.100 títulos. Parte do acervo constituído foi apresentado em mostras e eventos entre os anos de 2011 e 2012, como: a Mostra Internacional do Filme Etnográfico (2011); Curso de Férias do Museu do Índio (julho de 2012); Cinema para Comunidades com UPP (agosto e novembro de 2012); Assembleia Bienal Vídeo nas Aldeias (Olinda, PE, maio de 2012); Vídeo nas Aldeias, 25 anos; Rio+20 (junho de 2012); Homenagem a Gilberto Velho, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ (junho de 2012). Dessa forma, um raro acervo no gênero está disponível para pesquisa e consulta no Brasil.

Proalfa promove alfabetização e capacitação de alfabetizadores

O Programa de Alfabetização, Documentação e Informação (Proalfa) é um programa de extensão criado em 1995 com o objetivo de promover projetos de alfabetização de jovens e adultos, bem como produzir o diálogo sobre práticas em alfabetização e letramento para professores. Trata-se de um espaço interdisciplinar onde atuam também graduandos das mais diferentes áreas, como Letras, Pedagogia, Comunicação Social e Biblioteconomia, que recebem formação teórico-prática. Entre os projetos desenvolvidos pelo Programa, encontra-se o oferecimento de classes de alfabetização e letramento

para jovens e adultos com ou sem escolaridade com foco em Língua Portuguesa e Matemática. O Proalfa realiza também parcerias com Centros de Acolhimento de menores, como o Instituto Ayrton Senna – atendendo crianças consideradas submetidas a “risco social” – e com outras instituições, como a Fiocruz, cujos trabalhadores terceirizados têm a oportunidade do acesso à leitura e à escrita por meio do Proalfa. O programa desenvolve ainda um projeto que se propõe a formar um amplo acervo específico sobre alfabetização com o intuito de disponibilização desse material também para a comunidade externa. O acervo conta com aproximadamente 1.507 livros, 560 periódicos, 120 monografias e material audiovisual variado. Além disso, são realizadas palestras mensais, com especialistas sobre o assunto, que são abertas a educadores e interessados no tema.

Parceria permite a disponibilização de documentos históricos para a sociedade

A cooperação firmada pelo Conselho Nacional de Arquivos (Conarq) com a UERJ, desde 1996, permite que o acervo de instituições arquivísticas seja disponibilizado à sociedade brasileira. O programa permite que estudantes recebam bolsas para atuarem nessas instituições de modo a auxiliarem na organização e descrição de documentos históricos. Atualmente, as instituições onde estão sendo realizados trabalhos são: Diretoria de Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Arquivo Histórico do Exército, Arquivo Nacional, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Museu Histórico Nacional. Um total de 1.900 estudantes já passou pelos projetos desenvolvidos durante a vigência do acordo.

Incubadoras de empresas de sucesso foram criadas na UERJ

A ESDI, a Faculdade de Engenharia e o Instituto Politécnico são algumas das unidades da UERJ que contam com incubadoras de empresas de sucesso.

Na ESDI, funciona a Incubadora de Empresas de Design (INESDI), que foi a primeira incubadora de Desenho Industrial do Rio de Janeiro. A INESDI visa a incentivar novos projetos, estimulando a inovação e a criatividade, e oferece cursos e eventos para este fim. Sua missão é viabilizar a criação e fortalecimento de empresas na área de Desenho Industrial/Design.

A Faculdade de Engenharia conta com a incubadora Phoenix, criada em 2003, cujo objetivo é estimular, por meio do fornecimento de condições físicas e técnicas, o surgimento de empresas de base tecnológica e mista. Por intermédio da Phoenix, empresas nela instaladas, como a Senfio e a Eyllo Tecnologia, se classificaram respectivamente em primeiro e em terceiro lugar na Competição de Tecnologia da Informação e Inovação do UK Trade & Investment promovida pelo Consulado Britânico.

O Instituto Politécnico, localizado em Nova Friburgo, conta com a Incubadora de Empresas de Caráter Tecnológico (IEBTec), criada em 1995, voltada para o desenvolvimento tecnológico da região.

Pesquisa conclui que o extrato da casca de uva pode auxiliar no tratamento da hipertensão

O professor Roberto Soares de Moura iniciou, em 1997, uma pesquisa sobre as propriedades da uva, e dez anos depois chegou a um resultado animador: ao analisar o extrato da casca da fruta, concluiu a existência de uma função terapêutica para

alguns problemas de saúde, como a hipertensão. A descoberta foi patenteadada.

Programa promove conhecimento sobre culturas indígenas

O Programa de Estudos dos Povos Indígenas, coordenado pelo professor Ribamar Bessa, realizou trabalho junto a índios de várias aldeias do Norte Fluminense, Região dos Lagos e Região Serrana. Preocupado com as visões sobre os índios presentes na sociedade, Bessa expandiu o projeto para oficinas com professores das redes públicas de regiões como Angra, Parati, Valença e Casimiro de Abreu.

Projeto desenvolvido no Complexo da Maré ajuda a promover cursos de capacitação, oficinas e a criar biblioteca

O projeto Maré de Mãos Dadas começou a ser desenvolvido, em 1998, por professores e alunos da Faculdade de Administração e Finanças e do Centro de Ciências Sociais da UERJ, em parceria com o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM). O objetivo era expandir e aperfeiçoar a gestão do CEASM que atuava na promoção de oficinas e cursos de capacitação dos moradores das quinze comunidades pertencentes ao complexo. As atividades envolveram um pré-vestibular comunitário e a criação de uma biblioteca.

Reestruturação do sistema e do atendimento do Detran-RJ contou com atuação da UERJ

Em 1996, o Núcleo de Estudos Governamentais (Nuseg) firmou parceria com o Detran-RJ para modificar o sistema de trânsito e fiscalização do Rio de Janeiro por meio do projeto Troca de Pla-



Alunos do curso pré-vestibular no Complexo da Maré.

Fonte: UERJ em Questão, n. 62, abr./maio 1999. Foto: Roberto Cuíca



Projeto Maré de Mãos Dadas: professor da Faculdade de Administração e Finanças, Marcelo Fernandez, e Marialva Klen, secretária executiva do CEASM.

Fonte: MID/Rede Sirius. Foto: Roberto Cuíca

ca. Os veículos do Rio de Janeiro foram recadastrados e vistoriados para integrarem o cadastro do Estado ao Renavam (Registro Nacional de Veículos Automotores). O Nuseg atuou no desenvolvimento e implantação de softwares e do sistema informatizado para teleatendimento ao usuário e também no controle das emissões dos Comprovantes de Registro de Veículos (CRV). Além disso, o núcleo foi responsável pela construção de dez postos do Detran buscando ampliar a capacidade de atendimento simultâneo de veículos. Foi desenvolvido também um censo com o objetivo de identificar os principais pontos de congestionamento para que o Detran pudesse atuar na diminuição de engarrafamentos na cidade.

Desenvolvimento sustentável e preservação da memória histórica e natural: a Ilha Grande tem Ceads e Ecomuseu

No ano de 1996, o Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável de Ilha Grande (CEADS) foi instalado. Trata-se de um pólo que fornece a base para a realização de inúmeros projetos em variadas áreas, como ecologia, botânica, farmacologia, antropologia, geociências, oceanografia, sociologia, zoologia, nutrição, engenharia, educação em saúde e ambiental. Para isso, o Centro conta com laboratórios, refeitórios, alojamentos, auditórios, salas de estudo e biblioteca, além de espaços para ensino da graduação e da pós-graduação, recebendo inúmeros visitantes, entre estudantes, professores e visitantes externos.



Ceads

Fonte: MID/Rede Sirius.



Museu do Cárcere em Ilha Grande

Fonte: UERJ em Questão, n. 85, out./nov./dez. 2010. Foto: Thiago Facina

Em 2009, foi a vez da instalação da primeira unidade do Ecomuseu, o Museu do Cárcere. Este é voltado para a preservação da história original do sítio, o antigo presídio da Ilha Grande, implodido em 1994, e do sistema prisional do Brasil. O local abriga inúmeras exposições sobre o assunto e muitas das peças em exibição foram doadas pelos próprios moradores. Depois do Museu do Cárcere, vieram o Museu do Meio Ambiente, o Parque Botânico e o Centro Multimídia, perfazendo um complexo de quatro museus.

Em 2019, a Ilha Grande foi reconhecida como Patrimônio Mundial pela Unesco, e a UERJ segue com seu propósito de preservação histórica e natural da região.

Laboratório de Diagnósticos por DNA realiza exames de paternidade e auxilia judiciário na área civil e criminal

O Laboratório de Diagnósticos por DNA (LDD) foi criado em 1996. Hoje se destaca pela realização de

perícias judiciais, criminais e de paternidade e pelo estudo genético mais amplo da população brasileira. Por essas atividades, o laboratório auxilia a área de segurança pública e de direito da família, recebendo incentivos da Faperj, do Tribunal de Justiça e do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Na década de 1990, quando o laboratório começou suas atividades, a investigação genética, realizada por laboratórios privados, era inacessível a grande parte da população e também ao Estado, devido ao alto custo, de modo que o Judiciário procurou a universidade para auxiliá-lo, não apenas na realização de exames de paternidade, mas também na área forense. Até 2012, o laboratório havia realizado mais de 55.000 perícias forenses, criminais e testes de paternidade, pois envia seus pesquisadores para regiões do interior do estado a fim de realizar coletas de material para os testes. Além disso, auxilia órgãos de segurança pública em diferentes estados do Brasil e faz parte de uma rede internacional de pesquisadores da área, estando associado, desde a sua criação, à Sociedade Internacional de Genética Forense.



Laboratório de Diagnósticos por DNA.

Fonte: UERJ em Questão, n. 97, jan./fev. 2013. Foto: Thiago Facina

Engenheiros foram capacitados em programa de eficiência energética

Em 1996, o professor Walmir Ribeiro Pinheiro Junior, da Faculdade de Engenharia, integrou o Conselho de Consumidores da Light. Assim, descobriu que a empresa desenvolvia um programa de “eficiência energética” que oferecia uma verba para instituições que diminuíssem o consumo de energia, porém mantendo a qualidade. Dessa forma, o professor realizou um diagnóstico da UERJ e conseguiu inseri-la no programa. No ano de 2001, a universidade conseguiu diminuir significativamente o gasto com energia, por meio de medidas simples, como a instalação de lâmpadas fluorescentes. A experiência foi além da UERJ, já que o projeto capacitou os futuros engenheiros, que em parceria com a Eletrobrás, passaram a oferecer consultorias para outras empresas.

Memória de São Gonçalo é resgatada

O conhecimento das experiências históricas ocorridas na região de São Gonçalo foi o mote para pesquisas que buscavam não apenas entender um pouco mais dessa história, mas também divulgá-la para o público mais amplo. Assim, surgiu o “Guia de Fontes da História de São Gonçalo”, que possibilita, além do resgate da memória da região, a realização de futuras pesquisas. Entre 1996 e 1997, os professores Luís Reznik e Márcia de Almeida Gonçalves coordenaram os trabalhos de estudantes vinculados ao Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Formação de Professores da UERJ com o intuito de pesquisar documentos para compor o guia, chegando a monumentos e fontes históricas que datavam de 1647.



UERJ iluminada à noite.

Fonte: UERJ em Questão, n. 74, set./out./nov.. 2001. Foto: Paulo Miranda



Professores Luís Reznik e Márcia de Almeida Gonçalves com estudantes do projeto no lançamento do “Guia de Fontes da História de São Gonçalo”.

Fonte: MID/Rede Sirius.

A qualidade do ar foi objeto de estudo da Faculdade de Tecnologia

Em 1997, a Faculdade de Tecnologia, em parceria com pesquisadores da UFRJ e com a Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (Feema), desenvolveu um banco de dados para monitorar a qualidade do ar da cidade do Rio de Janeiro. Os dados coletados eram analisados e simulados para melhor caracterizar os poluentes. O projeto era importante, porque permitia a elaboração de políticas públicas adequadas para a problemática da qualidade do ar.

Projeto desenvolve técnica de monitoramento para diminuir e prevenir a erosão costeira das praias do Rio de Janeiro

Em 1997, o Grupo de Pesquisa em Oceanografia Geológica (GPOG) analisava seis praias do Rio de Janeiro. O objetivo era sugerir medidas que solucionassem os efeitos derivados da erosão costeira que estava sendo significativamente ampliada pela ação do homem. O grupo criou uma técnica de monitoramento para analisar, no período de um ano, uma determinada área por completo. A partir dos resultados obtidos, era possível sugerir medidas para diminuir e prevenir a erosão.

Atletas paraolímpicos foram treinados na UERJ pelo Instituto de Educação Física

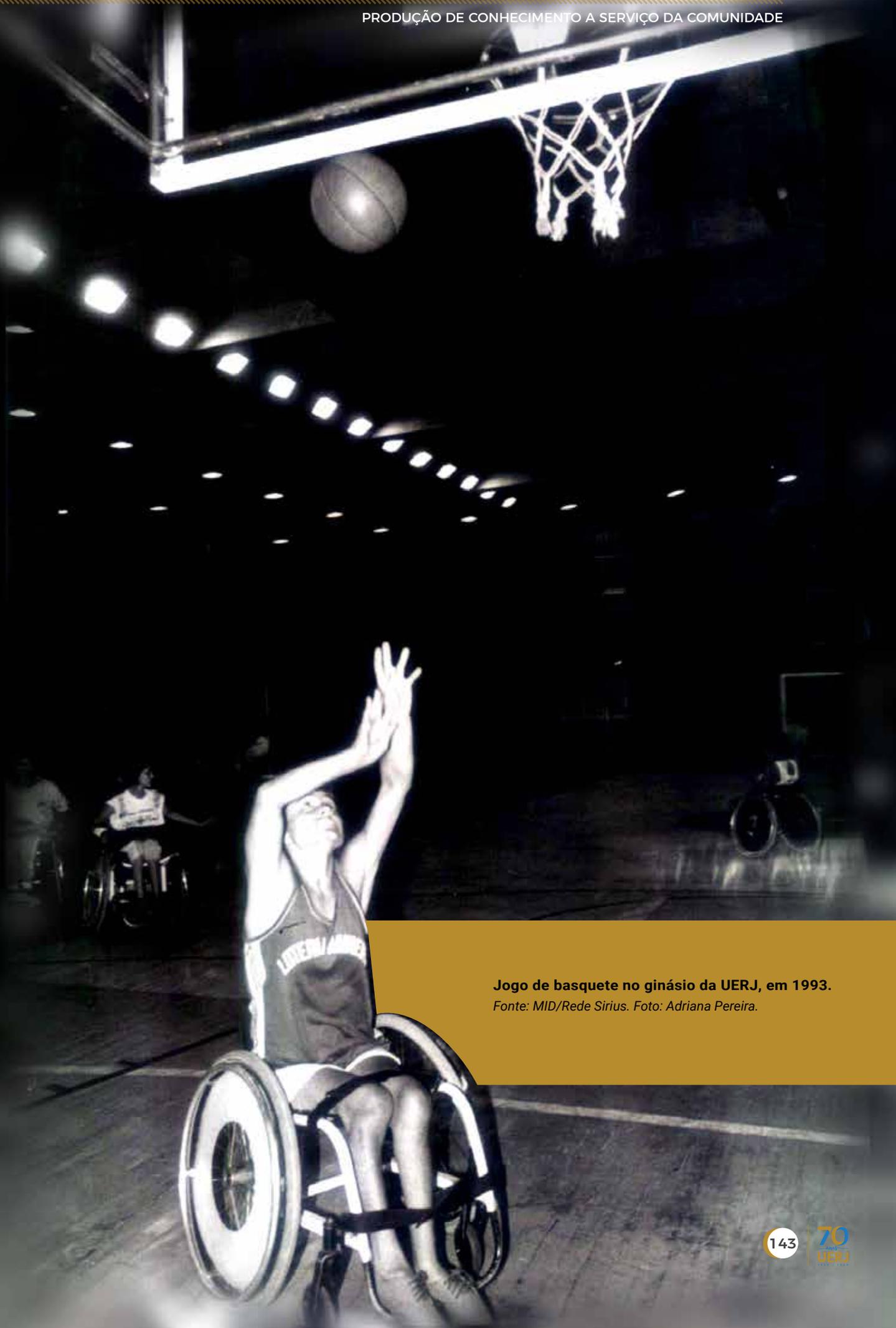
O Programa de Extensão de Atividades Físicas e de Lazer para Pessoas Portadoras de Deficiências Físicas foi crescendo aos poucos. Em 1990, a mentora da iniciativa e desportista, Sandra Peres, firmou parceria com o Instituto de Educação Física

para realizar o projeto, voltado para o desenvolvimento motor de pessoas portadoras de necessidades especiais por meio de atividades esportivas. Nove anos depois, o Instituto de Educação Física treinava 120 pessoas da comunidade externa e atletas profissionais que se preparavam para as Paraolimpíadas do ano 2000. O instituto oferecia orientação técnica de profissionais, espaço para os treinos e materiais para as atividades.



Jogo de handebol no ginásio da UERJ.

Fonte: *UERJ em Questão*, n. 62, abr./maio 1999.



Jogo de basquete no ginásio da UERJ, em 1993.

Fonte: MID/Rede Sirius. Foto: Adriana Pereira.

Núcleo que combate vício no tabaco foi criado no ano 2000

O Núcleo de Controle do Tabagismo, que foi abrigado no HUPE, juntamente com o Serviço de Pneumologia do hospital, desenvolveu projeto que auxiliava fumantes a se afastarem do vício do tabaco sem necessitar de medicamentos. O tratamento focava a prática de atividades físicas e a mudança de hábitos alimentares, e o paciente era acompanhado por profissionais variados, como pneumologistas e psicólogos.

Projeto desenvolveu técnica para despoluir o Rio Paraíba do Sul

O Rio Paraíba do Sul corta um número significativo de municípios do Estado do Rio de Janeiro e é cotidianamente contaminado por resíduos industriais e pelo esgoto. No ano 2000, pesquisadores da Faculdade de Tecnologia, localizada em Resende, passaram a estudar o processo de fotocatalise, capaz de degradar moléculas poluentes encontradas na água. Os pesquisadores criaram um reator que eliminava os efluentes do rio, o que permitia sua descontaminação.

InovUERJ estimula inovação e registro de patentes

O Programa de Inovação Tecnológica (InovUERJ) entrou em funcionamento no ano 2000 ainda com o nome Programa de Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia (PITT), tendo sido o segundo a trabalhar com propriedade intelectual no Brasil. A equipe do InovUERJ analisa os projetos realizados na universidade que acarretam inovação para garantir o registro adequado dos seus produtos. Primeiramente,

é analisado o objetivo da patente e, por fim, são identificados os benefícios para a sociedade. Quando um projeto candidato é aprovado, o processo de patenteamento é instituído e, após finalizado, a patente pode ser transferida a empresas por meio do pagamento de royalties para a UERJ – que mantém a titularidade do produto – ou chegar ao mercado mais diretamente, de maneira que a instituição receba royalties por um período de tempo. Uma outra forma de contrato é a parceria de empresas com a universidade para o desenvolvimento de um produto que, quando patenteado, pode ter sua titularidade dividida entre a empresa e a universidade ou, então, ter sua patente repassada para a empresa.

O InovUERJ desenvolve ainda outras atividades, entre as quais estão também o apoio a projetos como o Avenida Brasil Digital, que construiu uma rede sem fio ao longo daquela avenida – uma parceria com a Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia. Organiza ainda oficinas de capacitação, de gestão (interna e externamente) e de desenvolvimento tecnológico em geral, como a construção de sites e o gerenciamento de sistemas.

Instituto de Medicina Social auxilia nas políticas públicas de saúde contribuindo com o Sistema Único de Saúde (SUS)

Historicamente o Instituto de Medicina Social (IMS/UERJ) realiza atividades de extensão, projetos e pesquisas para auxiliar no desenvolvimento de políticas públicas, em especial, políticas relacionadas ao Sistema Único de Saúde (SUS). Algumas ações estão relacionadas à formação e capacitação, como a criação do primeiro Mestrado Profissional na área da Saúde Coletiva. Este foi devidamente executado, de forma pioneira, entre 2000 e 2002, com o auxílio da Secretaria de Assistência à Saúde do Ministério da Saúde. Outro projeto do IMS, também em relação ao

SUS, foi o lançamento do Manual do Gestor Municipal do SUS: diálogos no cotidiano, fruto de uma parceria entre o Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde e o Laboratório de Pesquisa e Integralidade em Saúde (LAPPIS/IMS/UERJ). O manual é uma orientação para gestores em saúde pública que contém informações amplas sobre o SUS e legislação atualizada, versando sobre temas como o financiamento, a relação dos conselhos municipais, e a comunidade, o trabalho e a educação na área de saúde, até mesmo assistência farmacêutica e judicialização da saúde. Dessa forma, o manual auxilia no conhecimento do sistema de saúde e no planejamento de ações das secretarias de saúde de todo o Brasil.

Atividades culturais, terapêuticas e de valorização da Baixada Fluminense são realizadas pela FEBF

O Programa Integrado de Pesquisas e Cooperação Técnica da Baixada Fluminense (PINBA) da FEBF

e a organização não governamental, Instituto de Pesquisas e Análises Históricas e de Ciências Sociais da Baixada Fluminense (IPAHB), estabeleceram o Dia da Baixada Fluminense após realizarem o encontro “Quem é quem no cenário cultural da Baixada Fluminense”, ocorrido em dezembro de 2000. A proposta era reservar o dia 30 de abril – data da inauguração da estrada de ferro do Brasil de 1854, que cortava a região e ligava Magé a Fragoso – para pensar a história e a cultura da região, assim como para debater os problemas existentes. Além disso, como resultado do encontro, foi produzida a Carta Cultural da Baixada que, segundo o diretor do PINBA à época, Paulo Mainhard, tinha o intuito de reivindicar aos órgãos públicos a criação de espaços culturais e a preservação do patrimônio histórico e ecológico da região.

Seguindo a proposta da FEBF de desenvolver ações e debates sobre temas de interesse da Baixada Fluminense, foi criado o programa Conversas com a Terceira Idade, onde idosos participavam de atividades diversas que envolviam música, dança



Atividade do projeto Conversas com a Terceira Idade na Baixada Fluminense.

Fonte: UERJ em Questão, n. 73, maio/jun./jul. 2001. Foto: Paulo Miranda.

e debates sobre cidadania e direitos humanos. Outro projeto, desenvolvido pelo Núcleo de Educação Continuada (NEC), foi intitulado Violência e Cotidiano Escolar. Nele se discute temas como violência e meio ambiente em escolas da rede pública. O grupo organiza ainda núcleos de referência no interior das escolas cuja função é desenvolver com os estudantes atividades pensadas pela equipe, como grupos de estudo, oficinas e cursos.

Estudo mapeou a realidade dos aposentados

O projeto da professora do Instituto de Ciências Sociais, Clarice Peixoto, analisou o perfil dos aposentados entre 2000 e 2003 e concluiu que muitos voltavam a trabalhar depois da aposentadoria por necessidades financeiras, já que os salários eram reduzidos tanto pela perda de benefícios recebidos na vida ativa, quanto pela inflação. O projeto permitiu perceber, já naquela época, a necessidade de políticas públicas voltadas para idosos e aposentados.

Projeto em Ilha Grande auxilia preservação ambiental e promove geração de renda para população local

No ano 2000, pesquisadores do Laboratório de Ecologia Marinha Bêntica iniciaram o Projeto Coral-Sol que visava estudar e erradicar a *Tubastraea* (coral-sol), uma espécie invasora que ameaça a fauna e flora marinha na região de Ilha Grande. Por meio do projeto, famílias da região foram capacitadas a retirar a espécie invasora e utilizá-la como material para produção de artesanato local, gerando uma nova fonte de renda



O Coral-Sol. Foto de Joel Creed. 2007.

Fonte: *UERJ em Questão*, n.3, 2007.



Pesquisador recolhendo o Coral-Sol. [s/autoria. s/ data.]

Fonte: Acervo Instituto de Biologia (Ibrag).

ONU escolhe UERJ para realizar mapeamento hídrico do Brasil

Zonas costeiras e bacias hidrográficas de todos os países foram objeto de observação da Organização das Nações Unidas (ONU). Contudo, para analisar tantas localidades ao redor do mundo, a ONU selecionou instituições em cada país para fazer um mapeamento hídrico e diagnosticar os problemas ambientais e socioeconômicos das áreas. No caso do Brasil, a UERJ foi escolhida para analisar as bacias do São Francisco, Atlântico Leste e do Atlântico Sul/Sudeste, trabalho que se iniciou em 2001. O projeto foi coordenado por Márcia Marques, professora de engenharia sanitária e representante do Global International Waters Assessment (GIWA) da ONU para América Latina e Caribe.



Planta Terramicina.

Fonte: UERJ em Questão, n. 3, 2007.

Informação sobre plantas medicinais e tóxicas é divulgada para a sociedade

A venda indiscriminada de plantas medicinais preocupava os pesquisadores da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo (FFP/ UERJ) que, em cooperação com professores do Departamento de Biologia Geral da Universidade Federal Fluminense (UFF), desenvolveram, em 2001, um projeto de pesquisa que buscava não apenas identificar e estudar as plantas tóxicas e as plantas medicinais, mas também promover a construção de hortas em escolas, distribuir folhetos explicativos e conscientizar a população sobre o uso adequado dessas plantas.

Estudo para diminuir poluentes do óleo diesel é realizado em parceria com a Petrobrás

Em 2002, um projeto que objetivava diminuir a quantidade de poluentes emitidos na atmosfera foi desenvolvido por meio de uma colaboração que uniu o Instituto de Química (IQ) e a Petrobrás. O foco era reduzir ao máximo os contaminantes presentes no óleo diesel com o uso de elementos adsorventes que reagiam de maneira adequada para retirar os contaminantes.

Experimento biológico foi lançado a bordo de foguete brasileiro por pesquisadores da UERJ

Uma viagem ao espaço pode causar danos ao organismo humano devido à exposição à radiação cósmica. Uma pesquisa ligada ao Instituto de Biologia (Ibrag) da UERJ foi desenvolvida com o objetivo de enviar ao espaço um experimento biológico e,

assim, diagnosticar não apenas os danos causados ao organismo, mas também a capacidade de recuperação deste. O projeto foi selecionado pela Agência Espacial Brasileira (AEB) e pela Academia Brasileira de Ciências (ABC) para enviar o experimento a bordo do foguete brasileiro VS-30. O foguete foi lançado em setembro de 2002.

Criação da Unidade de Cirurgia Ambulatorial revolucionária procedimentos cirúrgicos no país e permite a “desospitalização”

A Unidade de Cirurgia Ambulatorial (Ucamb) da Policlínica Piquet Carneiro (PCC) foi uma parceria estabelecida com o HUPE que beneficiou a população. Por meio dela, o HUPE ficou responsá-

vel por cirurgias de alta complexidade, e a Ucamb por procedimentos cirúrgicos mais simples, o que permitiu a dinamização do atendimento nas unidades. Quando criada, em 2002, a unidade tinha capacidade para atender 400 pessoas por mês e, em 2009, a PCC atingiu a marca de 5.000 procedimentos realizados ao ano. A iniciativa impulsionou ainda a “desospitalização” dos pacientes, ou seja, a diminuição do tempo de internação, o que reduz os riscos de infecção, além de permitir uma formação médica pioneira, já que os estudantes do curso de Medicina podem entrar em contato desde a graduação com práticas cirúrgicas. Isso fez com que a UERJ se tornasse a primeira universidade brasileira em que os estudantes, ao se formarem, estejam habilitados a realizar pequenas cirurgias, mesmo ainda não tendo passado por um programa de residência médica.



Cirurgia de catarata realizada em ambulatório da Policlínica Piquet Carneiro.

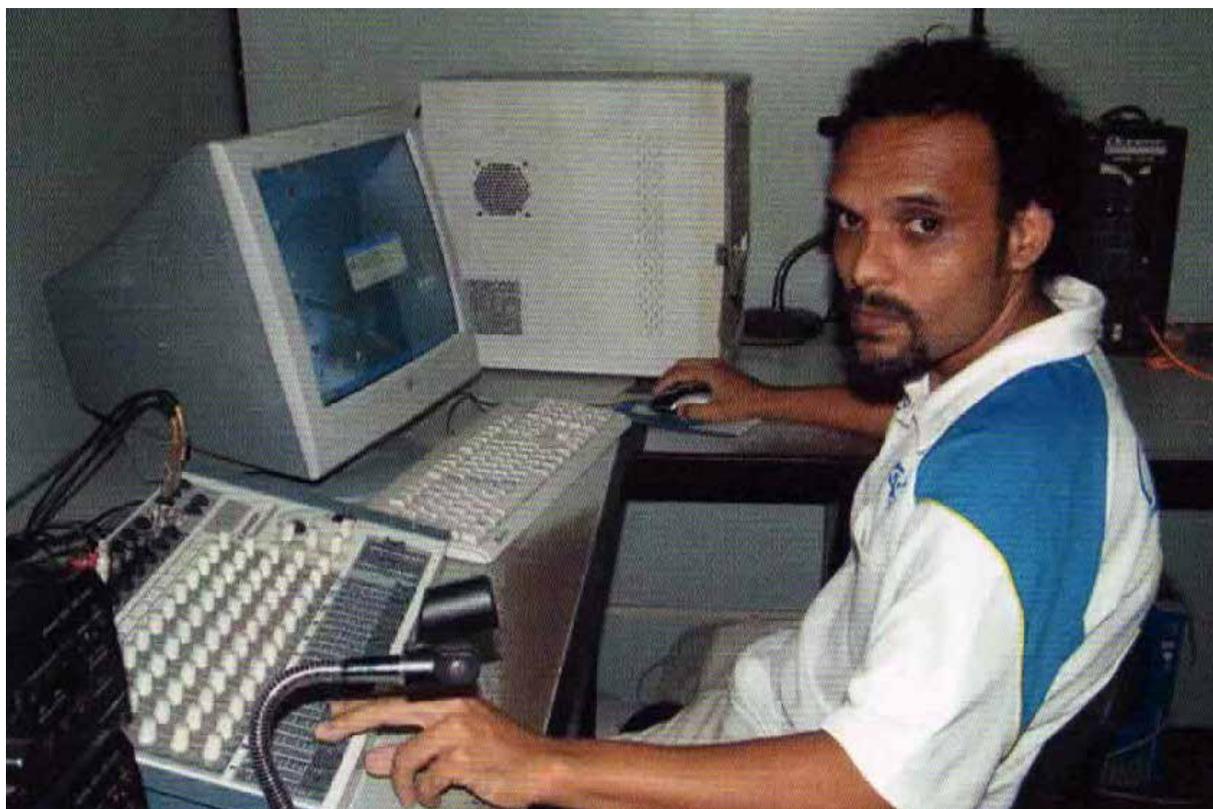
Fonte: UERJ em Questão, n. 82, dez. 2009. Foto: Thiago Facina.

Projeto de rádio comunitária permite FEBF informar e debater com comunidades

Desenvolvida no ano de 2002 como uma entidade sem fins lucrativos, a rádio comunitária Kaxinawá uniu professores e alunos do mestrado da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) e moradores da Vila São Luis. O objetivo é informar, debater questões sobre educação e cultura e estabelecer comunicação com a sociedade. A rádio também é composta por um canal interativo que funciona como uma extensão desta – plataforma considerada pioneira. Posteriormente, a rádio foi além da Vila São Luis e passou a ser acessada em outras regiões, como Duque de Caxias e Ilha do Governador.

Tecnologia em prol da Medicina: médicos do HUPE e da Universidade Johns Hopkins utilizaram videoconferência para realizar diagnóstico de paciente

Entre 2003 e 2007, médicos do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) e da Universidade Johns Hopkins (EUA) realizaram juntos o diagnóstico de um caso complexo por meio de videoconferência. A ocasião abriu espaço para o debate sobre Educação a Distância e utilização da tecnologia no processo educacional médico, ou seja, em sala de aula. A UERJ desenvolveu, nesse aspecto, um projeto pioneiro de teleeducação em radiologia, que foi selecionado para participar da 22.^a Conferência Mundial de Educação a Distância.



Marcelo Lopes, produtor do programa Hip Hop na Veia.

Fonte: UERJ em Questão, n. 3, 2007.

Transplantes de órgãos são realizados no Hospital Universitário, que enfatiza a importância de doações

A doação de órgãos ainda é um assunto que envolve muitos preconceitos, o que aumenta a dificuldade de serem encontrados para aqueles que necessitam. Ao realizar pela oitava vez um transplante de coração, em 2003, o Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) ressaltou a importância da doação – que pode salvar a vida de outro paciente – e da aceitação por parte da família. Além de transplante de coração, o HUPE realiza também transplante renal.

Projetos sobre a AIDS que ajudam a quebrar preconceitos

O Grupo Com Vida, criado em 1996, no HUPE, dá assistência integral a pacientes soropositivos,

além de já ter realizado capacitação para profissionais da saúde do município. O Vida + (Vida Positiva) foi criado em 2005 por iniciativa do Instituto de Educação Física e Desportos e tem como foco pacientes soropositivos. O projeto é baseado em uma abordagem multidisciplinar envolvendo atividade física controlada, orientação nutricional, acompanhamento médico e psicológico.

Conhecimentos musicais de estudantes são desenvolvidos por projeto

O projeto de extensão “Juventude, Prática Musical e Expressão: vivendo e criando música com jovens”, idealizado pela professora Ilana Assbú Linhales Rangel e iniciado em 2003, pesquisa a música em seus aspectos históricos, sociais, culturais e musicais. O projeto, por onde já passaram mais de 60 músicos, deu origem ao grupo musical AH!BANDA e é integrado por alunos e ex-alunos do CAP e da



Ivone de Souza, oitava paciente a receber um transplante de coração no HUPE

Fonte: UERJ em Questão, n. 80, jan./fev./mar. 2003. Foto: Maria Vasquez.



Músicos agradecendo ao final do show Brasileiríssimo, em 2013. Comemoração de 10 anos do projeto.

Fonte: Acervo CAp-UERJ.

graduação da UERJ. O projeto possui um CD e dois DVDs publicados com cadernos de estudos contendo a pesquisa teórica. Anualmente, um público estimado mínimo de 2.000 pessoas assiste apresentações do projeto na UERJ e em outros palcos no Rio de Janeiro.

Projeto enfatizou a perspectiva do aluno como ferramenta para reverter o fracasso escolar

Compreender o fracasso escolar é um passo importante para que medidas capazes de solucionar esta problemática sejam implementadas. Esse foi o objetivo do projeto Imagens Etnográficas da Inclusão Escolar: o fracasso escolar na perspectiva do aluno, realizado a partir de 2005 pelo Núcleo de Etnografia em Educação (NetEDU), vinculado à pós-graduação da Faculdade de Educação. O projeto, finalizado em 2007, foi desenvolvido por

meio da análise de dados do IBGE e da coleta de informações em uma escola da Rocinha. O método etnográfico utilizado tinha a função de tentar dar atenção ao horizonte do aluno e entender suas perspectivas para compreender os motivos que levam ao fracasso.

Laboratório de Ciências Radiológicas dedicou-se aos estudos sobre o câncer de mama

No ano de 2006, o Laboratório de Ciências Radiológicas (LCR), vinculado ao Instituto de Biologia, pesquisava meios para prevenção do câncer de mama. Uma das teses produzidas no laboratório estudava um novo método de calibração do irídio 192, uma energia atômica usada no tratamento do câncer. O LCR também realizou uma parceria com o Instituto Avon, promovendo capacitação profissional, elaboração de manuais, entre outras medidas,



Contador de radiação alfa e beta do LCR, em 1994.

Fonte: MID/Rede Sirius.

para auxiliar no diagnóstico do câncer de mama por meio da mamografia. Atualmente, o laboratório é reconhecido pelo governo do Estado do Rio de Janeiro como laboratório de referência para emitir laudos de aprovação e proteção radiológica. Por isso, está autorizado a realizar vistoria técnica das condições de proteção radiológica dos hospitais e clínicas radiológicas e consultórios odontológicos no estado, com reconhecimento do INMETRO.

Ambiente virtual é conjugado com tratamento de doenças mentais em projeto

Pesquisadores do Instituto de Matemática e Estatística (IME) da UERJ e da Coppe-UFRJ apostaram, em 2006, que o ambiente de realidade virtual poderia ser uma possível forma de tratamento para pacientes com fobia, esquizofrenia e insuficiência mental. Imeros nesse ambiente virtual, os pacientes realizavam simulações relacionadas às atividades cotidianas, específicas para cada transtorno, o que auxiliaria no processo de reabilitação. Para isso, os pesquisadores

empenharam-se na construção de ambientes virtuais voltados para cada tipo de doença.

Propagação da Educação Inclusiva é o objetivo de projeto da Faculdade de Educação

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva, vinculado à Faculdade de Educação, tem por objetivo tornar a educação um espaço mais igualitário e inclusivo. O núcleo atua na formação de alunos de graduação e pós-graduação na área de Educação Inclusiva. Em 2007, pelo projeto Universidade e Diversidade: Vivenciando Linguagens, realizava atividades em escolas do ensino infantil, fundamental e médio, buscando se aproximar de organizações, associações e familiares. O grupo propunha adaptações curriculares por meio de oficinas direcionadas para professores.

Estudo sobre evolução geológica dos oceanos ajuda a identificar recursos minerais, terremotos e atividades vulcânicas

O Grupo de Pesquisa em Oceanografia Geológica da UERJ (GPOG/CNPq) tem entre seus objetivos compreender a evolução geológica dos oceanos. Para isso, utiliza métodos provenientes da Geofísica para obter informações e identificar a composição das rochas e sedimentos. Essas informações são fundamentais para, entre outras coisas, identificar áreas de pesquisa em recursos minerais do mar e entender fenômenos físicos, como terremotos e vulcanismo. A UERJ, à semelhança de universidades norte-america-

nas e europeias, é responsável pelo mapeamento da plataforma continental do país onde está localizada. Em conjunto com outras universidades públicas, disponibiliza equipamentos geofísicos para toda a rede de pesquisadores do assunto.

Comunidades do Baixo Sul da Bahia são beneficiadas por projeto

O Instituto de Desenvolvimento Sustentável do Baixo Sul da Bahia (Ides) convidou professores da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) para visitar a região e conhecer o trabalho que comunidades locais realizavam com a piaçava. O objetivo era realizar uma análise técnica que ajudasse



Pessoas da comunidade e pesquisadores trabalhando com a piaçava.

Fonte: UERJ em Questão, n. 3, 2007. Foto: Henrique Ilídio.

a melhorar a produção, visto que muitos produtos, como bolsas e escovas, eram produzidos a partir da piaçava. Durante a visita, que ocorreu em 2006, foi possível acompanhar o trabalho dos moradores do quilombo Jatimane e as atividades da fábrica de vassouras em Nilo Peçanha. Foi nesse contexto que o Projeto Piaçava surgiu, visando a melhorar a vida da população e aumentando as oportunidades de trabalho e renda.

Projetos sobre energias renováveis são desenvolvidos na UERJ

Pesquisadores da UERJ estão preocupados em ampliar a produção de energias renováveis no Brasil. O Laboratório de Energia Eólica criou, em 2007, um aerogerador para produção de energia eólica que foi comercializado. Em seguida, o mesmo laboratório realizou estudos para a identificação de materiais resistentes para pás de geradores. Além disso, são desenvolvidas, na universidade, pesquisas sobre placas de captura de energia solar em climas tropicais – já que originalmente elas foram criadas para climas frios – a partir da correnteza dos rios e a partir do biogás encontrado em aterros sanitários.

Equipamentos de energia eólica.

Fonte: UERJ em Questão, n. 88, maio/jun. 2011.



No caso do Programa Rio Capital da Energia, criado em 2011, o objetivo era fazer do estado uma referência em questões energéticas. O programa buscou estabelecer cooperação com diferentes instituições e órgãos. A UERJ, como pólo científico de relevância do estado, ficou responsável, entre outras atividades, por capacitar profissionais em relação à temática e montar laboratórios voltados para o estudo de combustíveis, de energia limpa e do uso de plástico. Pesquisadores do Centro de Fontes Renováveis de Energia (CFRE), da Faculdade de Tecnologia de Resende, também participaram ativamente, em especial, na construção de uma residência que funcionaria como teste, para experimentar maneiras de utilização energética racional e de fontes de energia renovável.

Estudo de partícula que dá massa a todas as outras teve participação da UERJ

O projeto, que teve a participação de um grupo de professores do Departamento de Física Nuclear e Altas Energias, buscou o Bóson de Higgs, a partí-

cula que dá massa a todas as partículas e levou à construção do Large Hadron Collider (LHC), no laboratório CERN, na Suíça. O LHC entrou em funcionamento em 2008 e consiste em um grande acelerador de partículas capaz de produzir alta energia. Além da possibilidade de compreender a origem do universo, os pesquisadores precisaram desenvolver tecnologias na área de computação, tanto para armazenar dados quanto para se comunicarem, de maneira que o projeto acabou originando a World Wide Web. Além disso, um dos maiores computadores da América Latina ligado ao projeto, a T2-HEPGRID-Brasil, está localizado na UERJ. O Instituto Politécnico de Nova Friburgo participa da iniciativa por meio da Colaboração Atlas/Brasil.

Ações Afirmativas em destaque

O Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA), vinculado ao Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ), foi criado em 2008 e tem como propósito desenvolver estudos que abordem ações afirmativas. Para isso, desenvolve pesquisas como o "Projeto diversidade no



Computador usado pelos pesquisadores.

Fonte: Acervo Instituto de Física (IFADT).

ensino superior”, que tem por objetivo verificar as iniciativas de diversidade implementadas nas universidades brasileiras, e o “Diversidade racial e de gênero na publicidade impressa brasileira”, que visa a entender as representações presentes nas peças publicitárias em revistas de grande circulação. Dessa forma, esses projetos permitem que se pense e repense políticas públicas voltadas para o tema das ações afirmativas.

Pesquisa desenvolve soluções para poluição

Laboratório de Biorremediação e Fitotecnologia (Labifi), criado em 2008, é um laboratório da Faculdade de Engenharia que, em caráter multidisciplinar, envolve uma equipe de pesquisadores de diferentes áreas da Engenharia, como Civil, Química, Ambiental e Biológica. O laboratório desenvolve pesquisa de ponta aplicada às questões ambientais buscando soluções para poluição de solo, ar e águas. Produz

estudos com uso de micro-organismos para tratar áreas contaminadas e uso de plantas para tratar solo e esgoto. O objetivo é detectar e tratar poluentes que, despejados no ambiente, retornam ao consumo humano, acarretando inúmeras doenças como o câncer.

Criação de ambiente multimídia busca melhoria da aprendizagem

Em 2009, a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) inaugurou uma “sala de aula do futuro”, a Revoluti. O projeto foi desenvolvido por alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação nas Periferias Urbanas da FEBF, em diálogo com a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI). O objetivo era criar um ambiente multimídia, completamente interativo para alunos e professores, rompendo com a formação tradicional das salas de aula e melhorando o processo de aprendizagem. O primeiro modelo criado custa 30% menos que outras propostas similares.



Pesquisador em atividade no Labifi.

Fonte: UERJ em Questão, n. 103, mar./abr./maio 2014. Foto: Thiago Facina.



Sala Revoluti.

Fonte: MID/Rede Sirius.

Pesquisas sobre diabetes têm longo e exitoso histórico na UERJ

Desde o final da década de 1970, a professora Eliete Bouskela vem desenvolvendo pesquisas na área de microcirculação, financiadas por órgãos de fomento, como o CNPq e a Finep. Na década de 1980, avançou sua análise para pesquisas clínicas que avaliavam a microangiopatia em pacientes diabéticos, inaugurando, em 1995, o Laboratório de Pesquisas em Microcirculação, que, em 2006, transformou-se no Laboratório de Pesquisas Clínicas e Experimentais em Biologia Vascular (Bio-Vasc). O laboratório, além de estudar determinadas doenças, acompanhava pacientes diagnosticados com diabetes mellitus, hipertensão, entre outras.

O aumento do índice de pessoas diagnosticadas com diabetes, por sua vez, instigou a professora da Faculdade de Ciências Médicas da UERJ,

Marília de Brito Gomes, a coordenar um estudo sobre a doença. A pesquisa voltada para a análise do diabetes tipo 1 foi desenvolvida entre 2008 e 2010 com o acompanhamento de pacientes, de variadas localidades, que respondiam questionários durante a consulta médica. Após análise inicial, concluiu-se que grande parte dos pacientes não tinha a doença controlada, o que levava a graves complicações, como cegueira e doenças renais. A pesquisadora defendeu a necessidade de as secretarias de saúde e de educação promoverem uma conscientização social sobre a doença.

Laboratórios da Faculdade de Comunicação Social divulgam conhecimento e informação para a comunidade

Produção de conteúdos jornalísticos e educativos em áudio digital para distribuição gratuita em rádios comunitárias e acesso livre na internet, esta é a função do Laboratório de Áudio (AudioLab), da Faculdade de Comunicação Social. Na internet desde



AudioLab em funcionamento, em 2019.

Fonte: Acervo Faculdade de Comunicação Social.

2010, o conteúdo fica acessível pelo portal Radiotube. Até hoje, foram disponibilizados mais de 300 conteúdos, alguns dos quais contaram com 1.500 acessos. Entre os programas desenvolvidos pelo laboratório, estão: UERJ no Ar, A Gente da Ciência, Esporte no Ar, Radioatividade e o AudioLabGeo. O Laboratório de Editoração Eletrônica (LED), por sua vez, produz o Notícias da Vila, destinado a veicular notícias sobre a Grande Tijuca, já o Laboratório de Comunicação, Cidade e Consumo (Lacon) realiza o podcast “La.con. quem?”: trata-se de um programa que recebe convidados especialistas em temas que focam o escopo do laboratório, ou seja, cidade, cultura e consumo, além de outros assuntos socialmente relevantes.

Projeto Com Ciência Física leva conhecimentos da Física para alunos e professores da Educação Básica

O Projeto Com Ciência Física é um projeto de extensão desenvolvido há mais de 30 anos no Instituto de Física (IFADT) com o objetivo de contribuir para a formação dos licenciandos em Física da UERJ, de



Estudante participa de um experimento.

Fonte: Acervo Instituto de Física (IFADT).

alunos da rede pública e privada, de professores da educação básica e superior e da comunidade em geral. O trabalho envolve a construção de experimentos de física de baixo custo e a reflexão acerca das metodologias desenvolvidas nas práticas docentes, valorizando a compreensão da Física como parte de nossa cultura. A Oficina de Experimentos do projeto atende escolas e estudantes durante todo o ano em uma média anual de 1.500 pessoas, entre crianças, adolescentes e professores.

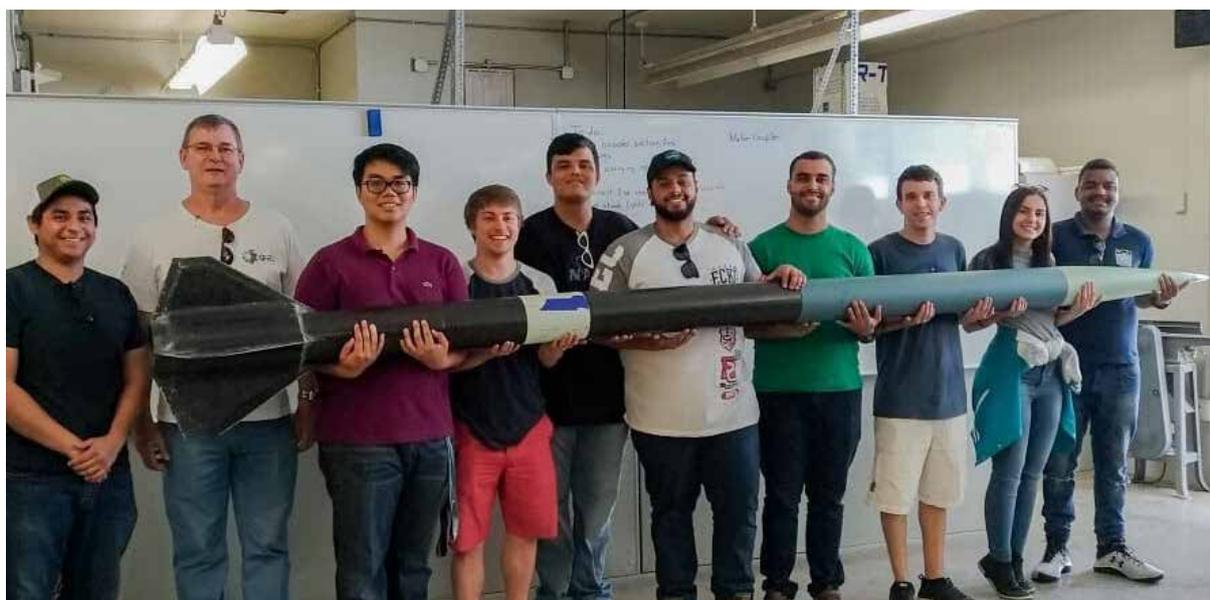
Foguetes são desenvolvidos por grupo criado na UERJ

O Grupo de Foguetes do Rio de Janeiro (GFRJ), uma iniciativa da UERJ, desenvolve testes e lançamentos de foguetes e já participou do Festival Brasileiro de Foguetes, da Competição Universitária Brasileira de Foguetes e da International Rocket Competition, nos Estados Unidos. Na competição internacional de lançamento de foguetes, Spaceport

America, o foguete ATOM, criado e desenvolvido pelo GFRJ, ficou em terceiro lugar na categoria 10k SRAD Solid Motors (foguetes de motor sólido para apogeu de 10.000 pés). A equipe é liderada pelo físico João Canalle, que, além de professor da UERJ, é coordenador nacional da Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica.

Projeto permite conhecimento do bairro do Rio Comprido e produz reflexões sobre a relação bairro-escola

O Instituto de Aplicação, instalado no bairro do Rio Comprido, organiza materiais informativos, visitas guiadas e mapas georreferenciados da região, que servem como instrumento para ampliar as possibilidades de aprendizagem dos estudantes da rede pública do bairro e colaborar para a valorização do espaço de vivência do morador em geral. O trabalho tem permitido avançar na reflexão sobre a relação bairro-escola, bem como no repensar o que é o ur-



Equipe com foguete desenvolvido.

Fonte: Acervo Instituto de Física (IFADT).



Equipe em competição internacional.

Fonte: Acervo Instituto de Física (IFADT).

bano hoje e como o espaço e a memória contribuem para a constituição de diferentes espacialidades.

Clínica-escola fornece atendimento psicológico à comunidade

O SPA (Serviço de Psicologia Aplicada) é uma clínica-escola que presta atendimento individual e em grupo a pessoas interessadas. Os atendimentos são realizados por alunos do curso de Psicologia, supervisionados por professores especializados, e englobam também avaliação neuropsicológica de adultos e idosos e orientação profissional. Além disso, o SPA desenvolve atividades em parceria com outras instituições, como o Departamento Geral de Ações Socioeducativas (Degase), o Tribunal de Justiça, instituições de acolhimento, o Centro Integrado de Atenção a Mulher (CIAM), escolas, entre outras.

Alunos dos cursos de Engenharia da UERJ desenvolvem veículos

O projeto Baja SAE Brasil é uma competição para estudantes de engenharia com o intuito de que eles aliem teoria e prática por meio do desenvolvimento de um carro de competição. O projeto é desenvolvido tanto no Instituto Politécnico quanto na Faculdade de Engenharia.



Atividade no bairro do Rio Comprido, realizada por alunos e professores do CAP.

Fonte: Acervo Instituto de Física (IFADT).

Instituto Politécnico tem projeto de divulgação tecnológica

O projeto Espaço Ciência & Tecnologia promove palestras, oficinas, cursos de divulgação científica e tecnológica, além de produzir material didático para alunos e para a comunidade mais ampla. Possui também um site de divulgação de suas atividades e um canal no Youtube onde disponibiliza palestras, mini-cursos e experimentos demonstrativos.

Conhecimento tecnológico divulgado para auxiliar empresas de Nova Friburgo

Em Nova Friburgo, o Núcleo de Caracterização e Desenvolvimento de Materiais Poliméricos e Compósitos (NCDMP), ligado ao Departamento de Materiais do Instituto Politécnico, ajuda no desenvolvimento tecnológico de produtos de empresas locais e arredores e promove o conhecimento científico na área de materiais, possibilitando a melhoria da qualidade e agregando valor aos produtos das empresas da região.



Carro desenvolvido para o projeto Baja.

Fonte: Acervo Instituto Politécnico (IPRJ).

Conhecimento sobre o mar é promovido junto a crianças, jovens e educadores

O Programa de Mentalidade Marítima (PROGRAMAR), da Faculdade de Oceanografia, que engloba o Projeto de Divulgação em Oceanografia (Prodiv) e a Oficina do Mar, aborda a cultura marítima presente no folclore e nas lendas para o público infantil por meio da utilização de recursos lúdicos, como apresentações interativas, jogos e brincadeiras.

Zona Oeste é foco de pesquisa que destaca a necessidade de preservação de sítios históricos e de incrementar a vocação produtiva da região

Pesquisa realizada pelas professoras Cléia Schiavo, Nanci Vieira e pelo professor Ivan Francisco abordou o desenvolvimento histórico da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Região sofreu com o descaso crescente ao longo do século XX, apesar de ser rica em sítios arqueológicos pré-coloniais e ter sido local de veraneio da família real portuguesa no século XIX. O objetivo do projeto foi pensar em propostas para o desenvolvimento econômico da área por meio do turismo e da memória histórica cultural.

Tecnologia social é divulgada para comunidade externa

O Laboratório de Gestão e Tecnologia Social da Faculdade de Administração e Finanças tem o objetivo de transferir tecnologia social desenvolvida no meio acadêmico para a comunidade externa. O laboratório integra comunidades carentes, discentes e docentes da universidade em projetos

de economia solidária e gestão social. Firma, por isso, parcerias com outros órgãos da própria UERJ e externos, como a Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI) da UERJ, a Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro e o Fórum Municipal de Economia Solidária do Rio de Janeiro.

Núcleo tem primeiro serviço de cuidado psicossocial universitário do Brasil atuando juntamente ao SUS

O Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (NEPS) desenvolve ações focadas em questões teórico-práticas relativas aos serviços de saúde mental e atenção psicossocial, fundamentadas na investigação das produções de cuidado operada pelos trabalhadores desse campo. Entre essas ações, destaca-se o CAPS/UERJ (Centro de Atenção Psicossocial da UERJ), criado em conjunto com o Instituto de Psicologia e a Policlínica Piquet Carneiro da UERJ. Trata-se do primeiro serviço de atenção psicossocial universitário do Brasil orgânico à rede pública de saúde mental, em parceria com o SUS, e concentra a maior parte das atividades acadêmicas e assistenciais.

Laboratório de Análise da Violência produz conhecimentos que auxiliam políticas públicas na área de segurança

O Laboratório de Análise da Violência (LAV), vinculado ao Instituto de Ciências Sociais, realiza estudos que englobam as áreas de Segurança Pública, Violência e Criminalidade, Justiça e Direitos Humanos. O laboratório oferece ainda serviços de consultoria para órgãos públicos, ONGs e movimentos sociais, além de organizar eventos, cursos

e seminários e de atuar em fóruns sociais relativos a esses temas e no debate público de forma geral. Desse modo, contribui na formulação, condução e avaliação de políticas públicas.

Centro de Atenção à Saúde do Homem é voltado para a prevenção e tratamento de problemas masculinos

Com o objetivo de oferecer assistência e orientação especializada para o homem, foi criado o Centro de Atenção à Saúde do Homem que funciona desde 2011 na Policlínica Piquet Carneiro, em parceria com o Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE). O projeto, coordenado pelo professor de urologia Ronaldo Damião, realiza prevenção e tratamento de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), doenças da próstata, disfunção sexual, além de realizar pequenas e médias cirurgias. Normalmente é feita uma triagem e o paciente é encaminhado de acordo com suas necessidades

para a consulta médica, ou mesmo para o atendimento psicológico ou para o serviço social, além de serem oferecidos também serviços ligados ao planejamento familiar e orientações gerais sobre o cuidado com a saúde. O Centro recebe pacientes de todo o Estado do Rio de Janeiro e, apenas em 2016, realizou quase 7.000 consultas e 850 cirurgias.

Museu da Imigração da Ilha das Flores resgata memória sobre a chegada de estrangeiros ao país

Em 2011, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) firmou convênio com a Marinha do Brasil para a criação do Centro de Memória da Imigração – hoje Museu da Imigração da Ilha das Flores – com financiamento da FAPERJ e do CNPq. O Centro de Memória, coordenado por professores da FFP, pesquisa a imigração no Brasil sob a ótica dos locais de recepção de estrangeiros, em particular da antiga hospedaria da Ilha das Flores. Pari



Equipe do Museu da Imigração da Ilha das Flores.

Fonte: Acervo Museu da Imigração.

passu à rigorosa pesquisa acadêmica, o Centro tem funções pedagógicas e extensionistas. A Ilha das Flores se constituiu um complexo museológico que busca integrar os marcos remanescentes da Hospedaria de Imigrantes, por meio de minuciosa pesquisa histórica, oferecendo ao visitante uma experiência pessoal, sensorial e sociocultural. Constituem o público alvo do Museu os imigrantes ou descendentes destes – atraídos pela possibilidade de lembrar o início de suas trajetórias no país –, os pesquisadores e estudantes de educação básica e superior, e a comunidade em geral. Em 2012, foi criado o Circuito a Céu Aberto; em 2016, foi inaugurada a Exposição, de longa duração, com dois módulos: Experiências (i)migrantes e História da Hospedaria da Ilha das Flores. O Centro também produz material didático para o público escolar, haja vista que o museu recebe grande afluxo de estudantes das escolas públicas, principalmente dos municípios de Niterói, São Gonçalo e Itaboraí. O material didático é produto auxiliar para os professores sobre o tema da imigração e da ação da Hospedaria.

Pesquisadores desenvolvem *software* livre que pode ser utilizado nas áreas médica, ambiental e de construção

Por meio da utilização da fotogrametria, imagens são capazes de mostrar todos os detalhes de uma construção em 3D. Motivados por isso, pesquisadores do Laboratório de Fotogrametria da Faculdade de Engenharia desenvolveram o programa E-foto (Estação Fotográfica Digital Educacional Livre). O objetivo foi criar um software livre para popularizar e difundir a técnica fotogramétrica de maneira gratuita pelo site do projeto, já que os aparelhos chegavam a custar, em 2012, U\$S 150.000. A partir dos dados tridimensionais gerados pelo programa, é possível realizar o mapeamento de diferentes localidades e a reconstrução, com maior precisão, de prédios e de outras estruturas. Além disso, a fotogrametria tem sido empregada também na área médica – permitindo diagnósticos por meio de exame não invasivo no paciente – e am-



Medições realizadas próximo ao Palácio Guanabara no Rio de Janeiro.

Fonte: UERJ em Questão, n. 92, jan./fev. 2012.

biental – verificando, por exemplo, desmatamento em áreas não facilmente acessíveis.

Projeto insere refugiados no Brasil por meio da construção de plataforma virtual para curso de português

O conhecimento da língua portuguesa por estrangeiros refugiados no Brasil é condição central para sua inserção não apenas em nossa comunidade linguística, mas também para a garantia de acesso aos direitos fundamentais, bem como ao mercado de trabalho e aos bens culturais. Pensando nisso, o projeto buscou construir práticas de ensino e formação para esses grupos, firmando parceria, desde 2014, com a Cáritas, instituição que recebe, em conjunto com a ONU/ACNUR e o Ministério da Justiça/MJ, os refugiados que chegam ao Brasil.

Mapa Geológico e de Recursos Minerais do Estado do Rio de Janeiro é elaborado com auxílio de pesquisadores da UERJ

Pesquisadores da Geologia elaboraram, em convênio com o Serviço Geológico do Brasil (CPRM), um mapa geológico que tem a intenção de fornecer informações sobre os recursos minerais do Estado do Rio de Janeiro, de maneira a atender os empresários do setor mineral, a comunidade científica e o poder público. O projeto foi realizado no período de 2014-16 e produziu, além do mapa, um banco de dados de recursos minerais e um relatório técnico explicativo disponibilizado pela CPRM.

Pesquisa sobre gênero levanta dados sobre participação das mulheres no trabalho doméstico

O Núcleo de Estudos sobre Desigualdades Contemporâneas e Relações de Gênero (NUDERG), criado em 2006 e coordenado pela professora Clara Maria de Oliveira Araújo, é vinculado ao Instituto de Ciências Sociais. O NUDERG realiza pesquisa que mostra a queda nas desigualdades de gênero no país, mesmo de forma tímida, visto que se alterou a percepção das pessoas sobre o papel da mulher no espaço doméstico. O cenário, contudo, ainda é desfavorável às mulheres. A divisão desigual de tarefas domésticas tem impacto no exercício do trabalho remunerado. A pesquisa entrevistou, entre 2014 e 2016, 1.600 pessoas de todo país, sendo que os dados levantados são comparados com outros semelhantes realizados em outros países, como Japão, Estados Unidos, Espanha, Suécia e Chile. O núcleo atua em três eixos: gênero e família, gênero e política e gênero e violência, e foi responsável pela publicação de uma série de livros que pode ajudar a orientar políticas públicas voltadas para a igualdade de gênero. Seus pesquisadores atuaram ainda no monitoramento das candidaturas e campanhas femininas nas eleições de 2010 e passaram a integrar, em 2018, o observatório internacional, criado pela ONU Mulheres voltado para a defesa da participação política de mulheres.

Gestão ambiental na construção da estrada Paraty-Cunha ficou a cargo da UERJ

A construção da estrada Paraty-Cunha envolveu, em 2014, 60 profissionais da UERJ de diversas áreas como engenharia civil, ambiental, arqueologia, biologia e educação ambiental com o intuito de que

a construção, localizada em área de preservação ambiental – o Parque Nacional da Serra da Bocaina –, não produzisse impacto no meio ambiente. Para isso, foram realizados monitoramentos e estudos por meio do Programa de Gestão Ambiental da Estrada-Parque, supervisionado pelo professor Josué Setta, professor da área de Engenharia da UERJ.

Efeitos do rompimento da barragem de Mariana foram monitorados por pesquisadores da UERJ

Uma pesquisa que envolveu seis laboratórios da UERJ, em parceria com pesquisadores da UFF

e da PUC-Rio, e coordenados pelo professor Heitor Evangelista, do Laboratório de Radioecologia e Mudanças Globais (LARAMG), produziu um relatório de 50 páginas sobre os impactos ambientais após o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana (MG), em 2015. O relatório auxiliou no processo ambiental respondido pela SAMARCO. Os pesquisadores acompanharam o trajeto dos rejeitos que se espalharam rapidamente pelo Rio Doce e atingiram a região costeira, alertando que os mesmos seguiam em direção ao parque marinho no arquipélago de Abrolhos. Para acompanhar a dispersão da lama, a equipe criou uma página intitulada Abrolhos Sky Watch, que utilizava imagens de satélite, e permitiu ao público mais amplo acompanhar os efeitos



Trecho da estrada sendo construído. s/autoria. 2014.

Fonte: UERJ em Questão, n.104, junho/setembro, 2014.

do desastre. Em 2019, a equipe seguiu medindo os efeitos do desastre e desenvolveu um equipamento, que está em processo de patenteamento, para captar sedimentos a fim de que se possa monitorar a presença dos rejeitos no rio e a sua chegada ao mar.

Atendimento a pessoas com feridas, estomas e incontinências é realizado na Policlínica Piquet Carneiro

A Clínica de Enfermagem em Estomaterapia Benedita M. R. Deusdará Rodrigues foi inaugurada em 2016 na Policlínica Piquet Carneiro. A Estomaterapia é a área da saúde responsável por tratar pessoas com feridas agudas ou crônicas, estomas, incontinências, além de cuidar de pessoas submetidas a cateteres e drenos, por exemplo.

Conhecimento produzido na academia na área de Biologia é aplicado na Educação Básica

O Departamento de Ensino de Ciências e Biologia (DECB) tem laboratórios que conciliam a pesquisa ao ensino elaborando materiais didáticos e incorporando a tecnologia na ampliação do conhecimento sobre Biologia entre alunos e professores da Educação Básica. Um exemplo disso é a utilização de técnicas de reconstrução 3D que possibilitam o melhor entendimento anatômico das formas fósseis. As atividades desenvolvidas incluem o auxílio e capacitação de professores da área, como nos projetos Ciência no Dia a Dia e Genética ao Alcance de Todos, além da realização de cursos e oficinas com foco nesse público. O departamento organizou ainda uma coleção zoológica e botânica para empréstimo a professores e estudantes de

todos os níveis de ensino, estando disponível para montagem de Feiras de Ciências e eventos pedagógicos.

Núcleo de Estudos Afro-brasileiros engloba comunidade em debates sobre questões ligadas à temática étnico-racial

O Programa de Formação e Permanência de Afro-brasileiros, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB), agrega grupo de professores, estudantes e membros da comunidade em geral que, em função das suas inserções sociais e afinidades intelectuais e políticas, discutem as questões concernentes à temática étnico-racial na sociedade brasileira. Tem sua origem no Coletivo SEMPRE NEGRO e objetiva instituir um espaço de discussão sobre a questão racial na universidade e na sociedade. Dessa forma, o grupo se propõe a elaborar, promover e apoiar iniciativas que visem à inclusão de afro-brasileiros no ensino superior, bem como garantir a formação de professores em todos os níveis dando especial destaque ao ensino de história e cultura afro-brasileira.

Projeto promove leitura e escrita em Língua Portuguesa para surdos como segunda língua

O projeto, desenvolvido na Faculdade de Educação, visa ao aprendizado de jovens estudantes surdos do ensino fundamental, médio e superior. O objetivo é levar os cursistas ao uso de tecnologia, com dispositivos conectados em rede, que os permita aprimorar seu desempenho de leitura e escrita da Língua Portuguesa.



Visita do ator afro-americano Danny Glover.

Fonte: Acervo NEAB.

Bibliotecas populares para trabalhadores rurais são organizadas por pesquisadores

Projeto da FFP visa à organização de bibliotecas populares e à produção de material didático acerca da luta pela terra para trabalhadores rurais acampados e assentados no estado do Rio de Janeiro. Objetiva-se o resgate e preservação da memória da luta pela terra por meio da confecção de cartilhas e vídeos, almejando cumprir o papel social que a universidade deve desempenhar.

Pescadores e pescadoras são qualificados por pesquisadores

Um projeto desenvolvido na Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo procura levar informações a pescadores e pescadoras sobre legislações e políticas públicas trabalhistas, da pesca e ambientais, além de fornecer orientações de autogestão e organização de projeto para que eles possam ser melhor instrumentalizados no exercício de sua atividade. Isso porque, apesar da pesca ser considerada uma atividade econômica e de trabalho reconhecida pelo Estado brasileiro, essas populações vivem, em geral, em condições de muita pobreza, o que é acarretado pela estrutura precária de sua economia e pela deterioração das condições ambientais causada pela poluição das águas das baías e dos rios por falta de saneamento, do processo de industrialização e de urbanização.

Contribuição de tratamentos assistidos por animais em crianças autistas atendidas pela Prefeitura de São Gonçalo é verificada

Quando a Prefeitura de São Gonçalo criou a Clínica-Escola para pessoas com autismo, um projeto desenvolvido na Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo buscou colaborar utilizando-se da técnica de Intervenção Assistida por Animais, já que vários estudos apontam os benefícios dela em aspectos comportamentais e físicos de indivíduos com autismo. A pesquisa comprovou o potencial da Terapia Assistida por Cães no desenvolvimento da comunicação verbal e não verbal, o que possibilitou o incremento da socialização das crianças com TEA atendidas pelo projeto.

Projeto promove a prática de exercícios físicos contra doenças coronarianas

Por intermédio do Laboratório de Fisiologia Aplicada à Educação Física (LAFISAEF/UERJ), o

Instituto de Educação Física e Desportos oferece um projeto intitulado Educação Física e Promoção da Saúde: Tratamento Interdisciplinar de Pacientes com Fatores de Risco para Doença Arterial Coronariana. Trata-se do oferecimento interdisciplinar de tratamento para pacientes com fatores de risco para doença arterial coronariana, como obesidade, hipertensão arterial e diabetes mellitus. Com isso, o projeto auxilia na promoção de uma melhor qualidade de vida pela prática de exercícios físicos. É oferecido também acompanhamento nutricional e psicológico.

Cursos de línguas para a comunidade são oferecidos pelo Instituto de Letras

O Projeto de Línguas para a Comunidade (LICOM/PLIC) oferece cursos de português e de vários idiomas estrangeiros para interessados da comunidade externa. Línguas como inglês, francês, italiano, espanhol, alemão, japonês, grego e até latim estão acessíveis ao grande público a preços baixos, o que permite que aqueles que não conseguem investir em cursos do tipo possam adquirir esse co-



Aula da turma do Programa Práticas Corporais de Saúde.

Fonte: Acervo Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD).

nhecimento. Os cursos de português são divididos em turmas para brasileiros que queiram aperfeiçoar os conhecimentos sobre a língua, condição necessária para o exercício de atividades profissionais, e em turmas para estrangeiros. Os cursos atendem cerca de mil alunos.

Projeto desenvolve atividades físicas que estimulam o conhecimento de práticas ligadas ao conhecimento do Folclore e da Cultura Popular

O projeto Pró-Culturas Populares com Ênfase no Folclore (P.C.P.F.), realizado no Instituto de Educação Física e Desportos, busca desenvolver junto à comunidade a aprendizagem de artes corporais pertencentes à Cultura Popular e ao Folclore e, com isso, permitir uma reflexão permanente e sistemática sobre essas práticas de modo a valorizar conhecimentos, crenças e costumes muito significativos. Mangueira e Vila Isabel são as comunidades parceiras com as quais o projeto dialoga.

Núcleo realiza atendimento para pessoas em situação de suicídio e para seus familiares

O Núcleo de Atendimento Clínico em Situações de Suicídio (NAC/LAFEPE/SPA/UERJ) teve início em 2016 e tem o intuito de realizar, por meio de psicólogos preparados para essa situação, atendimentos a pessoas que apresentam ideias suicidas e também a familiares que lidam com a perda de entes queridos dessa forma. O NAC foi criado mediante o programa de extensão UERJ Pela Vida e por meio do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial (LAFEPE). O trabalho do NAC é hoje reconhecido tanto internamente na comunidade acadêmica quanto externamente por meio da mídia, de modo que atualmente o NAC realiza atividades em escolas quando a comunidade escolar solicita o auxílio do NAC por ter vivenciado situação desse tipo, ou realizando um trabalho preventivo e de esclarecimento.



Recebendo crianças da rede pública – Roda de Capoeira

Fonte: Acervo Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD).



Lia de Itamaracá, Rainha da Ciranda e do Maracatu, foi homenageada pelo projeto do Iefd, em julho de 1999.

Fonte: MID/Rede Sirius. Foto: Roberto Cuíca.

Conteúdo sobre as práticas psicológicas no Brasil é divulgado na internet

O Laboratório de História e Memória da Psicologia (Clio-Psyché), vinculado ao Instituto de Psicologia, realiza pesquisas que concernem à história dos saberes e das práticas psicológicas no Brasil. O laboratório, além de oferecer diversos cursos de extensão, mantém ainda um canal no Youtube com o objetivo de divulgar aulas, cursos e documentários sobre a memória de personagens importantes da área, o que contribui tanto para a divulgação do conhecimento produzido quanto para a construção de um acervo sobre o assunto, tudo acessível à comunidade.

Formação de servidores e gestores públicos para uma melhor oferta de serviços à sociedade

O Instituto Multidisciplinar de Formação Humana com Tecnologias (IFHT) é um espaço de articulação academia-sociedade, visto que tem como foco a

qualificação e capacitação de servidores e gestores públicos entendendo que servidores e gestores bem treinados realizam suas atividades com efetividade.

UERJ integra a Cátedra Sérgio Vieira de Melo

A Cátedra Sérgio Vieira de Melo (CSVM) foi criada em 2003 pela Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) e em cooperação com o Comitê Nacional para Refugiados (CONARE) com o objetivo de desenvolver atividades de extensão, pesquisa e educação sobre o tema. A Cátedra estabeleceu parcerias com várias instituições, formando uma grande rede, e, no ano de 2017, a UERJ passou a fazer parte desse programa. Na UERJ, um projeto inter e multidisciplinar, integrando diferentes unidades, conseguiu realizar atividades de extensão que atendiam a refugiados. Além disso, pesquisas sobre a temática foram desenvolvidas no âmbito da pós-graduação, bem como houve a criação de disciplinas sobre o tema para graduandos.

Pesquisa produz robôs para auxiliar a atuação humana

Uma pesquisa coordenada pela professora Nadia Nedjah, do Departamento de Eletrônica e Telecomunicações da Faculdade de Engenharia, juntamente com outros pesquisadores, alunos de mestrado e graduação, desenvolveu um projeto de robótica de enxame, ou seja, pequenos robôs que atuam como insetos. Nele, vários robôs são programados para agir simultaneamente e analisar locais de difícil acesso para humanos, como, por exemplo, locais com alta periculosidade, radioativos ou desconhecidos. Os robôs também podem ajudar na detecção de áreas queimadas e em rondas aéreas.

Projeto leva arte a pacientes psiquiátricos

O projeto Saúde e Arte é fruto de uma parceria entre o Instituto de Artes e a unidade de Psiquiatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE). Tem o objetivo de associar práticas artísticas às terapias médicas e ocupacionais. A prática escolhida foi a ce-

râmica, tendo em vista que os seus benefícios são apontados em inúmeras experiências similares em outros países, em virtude da experiência sensorial e simbólica que proporciona. Para a realização do projeto, foi instalada uma oficina em uma das casas da unidade de psiquiatria, composta de fornos e outros equipamentos necessários, além de uma estação de trabalho para registro e arquivo das atividades de modo que possa auxiliar nas pesquisas médicas da unidade.

Alunos do Instituto Politécnico participam da Society of Petroleum Engineers (SPE)

Em 2018, estudantes do Instituto Politécnico fundaram um grêmio, o Capítulo Estudantil, com o apoio de professores e da seção Macaé da Society of Petroleum Engineers (SPE) com o intuito de colaborar com a missão da organização. A SPE é uma sociedade internacional sem fins lucrativos que reúne profissionais e estudantes da indústria de petróleo e gás e que tem o objetivo de permitir a troca de conhecimento e contato na área.



Robôs produzidos pelos pesquisadores do projeto.

Fonte: UERJ em Questão, n. 94, maio/jun. 2002..



Produção de cerâmica por pacientes.

Fonte: Acervo Instituto de Artes.

Robótica a serviço da saúde

Em 2019, o Hospital Universitário Pedro Ernesto lançou o Programa de Cirurgia Robótica juntando-se ao seleto grupo de hospitais públicos que

realizam procedimentos cirúrgicos de alta complexidade com tecnologia avançada. Na rede pública, apenas o Instituto Nacional do Câncer (INCA) e o Hospital Naval Marcílio Dias realizam cirurgias dessa forma.



Cirurgia robótica realizada no HUPE.

Fonte: UERJ em Questão, n. 107, maio/jun./jul./ago. 2019.

70
anos
UERJ
1950 | 2020

CAPÍTULO 4

4

Capítulo 4

A UERJ e a cidade

4.1 O Maracanã e as unidades na cidade do Rio de Janeiro

A importância do campus Francisco Negrão de Lima, popularmente conhecido como “campus Maracanã”, é irrefutável. Fácil imaginar alguém que, olhando para o Pavilhão João Lyra Filho, seu edifício mais alto, pudesse pensar “ali está a UERJ!”. Embora tal afirmação não fosse de todo equivocada, careceria de complexidade. A UERJ está no Maracanã, por certo, mas também em São Cristóvão,

Vila Isabel, São Francisco Xavier, Rio Comprido, Lapa e Botafogo. Isso sem mencionar os campi e unidades distribuídos pelo estado do Rio de Janeiro, que serão abordados em outro momento deste capítulo.

Em 1960, com a inauguração de Brasília, o Rio de Janeiro perdeu o posto de capital, sendo transformado em um novo ente da Federação, o Estado da Guanabara. Por conta disso, a antiga Universidade do Distrito Federal (UDF), criada em 1950, e renomeada Universidade do Rio de Janeiro (URJ) em 1958, foi rebatizada como Universidade do Estado da Guanabara (UEG). Nesse contexto, o cam-



Campus Francisco Negrão de Lima, Pavilhão Reitor João Lyra Filho, 2019, [s/autor].

Fonte: MID/UERJ.



Campus Francisco Negrão de Lima, vendo-se parte do Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha, o “Haroldinho”, e ao fundo o estádio do Maracanã, jun. 2005, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.

pus localizado no bairro Maracanã seria concebido e construído.

Segundo Deise Mancebo, no livro *Da gênese aos compromissos*, o primeiro passo para a escolha do Maracanã foi dado, efetivamente, no bairro vizinho, Vila Isabel. Mais especificamente, no Hospital Pedro Ernesto, localizado no Boulevard 28 de Setembro. Parte do complexo hospitalar concebido pelo prefeito Pedro Ernesto nos anos 1930, a unidade foi incorporada como Hospital de Clínicas da UEG, em 1961, passando a atuar como hospital-escola da Faculdade de Ciências Médicas, já em 1962. A proximidade com a sede da FCM, na rua Fonseca Teles, no bairro de São Cristóvão – onde também estava a reitoria da UEG – contribuiu para tal escolha. Em curso no mesmo período, a busca

por um terreno para a construção do campus da UEG foi orientada para o entorno do hospital.

Embora reconhecida por administrações anteriores, a escolha de um local que concentrasse as atividades da universidade começou a ganhar corpo na gestão do reitor Haroldo Lisboa da Cunha (1960-7). Em julho de 1965, a Comissão de Alto Nível, formada pelo professor Tarcísio Padilha, Rafael de Almeida Magalhães (vice-governador do Estado da Guanabara) e Frank Monterey Tiller, emitiu parecer indicando a Favela do Esqueleto como o lugar mais adequado para a instalação do campus.



Edifício Pedro Ernesto, na rua Fonseca Teles, em São Cristóvão. Ao fundo, o Maracanã e o campus Francisco Negrão de Lima, [s/autor, s/data].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Favela do Esqueleto, [s/autor, s/data].

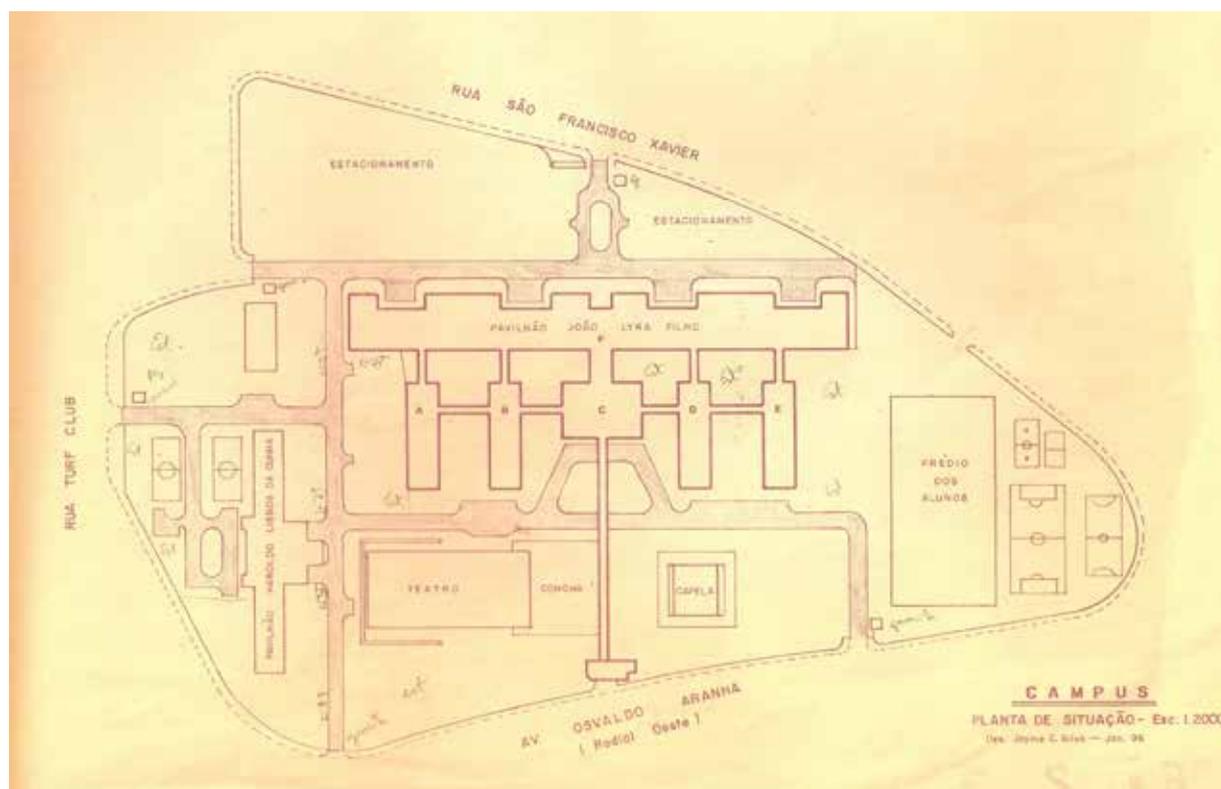
Fonte: MID/Rede Sirius.

A favela estava localizada no terreno que pertencera ao Turf Club, vizinho do Derby Club, onde fora erguido o estádio do Maracanã, inaugurado em 1950. A sua denominação era decorrente do fato de os primeiros moradores terem se instalado no “esqueleto” de um edifício, destinado a ser um Hospital-Escola da Universidade do Brasil, atual UFRJ, obra abandonada desde a década de 1930. Aos poucos, a ocupação se espalhou por outras partes do terreno, compondo um conjunto complexo, que incluía apartamentos improvisados na estrutura abandonada, casas de alvenaria, barracos de madeira e palafitas sobre o Rio dos Cachorros, um afluente do Rio Joana.

A escolha desse terreno para a construção do campus resultou de uma confluência de interesses. Como dito, a proximidade do Hospital Pedro Ernesto era um fator de atração para a reitoria. Além disso, a localização estratégica, a meio caminho entre o Centro e a Zona Norte, também contou. Por outro lado, os primeiros governadores da Guanabara, Carlos Lacerda e Negrão de Lima, tinham como objetivos a remoção de favelas localizadas em pontos

estratégicos para a expansão urbana ou a especulação imobiliária. No caso da Favela do Esqueleto, os dois interesses estavam em jogo. Vale lembrar que a construção do Maracanã havia acenado para a possibilidade de valorização do bairro, processo que, pela perspectiva governamental, era impedido pela presença dos favelados nas imediações. Além disso, havia o plano de construção da Radial Oeste, facilitando o acesso Centro-Zona Norte, justamente nos terrenos do Esqueleto.

A lógica aplicada pelos governos era alocar na Zona Oeste os moradores das favelas erradicadas, em conjuntos habitacionais como a Vila Kennedy, a Vila Aliança e a Vila Esperança. Como essa região do estado também estava destinada à implantação de um complexo industrial, a ideia era que as indústrias absorvessem a mão de obra dos ex-favelados. Tal proposta, no entanto, não funcionava na prática. Muitas pessoas precisavam manter os empregos próximos a seu antigo local de moradia, passando a enfrentar os problemas decorrentes da precariedade do transporte público.



Planta do campus Maracanã desenhada por Jayme C. Silva, 1966.

Fonte: MID/UERJ.

A Associação de Moradores da Favela do Esqueleto, apoiada pela Federação de Associações de Favelas do Estado da Guanabara (FAFEG), iniciou um movimento de resistência, cujo lema era “Urbanização sim, remoção não”. Exigiam permanecer no local, propondo a construção de conjuntos habitacionais ao lado do futuro campus da UEG. No entanto, o governo estadual não cedeu, ordenando a remoção de 2.100 famílias, por meio de ação policial. Convém ter em conta que desde o Golpe de 1964 o autoritarismo vinha se fortalecendo no país e as atitudes dos governadores, se não podem ser totalmente responsabilizadas por essa conjuntura, por certo eram alimentadas por ela. Com as remoções já em andamento, o presidente do DCE, Ismael da Silva Neto, fez uma aposta no futuro, discursando aos últimos moradores: “Onde vocês conheceram a miséria estará uma universidade de que seus

filhos poderão usufruir” (Mancebo, 1996, p. 19).

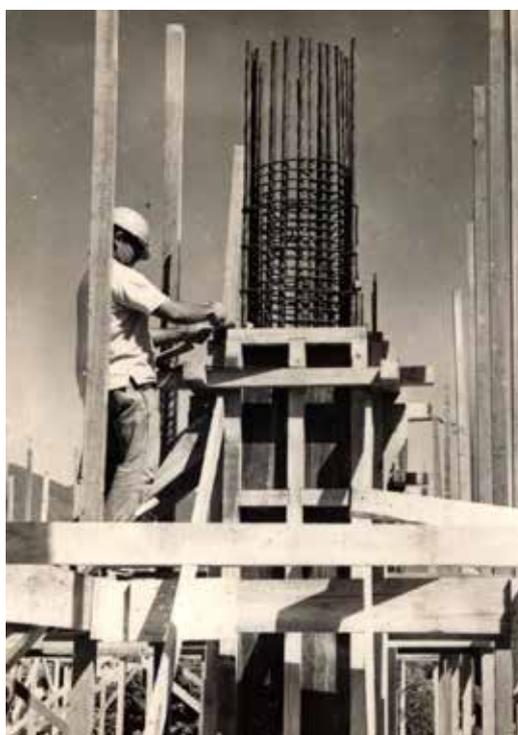
Havia dúvidas sobre a melhor opção: demolir o “esqueleto” ou reformá-lo? Após um parecer favorável à reforma, em 1968, foi feito um concurso, saindo vencedor o projeto de Flávio Marinho Rego, o que levou à assinatura do contrato com a firma Luiz Paulo Conde e Flávio Marinho Rego Arquitetos Associados Ltda. O projeto enfatizava a unificação dos cursos em um prédio, rompendo com a proposta de espalhar edifícios pelo terreno do campus, mais praticada até aquele momento. A opção por um prédio parecia mais racional e acrescentava monumentalidade ao projeto, com o Pavilhão João Lyra Filho, de doze andares, se destacando na paisagem.

O contrato foi assinado em dezembro de 1969, com a empreitada a cargo da construtora



Perspectiva do início das obras do campus Maracanã. Ao fundo, o “esqueleto”, Dc. 1960, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



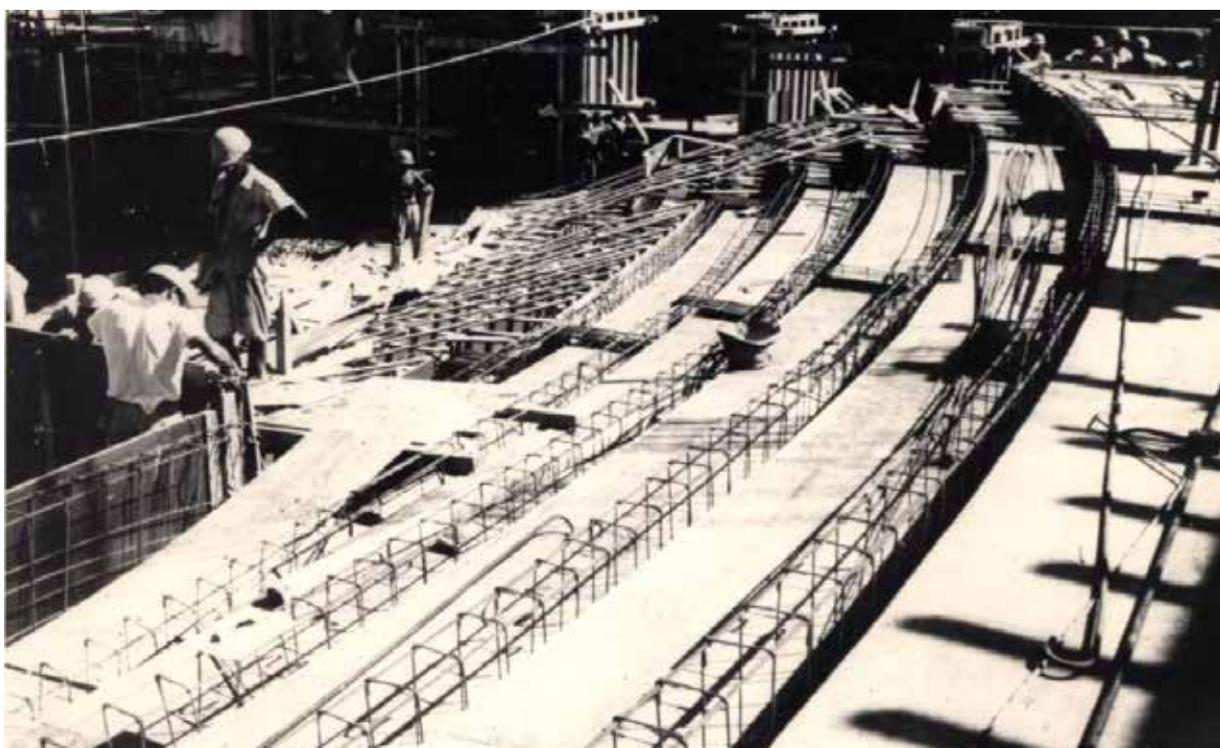
Trabalhador nas obras do 1.º pavilhão, 28 jul. 1970, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius..



Trabalhadores na colocação de ferro para a laje da Capela Ecumênica, vendo-se ao fundo o Morro da Mangueira, 11 nov. 1970, [s/autor]

Fonte: MID/Rede Sirius.



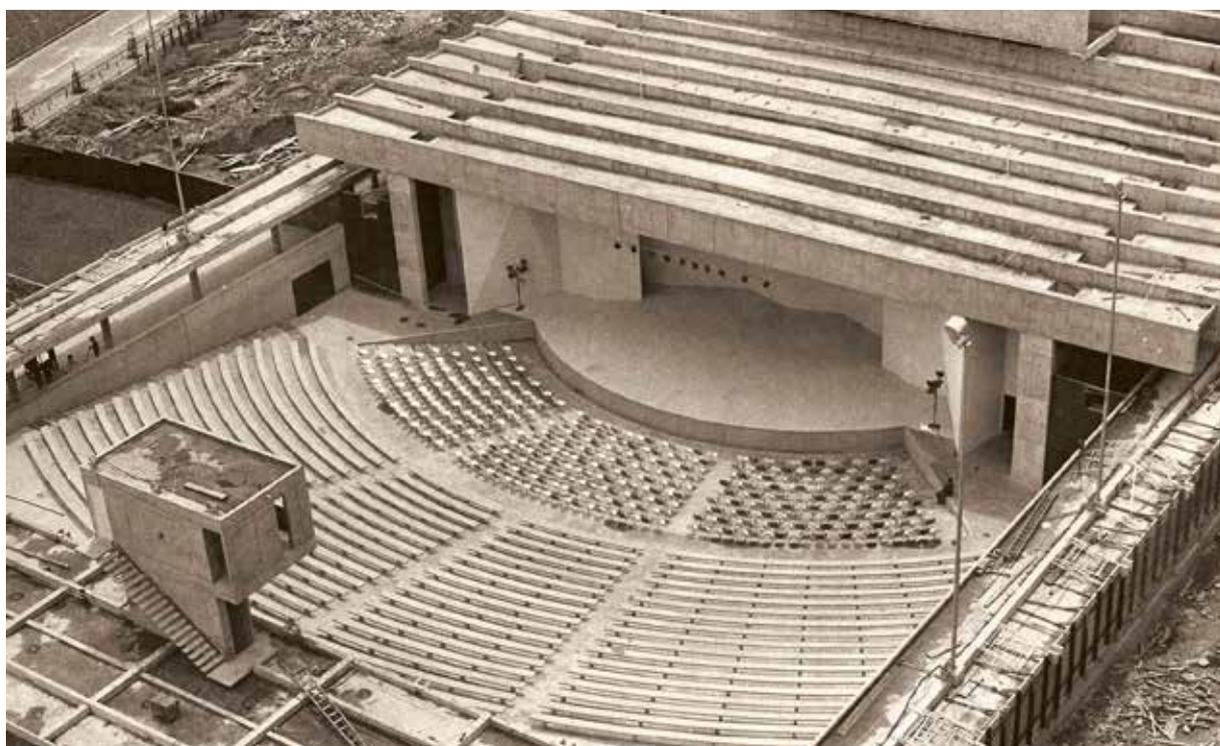
Obras na arquibancada da Concha Acústica, 3 dez. 1973, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Trabalhadores realizando o polimento dos bancos da Concha Acústica, 3 nov. 1974, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Vista da Concha Acústica em construção, jul. 1974, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Vista aérea da construção do Ginásio, 27 nov. 1972, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Estocagem de ferros. Ao fundo, o Pavilhão Reitor João Lyra Filho em construção, mar. 1972, [s/autor].

Fonte: Acervo SINTUPERJ.



O campus Maracanã, com o Pavilhão João Lyra Filho e o Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha, além do estacionamento e, aos fundos, o morro da Mangueira, ago. 1978, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Construção de um dos auditórios, com destaque para as placas refletoras, 26 out. 1975, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Revista Manchete, edição especial "O Rio maravilhoso". Com extensa matéria sobre a UEG (atual UERJ), a revista enfatiza a modernidade do novo campus. Na foto, em primeiro plano, a Praça Emílio Garrastazu Médici e o Monumento à Cultura, à Juventude e ao Esporte; a Radial Oeste, à direita; o Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha e, ao fundo, o Pavilhão João Lyra Filho, 1974, [s/autor].

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional/MID/Rede Sirius.

Norberto Odebrecht S/A. A proposta arquitetônica primava pela racionalidade, com fundações aparentes, facilitando a manutenção, e cada andar contaria com plantas “abertas”, que poderiam ser divididas conforme a função que os espaços assumiriam. A preocupação com a livre circulação de ar é um ponto a ser destacado, cuja proposta era evitar o uso de aparelhos de ar-condicionado – o que a posteridade demonstrou ser utópico. Vale enfatizar que o modernismo brutalista, estilo em que o projeto foi concebido, estava presente em obras de vulto naquele momento, como a Catedral Metropolitana, inaugurada em 1976, na Avenida Chile. O concreto aparente, que, para muitos, contribuiu para dar à UERJ um tom sóbrio, naquele momento parecia o supracumulo da modernidade. Junto a isso, o campus estava localizado na entrada da Zona Norte carioca, facilitando o acesso aos alunos dessa parte da cidade, a priori mais pobres que os da Zona Sul. Desse modo, o projeto foi louvado como um investimento ultramoderno em uma universidade popular, com ênfase na profissionalização.

O “esqueleto” recuperado teve sua inaugura-

ção em 11 de agosto de 1970, recebendo o nome de Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha, carinhosamente apelidado de “Haroldinho”. Já o Pavilhão João Lyra Filho só ficaria pronto em 1976, após a Fusão dos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, quando a universidade recebeu a denominação que mantém até hoje: Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Na mesma época, estava em construção o edifício Paulo de Carvalho, que abrigaria as Faculdades de Odontologia e Enfermagem, situado no Boulevard 28 de Setembro. Vizinho do Hospital Pedro Ernesto, foi inaugurado em 1971, constituindo o campus Biomédico II. Na década anterior, ainda na época em que o hospital fora incorporado pela UEG, se deu a construção do Pavilhão Américo Piquet Carneiro, “atrás” do Pedro Ernesto, constituindo o campus Biomédico I. Mais tarde, em 1995, a Policlínica Piquet Carneiro, na rua São Francisco Xavier, passou a fazer parte da universidade, formando o campus Biomédico III.

Este conjunto de edifícios estabelece uma relação íntima com a região. Não é necessário estudar ou trabalhar na UERJ para perceber o quanto



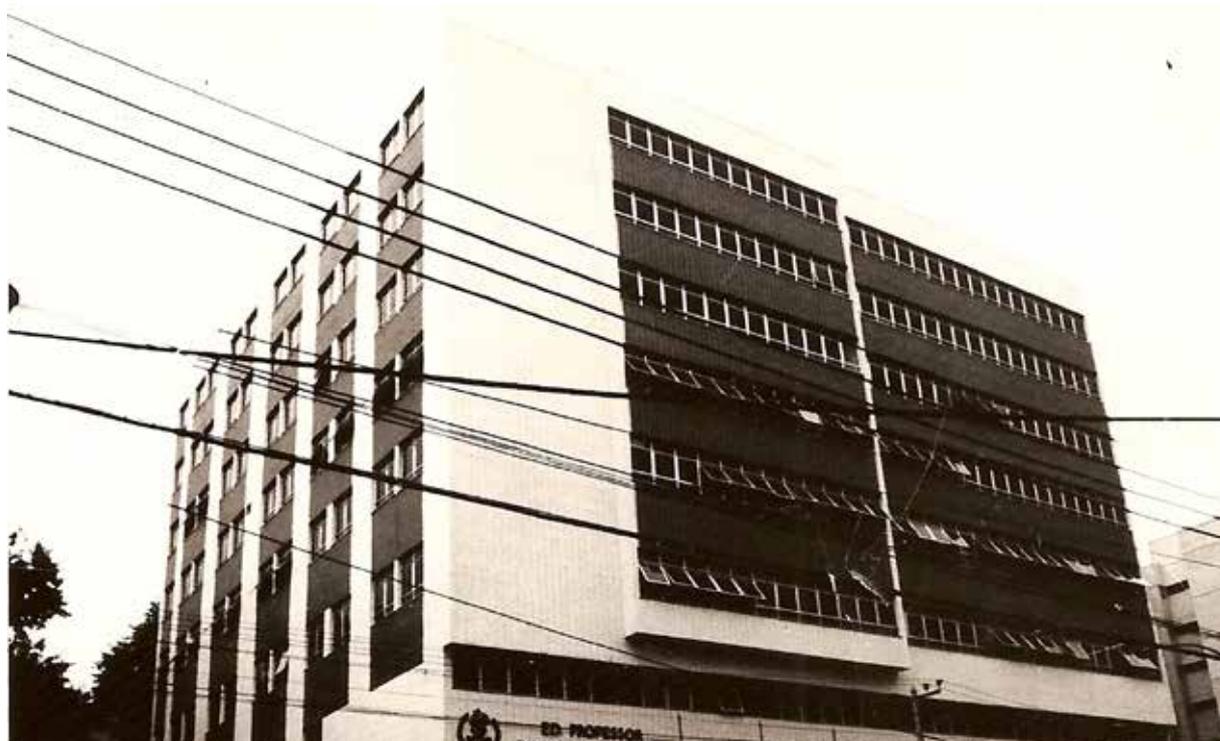
Hospital Universitário Pedro Ernesto, [s/autor, s/data].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Construção do Pavilhão Paulo de Carvalho, no Boulevard 28 de Setembro, jan. 1970, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Pavilhão Paulo de Carvalho, no Boulevard 28 de Setembro, [s/autor, s/data].

Fonte: MID/Rede Sirius.

a sua presença transforma o entorno. Durante os períodos de paralisações e greves, muitos estabelecimentos sofrem prejuízos ou chegam à falência sob o impacto causado pela ausência da população flutuante da universidade (O Globo, 15 jun. 2006 – n. 1356, p. 8). Considerando-se apenas o campus Maracanã, em média 30 mil pessoas circulam pela UERJ a cada dia (UERJ em dia, n. 946, 14 a 20 jan. 2019, p. 1), número maior do que a população de muitas cidades brasileiras.

Fora isso, deve-se considerar a vocação extensionista da universidade, apontada como uma das que mais oferece serviços à comunidade no Rio de Janeiro (O Globo, 19 jul. 2001 – n. 1000, p. 38). Na área médica, o Hospital Universitário Pedro Ernesto é considerado uma das melhores opções da região (O Globo, 02 abr. 1991 – n. 466, p. 20), acompanhado pela Policlínica Piquet Carnei-

ro. Além de tratamento médico voltado a diversas especialidades, as unidades mantêm a Clínica de Dor, oferecendo apoio médico e psicológico a pacientes que precisam lidar com dores crônicas. As ações preventivas também são valorizadas, como as atividades desenvolvidas pela Faculdade de Enfermagem no combate à dengue, fazendo palestras e apresentando peças teatrais em centros comunitários dos bairros vizinhos (O Globo, 16 abr. 1991 – n. 468, p. 20). O Projeto Antares, voltado aos cuidados odontológicos, foi desenvolvido pela Faculdade de Odontologia (O Globo, 29 maio 1990 – n. 422, p. 19), direcionado a moradores das comunidades no entorno.

Também no HUPE, funciona o Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA), antiga Unidade Clínica de Adolescentes (UCA), que, desde os anos 1970, faz o acompanhamento do bem-estar



Parte da fachada da Policlínica Piquet Carneiro, [s/autor, s/data].

Fonte: MID/Rede Sirius.

de pacientes entre 12 e 21 anos (O Globo, 17 jul. 1990 – n. 429, p. 10). A abordagem ocorre em diversos níveis, sendo o primeiro deles desenvolvido nas comunidades de residência dos participantes.

Já no campus Maracanã, funciona o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), do Instituto de Psicologia. O SPA atende as áreas de orientação profissional, psicopedagogia, atendimento comunitário, psicologia do trabalho e psicoterapia para crianças, adolescentes e adultos (O Globo, 17 jun. 1990 – n. 417, p. 42). A Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI), em funcionamento desde 1993, agrega estudantes maiores de 60 anos em atividades e, além de construir conhecimento, visa a contribuir para a melhoria dos níveis de saúde físico-mental e social das pessoas idosas.

O campus dispõe de uma série de equipamentos artístico-culturais e esportivos, que atraem morado-

res de todas as regiões. O teatro Odylo Costa Filho, inaugurado em 1997, está entre os maiores teatros da Zona Norte, junto com o Centro Cultural João Nogueira-Imperator e o Teatro Miguel Falabella (O Globo, 13 jul. 1997 – n. 23.240, p. 25). O “teatrão” recebe peças e apresentações musicais, assim como o teatro Noel Rosa, uma sala menor – fechada desde 2011 e atualmente em obras –, no Centro Cultural UERJ. Com vocação musical, mas também abrigando eventos de outra natureza capazes de atrair grande público, a Concha Acústica foi rebatizada em homenagem a Marielle Franco, vereadora do Rio assassinada em 2018. As galerias Candido Portinari, Gustavo Schnoor e Da passagem fazem parte da lista restrita de espaços dedicados às exposições de arte na Zona Norte. Eventualmente, exposições podem ser alocadas em outros espaços do



“Lugar de idoso é na sala de aula”. Turma da UnATI, Dc. 1990, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.

campus, como o hall de entrada do Núcleo de Memória, Informação e Documentação (MID/ Rede Sirius).

Reinaugurada em janeiro de 2019, a livraria da EdUERJ apresenta variedade de títulos publicados pela editora, além de obras de outras editoras universitárias. O campus conta ainda com duas quadras poliesportivas, um campo sintético e um ginásio poliesportivo, destinados à prática das equipes universitárias, mas abrigando também

competições que podem ser assistidas pelo público em geral.

Momento privilegiado de contato da universidade com as comunidades ao seu redor é a mostra anual *UERJ sem muros*, que está em sua 29.^a edição. Ao longo de uma semana, os projetos artísticos e científicos desenvolvidos por alunos e alunas são exibidos ao público. Em paralelo, atividades culturais se espalham por auditórios, teatros, corredores e pelo hall dos elevadores.



Exposição Digital Feedback Happiness, de Alexandre Brasil, em cartaz na Galeria Gustavo Schnoor, entre setembro e outubro de 2019. Fotógrafo: George Magaraia

Fonte: Acervo COEXPA.



Exposição Ilhas de navegação, Claudia Tavares, em cartaz na Galeria Candido Portinari, entre setembro e outubro de 2019. Fotógrafo: George Magaraia.

Fonte: Acervo COEXPA.



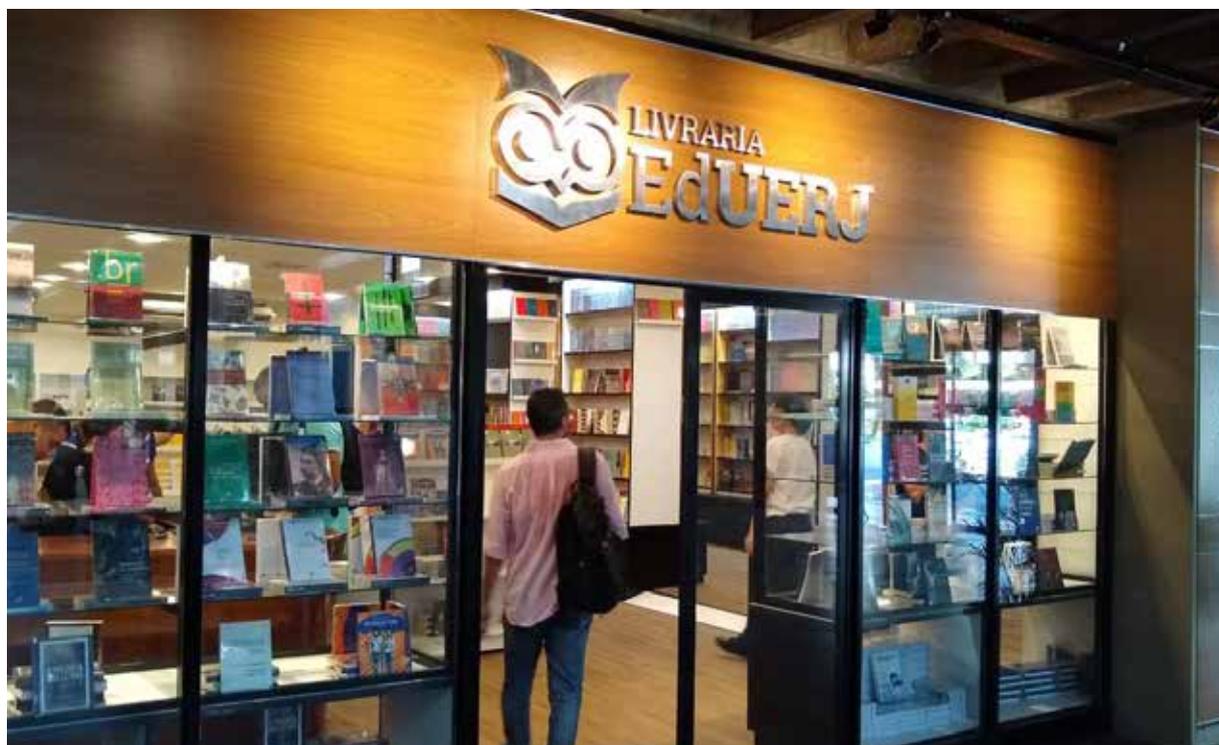
Exposição Orisãs: quando o mito veste o corpo, de Daryan Dornelles e Stefano Martini, no hall de entrada do MID, 2018, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



A cantora Elza Soares no palco do Teatro Odylo Costa Filho, durante a UERJ sem Muros, 2009, [s/autor]

Fonte: MID/Rede Sirius.



Livraria EdUERJ, reinaugurada em janeiro de 2019, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Olimpíadas CAp no Ginásio Poliesportivo, [s/autor, s/data].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Apresentação de ginastas no Ginásio Poliesportivo, [s/autor, s/data].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Alunos da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro observam demonstração de experiência científica durante a UERJ sem Muros, [s/autor, s/data].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Apresentação artístico-cultural no hall dos elevadores durante a UERJ sem Muros, [s/autor, s/data].

Fonte: MID/Rede Sirius.

Do outro lado da passarela que une o bairro do Maracanã ao de São Cristóvão, está o edifício Pedro Ernesto, na rua Fonseca Teles. Atualmente, ocupado por laboratórios da Faculdade de Engenharia e com alguns de seus andares cedidos a outras instituições, o principal apelo do edifício para a população do entorno é o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas (NEPAD). Além do atendimento oferecido no local, o núcleo também atua em escolas e associações de moradores dos bairros vizinhos (O Globo, 28 mar. 1991 – n. 469, p. 22).

Embora não possua nenhuma unidade externa, a Mangueira, por sua proximidade, está muito conectada com a UERJ. Desde a construção do campus Maracanã, é possível acompanhar sua pre-

sença no horizonte das obras. O intercâmbio se deu em mão dupla: a UERJ subiu a Mangueira por meio de projetos extensionistas e a Mangueira visitou a UERJ, apresentando a produção artística e cultural de seus moradores. Um exemplo é o Programa de Ação Comunitária e Interiorização (PROACI), vinculado à Subdiretoria para Assuntos Comunitários, hoje Sub-Reitoria de Extensão e Cultura (SR3). O objetivo era desenvolver projetos de educação, dentro do programa Vizinhança, em que os moradores praticavam atividades de Educação Física.

No Rio Comprido, ainda na Zona Norte, porém um pouco mais distante do Maracanã, está o Instituto de Aplicação da UERJ (CAp-UERJ). Criado em 1957, já funcionou em diversos endereços. Embora sempre tenha marcado presença nas comunidades



Programa de Ação Comunitária e Interiorização (PROACI), 1987. Foto: João Vitalino.

Fonte: MID/Rede Sirius.



Apresentação da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira no campus Maracanã, comemorando a assinatura do acordo cultural entre a UERJ e a Universidade de Maryland, 6 ago. 1984. Na primeira foto, o Vice-Chanceler William Kirvan, da Universidade de Maryland, samba com uma passista, ao som de Yes, nós temos Braguinha. Autor: João Vitalino.

Fonte: MID/Rede Sirius.

em que se inseria, como acontece com os bons colégios, vale destacar dois momentos em que a interação se deu de modo mais intenso. O primeiro, na década de 1970, quando estive na Rua Barão de Itapagipe, já no Rio Comprido, mais especificamente no morro do Turano. A adoção do horário integral possibilitou o surgimento e a consolidação de inúmeros projetos renovadores e integrados por diferentes áreas do conhecimento. Cabe destacar a Semana Comunitária, conjugando os esforços de alunos e professores de diversos campos do conhecimento no atendimento à comunidade do entorno. Em meados da década de 1970, ações de gabinete médico e de atendimento odontológico, além do serviço de fonoaudiologia, também passaram a prestar assistência.

O outro momento de destaque ocorreu em 1998, com a conquista da sede definitiva na rua Santa Ale-

xandrina, ainda no Rio Comprido. Sem deixar de lado seu perfil formador, novas ações extensionistas se consolidaram, inclusive com parcerias por meio de projetos em diferentes escalas territoriais. De início, o Projeto Comunidade, abrangendo comunidades do Complexo da Paula Ramos e depois oferecendo cursos para prefeituras no interior do estado (Resende). Mais à frente, em 2005, o alcance ao entorno foi aprimorado por conta do projeto CAp-Social.

Entre o Passeio e a Lapa, no Centro do Rio, está a Escola Superior de Design Industrial (ESDI). Originalmente, o terreno e os edifícios pertenciam ao Laboratório Químico Farmacêutico do Exército, inaugurado em 1878. Em 1937, considerando o risco de se manter atividade industrial no centro da cidade, foi determinada a sua transferência para um bairro industrial da Zona Norte. Em 1962, quando a ESDI



Quadra do CAp [s/autor, s/data]

Fonte: MID/Rede Sirius.

foi criada, o governo do Estado da Guanabara realizou permuta com o Exército, readaptando as instalações para a acomodação da Escola, que seria incorporada pela UERJ em 1975.

Em 2017, a ESDI literalmente derrubou muros, abrindo um novo portão destinado a pedestres na rua do Passeio, acompanhado de panos de vidro que possibilitam a visualização de parte dos jardins da unidade. Tal ação, realizada em parceria com uma empresa privada, trouxe visibilidade à Escola, já que, até aquele momento, dispunha apenas de portões discretos no outro lado do terreno, na rua Evaristo da Veiga. A ESDI ganhou evidência em uma região turística, ao lado do Automóvel Club do

Brasil e de frente para o Passeio, primeiro jardim público da cidade. Ao mesmo tempo que contribuiu para a renovação da rua, o portão se configurou como um convite aos passantes, que agora têm mais chances de perceber a presença da UERJ no Centro do Rio.

Em Botafogo, Zona Sul do Rio, a UERJ dispõe de duas unidades: a Casa de Leitura Dirce Côrtes Riedel, na rua das Palmeiras, e o Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP), na rua da Matriz. A Casa foi aberta em 2015, oferecendo ao público o acervo da professora Dirce Côrtes, fundadora dos cursos de mestrado e doutorado em Literatura da UERJ. Formada por 3.500 títulos, muitos contendo anotações



Novo portão da ESDI, em 2017, [s/autor, s/data].

Fonte: MID/Rede Sirius.

realizadas pela professora, a biblioteca se configura em material de interesse para estudiosos da área. O IESP é o sucessor do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), fundado em 1969. Responsável pelo primeiro doutorado em Ciência Política do Brasil, com a primeira tese defendida em 1971, passou a fazer parte da UERJ em 2010, quando assumiu a nova denominação. As duas unidades externas têm suas bibliotecas abertas ao público e espaços destinados a palestras. Na Casa Dirce, especificamente, a sala está franqueada a todos os cursos da UERJ, funcionando como um miniauditório.

4.2 Unidades em outras cidades do Estado do Rio de Janeiro

DUQUE DE CAXIAS

A Faculdade de Educação da Baixada (FEBF) está situada em Duque de Caxias. Sua origem remonta ao curso de Formação de Professores do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira (IEGRS). O IEGRS foi criado por meio da articulação entre grupos sociais e políticos locais e o Governo do Estado do Rio de Janeiro, em 1962. Três anos depois foi criado o Curso de Formação de Professores para o Ensino Normal (CFPEN), que originou a Faculdade de Educação do IEGRS, em 1967. Em



Acadêmicos do Curso de Pedagogia do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira, 1967, [s/autor].
Coleção IEGRS.

Fonte: Acervo CEPEMHed.

1982, o curso foi incorporado à UERJ, mantendo-se vinculado à Faculdade de Educação. Iniciava-se aí a fixação de unidades externas da UERJ, fora da cidade do Rio de Janeiro.

Entre 1982 e 1998, a Faculdade de Educação da Baixada (FEBF) manteve-se nas dependências do IEGRS. Em 1998, por meio de acordos firmados

entre o Governo do Estado do Rio de Janeiro e a Prefeitura de Duque de Caxias a FEBF, foi transferida para o CIEP-090.

A fixação no novo campus permitiu que se desenvolvesse como instituição referencial para a formação de professores na Baixada Fluminense. Desde 2000, sedia o Programa Integrado de Pesquisa



Inauguração do campus da FEBF pelo Governador Marcelo Alencar e o reitor Antônio Celso Pereira, 1998, [s/autor]. No canto direito, está o prefeito Zito.

Fonte: Acervo FEBF/UERJ..



Campus da FEBF, abr. 2019, [s/autor].

Fonte: Acervo FEBF/UERJ.

e Cooperação Técnica na Baixada Fluminense (PINBA). Nesse ano, sediou o Fórum Cultural da Baixada Fluminense, que articulou diferentes agências da sociedade política e civil em prol da criação da lei estadual do Dia da Baixada Fluminense. O Programa Movimentos Sociais, Diferenças e Educação (PROMOVIDE), fundado em 2016, é oriundo do Núcleo de Educação Continuada (NEC), existente desde 1997, e articula diferentes projetos de ensino, pesquisa e extensão com foco na forma-

ção continuada e inicial de professores. Em 2018, por meio de convênios firmados com as prefeituras de Duque de Caxias e de São João de Meriti, iniciou o processo seletivo especial para professores concursados das redes públicas municipais, sem diploma de graduação e com pelo menos três anos de exercício da profissão.



FEBF na Praça. Praça do Pacificador, Duque de Caxias, mar. 2017, [s/autor].

Fonte: Acervo FEBF/UERJ.



FEBF na Praça. Praça do Pacificador. Duque de Caxias, mar. 2017, [s/autor].

Fonte: Acervo FEBF/UERJ.

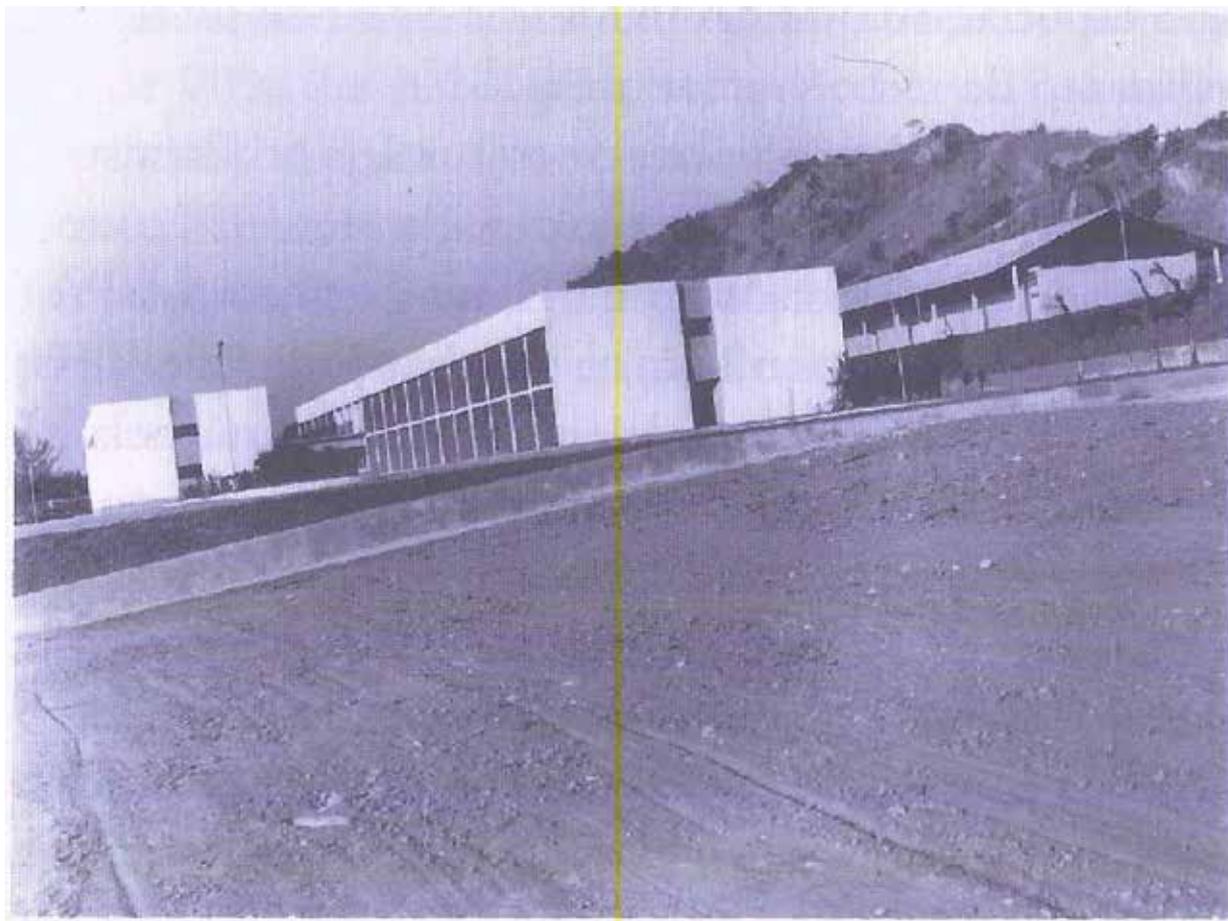
SÃO GONÇALO

A construção do campus de São Gonçalo ocorreu na década de 1970. Com a criação da Fundação do Centro de Treinamento de Professores do Estado do Rio de Janeiro, foi criada a Faculdade de Formação de Professores (FFP), em 1971. As obras de construção dos três prédios foram realizadas em 1972, e, em julho de 1973, foram inauguradas com a abertura do vestibular para os cursos de licenciatura curta em Letras, Ciências e Estudos Sociais e realizados cursos de treinamento de professores da rede estadual. A criação da faculdade respondia aos anseios locais da criação de uma instituição de nível superior expressos em matérias do jornal O São Gonçalo, de 1970 e 1971.

Posteriormente, em 1975, após uma primeira tentativa de incorporação da unidade à UERJ, a faculdade foi associada à Fundação Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Educação e Cultura – CDRH. Cinco anos depois, a Fundação CDRH foi extinta e incorporada à Fundação

de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) que então se criava. O governo de Leonel Brizola, em 1983, em sua reestruturação da administração estadual, quase levou à extinção da faculdade, medida impedida por uma intensa campanha que envolveu professores, alunos, técnico-administrativos e a comunidade local. Em 1987, a FFP foi definitivamente incorporada à UERJ, passando a ser a segunda unidade externa da universidade. Após uma reforma curricular, foram criados os cursos de Biologia, de Matemática, de História, de Geografia, de Letras com habilitações em Português/Literaturas e Português/Inglês, ofertados a partir de 1991. O curso de Pedagogia foi criado em 1993, no âmbito de um convênio da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. No ano seguinte, foi regulamentado com acesso universal pelo vestibular regular.

A unidade foi se reformulando com a organização dos laboratórios e núcleos de pesquisa e de extensão, além da estruturação dos cursos de pós-graduação lato-sensu e stricto-sensu. Essa estruturação ocorreu especialmente a partir de editais e fomentos variados, incluindo novos labora-



CETRERJ, Dc. 1970, [s/autor].

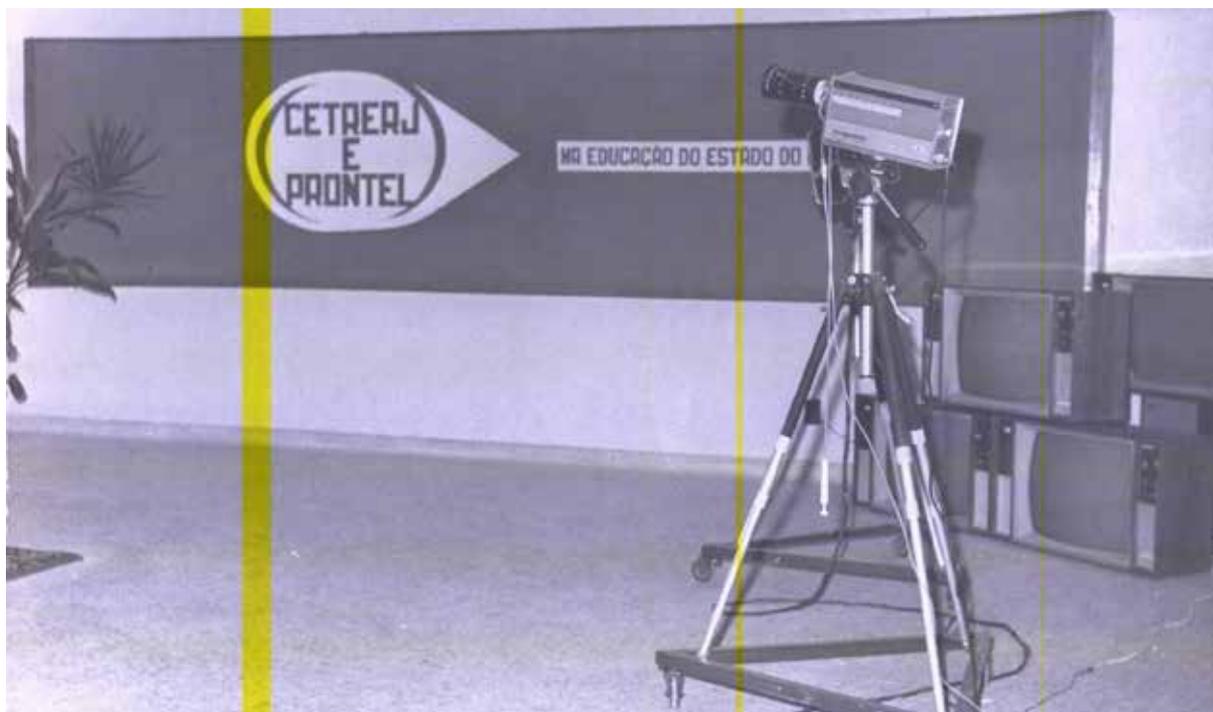
Fonte: Acervo de Haydée Figueiredo.

tórios, salas multiuso, sala multimeios, auditórios climatizados, bem como a dotação de recursos e equipamentos tecnológicos nos vários espaços de uso compartilhado pelos docentes, graduandos e pós-graduandos envolvidos com as ações de produção do conhecimento. Vale destacar que essas melhorias beneficiam diretamente os cursos de graduação e demais cursos da pós-graduação da unidade acadêmica, além do próprio município de São Gonçalo, que passa a contar com um espaço para os eventos educacionais e culturais da cidade.

Um dos projetos desenvolvidos estabelece diálogo com as escolas de Ensino Médio da rede estadual de São Gonçalo, apresentando-

-lhes o sistema de cotas, além de orientá-los sobre os procedimentos para o ingresso no vestibular, a escolha da carreira e os cursos de graduação, visando a aumentar o número de ingressantes provenientes das escolas públicas do município.

No diálogo com a história e a memória local, em 1996, foi criado o Grupo de Pesquisa História de São Gonçalo: Memória e Identidade – ainda atuante –, problematizando as experiências históricas vivenciadas na localidade. Nos últimos anos, o grupo criou os dois primeiros espaços museais da cidade: o Museu da Imigração da Ilha das Flores, em parceria com o Corpo de



Circuito interno de TV, Dc. 1970, [s/autor].

Fonte: Acervo de Haydée Figueiredo.



Laboratório de Química. CETRERJ, Dc. 1970, [s/autor].

Fonte: Acervo de Haydée Figueiredo.



Campus da FFP, 2019, [s/autor].

Fonte: Acervo FFP/UERJ.

Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil; e o Memorial da Igreja Matriz de São Gonçalo.

Nesse mesmo ano, foi criado o Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação: Memória e História das Escolas de São Gonçalo que se institucionalizou com “a motivação, o desejo de conhecer, de reconstruir a memória e a História da Educação escolar gonçalense, de criar interfaces com as escolas e com os diferentes sujeitos escolares”. A dinâmica foi se constituindo aos poucos – diversas pesquisas, implantação de Núcleos de Memória nas escolas, cursos de extensão, seminários, gincanas –; ações que foram articulando um grupo de professores/as pesquisadores/as da FFP/UERJ e das escolas da rede, alunos/as, bolsistas, em um caminho permanente de construção/reconstrução.

A ampliação e a melhoria da infraestrutura têm possibilitado à FFP crescer e se consolidar

na formação de professores e pesquisadores no campo da Educação, focalizando, principalmente, processos formativos que investigam, analisam e buscam soluções às desigualdades sociais que interferem no contexto territorial e educacional dos municípios que constituem o leste fluminense. A Faculdade de Formação de Professores (FFP) é a maior unidade acadêmica externa da UERJ, localizando-se em região de expressiva demanda educacional, cultural e profissional. Sua área de influência abrange 21 municípios, que compõem a região metropolitana, e mais alguns municípios da Região das Baixadas Litorâneas, como Cachoeiras de Macacu, Saquarema, Araruama e Rio Bonito, e da Região Serrana, como Nova Friburgo.

A Faculdade de Formação de Professores (FFP) é considerada um patrimônio educacional e cultural na cidade de São Gonçalo, sendo esta a segunda em contingente demográfico, com mais



Visita de um grupo de alunos da rede municipal de São Gonçalo ao Museu da Imigração da Ilha das Flores, 2018, [s/ autor].

Fonte: Acervo Museu da Imigração da Ilha das Flores.

de um milhão de habitantes (IBGE, 2010). Localizada na região do leste metropolitano do estado do Rio de Janeiro, é caracterizada por elevados índices de desigualdades sociais, educacionais e culturais, no aspecto inter-regional do estado. Do ponto de vista da inserção regional, da relevância social e dos impactos acadêmicos e institucionais produzidos, e por sua localização geográfica e seus objetivos políticos e educacionais, bem como pelo desenho consistente de seu currículo, características de forte solidariedade e capacidade de trabalho integrada entre seus docentes e discentes, tanto na graduação quanto na pós-graduação lato e stricto sensu, a FFP/UERJ vem se constituindo como referência na formação de recursos humanos e aperfeiçoamento técnico-científico e cultural de pesquisadores e profissionais no campo da Educação. Esse pro-

cesso pôde ser feito por meio do trabalho inédito e sistemático de acompanhamento da absorção dos mestrandos/as egressos/as pelo mercado de trabalho, realizando encontros e seminários semestrais que cumprem com a dupla função: realizar estudos de acompanhamento de egressos; e continuar promovendo processos formativos que retroalimentem percursos e vocações acadêmico-científicas no campo da pesquisa em educação. Destaca-se, também, o impacto educacional e cultural dos seminários nacionais, regionais e locais realizados pelos grupos de pesquisas da FFP, além da intensa participação dos docentes nos Conselhos Científicos e acadêmicos da região, tais como o Conselho Municipal de Educação de São Gonçalo, Conselho Estadual de Meio Ambiente, Conselhos Regionais de Desenvolvimento Econômico, dentre outros.

RESENDE

A Faculdade de Tecnologia foi instalada em 1993, em Resende, sul do estado do Rio de Janeiro. Surgiu como desdobramento do Internato Rural, e seus cursos visaram à capacitação profissional da região. Em diálogo com a comunidade local, com as associações

comercial e industrial e a Prefeitura de Resende, definiu-se que era necessária a criação de um polo de tecnologia gestado pela UERJ. Em 2000, a KODAK do Brasil doou uma área, no interior do Polo Industrial de Resende, para que o novo campus da FAT fosse construído. Em 2007, a unidade foi transferida para as novas instalações.



Campus da Faculdade de Tecnologia entre 1994-96. Resende, 1994, [s/autor].

Fonte: MID/Rede Sirius.



Campus da Faculdade de Tecnologia. Resende, [s/autor, s/data].

Fonte: MID/Rede Sirius.

NOVA FRIBURGO

O Instituto Politécnico do Rio de Janeiro foi criado por lei estadual em 1989, vinculado à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia. Sua localização era estratégica para acompanhar o movimento de interiorização da economia fluminense. Incorporada à UERJ, em 1993, tem desenvolvido parceria com instituições, como o SEBRAE, a FIRJAN, a Associação Comercial, In-

dustrial e Agrícola de Nova Friburgo, e a Prefeitura de Nova Friburgo. Nesse sentido, os cursos de graduação e pós-graduação oferecidos visam à formação de recursos humanos que permita viabilizar a modernização e a sustentabilidade, a longo prazo, dos setores metal-mecânico e têxtil-confecções, assim como do setor cimenteiro da região centro-norte fluminense, com a inserção da pesquisa científica e tecnológica na região, voltada às suas necessidades.



Instituto Politécnico do Rio de Janeiro, Dc. 1990, [s/autor].
Fonte: MID/Rede Sirius.



Instituto Politécnico do Rio de Janeiro, [s/autor, s/data].
Fonte: <http://www.iprj.uerj.br/>.

PETRÓPOLIS

O Campus de Petrópolis abriga o curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo e a especialização lato sensu em Gestão e Restauro Arquitetônico, vinculados à Escola Superior de Desenho Industrial. Para isso, o governo estadual adquiriu um casarão histórico, situado na rua Barão do Rio Branco, n.º 279, no centro histórico do município. O primeiro vestibular foi aberto em

2015, disponibilizando 50 vagas. A inadequação do espaço e o reconhecimento da importância do curso para a cidade viabilizou a parceria com a prefeitura municipal, que cedeu um casarão histórico, a Casa de Joaquim Nabuco, para a manutenção do campus na cidade, em 2017. Além do atendimento de alunos da região, são desenvolvidas ações junto a órgãos da prefeitura visando ao inventário e à divulgação do patrimônio arquitetônico da cidade.



Campus Petrópolis. Caroline Martins Carneiro Fernandes, 2019.

Fonte: Acervo DAU/ESDI/Petrópolis/UERJ.

TERESÓPOLIS

Em princípios do século XXI, inicia-se uma reflexão, na universidade, sobre a possibilidade da criação de um curso de turismo. Essa iniciativa ganha força a partir da apresentação de projeto à Prefeitura de Teresópolis que, reconhecendo a vocação serrana para o turismo, estabelece a parceria com a UERJ, cedendo e mantendo um espaço para a instalação do campus. As atividades do curso de turismo iniciaram-se, em 2009, com o curso de graduação em turismo, acrescido, posteriormente, de

uma pós-graduação lato sensu em Desenvolvimento Territorial. Após uma década de funcionamento, tendo em vista que 95% dos alunos de graduação eram oriundos da cidade do Rio de Janeiro, no segundo semestre de 2019 o curso de graduação começou o processo de transferência para o campus do Maracanã. A pós-graduação em Desenvolvimento Territorial está mantida no campus que, em 2020, passará a contar com um polo do consórcio CEDERJ/UERJ para oferecimento de cursos de graduação em Geografia, Pedagogia e Turismo à distância.



Campus de Teresópolis, [s/autor, s\data].

Fonte: <http://www.dtur.uerj.br/wordpress/wp-content/uploads/DSC01294.jpg>.

ILHA GRANDE

Os vínculos da UERJ com a Ilha Grande remontam a meados da década de 1990, quando, em 1995, foi criado o Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS). O departamento, vinculado à SR2, vem contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa científica em ecologia e meio ambiente, para o fomento de políticas públicas e atuando junto à comunidade da Ilha Grande por meio de atividades de extensão. O CEADS mantém um espaço físico dotado de infraestrutura que permite a realização de atividades de pesquisa, extensão, ensino de graduação, ensino de pós-graduação e serviços.

A primeira proposta para criação do Ecomuseu da Ilha Grande foi elaborada entre 1999 e 2001. Após debates internos, o projeto foi apre-

sentado às Associações de Moradores de Vila Dois Rios e da Vila do Abraão, a diretores e membros participantes do Comitê de Defesa da Ilha Grande (CODIG), e, ainda, às diretorias do IEF e da Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (Feema). O projeto adquiriu maior divulgação quando a UERJ se comprometeu com a instalação e administração do Ecomuseu e com a preservação dos ecossistemas da Ilha Grande, firmando o Termo de Ajuste de Conduta (TAC), acordo com o Ministério do Meio Ambiente, que envolveu a participação de diversos órgãos governamentais de âmbito federal, estadual e municipal. Os objetivos básicos do projeto foram apresentados em uma série de fóruns ampliados, como Agenda 21, Semana do Meio Ambiente e audiências públicas, das quais participaram amplos setores da sociedade civil. Dessa forma, foram definidos quatro módulos:



Museu do Cárcere. Gelsom Rozentino de Almeida, jan. 2014.

Fonte: Acervo Ecomuseu Ilha Grande. Autor: Gelsom Rozentino de Almeida.

MUSEU DO CÁRCERE

Inaugurado em 05 de junho de 2009, ocupa a portaria de entrada principal (prédio da guarda) e a antiga padaria do Instituto Penal Cândido Mendes não demolidas com a implosão de 1994. O tratamento adequado das ruínas da Penitenciária Cândido Mendes tem por objetivo servir como importante fonte de reflexão sobre a violência presente nos sistemas carcerários brasileiros ao longo de um século de práticas carcerárias. Trabalho pioneiro, teórica e metodologicamente, propõe trabalhar o sistema penitenciário como parte formadora da cidadania e reflexão sobre os direitos humanos.

MUSEU DO MEIO AMBIENTE

Tem por objetivo divulgar as pesquisas científicas desenvolvidas sobre a Ilha Grande, abordando questões relativas à biodiversidade e ao uso sustentável do meio ambiente. Inaugurado em novembro de 2015, está localizado no prédio da antiga fazenda, posteriormente a Colônia Correcional de Dois Rios, passando por uma grande recuperação e ampliação de suas instalações, a serem concluídas em 2019.

CENTRO MULTIMÍDIA

Objetiva contribuir para a pesquisa, registro, divulgação e memória da Ilha Grande em termos de patrimônio, história e cultura, por meio de mídias digitais e acesso virtual. Possui em funcionamento a Ecovila Digital, seus arquivos encontram-se no Campus Maracanã e em breve se instalará em uma edificação a ser recuperada em Vila Dois Rios.

PARQUE BOTÂNICO

Inaugurado em novembro de 2015, visa a identificar, organizar e catalogar espécies vegetais, a fim de implantar um acervo de plantas vivas originárias da Ilha Grande. Essa coleção ocupa a área do pátio interno do antigo Instituto Penal Cândido Mendes, que receberá tratamento paisagístico e técnico-científico para o cultivo de espécies da flora que sejam testemunhos da história local.

A missão do Ecomuseu Ilha Grande é incorporar a comunidade como sujeito do processo de desenvolvimento sustentável do território da ilha, por meio da preservação, pesquisa, valorização e difusão de sua história, memória, cultura, identidade, de seu patrimônio natural, material e imaterial, promovendo a reflexão e a ação consciente. O Ecomuseu Ilha Grande tem desenvolvido projetos de preservação e recuperação dos patrimônios arquitetônico, histórico, natural e cultural, visando à melhoria da qualidade de vida dos indivíduos de Ilha Grande, a partir da valorização da memória coletiva, sem desvincular as dimensões ambiental, social, educativa, cultural, política e econômica. Além disso, tem buscado proporcionar o encontro, a interseção e a articulação entre os diferentes campos do saber, de forma a contribuir de maneira efetiva para o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico, ambiental e social do Estado do Rio de Janeiro.



Reunião Geral da Equipe do Ecomuseu Ilha Grande. Gelsom Rozentino, abr. 2018.

Fonte: Acervo Ecomuseu Ilha Grande.

Interiorização via Ensino a Distância (EAD)

A formação de professores com cursos de graduação oferecidos por Educação a Distância (EAD) é uma das ações de interiorização da UERJ que tem contribuído para minimizar a carência de docentes em locais afastados dos grandes centros.

Essa ação exitosa se desenvolve pela participação da UERJ no Consórcio CEDERJ/Fundação CECIERJ e no Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), e teve início em 2003.

A UERJ oferece 935 vagas semestrais para os cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, pelo Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, em Geografia, pelo Instituto de Geografia, e em Pe-



Reabertura do Centro de Convivência, ago. 2018, [s/autor].

Fonte: Acervo Ecomuseu Ilha Grande.



Abertura do Circuito das Exóticas do Parque Botânico, Vila Dois Rios. Semana do Meio Ambiente, jun. 2019, [s/autor].

Fonte: Acervo Ecomuseu Ilha Grande.



Visita Mediada no Parque Botânico do Ecomuseu Ilha Grande, jun. 2019, [s/autor].

Fonte: Acervo Ecomuseu Ilha Grande.

dagogia, pela Faculdade de Educação, nestes dezessete polos de apoio: Barra do Piraí, Belford Roxo, Itaguaí, Magé, Natividade, Niterói, Nova Friburgo, Nova Iguaçu, Paracambi, Petrópolis, Resende, Rio de Janeiro (Campo Grande, Rocinha), São Gonçalo, São Pedro da Aldeia e Três Rios. Em 2019, totalizou 8.035 estudantes matriculados. Para 2020, a oferta de vagas em mais dois polos permitirá a abertura de 1.015 vagas por semestre. Cabe ressaltar que, além da diplomação nesses cursos, a UERJ ainda contribui para a formação pedagógica de todos os cursos de licenciatura oferecidos pelo Consórcio CEDERJ, o que aumenta sua responsabilidade junto

à formação docente e sua participação na EAD do Estado.

A equipe da graduação EAD-UERJ é formada por coordenador de curso, coordenador de tutoria, coordenadores de disciplina, mediadores a distância e mediadores presenciais, o que engloba cerca de 150 docentes UERJ, 170 mediadores a distância e mais de 250 mediadores presenciais. Os Polos de Apoio Presencial estão localizados fora dos campi regionais da UERJ e demais IES públicas consorciadas, e estão diretamente vinculados às prefeituras dos municípios parceiros.



Polo Paracambi. Celly Saba, [s/data].

Fonte: Acervo Pessoal de Celly Saba.



Formatura dos cursos/EAD. Teatro Odylo Costa Filho. Celly Saba, 2017.

Fonte: Acervo pessoal de Celly Saba.



Aula inaugural dos cursos do Polo de Nova Friburgo. Celly Saba, ago. 2018.

Fonte: Acervo pessoal de Celly Saba.



70
anos
UERJ
1950 | 2020

CAPÍTULO 5

5

Capítulo 5

Memória dos movimentos associativos

5.1 Os estudantes

O movimento estudantil da UERJ nasce com a própria criação da Universidade do Distrito Federal (UDF), em 1950. Os estudantes das quatro faculdades que compuseram a UDF fizeram campanha ativa pela encampação de suas instituições e participaram de luta pioneira pela gratuidade do ensino superior que, àquela altura, era pago.

Além da pauta corporativista, os estudantes também se mobilizaram por bandeiras mais am-

plas da sociedade, como a campanha “O petróleo é nosso”, organizando uma série de manifestações em frente à Câmara Municipal e à Prefeitura do Rio. Também pode-se citar a participação estudantil nas manifestações contra o aumento da passagem dos bondes, em 1953. Na década de 1960, o movimento estudantil desponta como resistência contra a ditadura, além de reforçar sua luta histórica pelo ensino superior gratuito.

Em suas primeiras décadas, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UDF, funcionava como um colegiado dos centros acadêmicos, sendo seu presidente eleito pelo voto indireto, escolhido pelos



Foto: Andrei Holanda

próprios presidentes dos Centros Acadêmicos (CAs). O Centro Acadêmico Sir Alexander Fleming (CASAF), dos estudantes da Faculdade de Ciências Médicas, desempenhou papel proeminente nas lutas estudantis desde a greve de 1953, que resultou na queda do reitor Rolando Monteiro, e nas manifestações de greve de 1958, cujo estopim fora a transferência de uma aluna filha de militar para o curso de medicina por intermédio da vice-reitoria.

Com a transferência da capital para Brasília, o Rio de Janeiro deixou de ser Distrito Federal para tornar-se Estado da Guanabara, e o seu primeiro governador foi Carlos Lacerda. Segundo Luiz Roberto Tenório, no livro 50 anos de Movimento Estudantil na UERJ (2000), foi nesse período que a polarização estudantil entre forças políticas da direita e da esquerda se acentuou, de modo a produzir reflexos nas disputas eleitorais para diretorias de Centro Acadêmico e DCE. Ao passo que o Centro Acadêmico de Engenharia era dirigido por estudantes lacerdistas que também tinham alguma influência sobre a Faculdade de Medicina, Filosofia e Letras, o campo estudantil da esquerda conseguiu firmar maioria nas eleições de CAs, em 1963, conquistando seis das oito entidades estudantis.

Após o golpe civil-militar em 1964, as lideranças estudantis da UEG se reuniram na sede do CASAF, na época situado na rua Fonseca Teles em São Cristóvão, e decidiram pela mobilização e resistência ao que estava por vir. O DCE ficou com o papel de unificar as lutas contra a ditadura e articular junto às demais universidades uma maior integração. Uma das primeiras investidas se deu contra a Lei Suplicy, referência

ao Ministro da Educação Flávio Suplicy de Lacerda, que vedava aos órgãos estudantis toda e qualquer manifestação política, além de tornar inelegíveis os estudantes repetentes, ou em regime de parcelamento das mensalidades, e de restringir a participação daqueles com um número específico de faltas. Ao entrar em vigor, a lei também foi responsável pela alteração do funcionamento dos órgãos estudantis, intervindo em estatutos e cassando as gestões em andamento para que novas eleições fossem convocadas, de acordo com seus parâmetros, e sob a supervisão de um professor. Assim, o DCE começava uma ampla campanha de resistência à Lei Suplicy e o primeiro passo foi a organização de um plebiscito, em que os estudantes

se posicionaram contra a lei, com 85,4% de votos. Constantemente, compareciam às assembleias da UEG lideranças da União Nacional do Estudantes (UNE) e da União Estadual do Estudantes (UEE), tais como Vladimir Palmeira,

Daniel Aarão Reis, Jean Marc e outros quadros de expressão. Nesse período, as entidades sofreram intervenção e o mais ativo dos centros acadêmicos viu seu presidente, Luiz Tenório, ser afastado e suspenso da universidade.

O ano de 1968 não poderia deixar de ser duro para o movimento estudantil. Antes mesmo do AI-5, instaurado em dezembro, a postura da Polícia Militar e do Exército nos confrontos gerados pelas passeatas era cada vez mais dura. Em março daquele mesmo ano, o estudante secundarista Edson Luís fora assassinado durante um desses confrontos no restaurante Calabouço, no centro do Rio. Em outubro,

*O ano de 1968 não poderia
deixar de ser duro para o
movimento estudantil*

o congresso clandestino da UNE em Ibiúna terminara tragicamente, com violenta repressão e a prisão de cerca de mil estudantes. Como resposta, o CASAF organizara para 22 de outubro o “Dia do Protesto”, que terminara com o Hospital Pedro Ernesto transformado em verdadeira praça de guerra pela PM. O motivo seria a impressão de afronta experimentada pela polícia diante das manifestações.

Na tarde do dia 22 de outubro de 1968, estudantes da UEG montaram em frente ao HUPE um boneco com cerca de três metros de altura, simulando a Estátua da Liberdade vestida de PM, tendo em uma das mãos um cassete e na outra uma metralhadora: uma manifestação com menos de cem estudantes e liderada pelo recém-eleito presidente do CASAF, o estudante Carlos Alberto Muniz, também presidente da UNE. A manifestação mal começara e o cerco da PM entrava em ação. Segundo o relato de Luiz Tenório, a polícia chegou atirando, deixando um saldo de sete estudantes feridos, entre eles, Luiz Paulo da Cruz Nunes, do segundo ano de Medicina, baleado na cabeça. Nunes foi levado às pressas para a sala de cirurgia do HUPE, mas não resistiu.

A morte de Luiz Paulo gerou grande comoção entre estudantes universitários da UERJ e de outras instituições, além de estudantes secundaristas. A edição do dia 24 de outubro de 1968 do jornal Correio da Manhã noticiou que, na manhã do dia anterior, diversos estudantes foram às ruas do centro da cidade para distribuir o manifesto “Ao povo da Guanabara”, em que denunciavam a morte de Luiz Paulo como ação da ditadura militar. No dia seguinte à morte do estudante, uma passeata com quatro mil estudantes, com faixas de denúncia contra a ação da polícia, saíra do Pedro Ernesto em direção ao centro da cidade. A turma de Luiz Paulo da Cruz Nunes se formou no final de 1971 e escolheu o colega morto como patrono. A oradora foi a estudante Telma Ruth Cruz Pereira que teve seu discurso censurado pelo diretor Jayme Landmann. Como forma de protesto, Telma manteve-se

em silêncio ao desfolhar as páginas de seu discurso, dizendo ao fim “era isso que poderíamos dizer” (Tenório, 2000, p. 28). A cerimônia foi imediatamente encerrada, de modo que a colação de grau só pôde ocorrer horas depois, individualmente, no gabinete da reitoria.

Em janeiro de 1969, uma bomba implantada na sede do CASAF destruiu completamente seu patrimônio. O espaço posteriormente tornou-se um estacionamento. Em fevereiro do mesmo ano, o governo militar de Costa e Silva baixou o decreto 477, fechando todos os Centros Acadêmicos da UEG e também o DCE. Após o fechamento, a reitoria decidiu pela criação de um Conselho de Representantes composto por estudantes com médias acima de suas turmas e que não estivessem envolvidos com a militância de esquerda.

Os anos de chumbo tiveram como característica a perseguição implacável contra estudantes. Expulsões e abandono de cursos em massa são citados em relatos de antigos dirigentes do movimento estudantil em formato de memórias.

*Em janeiro de 1969,
uma bomba implanta-
da na sede do CASAF
destruiu completamente
seu patrimônio*

Somente em 1977, os Centros Acadêmicos foram reabertos. Segundo notícia divulgada pelo Jornal dos Sports, de 18 de junho de 1979, o DCE-UERJ promoveu uma reunião com a reitoria a fim de discutir a pauta

do “bandejão”, o serviço médico oferecido aos estudantes e a criação de uma creche universitária. Em verdade, desde fevereiro de 1978, quando foi criada a Comissão Pró-DCE Livre da UERJ, até maio de 1983, com o DCE oficialmente restabelecido, o movimento estudantil teve uma participação ativa no processo de reconstrução das instâncias democráticas.

Nesse momento, o movimento estudantil da UERJ atuou em parceria com demais entidades da sociedade civil, como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Cabe ressaltar que as antigas lideranças estudantis, nas décadas de 1960 e 1970, na condição de docentes da UERJ, fundaram a ASDUERJ, em 1979.

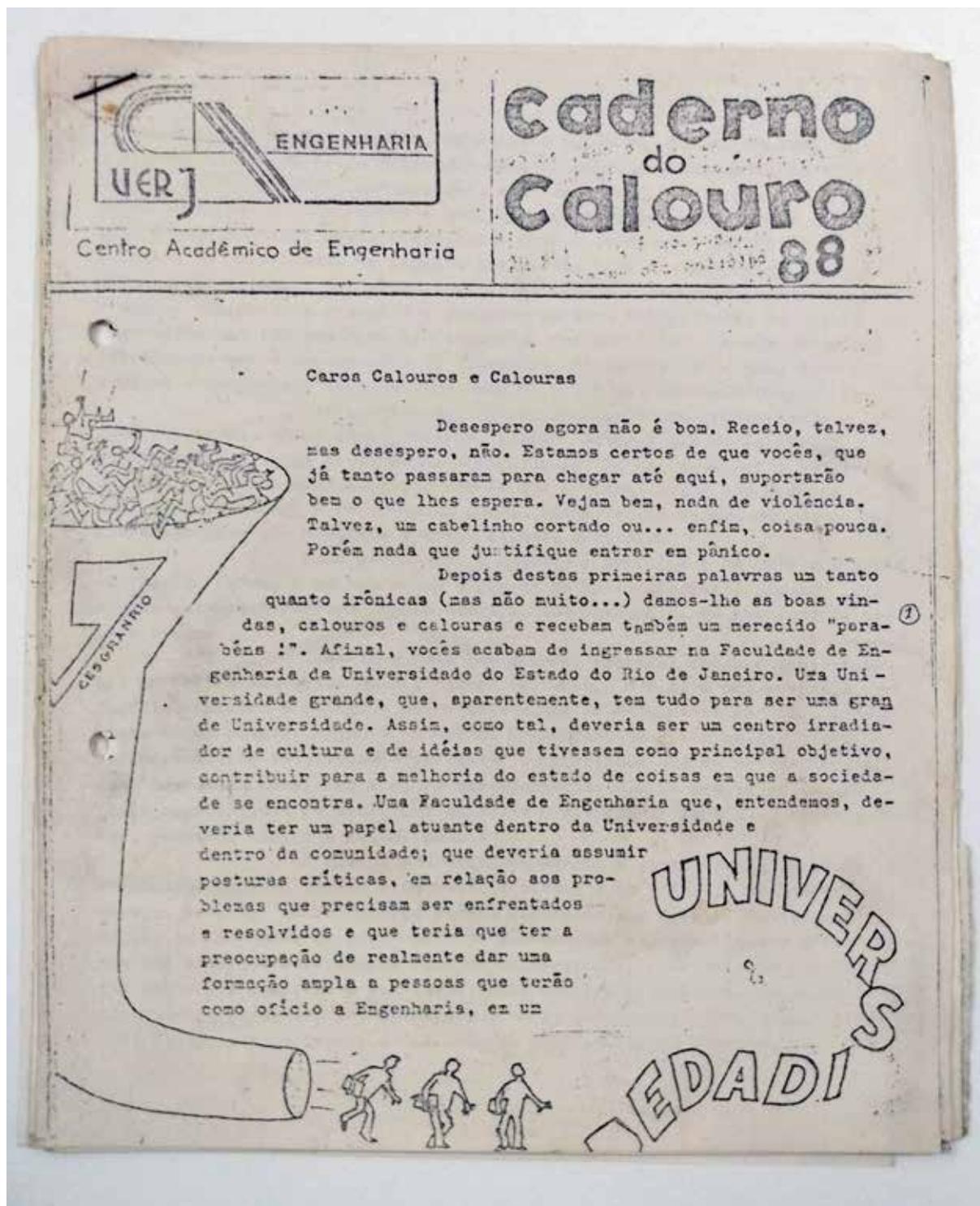
Com o Regime Militar enfraquecido e a eleição de Leonel Brizola para o Governo do Rio, as lutas estudantis voltaram-se fortemente para as demandas no interior da universidade. As pautas encabeçadas pelo DCE que seguiram nos anos 1980 enfatizaram a construção do restaurante universitário (“bandejão”), a maior representação estudantil no Conselho Universitário, eleições diretas para reitor, entre outras. Nesse período, o DCE passa a ser composto por gestões eleitas de forma direta, não adotando mais o modelo de colegiado em que representantes dos Centros Acadêmicos elegiam a direção do diretório central.

Foi uma década de muitos embates e paralisações, conforme mostram os jornais da época. Uma das lutas que pode ser destacada foi a reação à



Papel higiênico: só ele nos une – manifestação dos alunos, Rio de Janeiro, RJ, entre 1984 e 1987.

Fonte: MID/Rede Sirius. Foto: João Vitalino.



A cartilha de boas-vindas aos calouros do curso de Engenharia da UERJ, em 1988, propunha uma reflexão crítica a respeito do significado de ingressar numa universidade.

Fonte: Acervo ASDUERJ.

CARAS PINTADAS E CARAS ENRUGADAS CONTRA OS CARAS DE PAU



**APOSENTADOS, PENSIONISTAS,
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E ESTUDANTES**

- Contra as reformas da constituição
- Em defesa da educação e da saúde pública
- Contra a reforma da previdência

Local: Candelária
Dia: 28 de Abril Horário: 10h

**SINPROS · SERVIDORES PÚBLICOS · SEPE · AMES
FORUM DAS ESTATAIS · FAAPERJ · UNE · UBES · CUT**

Estudantes, professores e aposentados unidos em torno de pautas contra os avanços neoliberais.

Década de 1990.

Fonte: Acervo ASDUERJ.

nomeação de Charley Fayal pelo governador Brizola para a Reitoria, contrariando a comunidade acadêmica que o colocara em terceira colocação na lista tríplice. A reação contrária da comunidade acadêmica contou com uma intensa mobilização dos estudantes, que auxiliaram a impulsionar a campanha “Constituinte Já”. Campanha exitosa que culminou com a ALERJ garantindo que o Estatuto da UERJ seria elaborado por sua comunidade acadêmica.

Na primeira eleição direta, mais propriamente uma “consulta à comunidade”, em 1987, os estudantes desejavam o voto universal, ou seja, uma urna para todos, com os votos contados indistintamente. No final, ganhava quem tivesse mais votos. O então presidente do Diretório Central dos Estudantes da UERJ, Marcos Cortezão, estudante de Economia, defendia essa tese da seguinte forma: “Sobre as eleições para reitor, andamos céticos sobre a paridade, somos favoráveis ao

voto universal, para que os três segmentos não se diferenciem nas lutas universitárias” (entrevista ao Jornal Transparência, n. 0, ago. 1987, página 4).

Em um momento de grande mobilização nacional, durante os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, entre 1987 e 1988, o movimento estudantil da UERJ veio a se somar a outras tantas entidades na defesa da garantia do caráter público das universidades federais e estaduais na Constituição. Internamente, lutava-se pela ampliação da representação discente no Conselho Universitário.

No início da década de 1990, os estudantes da UERJ se somaram à UNE e aos estudantes de todo o Brasil – os “caras pintadas” – que saíram nas ruas para reivindicar o impeachment do presidente Collor. Dentro da Universidade, continuaram a lutar pela instituição do voto universal da comunidade acadêmica para as eleições de reitoria, o que não se consumou.



Presença do DCE em porto seguro.

Fonte: MID/Rede Sirius.

A reivindicação pelo restaurante universitário (“bandejão”) foi o mote da greve ocorrida entre junho e julho de 2000, com apoio do então governador Anthony Garotinho. Também no ano 2000, o movimento estudantil apoiará o pioneirismo da UERJ na introdução do sistema de cotas raciais.

Na década seguinte, a ampliação do restaurante universitário para além do campus Maracanã e a assistência estudantil, bem como o aumento e acúmulo de bolsas, são exemplos de algumas lutas travadas pelo movimento estudantil nos últimos anos. O DCE valorizou também a luta institucional como forma de garantia de direitos. Desse modo, espaços como o CONSUN e o CSEPE passam a ter notoriedade no discurso e na prática das lideranças estudantis.

Em 2015, os estudantes ocuparam vários cam-

No início da década de 1990, os estudantes da UERJ se somaram à UNE e aos estudantes de todo o Brasil – os “caras pintadas”

pi da UERJ. Entre as reivindicações, havia algumas demandas históricas, como a creche universitária e o “bandejão” (nas unidades acadêmicas e campi externos); assim como demandas conjunturais, como a oposição ao corte de 46% na verba destinada à educação e a precarização das condições de trabalho do corpo docente e não pagamento de seus salários, das bolsas estudantis e dos salários dos trabalhadores terceirizados. Em 2016, a UERJ deflagrou greve com o agravamento da situação que levou à ocupa-

ção estudantil de 2015. De março a agosto de 2016, a UERJ esteve em greve, com a participação ativa dos membros do DCE e do movimento estudantil. Do ponto de vista dos estudantes, houve uma vitória consubstanciada na aprovação da Lei nº 7427/2016. Por meio desta, os bolsistas acadêmicos de graduação, pós-graduação e residentes passaram a receber regularmente em conformidade com o calendário de pagamentos dos servidores ativos, inativos e pensionistas previdenciários do Estado do Rio de Janeiro. Além disso, havia a indicação do aumento das bolsas para R\$ 450,00, a partir de janeiro de 2017, e de R\$ 500,00, a partir de janeiro de 2018.

Também em 2016, por ocasião do impedimento da presidente Dilma Rousseff, o DCE aprovou, junto ao conselho universitário, o documento intitulado de “Moção contra o Golpe”, no qual se posicionava contra o fato político que tirou Dilma da presidência.

O movimento estudantil, desde a criação da UDF, esteve engajado na construção da universidade, nas pautas para assistência estudantil e nas questões políticas nacionais – desde a luta em defesa do nosso petróleo até as lutas atuais em defesa da democracia, passando pelas “Diretas Já” e pelo “impeachment” de Collor.

5.2 Os servidores técnico-administrativos

5.2.1 O movimento sindical nos anos 1960/1980

O movimento sindical, representativo dos servidores técnico-administrativos da UERJ, tem início durante o regime civil-militar (1964-85). Em 01 de junho de 1965 os servidores do Hospital Universitário Pedro Ernesto, especialmente do Setor de Enfermagem, criaram a Associação de Auxílio à Enfermidade dos Servidores do Hospital de Clínicas Pedro Ernesto, posteriormente tendo o nome alterado para Associação dos Servidores do Hospital Pedro Ernesto (ASHU-

PE). Em 1975, foi o momento em que os servidores do campus Francisco Negrão de Lima fundaram a Associação dos Servidores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ASUERJ). Sob forte controle do regime político da época, essas associações possuíam um caráter sócio-recreativo atendendo a demandas dos trabalhadores de ambas as unidades, por meio do estabelecimento de convênios com empresas de prestação de serviço médico-odontológico, clubes sociais, entre outras ações.

O processo de abertura política, após a Lei da Anistia, e a reestruturação dos movimentos sociais ensejou que ambas associações redefiniram suas atuações. Em 1983, a ASUERJ foi reestruturada, tendo como seus principais objetivos: 1) Representar todos os servidores da UERJ em defesa de seus interesses nas relações de trabalho, quanto ao exercício profissional, apoiando-os nas suas aspirações coletivas e individuais; 2) Garantir a liberdade e expressão e o livre debate de ideias; 3) Promover o relacionamento com entidades congêneres, sindicato e outras entidades, exceto as de caráter político-partidário; 4) Estimular a solidariedade e a união dos servidores da UERJ; 5) Propiciar práticas recreativas, sociais, culturais, esportivas e artísticas aos seus associados; 6) Incentivar o aperfeiçoamento profissional; 7) Interessar-se pelo desenvolvimento e pela promoção humana de seus associados e de suas famílias. Da mesma forma, os objetivos da ASHUPE eram: 1) Representar os Servidores Associados ou não, em defesa de seus interesses, nas relações de trabalho quanto ao exercício de suas atribuições no HUPE apoiando-os em suas aspirações coletivas e individuais; 2) Estimular a solidariedade e a união dos servidores do HUPE, aliado ao respeito e a preservação da ética e da dignidade; 3) Incentivar o aperfeiçoamento profissional; 4) Proporcionar ajuda financeira a seus associados, de forma direta e/ou indireta, e complementação salarial de até 30% (trinta por cento) do salário base, quando em licença médica por benefício; 5) Organizar, em be-

nefício de seus associados, a prestação de serviços por meio de convênios e operações de seguros, sob quaisquer modalidades, atendidas às prescrições legais e regulamentares; 6) Manter e desenvolver atividades de natureza social, cultural, esportiva e/ou recreativas, visando o bem estar dos seus associados e familiares; 7) Interessar-se pelo desenvolvimento e pela promoção humana de seus associados e familiares; 8) Promover o relacionamento com entidades congêneres, sindicatos e outras instituições, exceto as de caráter político-partidário ou religioso; 9) Garantir, no âmbito do HUPE, a liberdade de expressão e o livre debate de ideias e projetos de institucionalização democrática da vida pública brasileira; 10) Pleitear, sugerir e solicitar, junto aos poderes competentes, medidas que atendam aos direitos e interesses dos associados; 11) Promover um informativo periódico e manter os Associados atualizados sobre a Legislação Trabalhista, assim como as normas e decisões patronais do HUPE e da UERJ que mais diretamente afetem os interesses dos servidores.

Em 1986, foi realizado um movimento dos servidores denominado SOS-UERJ. A greve instaurada era pautada pela reivindicação por melhores condições de trabalho e ensino na universidade. Nesse momento, a presidente da ASUERJ, Maria Celina Muniz Barreto foi demitida, o que intensificou o movimento. A paralisação das atividades dos técnico-administrativos durou dois meses e foi encerrada com a readmissão da servidora.

Entre novembro de 1987 e fevereiro de 1988, ocorreu uma greve de ocupação da UERJ onde se lutava pelo cumprimento do acordo coletivo de trabalho que garantia isonomia de aumento salarial entre professores e técnico-administrativos da instituição. Em 1987, os docentes haviam conseguido um reajuste de 41,99% e o governo estadual não cumpria o pagamento dos servidores. Essa greve ficou conhecida como "Greve do Atrasadão".



Manifestação de Servidores. Sem autoria. Década 1980.

Fonte: Acervo SINTUPERJ.

Em 1989, o governo fluminense enviou mensagem à Assembleia Legislativa transformando todos os servidores de fundações e autarquias do estado em servidores de regime estatutário. Até esse momento, os técnicos eram celetistas. Como desdobramento dessa medida, em 23 de agosto de 1990, foi aprovado o Regime Único do funcionalismo alterando o regime de trabalho. Apenas 37 servidores mantiveram-se como celetistas. Apesar disso, em princípios da década de 1990, havia um quadro muito diverso de situações funcionais na universidade. Havia técnicos em regime celetista, os estatutários, os extraquadros – funcionários de outros órgãos cedidos à universidade – e aqueles admitidos temporariamente por contratos administrativos.

5.2.2 O debate dos anos 1990

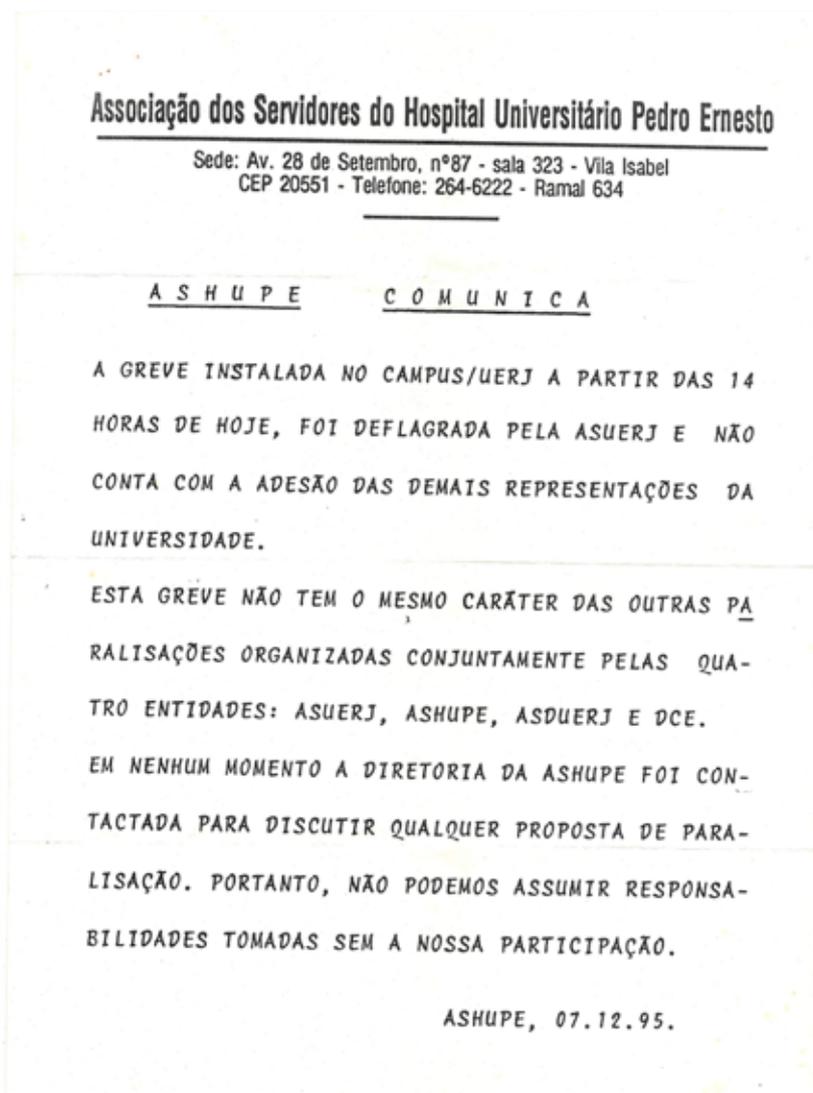
A renovação do quadro funcional, o (re)conhecimento das demandas trabalhistas e o movimento associativo, que definiu o fim dos anos 1980 e inícios

da década de 1990, marcam o movimento sindical dos técnicos administrativos da UERJ na década de 1990. Assim, em 1993, foi realizado o primeiro concurso público de servidores para a UERJ. Essa ação fazia parte de uma política de reestruturação do quadro funcional institucional. Nesse momento, com a admissão dos novos servidores, identifica-se, além das diferenças de regime de trabalho, a existência de cargos com funções congêneres e com vencimentos diferenciados. Inicia-se então o Movimento de Valoração do Servidor (Mova-se), que, naquele momento, passou a aglutinar os servidores que não se viam representados pela ASUERJ. Eram bandeiras do Mova-se: questões salariais; reestruturação do quadro de cargos da instituição; discussão sobre maior participação dos dependentes de servidores no Colégio de Aplicação (CAp); a transformação dos auxiliares de serviços de saúde em auxiliar de enfermagem; luta pela restituição do auxílio-alimentação, auxílio-creche e do auxílio-especial para servidores com dependentes portadores de necessidades especiais, que havia

sido suprimido pela administração estadual. O Movimento buscava atuar também nos campi regionais: FEBF, FFP e Ilha Grande.

No decorrer da década, as associações investem em ações de valorização dos servidores, promovendo encontros e congressos para a formação da consciência política do movimento dos trabalhadores. Criou-se também um pré-vestibular visando possibilitar o avanço na formação intelectual dos servidores.

Até aquele momento, a universidade havia criado o InvestUERJ, que capacitava os servidores com cursos de ensino fundamental e ensino médio. A criação do pré-vestibular visava a criar condições para que os técnicos pudessem disputar a seleção e ter uma formação superior na UERJ ou em outras instituições. Iniciado em 1997, foi reformulado, no ano seguinte, passando a atender também dependentes dos técnicos e a comunidade externa.



Informe da ASHUPE sobre greve convocada pela ASUERJ. 07/12/1995.

Fonte: Acervo de Alberto Dias Mendes.

PARTICIPE DA RECONSTRUÇÃO DA ASUERJ!

Há muito tempo que não vemos nossa ASUERJ atuando na defesa do Servidor

A Hora é Essa...

CHAPA 2 ASUERJ-97

MOVA-SE!

Precisamos de cara nova, com garra, com força, que vai resgatar a perspectiva de Luta dos funcionários da UERJ

ELEIÇÕES PARA A ASUERJ 25, 26 E 27 DE FEVEREIRO

Nesse momento, ASUERJ e ASHUPE avançaram em ações de modo conjunto, e instaurou-se, em meados da década, um debate sobre a fusão das duas entidades. Um outro agente importante foi a FASUBRA – Federação de Sindicatos de Trabalhadores Técnico-administrativos em Instituições de Ensino Superior Públicas do Brasil. Naquele momento discutia-se a fusão das associações e sua transformação em sindicato. Até então, havia possibilidade de criação de sindicatos de entidades ou de categorias funcionais. Grupos de servidores que estavam alijados das administrações das associações, com apoio de setores da administração da universidade, formalizaram um sindicato de entidade, o SINTUERJ – Sindicato dos Técnicos Administrativos da UERJ. Após embates internos, essa iniciativa não obteve adesão dos servidores e foi derrotada. No final da década de 1990, opta-se pela criação de um sindicato de categoria funcional e, com isso, buscou-se o apoio da ASFENORTE – Asso-

Panfleto do Mova-se para eleições da diretoria da ASUERJ. 02/1997.

Fonte: Acervo Alberto Dias Mendes.



Manifestação de servidores na ALERJ. Sem autoria. 1998.

Fonte: Acervo SINTUPERJ.

ciação dos Servidores da Fundação Norte Fluminense, que depois passou a ser a Universidade no Norte Fluminense (UENF). Redigiram-se documentos, ofícios, estudos, e foram promovidas assembleias conjuntas, plebiscitos e congressos debatendo a proposta de constituição de um sindicato dos trabalhadores técnico-administrativos das Universidades Públicas do Estado do Rio de Janeiro. Assim, em 31 de outubro de 2000, foi criado o SINTUPERJ – Sindicato dos Trabalhadores das Universidades Públicas Estaduais do Rio de Janeiro.

5.2.3 O SINTUPERJ

A criação do SINTUPERJ passou a ser entendida como um amadurecimento político da categoria dos técnico-administrativos. Formalizou-se o processo de registro sindical junto ao Ministério do Trabalho, que, no entanto, ainda não foi homologado. Criado o sindicato, as antigas associações foram extintas e surgiram as Delegacias Sindicais da UENF e do HUPE. Posteriormente o sindicato teve sua atuação ampliada incorporando os servidores da Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro (CECIERJ), criada em 2000, e da Fundação Centro Universitário Estadual da Zona Oeste (UEZO), criada em 2005.

O sindicato associava-se às pautas trabalhadoras nacionais e internacionais, como o combate ao neoliberalismo, fim da influência do FMI no país, críticas às reformas previdenciárias e à Organização Internacional do Trabalho, entre outras.

Internamente à UERJ, a principal bandeira era a obtenção de um plano de carreira. Até aquele momento, o que havia eram enquadramentos funcionais. Pretendia-se também a formalização de um termo de política de pessoal da instituição que pautasse as relações trabalhistas de técnicos e de docentes. Por outro lado, construiu-se

um movimento de lutas conjuntas com a ASDUERJ – Associação dos Docentes da UERJ. Foi uma associação pautada em bandeiras comuns: reajuste salarial que promovesse as perdas da inflação, aumento salarial e reajuste nos auxílios.

Em 2006, foi aprovado o primeiro Plano de Carreira, que mantinha a estrutura de cargos então existente. Suas reformulações ensejaram a reestruturação do quadro funcional da universidade, que hoje conta com três tipologias de cargos, instituídas por nível de formação – ensino fundamental, ensino médio e ensino superior – com vários perfis de atuação diferenciada.



Panfleto do Mova-se. 1997.

Fonte: Acervo Alberto Dias Mendes.

Uma das bandeiras constantes foi a luta contra a precarização do trabalhador da UERJ, combatendo os contratos administrativos e as terceirizações de funções. Essa luta gerou denúncia ao Ministério Público que levou ao TAC – Termo de Ajuste de Conduta –, promovendo em 2016, concurso público para provimentos de cargos técnico-administrativos e docentes na universidade.

Hoje o SINTUPERJ tem cerca de 2.500 filiados e se configura como um sindicato de abrangência estadual, resultante das lutas dos trabalhadores por melhores salários e condições de trabalho, ainda com perspectivas de uma mudança profunda na sociedade brasileira para extinção das desigualdades e injustiças.

Participação de técnicos-administrativos da UERJ em ato unificado de servidores do Estado do Rio de Janeiro. (s/ data). Fonte: Acervo SINTUPERJ.



Jornal do SINTUPERJ. Rio de Janeiro. Ano I, N.1, 09/2006.
Fonte: Acervo SINTUPERJ.



NOVA DIRETORIA TOMA POSSE Vitória dos trabalhadores: resgate da unidade e da democracia

Uma nova era tem início na história do Sintuperj. Os resultados das eleições de 23 a 24 de agosto passado provaram que a categoria confia nos dirigentes que se propuseram a resgatar a unidade e avançar na luta dos trabalhadores das universidades estaduais do Rio de Janeiro. A Chapa I obteve 52% dos votos para a executiva, 59% para a Delegacia do Hupe e 49% para o Conselho Fiscal. É de se registrar ainda que anteriormente nenhuma eleição alcançou maior participação nas urnas do que essa: 1.212 votantes.

Esse aspecto demonstra que a disputa entre as duas chapas gerou a mobilização e conferiu crédito ao programa vencedor, fortalecendo as propostas de ação sindical da nova diretoria. Por isso, os novos dirigentes eleitos para as diversas coordenadorias da entidade reiteram o compromisso de

sempre buscar, na prática, a unidade entre os três segmentos técnico-administrativos, professores e alunos rumo à união efetiva nas universidades. Parabenizamos também os companheiros da Chapa 32, que venceu a eleição na delegacia sindical da Unif, ressaltando que é o momento de estarmos juntos na defesa da categoria, procurando na adversidade um caminho para as causas comuns com ética, respeito e muita garra.

Nós, que acabamos de tomar posse no Sintuperj acreditamos na pluralidade de idéias, na livre expressão de opiniões e orientações políticas. Também respeitamos os credos e preferências partidárias, sem ficarmos a dias atrelados. Entendemos que este momento em particular exige maior participação dos trabalhadores e trabalhadoras na defesa da universidade pública, gratuita,



autônoma, democrática, laica, de qualidade e socialmente referenciada. A nova diretoria tem plena consciência do enorme desafio que é recuperar a autonomia política e as finanças do Sintuperj para torná-lo cada vez mais forte e ativo. Esta vitória é apenas o começo.

**Um dia após a posse,
nova diretoria já estava
na luta com os
residentes do HUPE.**

Pág. 2



Acompanhe também nesta edição:

Posse da nova diretoria do Sintuperj emociona no Teatro Noel Rosa
Pág. 2 e 3

BALANÇO
Confusão e déficit nas contas da diretoria anterior
Pág. 4

DE OLHO EM SEUS DIREITOS

Os servidores com direito ao **Adicional Noturno** devem comparecer à Coordenadoria de Assuntos Jurídicos do Sintuperj para ajuizarem ação. Os servidores que eram **clientes do Banerj** em 1996 e têm direito ao pagamento da ação ganha pela Anacont, também devem procurar o Sindicato. Em ambos os casos é necessário ser sindicalizado.



5.3 Os professores

No Brasil, a organização docente, de nível superior, tem origem nos idos da década de 1930 durante o governo Getúlio Vargas, que promulgou o decreto 19.851, assinado pelo presidente e seu ministro da educação, Francisco Campos. O decreto destinava-se à regulamentação do ensino superior no país e ficou conhecido como “Lei Francisco Campos”. Entre diversos aspectos, o decreto previa ao corpo docente universitário de todo o país o direito de criar “sociedades” de natureza política e principalmente beneficente, que discutisse pautas pertinentes à categoria e possuísse interesse científico, previdenciário e assuntos relacionados aos trabalhos desenvolvidos no meio acadêmico. Essas sociedades tinham o direito de se articularem regionalmente e nacionalmente, formando o Diretório Nacional de Professores, cujo objetivo seria o de defesa dos interesses da categoria.

Os primeiros registros de organização docente na Universidade do Distrito Federal remetem ao ano de 1955 quando houve a fundação da Associação de Professores da Universidade do Distrito Federal com finalidade cultural e social, em conformidade com seu regimento. Diferentemente da Lei Francisco Campos, que definia as respectivas reitorias como direções das “sociedades docentes”, o Regimento Geral da UDF, também em 1955, criava a Associação de Docentes Livres da Universidade do Distrito Federal cuja presidência seria ocupada pelo representante docente no Conselho Universitário. Na década seguinte, nos primórdios do Regime Militar, precisamente no ano de 1965, a resolução 274 da então UEG criava a Associação Benfeitora do Corpo Docente – ABCD. Seu principal objetivo era o de defesa do interesse comum do trabalhador intelectual, além de promover ações de cooperação e solidarieda-

de entre seus membros. Pouco sabemos sobre essas associações.

Somente na década de 1970, o movimento docente da UERJ funda sua entidade representativa já nos moldes da luta sindical, sem o controle estatal. Nesse sentido, a história da Asduerj se confunde com a história de luta política contra a ditadura militar, mais especificamente ao movimento de “redemocratização”. Sua fundação data de 7 de maio de 1979, após deliberação de uma assembleia docente que contou com a participação de 97 professores da UERJ reunidos na Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

A escolha de um local para além dos muros da universidade devia-se a desconfianças em relação ao posicionamento da reitoria, conduzida pelo professor Caio Tácito, que havia estimulado a criação de uma outra associação docente sob seu controle. Um pouco antes da assembleia na ABI, fora convocada outra reunião, nas dependências da UERJ, que acabou por fundar a APUERJ (Associação de Professores da UERJ), não reconhecida pelo grupo que vinha há um ano organizando a referida associação. A comissão original Pró-APUERJ, organizada pelo professor Ricardo Santos desde o ano anterior, em reuniões clandestinas no Centro Biomédico da UERJ, mais distante da reitoria, viu-se na tarefa de inventar um novo nome para a entidade sindical docente autônoma. Assim, no dia 7 de maio de 1979, é fundada a Associação de Docentes da UERJ – ASDUERJ. Com a mudança do nome, surgiram especulações acerca de uma possível fusão entre a entidade autônoma e a controlada pela administração central da UERJ, levando o professor Ricardo Santos, primeiro presidente da ASDUERJ a redigir o primeiro comunicado da embrionária imprensa sindical da associação sob o título “Fusão confusão”.

O Brasil vivia um clima de grande participação política, com a proliferação do associativismo sindical, corporativo e político. A fundação de uma entidade sindical cumpriu o papel fundamental para o reconhecimento da categoria docente enquanto classe organizada, de modo que outras universidades, como a PUC e a UFF, fundaram suas associações docentes no mesmo período, chegando inclusive a protagonizarem juntas uma greve por melhores condições de trabalho, como no caso da UERJ e da PUC, em 1979. Outra característica do papel que as associações docentes tiveram a construção de uma identidade social de classe entre os docentes foi a fundação de uma entidade

a nível nacional ainda no início da década de 1980. Trata-se da fundação da Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior – Sindicato Nacional – ANDES-SN, em 1981. Esse fato levaria a ca-

tegoria docente a ingressar com suas entidades nas fileiras de uma instância ainda maior da luta sindical protagonizada pela Central Única dos Trabalhadores – CUT, entidade a qual o ANDES-SN permaneceria filiado até 2005.

Em tempos de luta por democracia e denúncias contra as arbitrariedades praticadas pelo Regime Militar nos anos de chumbo, a geração de 1968, que estivera à frente do movimento estudantil uerjiano entre os anos 1960 e 70, era agora a geração de docentes pioneiros e fundadores da ASDUERJ, entre os quais: Ivo Barbieri, Ricardo Santos, Ronaldo Lauria, Nilcéa Freire, Antônio

Ferrão, Ronaldo Coutinho, José Estácio Bruno, Luiz Fernando Couto, Antônio Augusto Quadra, Hésio Cordeiro, Nelson Rodrigues Filho, Reinaldo Guimarães, Edna Rienke, Waldinez de Oliveira, Vivaldo Moura Neto e Antônio Carlos Campos de Carvalho.

Uma das primeiras e principais bandeiras levantadas pela nova associação foi a realização de eleições diretas para reitor, só conquistada anos depois. A luta por autonomia e democratização das instâncias de poder na universidade veio junto com as reivindicações de melhorias para o exercício da profissão: melhores salários, plano de carreira, condições para a realização de pesquisa na universidade.

Em 1983, já durante o governo de Leonel Brizola, o corpo docente resolve fazer uma consulta pública para eleição do reitor. Brizola ignorou a escolha da comunidade

acadêmica e indicou para a reitoria, o terceiro colocado na consulta, o professor Charley Fayal, tensionando as relações com o corpo docente, de modo que sua carta compromisso com a UERJ fora rasgada pelos professores contrariados.

Há quem entenda que esse fato impulsionou a luta por um novo estatuto da UERJ, para a garantia de democracia interna. A luta denominada por “Estatuinte Já” fez-se exitosa e garantiu o I Seminário Interno. A ASDUERJ foi uma das protagonistas na construção de um estatuto elaborado pela comunidade acadêmica que tinha como um dos eixos a eleição direta para a reitoria. As ten-

A história da Asduerj se confunde com a história de luta política contra a ditadura militar, mais especificamente ao movimento de redemocratização

sões em torno dos temas ligados a condições de trabalho e à própria eleição direta fizeram com que as discussões iniciadas em 1988 paralisassem e só reiniciassem em 1990 (Luis Fernando Ramadon, em UERJ: uma história apaixonante, 2017).

A Estatute foi instalada e sua primeira diretoria foi composta pelos professores: Gustavo

Bayer (presidente), Elisa Maria dos Santos (1.º vice-presidente), Paulo Roberto Simpson (2.º vice-presidente), Roberto Abreu (1.º secretário), Jorge Augusto de Almeida (2.º secretário), Oséias Luiz Simões (3.º secretário), Ricardo Vialves (4.º secretário).



Trecho do Estatuto de 1991, reproduzido na revista ADVIR, n. 2, ago. 1993.

Fonte: Acervo ASDUERJ.

Nesse processo, a ASDUERJ se pautou em três eixos que serão centrais nos anos vindouros como elementos para agregação dos docentes: a democratização de todas as instâncias na universidade, a autonomia universitária com financiamento público e melhores condições para o professorado. Esta última se desdobrava, prioritariamente, por meio da organização de um Plano de Carreira Docente. Em 1991, foi aprovado um primeiro plano que valorizava a pesquisa e a produção acadêmica, e, por isso, foi um marco diferencial para as práticas docentes na UERJ.

Desde então, a ASDUERJ apostou na criação do regime de trabalho em Dedicção Exclusiva (DE), que só foi efetivamente conseguida em 2012. Nesse movimento, a associação não privilegiou o

modelo de dedicação implantado efetivamente na UERJ nos anos 90, que foi o Prociência. Em sua concepção, o Prociência não estimulava a produção intelectual livre, mas impunha uma lógica produtivista e competitiva.

Apesar das divergências, em relação às formas de luta e à avaliação sobre as conjunturas sociais e políticas, a ASDUERJ se pautou na perspectiva de agregar o movimento docente e, com isso, conquistou importantes conquistas salariais ainda na década de 1980.

Na década de 1990, a entidade amplia a diretoria, em 1993, com a garantia de representação dos campi externos e do HUPE, conforme a plataforma da Chapa Única das eleições do respectivo ano.



Ato em defesa do Serviço Público, 1997.

Fonte: Acervo ASDUERJ.

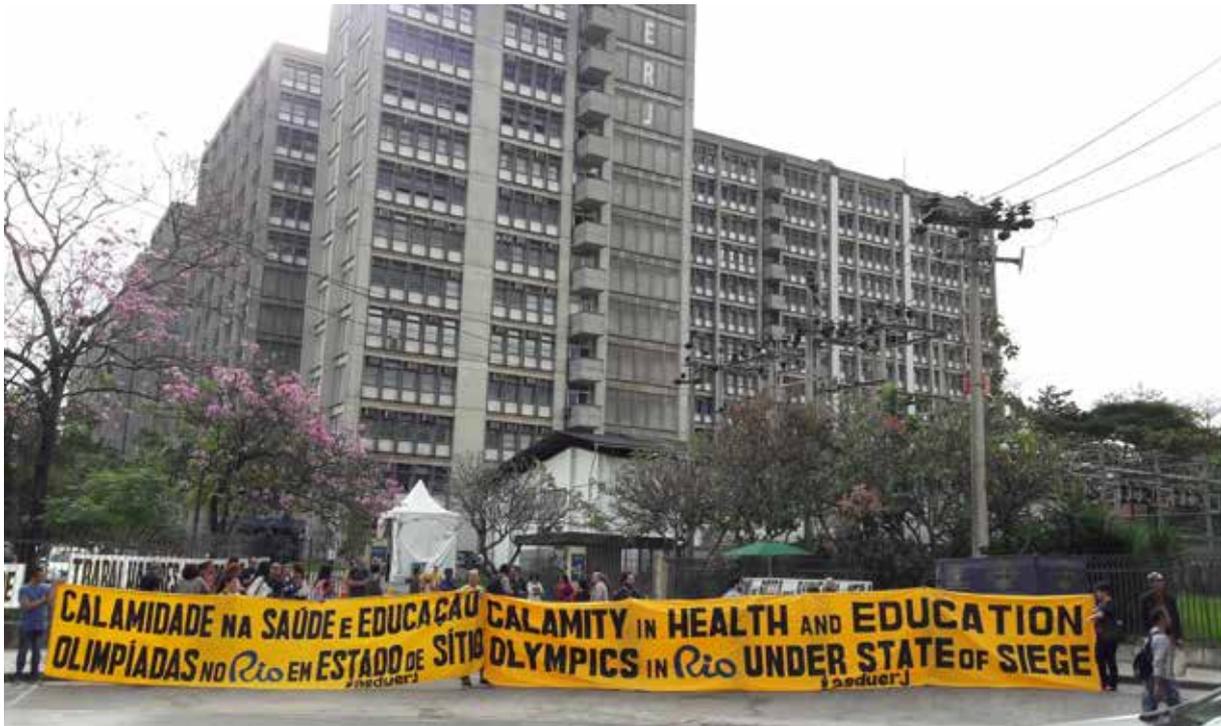
No século XXI, a associação se mantém firme na luta por melhorias salariais e um novo Plano de Cargos e Salários, finalmente aprovado em 2008. Um estudo realizado pela própria

Associação de Docentes demonstrava um índice de defasagem salarial, entre 2001 e 2016, de 114% dos docentes auxiliares, e 96% dos adjuntos.



Assembleia Docente delibera pelo fim da greve. O movimento iniciado em 11 de julho de 2012 reivindicava a implantação da Dedicção Exclusiva. A greve acabou com a conquista da Lei 6328, que criou a DE. 14 de setembro de 2012.

Fonte: Acervo ASDUERJ. Foto: Comunicação Asduerj.



Professores em greve realizam ato de protesto num dos portões que ficam de frente para o Maracanã, dois antes do início das Olimpíadas. 03 de agosto de 2016.

Fonte: Acervo ASDUERJ. Foto: Comunicação Asduerj.



Asduerj participa de ato Movimento Unificado dos Servidores Públicos do Estado (Muspe), em que servidores estavam com salários atrasados desde novembro e sem 13º salário. 20 de fevereiro de 2017.

Fonte: Acervo ASDUERJ. Foto: Comunicação Asduerj.



Vigília na escadaria da ALERJ, percebendo-se o ostensivo aparato policial destacada para o ato, circa 2017.
Fonte: Acervo ASDUERJ.

Entre os anos de 2012 e 2015, durante a crise fiscal no Rio de Janeiro, a categoria docente via como fundamental para a manutenção da UERJ o aumento de 3% para 6% da receita corrente líquida do Estado para as universidades públicas. Sobre o período de crise fiscal que se

estende para além de 2015, é importante dizer que está associado a desafios de âmbito nacional. A PEC 55, por exemplo, influencia diretamente nas condições de trabalho na UERJ, de modo que se torna uma das pautas centrais nos dias atuais.



Professores da Uerj comemoram aprovação da Lei 8267, que extinguiu o Adicional de DE e passou a remunerar este regime de trabalho no Vencimento Base dos professores da Uerj. 20 de dezembro de 2018.

Fonte: Acervo ASDUERJ. Foto: Comunicação Asduerj.

Os períodos de greve enfrentados a partir de 2012 têm como eixo a resistência ao processo de precarização da universidade, expressa no atraso de salários de docentes, servidores e trabalhadores terceirizados, assim como as bolsas estudantis. Além disso, o cenário político de 2016, com o impedimento da presidente Dilma e a eleição de Bolsonaro em 2018, con-

tribuiu para o maior engajamento da categoria docente na discussão de pautas nacionais e a sua influência no Estado do Rio de Janeiro. Uma das evidências dessa necessidade está expressa no lançamento do Fórum Sindical por Direitos e Liberdades Democráticas, em composição com sindicatos de diversas áreas, em sua sede no campus Maracanã.



Com salários atrasados e aulas suspensas, professores realizam aula pública em frente ao Palácio Guanabara. 11 de abril de 2017.

Fonte: Acervo ASDUERJ. Foto: Comunicação Asduerj.

Dos primeiros anos – quando o sentimento do momento histórico vivido superava até mesmo a inexistência de um espaço físico – aos mais de 1.500 filiados de hoje, foram mais de duas décadas de luta pela universidade pública, gratuita e de qualidade. Filiada à ANDES-SN (Associação Nacional de Docen-

tes de Ensino Superior – Sindicato Nacional) – entidade que ajudou a construir, numa ação histórica do movimento docente nacional –, a ASDUERJ em sua maioria é um indiscutível patrimônio dos professores da UERJ, que vêm contribuindo para a construção da história da educação no Brasil.



Exemplo de atuação conjunta das três categorias, em convite endereçado a Sergio Cabral Filho, então candidato ao Governo do Estado do Rio de Janeiro, para uma conversa sobre a crise da UERJ, em 2006.

Fonte: Acervo ASDUERJ. Foto: Comunicação Asduerj.



70
anos
UERJ
1950 | 2020

CAPÍTULO 6

6

Capítulo 6

A UERJ: da consolidação como universidade de excelência, rumo às perspectivas futuras

Carlos Frederico Duarte da Rocha

Professor Titular, Departamento de Ecologia, IBRAG

Setenta anos se passaram e, ao longo dessas décadas, a construção da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) como instituição se desenvolveu de forma contínua, consistente, robusta e madura, atingindo hoje uma posição de destaque tanto no cenário nacional, como no internacional. Isso só foi possível porque um conjunto de ações e políticas institucionais proativas foram desenvolvidas ao longo dessas sete décadas (com maior ênfase, nos últimos 25 anos), atuando de forma sinérgica para elevar a UERJ à posição de destaque que se encontra hoje. Houve um grande investimento no ensino de graduação e no de pós-graduação, na pesquisa científica, na capacitação docente por meio do Programa Procad, na implantação do Programa Prociência de produtividade docente, na implantação do Programa Institucional de Iniciação Científica, no estabelecimento da política institucional de cotas raciais, posteriormente estendidas para cotas sociais, na política de interiorização da UERJ com o estabelecimento de vários campi regionais descentralizando a formação de recursos humanos,

o desenvolvimento de um robusto programa de extensão, aproximando a Universidade da comunidade, a implantação de um programa de estímulo à inovação (InovaUerj), entre outras. Tais ações e políticas, conjuntamente, conduziram a UERJ a se consolidar como universidade de referência no Brasil. Vale destacar nesse processo a ação sinérgica das reitorias e das sub-reitorias de Graduação, de Pós-Graduação e Pesquisa e de Extensão que se sucederam no ciclo virtuoso da UERJ.

Um ponto de especial orgulho para a UERJ e de destaque como instituição no processo de evolução acadêmica foi a UERJ ser, no Brasil, uma Universidade de vanguarda em termos de ações afirmativas, as quais exigem que o Estado atue para garantir leis antissegregacionistas, e que assuma também uma postura ativa para a melhoria das condições de segmentos populacionais tradicionalmente socialmente marginalizados (Kabengele, 2001; Moehlecke, 2002; Domingues, 2005). Assim, em 2003, a UERJ foi a primeira universidade no Brasil a instituir um sistema de cotas (posteriormente seguida pela Universidade de Brasília – UnB), inicialmente para

negros, mas posteriormente estendida a outros segmentos populacionais desprivilegiados, visando garantir os direitos fundamentais e sociais dos indivíduos e do princípio de igualdade de acesso ao ensino (Bayma, 2012; Domingues, 2005). Nesse seu programa de ação afirmativa, em consonância com a legislação vigente, a UERJ garante atualmente a reserva de 8.105 vagas para quilombolas, negros, indígenas, para alunos oriundos do ensino médio das redes públicas municipal, estadual ou federal, além de

vagas reservadas a estudantes com deficiência e para filhos de policiais civis e militares, bombeiros militares e inspetores de segurança e administração penitenciária, e para mortos ou incapacitados em razão de serviço, integrando uma rede de proteção a estes segmentos. Assim, por meio de suas políticas afirmativas, a UERJ atua de

forma destacada no Brasil para promover não apenas a inclusão, mas também merecida reparação histórica àqueles que vêm sendo prejudicados desde os períodos colonial e do império, e que tem se estendido até os dias atuais da república.

Na sua trajetória, a UERJ desenvolveu suas competências para oferecer um destacado ensino público e de qualidade. Nem todas as universidades atuam em todos os níveis da formação educacio-

nal. Contudo, a UERJ sempre apresentou, de forma diferenciada, uma matriz de formação educacional que envolve desde os níveis do ensino fundamental I e II e ensino Médio, no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (o CAP/UERJ), no ensino de graduação e também no de pós-Graduação. Em todos esses níveis, a UERJ, continuamente, priorizou formar profissionais éticos na sua conduta, com elevada competência e capacidade crítica para analisar os problemas que se apresentam

para a sociedade e o ambiente. Hoje, os jovens formados pela UERJ constituem profissionais bem preparados para o Brasil e o mundo, aptos para atuarem tanto como agentes transformadores da sociedade, como também multiplicadores dos conhecimentos científicos, tecnológicos e de inovação. Isso resultou no fato de a UERJ ter atingido, em

2019, um expressivo corpo de alunos em formação, com 41.469 discentes, sendo 24.477 destes em cursos presenciais de Graduação (DAA, 2019); outros 8846 alunos em cursos de Educação a Distância; 6.299 alunos em programas de Pós-Graduação stricto sensu (2806 alunos em Mestrado stricto sensu; 612 em Mestrado profissionalizante e 2881 em Doutorado); 947 em cursos de Pós-Graduação lato sensu, além de 930 alunos nos ensinos funda-

Assim, por meio de suas políticas afirmativas, a UERJ atua de forma destacada no Brasil para promover não apenas a inclusão, mas também merecida reparação histórica àqueles que vêm sendo prejudicados desde os períodos colonial e do império, e que tem se estendido até os dias atuais da república.

mental e médio, no CAP/UERJ, o qual, por sua vez, atingiu um patamar de referência de qualidade no nível dos ensinos fundamental e médio no Brasil. No nível da Pós-graduação, a UERJ, hoje, possui 52 programas stricto sensu, os quais oferecem 51 diferentes cursos de Mestrado acadêmico, 43 cursos de Doutorado acadêmico (PROPG/SR-2, 2019), sete mestrados profissionalizantes e seis mestrados profissionais em rede nacional, havendo ainda na UERJ o oferecimento de mais de cem cursos de Pós-graduação lato sensu. Esses programas de Pós-graduação, através dos seus cursos são hoje responsáveis pela UERJ assumir a formação de uma expressiva parcela da totalidade de formandos no Brasil com alta qualificação.

Adicionalmente, a UERJ entendeu precocemente a importância das bolsas de estudo, nas suas diferentes modalidades, como ampliadoras da formação dos seus estudantes. Uma vez que esses jovens constituem o reservatório do conhecimento futuro sobre os diferentes temas e desafios, para a UERJ, as bolsas não são consideradas como despesa, mas como investimento fundamental. Portanto, manter e ampliar a sua rede de proteção da formação via concessão de bolsas constitui uma visão institucional de preservar o preparo e o conhecimento futuro. Assim, com o patamar atingido por suas competências, a UERJ oferece expressivo número de bolsas nas diferentes modalidades. Atualmente, a UERJ concede um elevado montante de bolsas a alunos nos diferentes níveis. No âmbito da Sub-Reitoria de Extensão e Cultura, onde um elevado número de projetos de Extensão Universitária é conduzido por meio do Departamento de Extensão (DEPEXT), em 2019 foram concedidas 457 bolsas de extensão, 30 de Cultura e 14 de interiorização, totalizando a distribuição de 501 bolsas (DEPEXT, 2019). A Extensão da UERJ atualmente possui mais de 700 projetos atuantes em educação, cultura, comunicação, meio ambiente, tecnologia e produção,

direitos humanos, justiça e trabalho. Esses projetos impactam favoravelmente a comunidade associada à UERJ, promovendo a transferência da informação sobre o que melhor a universidade produz para a comunidade. Anualmente, a universidade abre suas portas à comunidade para, durante a Semana de Extensão da UERJ, como parte da UERJ Sem Muros, trazer à população local do Rio, incluindo escolas e colégios, para o interior do campus universitário, compartilhando com ela tudo que a universidade descobre, produz de saber e conhecimento e o que desenvolve como inovação, apresentando como soluções que retornam à própria comunidade. Em nível de graduação, um destaque da UERJ é o Programa de Iniciação Científica (PIBIC), que incentiva alunos a, desde cedo, se inserirem no universo da pesquisa científica. Assim, atualmente, a UERJ, por meio do PIBIC, provê a seus estudantes 728 bolsas de iniciação científica, as quais são, em parte, garantidas por recursos próprios do orçamento da UERJ (408 bolsas) e acrescidas por aquelas captadas junto ao Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico

*A Extensão da UERJ
atualmente possui mais
de 700 projetos*

e Tecnológico – CNPq (320 bolsas) (PROBIC/SR-2, 2019). Porém, esses números são ampliados quando são também contabilizados os pedidos realizados de forma direta pelos docentes à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado

do Rio de Janeiro (FAPERJ), via pedidos de balcão, cujo número captado flutua anualmente (entre 100 e 130 bolsas/ano), por se tratar de pedidos diretos dos orientadores à FAPERJ (PROBIC/SR-2, 2019). Ainda no âmbito da graduação, a Sub-Reitoria de Graduação, por meio da Diretoria de Administração Acadêmica (DAA), concede 180 bolsas de Iniciação à Docência (ID) para alunos de graduação das áreas de Licenciatura, visando estimular o desenvolvimento e a utilização de metodologias inovadoras voltadas para contribuir na qualidade da educação básica e do ensino médio. São ainda concedidas

Na Pós-graduação, a UERJ atingiu o expressivo patamar do provimento de 1566 bolsas de stricto sensu.

415 bolsas de Estágio Interno Complementar e 356 para monitorias em disciplinas (CETREINA/SR-1, 2019). Na Pós-graduação, a UERJ atingiu o expressivo patamar do provimento de 1566 bolsas de stricto sensu, captadas junto a agências federais (CAPES e CNPq) ou estaduais, como a FAPERJ, sendo 1076 da CAPES (496 de mestrado, 580 de doutorado), 350 provenientes da FAPERJ e 160 do CNPq (84 de mestrado e 76 de doutorado) (PROPG/SR-2, 2019). Esses números de bolsas PG implicam, atualmente, a UERJ manter um grande contingente de alunos bolsistas de mestrado e doutorado que são subvencionados para permanecerem exclusivamente focados na sua formação e na sua

melhor qualificação como futuros pesquisadores e docentes. No conjunto, o investimento da UERJ por meio de bolsas concedidas a seus alunos aponta para um número próximo a 3821 bolsas (variável semestralmente), o que ajuda a explicar o patamar de excelência que a UERJ atingiu. Todo esse investimento educacional construído ao longo do tempo pela UERJ retorna para a sociedade, pois a UERJ busca compartilhar as políticas educacionais entre a comunidade universitária e as comunidades em que ela está inserida de forma a promover a democratização do conhecimento da forma mais ampla possível, tanto no seu campus central, como nos seus campi regionais, onde promove regionalmente a formação de pessoal.

Para prover todos esses níveis de ensino de qualidade e qualificação técnico-científica, foi necessário que a UERJ também investisse em professores qualificados para atuar nos diferentes graus de formação, preparando os estudantes para desenvolverem não apenas o seu conhecimento, mas também praticar o seu pensamento lógico, provendo-os de encontrar as soluções com competência de raciocínio, criatividade, e de forma inovadora. Assim, ao longo das décadas mais recentes, a UERJ realizou diferentes ações para aumentar a qualidade e qualificação dos seus docentes, como, por exemplo, a instituição do Programa de Capacitação Docente da UERJ – Procad/SR-2 (que visa incentivar a capacitação do docente para aprimoramento de seu desempenho no cargo que ocupa), ou a priorização, a partir de 1994, da contratação de docentes com nível mínimo de Adjunto e, especialmente, pela criação em 1996 do Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística – PROCIÊNCIA, que visa valorizar a produção científica, técnica e artística dos docentes da UERJ que estejam em regime de dedicação exclusiva. O Procad/SR-2 foi instituído em 1979 pela Deliberação 047/1979, com o objetivo de incentivar e apoiar os docentes

à titulação e à capacitação mediante a realização de mestrado, de doutorado, de pós-doutorado ou de estágio de pesquisa. Ao longo desses 40 anos (de 1980 a 2019), ingressaram no Programa aproximadamente 1952 docentes, distribuídos pelos níveis de mestrado (260 docentes), doutorado (818 docentes) e pós-doutorado/estágio de pesquisa (PDO/EST) (874 docentes) (Procad/SR-2, 2019). Ao longo das últimas décadas, decaiu o número de docentes sendo atendidos pelo programa Procad: de 1980 a 2007 ingressaram no sistema 258 no nível do mestrado, 689 docentes no nível do doutorado e 381 em PDO/EST. Contudo, esse número decaiu acentuadamente nos mesmos níveis de mestrado e doutorado no período de 2008 a 2019, tendo, nesse período, ingressado apenas 2 docentes no mestrado e 129 no dou-

torado, mas tendo aumentado os ingressos no PDO/EST (493 docentes). Considerando os objetivos para o ingresso no Programa, esses dados indicaram uma mudança no perfil dos docen-

tes atendidos pelo Procad na última década e resulta do nível recente de elevada titulação atingida pelo corpo docente, que, de acordo com o sistema da Copad, é composto, atualmente, por mais de 80% de professores com título de doutor (Procad/SR-2, 2019). Em outras palavras, hoje passou a ser cada vez menos frequente a inserção de docentes para qualificação no mestrado e doutorado devido ao nível de titulação em geral atingido na UERJ. Esses dados mostram o sucesso ao longo do tempo do estímulo pelo Procad na capacitação, no aperfeiçoamento e na internacionalização do cor-

po docente da UERJ. Por sua vez, o PROCIÊNCIA, criado em 1996, atualmente concede bolsas a 488 docentes bolsistas em dedicação exclusiva para desenvolverem pesquisas e projetos paralelamente às suas atividades em sala de aula. Assim, com o PROCIÊNCIA, foi substancialmente aumentada a qualidade tanto do ensino de sala de aula, quanto das pesquisas realizadas pelos docentes inseridos nesse programa. Os resultados desse estímulo e investimento não tardaram a surgir, incentivando a existência de um total de 586 grupos de pesquisa certificados pelo CNPq, hoje, na UERJ, além de um contingente de mais de mil pesquisadores cadastrados no CNPq. Um dos marcantes resultados do investimento na qualificação docente ao longo dos anos tem sido o aumento do grau de competitivi-

dade dos seus docentes pesquisadores junto às agências de fomento do país. Um dos certames mais disputados de Ciência e Tecnologia no Brasil é a bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ/

CNPq), cujo número constitui um dos importantes indicadores do grau de excelência das universidades brasileiras. Ela é concedida pelo CNPq mediante um rigoroso processo de análise comparativa da produtividade dos docentes pesquisadores em atuação nas universidades públicas e privadas brasileiras, concedendo bolsas de produtividade em cinco diferentes categorias, sendo quatro delas no nível 1 (PQ-1) (pesquisadores 1A, 1B, 1C e 1D) e um no nível 2 (PQ-2). Para os pesquisadores, obter essas bolsas significa o reconhecimento como pesquisador de elevado nível do CNPq no país, o

Os resultados desse estímulo e investimento não tardaram a surgir.

que traz muito prestígio e distinção no meio acadêmico, além de uma complementação salarial e uma importante taxa de bancada para seus laboratórios de pesquisa. Nesse quesito, a UERJ também figura entre as universidades de ponta no Brasil, captando expressivo número de bolsas de PQ junto ao CNPq com um total de 283 docentes pesquisadores com bolsa PQ/CNPq em vigência (CNPq, 2019), distribuídos nos cinco níveis da bolsa: são 20 pesquisadores nível 1A (ou 7,1% das bolsas PQ da UERJ), 23 no nível 1B (ou 8,1% das bolsas PQ da UERJ), 33 no nível 1C (11,7%), 49 no nível 1D (17,3%), 157 pesquisadores no nível PQ-2 (55,5%) e um (0,3%) na categoria Sênior. A distribuição das bolsas PQ obtidas pelos docentes para a UERJ é muito similar àquela com que cada nível de bolsa é ofertado pelo CNPq aos pesquisadores do país como um todo, o que aponta que a UERJ retrata o quadro geral esperado pelo CNPq nas diferentes categorias de pesquisadores por uma determinada instituição no país. Em termos de grande área, 83 (29,3%) dos pesquisadores com bolsa PQ/CNPq da UERJ atuam hoje nas Humanas (em Antropologia, Ciência Política, Educação, Filosofia, Geografia, História, Psicologia e Sociologia), 49 (17,3%) são das Ciências Exatas e da Terra (atuando em Física, Geociências, Oceanografia e Química), 43 (15,2%) são da grande área de Ciências da Saúde (atuando em Educação Física, Enfermagem, Medicina, Nutrição, Odontologia e Saúde Coletiva), 40 (14,1%) atuam nas Ciências Biológicas (em Botânica, Biofísica, Bioquímica, Ecologia, Farmacologia, Fisiologia, Genética, Imunologia, Microbiologia, Morfologia, Parasitologia e Zoologia), 29 (10,2%) são da área de Engenharias (atuando em Ciências da Computação, Engenharia Biomédica, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia de Materiais e Metalurgia, Engenharia Nuclear, Engenharia Mecânica, Engenharia Química e Engenharia Sanitária, 19 (6,7%) são da

área de Linguística, Letras e Artes (atuando em Artes, Letras e Linguística), 16 (5,7%) atuam nas Ciências Sociais Aplicadas (em Comunicação, Direito, Economia, Planejamento Urbano e Serviço Social) e quatro (1,5%) atuam em “Outras” áreas (Divulgação Científica, Ciências Ambientais e Robótica, Mecatrônica e Automação), de acordo com o CNPq (CNPq, 2019). A UERJ capacitou seus professores e investiu em contratações de qualidade para o seu corpo docente, o que hoje se reflete na sua competitividade atingida. Mais recentemente, em 2016, o investimento pela UERJ na qualificação docente foi ampliado pelo Programa de Apoio à Pesquisa e Docência (PAPD) voltado para captar professores ou pesquisadores nacionais ou estrangeiros (doutores ou com grau equivalente) para compartilharem sua experiência anteriormente adquirida, na UERJ. Esse programa foi instituído pela universidade para apoiar o desenvolvimento dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, para a implementação de Programas Especiais de Pós-Graduação e Pesquisa, para contribuir para o aprimoramento de programas de ensino, pesquisa e extensão e de capacitação técnico-científica e para viabilizar o intercâmbio científico e tecnológico da UERJ com outras instituições nacionais e internacionais de ensino e pesquisa no âmbito da pós-graduação e da pesquisa.

Assim, ações e políticas instituídas pela UERJ vêm impactando favoravelmente a qualidade e números da pesquisa acadêmica, tendo um papel preponderante para a UERJ aumentar de forma exponencial a sua produtividade, especialmente a partir de 1996 e, atualmente, figurar entre as mais destacadas universidades do Brasil. Considerando os países com melhores instituições de ensino superior, de acordo com o ranking da revista britânica Times Higher Education (THE), uma das mais importantes publicações mundiais em avaliação de ensino, o Brasil subiu da nona para a sétima posi-

ção, superando nos últimos anos a Itália e a Espanha (THE, 2019)¹. Nesse ranking, a UERJ ocupa a trigésima posição entre as universidades da América latina (THE, 2019)². O Brasil teve uma expressiva expansão de sua pesquisa científica e produção em Ciência e Tecnologia entre 2012 e 2018, atingindo a 13ª posição no mundo em termos de sua produção científica, com um crescimento da produção científica de 30% nesse período de seis anos, o que representou o dobro da média global (15%). Considerando apenas o ano de 2018, os pesquisadores brasileiros publicaram mais de 50 mil artigos, situando o país em posição muito próxima aos demais países em desenvolvimento em termos de produção científica, ficando à frente da Rússia (15º) e África do Sul (21º) e próximo da Coreia do Sul (12º) e da Índia (10º) (Clarivate/CAPES Report, 2019). Foi expressivo o fato de o Brasil obter e manter essa posição no ranking mundial de produção científica até 2018, especialmente considerando as fortes e sucessivas reduções nos orçamentos anuais na área de Ciência e Tecnologia nos últimos 5 anos. Quando as principais organizações de pesquisa no Brasil são analisadas em termos de sua produtividade científica e em que ponto elas se destacam, a UERJ aparece entre as 15 mais bem-sucedidas hoje. Quando considerada a produtividade científica realizada entre 2013 e 2018, em termos de artigos publicados nas áreas da CAPES (Ciências da Saúde, Ciências Biológicas, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Agrícolas e Engenharias), a UERJ figura entre as instituições de topo, ocupando a 12ª colocação no Brasil na lista das mais produtivas, com 7039 artigos publicados nesse período (figura 1) (Clarivate/CAPES Report, 2019). Mais expressivo ainda é que, quando a análise da produtividade considera

a Categoria de Impacto de Citação Normalizada (Category Normalized Citation Impact - CNCI) dos artigos publicados pelas instituições de topo no Brasil, a UERJ passa para a 7ª posição, com muito bom grau geral de impacto (1,06) em seus artigos nas diferentes grandes áreas da CAPES (Ciências da Saúde = 0,91; Ciências Biológicas = 0,72; Ciências Exatas e da Terra = 1,37; Ciências Agrícolas = 0,63 e Engenharias = 1,09) (Figura 2) (Clarivate/CAPES Report, 2019). É importante ressaltar que 13 das 15 melhores universidades do Brasil possuem um CNCI acima da média mundial, que é de 1,0, e a UERJ é a sétima delas. Muito mais do que simplesmente números atingidos, significou uma atuação de resultados que tem promovido cada vez mais ensino, pesquisa e extensão de qualidade que, por sua vez retornam à sociedade como ações transformadoras.

6.1 E para o futuro?

O que a UERJ deve pretender para prosseguir crescendo e progredindo com qualidade, estabilidade e capacidade de formação de alunos e de pesquisa em altos níveis? Isso passa por continuar investindo em um conjunto de aspectos que incluem ações para assegurar os recursos previstos em lei referentes ao seu orçamento, pela continuidade da melhoria da qualidade de seus docentes, pela melhoria das infraestruturas de ensino e de pesquisa, pelas suas ações de extensão universitária, pela intensificação das ações de internacionalização, pela manutenção com ampliação de sua rede de proteção institucional da formação discente via concessão de bolsas e, ainda, pela inserção dentro de suas potencialida-

1 <https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings>.

2 (<https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/rio-de-janeiro-state-university-uerj>)

des e competências, no que demandam os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável constantes da Agenda 2030 (United Nations, 2015). Essas ações contam com a continuidade da ação sinérgica das reitorias e das Sub-reitorias de Graduação, de Pós-Graduação e Pesquisa e de Extensão, presente e futura para, conjuntamente, continuar o ciclo virtuoso atingido pela UERJ.

Nesse sentido, como importante instituição parceira dos governos estadual e federal, a UERJ conta com uma esperada visão de Estado por parte dos Governos do Estado do Rio de Janeiro e governo federal que partilhem da importância não apenas do prosseguimento, mas sobretudo da expansão das ações implementadas pela UERJ no ensino, na pesquisa, na inovação e na extensão.

Adicionalmente, é necessário a UERJ manter sua posição de vanguarda em termos das ações afirmativas, as quais, na medida do possível, devem ser ampliadas. Para isso, torna-se fundamental a UERJ não apenas manter, mas, sobretudo, ampliar a sua rede de proteção institucional em termos das políticas afirmativas, com a importante reserva de vagas e bolsas permanência, fundamental para que os ingressos via sistema de cotas possam se concentrar na sua formação.

Em termos de bolsas institucionais de Iniciação Científica Júnior, de Iniciação Científica, de mestrado e de pós-doutorado, a UERJ deve buscar a manutenção e ampliação da quantidade, pois são cruciais para garantir a formação dos alunos nos diferentes níveis. A concessão de bolsas, embora com um histórico de várias décadas, permanece constituindo uma moderna estratégia institucional para garantir e preservar o preparo e o conhecimento futuro.

Quanto à infraestrutura universitária, é crucial que sejam buscadas a ampliação e melhoria do

espaço físico. Contudo, a melhoria das infraestruturas de ensino e de pesquisa não se encerra apenas com a obtenção de recursos, mas passa, especialmente, pela busca do aumento da área física, cuidadosamente planejada para as demandas futuras da universidade e para que seja possível comportar novos cérebros, seus projetos e sua capacidade de inovação.

A intensificação das ações de internacionalização pela instituição deve pautar-se no aumento substancial das colaborações internacionais com instituições e com pesquisadores que promovam a integração de pesquisas e o intercâmbio de estudantes e docentes pesquisadores entre as partes envolvidas. Isso resultará no incremento da capacidade produtiva do corpo de pesquisadores da UERJ, via aumento da qualidade da produção conjunta com colaboradores estrangeiros. Hoje, apenas cerca de 36% dos trabalhos que são publicados por pesquisadores no Brasil são coautorados com colaboradores estrangeiros, um número ainda baixo se comparado com esse percentual de outros países latino-americanos, como o Chile (67%) e a Colômbia (67,5%) (Clarivate/CAPES Report, 2019). Também em termos de internacionalização, é fundamental investir em cotutela interinstitucional, a qual contempla a possibilidade de dupla graduação para graduandos ou a dupla pós-graduação para doutorandos (podendo ser incluída a dupla diplomação), firmada entre a UERJ e universidades conveniadas no exterior. Essas ações de internacionalização certamente deverão impactar favoravelmente não apenas a pesquisa e qualificação discente e docente em direção a níveis mais elevados ainda, mas também ampliar a capacidade de inovação a partir das novidades científicas e tecnológicas geradas no campus central e campi regionais.

A UERJ deve prosseguir cada vez mais am-

pliando suas condições institucionais, especialmente considerando as expectativas criadas em relação aos diferentes países do mundo em termos do que foi por eles assumido na Agenda 2030 (United Nations, 2015). Tal Agenda constitui um plano de ação com medidas ousadas e transformadoras para os próximos 15 anos, acordadas por 193 países-membros da ONU, incluindo o Brasil, para atuar em prol dos povos, humanidade e da proteção do planeta. É composta por 17 Objetivos (ODS) e 169 metas de Desenvolvimento Sustentável, constituindo uma agenda universal com compromissos claramente estabelecidos em termos da erradicação da pobreza, da educação, da saúde, da segurança alimentar, da mitigação dos efeitos das mudanças climáticas, da biodiversidade, da água, da energia, da produção e consumo com sustentabilidade, além de vários outros (United Nations, 2015). Os diferentes países signatários terão muito mais condição e preparação para assumir as demandas acordadas quanto mais suas universidades e demais instituições tiverem condições apropriadas para gerar o conhecimento e promover a transformação esperada. Assim, as universidades de cada país possuem um papel preponderante, pois estão entre as principais instituições geradoras de educação nos diferentes âmbitos, na produção de Ciência, de Tecnologia, de Inovação de nível, podendo, assim, prover os subsídios básicos que possam contribuir para cada determinado país atingir as metas da Agenda 2030. A UERJ, como uma das principais universidades do Brasil, tem muito a contribuir para que o país entregue com sucesso as expectativas criadas como país signatário. Seu amplo parque institucional (campus central e campi regionais), com seus docentes pesquisadores e técnicos gera, nas diferentes áreas, um conhecimento de desta-

que, especialmente em algumas áreas sensíveis como a educação, saúde, biodiversidade, conservação, mudanças climáticas, entre outras. A UERJ, com sua capacidade produtiva de informação científica e tecnológica tem muito a contribuir para a concretização das metas da referida Agenda, para atingir uma economia de baixo carbono e com sustentabilidade, que reduza a pobreza e aumente o grau de saúde das populações, que universalize o saber, provendo educação de qualidade a todos, que concilie o desenvolvimento necessário com a manutenção das riquezas naturais, que saiba lidar com a potencialidade do Brasil como detentor da maior área de cobertura florestal do mundo e, de forma responsável, garantir também às gerações futuras o acesso a esses recursos, que valorize a preservação dos biomas e das florestas por compreender seu importante papel para recursos não renováveis como a biodiversidade, o equilíbrio ambiental e climático e a disponibilidade de água, que se desenvolva da direção de uma agricultura e pecuária modernas, voltadas para produzir com eficácia e eficiência e com o mínimo de dano ao ambiente e aos serviços ambientais, que produza ações de conservação para recomposição da biodiversidade e para a captura de carbono, reduzindo a poluição e auxiliando a estabilizar o clima.

A capacidade produtiva da UERJ já tem subsidiado muitas dessas questões, estando em um bom grau, já preparada para tais demandas e para contribuir com as informações e ações. Quanto mais se desenvolver e avançar no cenário nacional no futuro próximo, mais suas potencialidades proverão a sociedade de Educação, Ciência, tecnologia, Inovação e de um Meio Ambiente sustentável, pois a UERJ pode ainda muito mais.

	Health Sciences	Biological Sciences	Exact and Earth Sciences	Agricultural Sciences	Engineering	All Research
Universidade de Sao Paulo	21,912	17,025	14,536	6,476	6,819	58,899
Universidade Estadual Paulista	5,283	6,948	5,336	5,908	2,914	22,868
Universidade Estadual de Campinas	5,719	4,416	6,571	1,989	3,941	19,317
Universidade Federal do Rio de Janeiro	4,672	5,351	5,503	981	3,038	17,484
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	5,199	4,009	3,960	2,168	2,599	15,860
Universidade Federal de Minas Gerais	5,233	4,349	3,293	1,809	2,108	14,904
Universidade Federal de Sao Paulo (UNIFESP)	7,372	3,186	1,212	358	724	11,228
Universidade Federal do Parana	2,133	3,333	2,486	2,190	1,628	9,995
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	2,473	1,974	2,468	1,358	2,284	9,162
Universidade Federal de Pernambuco	1,778	2,302	2,391	662	1,082	7,098
Universidade de Brasilia	1,756	2,039	2,023	895	892	7,056
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	2,110	1,315	3,046	281	1,030	7,039
Universidade Federal de Sao Carlos	977	1,727	2,643	670	2,072	6,980
Universidade Federal de Vicosa	602	2,726	940	3,064	441	6,893
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	1,247	1,809	1,425	2,522	782	6,670

Research output of 15 top universities in five CAPES categories and All Research across the 9 categories.

Ranking da produtividade científica das 15 mais produtivas universidades Brasileiras.

Fonte: Gráfico extraído de Clarivate/CAPES Report. 2019. Research in Brazil: Funding excellence Analysis prepared on behalf of CAPES. Nessa avaliação, a UERJ ocupa a 12ª posição entre as 15 universidades mais produtivas do Brasil.

	Health Sciences	Biological Sciences	Exact and Earth Sciences	Agricultural Sciences	Engineering	All Research
Universidade Federal do ABC (UFABC)	1.06	0.74	1.95	-	0.95	1.68
Universidade Federal de Sao Joao del-Rei	0.65	0.61	2.53	1.29	0.95	1.54
Universidade Federal de Juiz de Fora	0.96	0.66	1.89	1.03	0.69	1.30
Universidade Federal de Sergipe	2.68	0.74	0.70	0.71	0.73	1.28
Universidade Federal de Pelotas	1.72	0.68	1.59	0.58	0.85	1.15
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	1.98	0.84	0.87	0.98	0.72	1.13
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	0.91	0.72	1.37	0.63	1.09	1.06
Universidade Federal de Sao Paulo (UNIFESP)	1.17	0.94	0.73	0.68	0.87	1.06
Universidade Federal de Minas Gerais	1.56	0.90	0.80	0.93	0.79	1.03
Universidade Estadual de Campinas	0.86	0.94	1.23	0.87	0.74	1.03
Universidade de Sao Paulo	1.18	0.91	1.10	0.59	0.67	1.02
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	1.50	0.78	0.97	0.88	0.82	1.02
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	0.81	0.81	1.43	0.87	0.85	1.02
Universidade Federal do Rio de Janeiro	0.96	0.87	1.24	0.55	0.81	0.98
Universidade de Brasilia	1.50	0.86	0.64	0.59	0.87	0.90

Category Normalized Citation Impact of the 15 universities with highest impact in 5 subject categories and All Research Impact across the 9 CAPES categories.

Ranking da produtividade científica das 15 mais produtivas universidades brasileiras quando a produção científica é considerada em termos da Categoria de Impacto de Citação Normalizada (Category Normalized Citation Impact - CNCI) dos artigos publicados pelas instituições de topo no Brasil, a UERJ.

Fonte: Gráfico extraído de Clarivate/CAPES Report. 2019. Nessa avaliação, a UERJ assume a 7ª posição entre as universidades de topo do Brasil.

70
anos
UERJ
1950 | 2020

REFERÊNCIAS

Referências

ALVAREZ, Maurício. *Arquitetura monumental e vontade de potência*. Rio de Janeiro: Oficina Letras & Artes, 1991.

ANTUNES, Ricardo. *O que é Sindicalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOMENY, Helena. "A reforma universitária de 1968: 25 anos depois". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 9, pp.51-65, São Paulo, 1994.

BRUM, Mario e GONÇALVES, Rafael Soares. "O Rio do IV Centenário aos 450 anos: novas funções da cidade e o passado como obstáculo". *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*, n. 7, pp. 37-56, Rio de Janeiro, jan./jun. 2015.

CAPES Report. *Research in Brazil: Funding excellence*. Web of Science Group, 2019.

CAZES, Leonardo Faria. *Tempo de reforma, tempo de repressão: a trajetória de Wilson Choeri na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)* (dissertação). Universidade Federal Fluminense, 2017.

CNPq. *Bolsas de Produtividade em Pesquisa para a UERJ em vigência*. Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Disponível em: http://www.cnpq.br/web/guest/bolsistas-vigentes?p_auth=lqTSahGn&p_p_id=bolsistacnpqportlet_WAR_bolsistacnpqportlet_INSTANCE_1Yzf&p_p_lifecycle=1&p_p_state=normal&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-2&p_p_col_pos=1&p_p_col_count=2&_bolsistacnpqportlet_WAR_bolsistacnpqportlet_INSTANCE_1Yzf_javax.portlet.action=enviarDados. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

CUNHA, Haroldo Lisboa. *Contribuição à memória histórica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UERJ, 1988.

DOMINGUES, P. "Ações afirmativas para negros no Brasil: o início de uma reparação histórica". *Revista Brasileira de Educação*, n. 29, pp. 164-76, 2005

GONÇALVES, Ayrton Luiz. *A Química na UERJ*. Rio de Janeiro: CEPUERJ, 2007.

GONÇALVES, Rafael Soares e AMOROSO, Mauro. "Golpe militar e remoções das favelas cariocas". *Acervo – Revista do Arquivo Nacional*, v. 27, n. 1, pp. 209-26, Rio de Janeiro, jan./jun. 2014.

KABENGELE, M. "Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas". *Sociedade e Cultura*, v. 4, n. 2, pp. 31-43, 2001.

MANCIBO, Deise. *Da gênese aos compromissos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

MARTI, Rafael. "A história da imprensa da Asduerj". *Revista Contemporânea*, n. 4, 2005.

MOEHLECKE, S. "Ação afirmativa: história e debates no Brasil". *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, pp. 197-217, 2002.

MOROSINI, Marília (org.). *A universidade no Brasil: concepções e modelos*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

NUNES, Clarice (org.). *Docência e pesquisa em educação na visão de Haydée Figueiredo*. Rio de Janeiro: Litteris, 2010.

RAMADON, Luís Fernando. *UERJ: uma história apaixonante*. 2005. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B_fQo0Rqm31HNmhZU1RoSjBCNWs/view.

SARMENTO, Calos Eduardo. *O Rio de Janeiro na era Pedro Ernesto*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

SILVA, Carlos Eduardo Martins da. *UERJ em movimento: da resistência democrática à democracia da (re)existência (1985-2016)* (doutorado). PPFH/UERJ, 2018.

_____. *UERJ em movimento: fazer-se docente e a ASDUERJ* (dissertação). UNIRIO, 2013.

TENÓRIO, Luiz Roberto. *50 anos de Movimento Estudantil na UERJ*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

THE, Times Higher Education. *World University Rankings*, edition 2019. Disponível em: <https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings>. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

UNITED Nations. *Transforming our world: the 2030 agenda for sustainable development*. 4th plenary meeting resolution adopted by the General Assembly on 25 September 2015.

ZEIN, Ruth Verde. "Arquitetura brasileira en la década de los 80: algunas tendencias". In TOCA, Antonio (ed.). *Nueva arquitectura en América Latina: presente y futuro*. México: Ediciones G. Gili, 1990, pp. 227-47.

Periódicos

Boletim SINTUPERJ, 2006-19.

Correio da Manhã, 1950-73.

DATAUERJ, 1992-2019.

Jornal do Brasil, 1968-2010.

Jornal do Sintuperj, 2006-18.

Jornal dos Sports, 1979-92.

O Globo, 1950-2019.

UERJ em Questão, 1988-2019.

Acervo

REDE Sirius – Rede de Bibliotecas UERJ. Núcleo de memória, informação e documentação - MID.

70
anos
UERJ
1950 | 2020



AGRADECIMENTOS

Agradecimentos

Agradecemos a colaboração dos colegas, que contribuíram disponibilizando fontes, fornecendo dados e auxiliando na concepção dos textos.

Alberto Mendes Dias

Aldo Victorio Filho

Alessandra Fonseca

Amália Dias

Amanda Danelli

Ana Cláudia Theme

Ana Lúcia Bielinski

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Ana Santiago

Analu Cunha

André Lázaro

Andrea da Paixão Fernandes

Andréia Rêgo

Carina Martins

Carlos Elias Barroso Pimentel

Cátia Antônia da Silva

Célia Seabra

Celly Saba

Ciro Reis

Claudia Gonçalves de Lima

Consuelo Mariz e Gomes

Domenico Mandarino

Eduardo Faersntein

Egberto Gaspar de Moura

Elaine Ferreira Torres

Elir Ferrari

Eloisa Oliveira

Fábio Merçon

Fernando Maia

Flavio Chame

Frank Barral
Gelson Rozentino de Almeida
Geraldo Magela da Silva
Gisele Carvalho
Glaucio Marafon
Grupo Geobrasil
Gustavo Krause
Hindenburg Francisco Pires
Jacques Fernandes Dias
João Cesar Castro Rocha
João Pedro Dias Vieira
Jorge Duarte Pires Valério
José Augusto Fernandes Quadra
Lélia Maria de Araújo Kalil Thiago
Lígia Maria Sampaio de Medeiros
Lincoln Tavares Silva
Lúcia de Assis Alves
Lucia Maria Bastos Pereira das Neves
Lúcia Schmidt
Luciana de Avellar Mattos
Luciana Maldonado
Luís Antônio Campinho Pereira da Mota
Luiz Augusto Campos
Luiz Guilherme do Eirado
Magali dos Santos Moura
Marcelo Campos
Marcos Bastos Pereira
Marcos Maia
Marcos Vasconcelos Pinto
Maria Cláudia Coelho
Maria del Carmen Fernández Corrales
Maria Georgina Muniz Washington
Maria Xavier
Marina Monteiro Machado
Marinilza Bruno de Carvalho
Mário Sérgio Alves Carneiro
Mariza de Paula Assis
Mauro Julio de Sampaio Corrêa Filho
Mônica Sampaio Machado
Nádia Maria Mathias de Andrade
Nalva Pereira Caldas
Norma Albarello
Odimar Gomes Junior
Orlando de Barros
Paula Vieira da Silva
Ricardo Carvalho de Barros
Ricardo Fischer
Roberta Fontanive
Roberto Dória
Rodrigo Peres
Rosana Glat
Ruy Garcia Marques
Selma Pinto de Oliveira
Sérgio Franklin
Sônia Barbosa dos Santos
Tânia Maria de Carvalho Netto
Tatiana Garcia de Assumpção
Walny Martins
Washington Dener
William dos Santos Ribeiro Junior



Formato 21 x 29,7 cm
Tipologia: Roboto (texto) DIN (títulos)
Libre Baskerville (capitulares)
Papel: Couché brilho 115 g/m² (miolo)
Capa: dura rev. Couché brilho 150 g/m²
CTP, impressão e acabamento: Stamppa Grupo Gráfico
